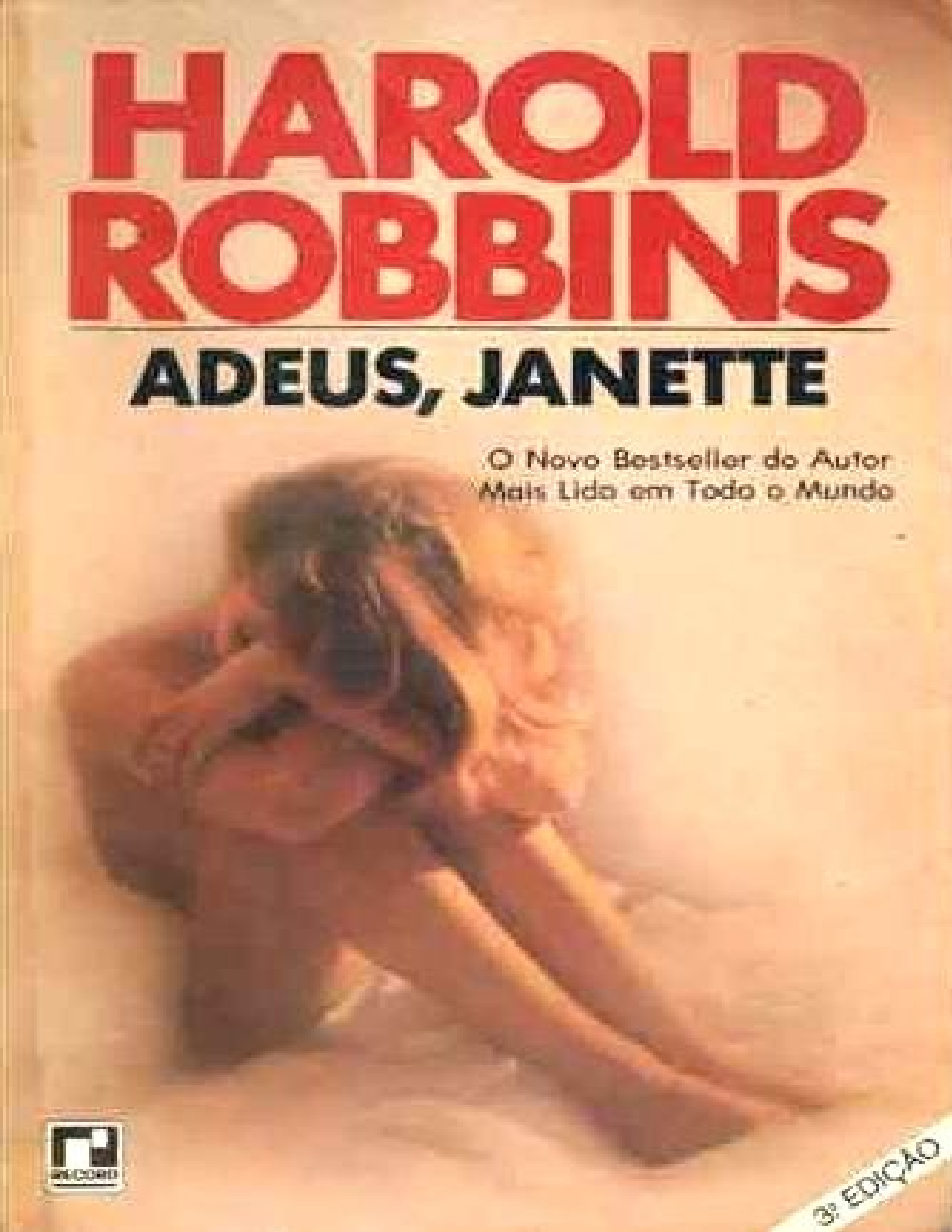
HAROLD ROBBINS

ADEUS, JANETTE

O Novo Bestseller do Autor
Mais Lido em Todo o Mundo



RECORD

3ª EDIÇÃO

ADEUS, JANETTE

Harold Robbins

Título original norte-americano: "GOODBYE, JANETTE"

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Este livro é dedicado, com amor, à Zelda Gitlin, com profunda gratidão pela fé, amor e apoio que me deu tão generosamente, não só como escritor, mas também como ser humano, ao longo dos anos.

LIVRO I TANYA

Ele estava nervoso. Ela podia dizê-lo pela maneira como ele andava de um lado para outro, indo até a janela de vez em quando e entreabrindo a cortina, para observar a rua de Genebra.

Virou-se para fitá-la e disse, em seu alemão com o sotaque áspero da Baviera: – O francês ainda não apareceu.

Ela não levantou os olhos do tricô, limitando-se a murmurar: – Ele virá.

O homem voltou ao aparador e serviu-se de um *schnapps*, tomando-o de um só gole.

– Não era assim em Paris. Naquele tempo, ele vinha correndo sempre que eu estalava os dedos.

– Isso aconteceu há três anos – disse ela calmamente. – Os alemães estavam vencendo.

– Nunca estivemos vencendo. Apenas pensávamos que estávamos. E a partir do momento em que a América entrou na guerra, todos sabíamos, no fundo de nossos corações, que estávamos perdidos.

O débil som da campainha da porta veio lá de baixo e o homem acrescentou: – Agora é ele.

A mulher levantou, deixando o tricô na mesinha ao lado da cadeira.

– Vou buscá-lo.

Ela desceu até o vestíbulo. O visitante já entrara na casa e a criada ajudava-o a tirar o casaco. Ele virou-se ao ouvir os passos, os dentes pequenos e brancos aparecendo num sorriso ao vê-la. Avançou na direção dela, pegando-lhe a mão e levando-a aos lábios.

Ela sentiu o bigode fazer-lhe cócegas nos dedos.

– *Bon soir*, Anna. Está linda como sempre.

Ela retribuiu o sorriso e respondeu na mesma língua: – E você continua galante como sempre, Maurice.

Ele riu.

– E como está a menina?

– Janette está com quatro anos. E está tão grande que não mais poderia reconhecê-la.

– E linda como a mãe.

– Ela terá uma beleza toda sua.

– Isso é ótimo. Como não posso tê-la, ficarei esperando por ela.

Foi a vez de Anna rir.

– Terá de esperar muito tempo.

Ele fitou-a de maneira estranha.

– Até lá terei de contentar-me com o que estiver disponível.

– Wolfgang está esperando na biblioteca. Vamos subir.

Maurice deixou que ela subisse alguns degraus antes de segui-la. E até o topo da escada, ele ficou contemplando os movimentos sensuais do corpo dela, delineados pelo vestido de seda, que aderia à pele.

Os dois homens apertaram-se as mãos, Wolfgang batendo os calcanhares e acenando com a cabeça, Maurice muito francês, fazendo uma pequena mesura. Falaram em inglês, uma língua neutra, que cada um julgava falar melhor do que o outro. Nenhum queria conceder ao outro a vantagem de falar em sua própria língua.

– Como está Paris? – perguntou Wolfgang.

– Muito americana – respondeu Maurice. – Barras de chocolate, cigarros, goma de mascar.

Não é mais a mesma cidade.

Wolfgang ficou em silêncio por um momento.

– Mas pelo menos os russos não estão lá. A Alemanha está liquidada.

Maurice acenou com a cabeça num gesto de simpatia, sem fazer qualquer comentário.

Anna, que estava observando os dois, encaminhou-se para a porta.

– Vou buscar um café.

Eles esperaram até que a porta fosse fechada. Wolfgang foi ao aparador.

– *Schnapps*? Conhaque?

– Conhaque.

Wolfgang serviu *courvoisier* no copo apropriado e entregou-o, servindo-se em seguida de *schnapps*. Gesticulou para uma cadeira e os dois sentaram, de frente um para o outro, com a mesinha de café no meio.

– Trouxe os papéis?

Maurice assentiu. Abriu a pequena pasta de couro.

– Estão todos aqui. – ele ajeitou os documentos em papel azul, com o carimbo oficial do *notaire*, em três pilhas, na mesinha. – Creio que vai encontrar tudo em ordem. Todas as companhias foram colocadas no nome de Anna, como pediu.

Wolfgang pegou um dos documentos e examinou-o. Era a algaravia legal habitual, que raramente fazia sentido, qualquer que fosse a língua em que se escrevesse. Maurice fitou-o atentamente.

– Ainda tem certeza de que é isso mesmo o que quer? Podemos queimar os documentos e será como se nunca tivesse acontecido.

Wolfgang respirou fundo.

– Não tenho alternativa. Não há a menor possibilidade dos franceses deixarem-me ficar com as companhias, muito embora eu as tenha adquirido legalmente, durante a ocupação. Os judeus voltarão, bradando que os obriguei a vender.

Maurice acenou com a cabeça em concordância.

– Uns malditos ingratos. Teria sido melhor se você não fosse tão honesto. Houve outros que não apenas se apropriaram das companhias, mas ainda por cima os despacharam para os campos de concentração. Pelo menos você deixou-os escapar vivos.

Eles ficaram em silêncio por algum tempo, finalmente rompido por Maurice: – Quais são os seus planos agora?

– Vou para a América do Sul. Minha mulher e meus filhos já estão lá. Não posso continuar aqui por muito mais tempo. É apenas uma questão de tempo antes que meu nome apareça. E vão então querer levar-me de volta para um julgamento na Alemanha. E os suíços vão considerar-me subitamente *persona non grata*.

– Anna já sabe?

– Contei a ela. Anna compreende. Além disso, é-me grata por ter-lhe salvado a vida e a da menina. Quando a encontrei na Polônia, ela já estava a caminho do campo de concentração.

O marido, o jovem conde, morrera no campo de batalha e o resto da família desaparecera na *blitz*.

Wolfgang fez uma pausa, recordando o primeiro dia em que vira Anna, quase cinco anos antes.

***

Era uma casa pequena, num elegante bairro residencial, nos subúrbios de Varsóvia. Era pequena em comparação com as casas que a maioria dos outros oficiais alemães de alta patente preferia ocupar durante sua estada. Mas Wolfgang era diferente. Não tinha motivos para ostentar ou querer reafirmar sua importância, já que provinha de uma antiga família de industriais, impecavelmente aristocrática. Sua preocupação básica não era militar nem política.

Tinha como missão providenciar para que a indústria local fosse absorvida pela indústria bélica do *Reich*. O objetivo principal de sua presença em Varsóvia era efetuar uma operação de limpeza, pois os estudos e trabalhos preliminares já haviam sido realizados. Competia-lhe agora tomar uma decisão final sobre a disposição e integração das diversas companhias e indústrias.

Ele calculava que precisaria de um mês a seis semanas para concluir o serviço, voltando em seguida a Berlim, a fim de aguardar uma nova missão. Com apenas 34 anos, ele já recebera o posto temporário de general-de-divisão, o que lhe permitia tratar com seus equivalentes da *Wehrmacht* em termos de igualdade. Seu secretário pessoal, Johann Schwebel, fora designado sargento, a fim de poder acompanhá-lo.

Foi Schwebel quem a viu primeiro. Ele estava parado na porta da casa quando o caminhão estacionou na frente e as mulheres começaram a desembarcar. Ficou admirado com a eficiência da S.S. Fora apenas no dia anterior que haviam pedido ajuda para localizar uma governanta que falasse alemão além de polonês, a fim de que não houvesse qualquer dificuldade de comunicação. Agora, seis mulheres estavam desembarcando do caminhão, para que ele escolhesse. Elas ficaram paradas no pátio, muito nervosas, enquanto o guarda com a metralhadora a tiracolo subia os degraus até a porta.

O guarda parou diante de Schwebel.

– Trouxe as mulheres para que possa escolher.

– Está com os documentos delas?

O guarda assentiu, tirando-os de uma bolsa.

– Aqui estão.

Ele percebeu que Schwebel olhava por cima de seu ombro e virou-se. Uma sétima mulher estava saindo do caminhão. Havia alguma coisa diferente nela. Não eram as roupas, é claro.

Todas usavam o mesmo vestido cinzento da prisão. Mas era algo que ela fazia com o vestido.

Talvez fosse o seu porte. Empertigado. Com um ar de indiferença, de orgulho. Os cabelos, compridos e castanhos, impecavelmente escovados, caíam um pouco abaixo dos ombros, sem que houvesse uma única mecha fora do lugar. Ela olhou ao redor, desdenhosamente, ficou parada ao lado do caminhão, esperando. Não fez qualquer menção de juntar-se às outras mulheres, que haviam começado a conversar nervosamente entre si.

– Aquela é a princesa – disse o guarda.

– A princesa?

– É como a chamam na prisão. Chegou há dez dias e acho que durante todo esse tempo não disse uma só palavra a qualquer das outras mulheres. Ela se mantém afastada. Você sabe como as polonesas adoram trepar. No momento em que se tira o pau para fora, elas começam a gozar. E quando a gente mete, elas ficam loucas. Mas essa aí é diferente. Acho que uns 15 homens já treparam com ela e aconteceu a mesma coisa com todos. Ela ficava deitada sem fazer qualquer movimento, até tudo terminar. E depois era como se nada tivesse acontecido.

Ela limpava a cona sem dizer uma só palavra e voltava a cuidar de sua vida.

– Qual é a ficha dela? – perguntou Schwebel. – Eu gostaria de verificá-la em primeiro lugar.

– É a que está coma faixa vermelha no canto e o A num círculo. Ela deverá ser despachada para *Auschwitz* na próxima semana. Não precisamos de mulheres desse tipo por aqui. – O guarda soltou uma gargalhada. – Meu conselho é não se meter com ela. Essa mulher mija água gelada.

Schwebel sentou à mesa pequena que havia no vestíbulo e que lhe servia como escrivaninha. Estudou a ficha com a faixa vermelha.

Tanya Anna Pojarska, n. Kosciusko, a 7 de novembro de 1918, em Varsóvia. Viúva. Marido Conde Peter Pojarska, capitão do exército polonês, morto em janeiro de 1940. Uma filha, Janette Marie, nascida em Paris, França, a 10 de setembro de 1939. Religião: católica. O pai era professor de Línguas Modernas na Universidade de Varsóvia. Está morto. Todos os membros conhecidos da família estão mortos. Formou-se em 37 em Línguas Modernas pela Universidade de Varsóvia, com o curso de pós-graduação em Línguas Modernas da Sorbonne, Paris, em 39.

Fala fluentemente polonês, francês, inglês, alemão, russo, italiano e espanhol. Todos os bens e propriedades da família foram confiscados pelo Estado, a 12 de outubro de 39. Culpada de traição e subversão. Ficha da Gestapo Varsóvia 72.943/029. Condenada ao campo de trabalhos forçados n° 12. Concedida permissão para que a filha a acompanhasse.

Schwebel ainda consultou as outras fichas, mas já chegara à conclusão de que ela era a única que atendia às exigências para o serviço. As outras eram vulgares. Apesar de terem algum conhecimento de alemão, não tinham muito o que oferecer em termos de educação.

Quando ele levantou os olhos, a mulher estava parada diante da mesa.

– Sente, *Frau* Pojarska – disse Schwebel, em alemão.

– *Dankeschon*.

Ela sentou e Schwebel acrescentou em alemão: – Seus deveres consistirão em dirigir a casa, manter tudo em ordem. Será também pedida a sua ajuda na tradução e redação de determinados documentos. Acha que será capaz?

– Acho que sim.

– Trabalhará aqui durante seis semanas.

– Nos tempos atuais, seis semanas podem ser uma vida inteira. – Ela respirou fundo. – Terei permissão para trazer minha filha?

Schwebel hesitou.

– Ela não causará problemas. É muito quieta.

– Não posso tomar essa decisão. Compete ao general.

Os olhos dela se encontraram com os de Schwebel, através da mesa. E ela disse, calmamente: – Não posso deixar minha filha na prisão.

Ele permaneceu calado e a mulher apressou-se em acrescentar: – Ainda há meios pelos quais posso demonstrar minha gratidão.

Ele limpou a garganta.

– Farei o que for possível. Mas tudo dependerá da decisão do general – Schwebel levantou.

– Fique esperando aqui.

Ela observou-o subir a escada, para falar com o general. Um momento depois, Schwebel apareceu no patamar.

– Suba.

Ele abriu a porta e ela entrou na sua frente. O general, que estava parado junto à janela, examinando a ficha dela, virou-se para fitá-la. A primeira reação de Anna foi de surpresa. Ele era muito jovem. Talvez 35 anos. Não devia ser muito mais velho do que Peter.

A voz de Schwebel soou atrás dela: – General Von Brenner, *Frau* Pojarska.

Wolfgang contemplou-a, sentindo uma contração nas entranhas. Podia sentir a mulher que existia por baixo daquele vestido ordinário da prisão. Sua voz tornou-se subitamente rouca: – Schwebel acha que você pode realizar o trabalho, mas há uma complicação.

A voz dela soou bem clara: – Não precisa haver.

Wolfgang continuou a fitá-la em silêncio.

– Prometo. – A voz dela estava agora mais firme. – Não posso deixá-la lá para morrer.

Ele pensou em seus dois filhos, indo à escola na Baviera, longe da guerra, sem serem afetados. Virou-se, a fim de que a mulher não pudesse perceber a expressão em seus olhos. O que fora mesmo que Schwebel lhe informara que a mulher dissera? Ah, sim... seis semanas podem ser uma vida inteira. Seriam apenas seis semanas. Não havia motivo para que ela não pudesse tê-las. Wolfgang virou-se novamente.

– Tem a minha permissão para trazer a criança.

Ele percebeu a súbita névoa nos olhos dela, mas a voz que lhe respondeu era controlada e firme: – *Dankeschon, Herr* General.

– Tem alguma outra roupa?

Ela sacudiu a cabeça.

– Tiraram tudo quando vim para a prisão.

– Pois então teremos de providenciar-lhe algumas roupas. Terá de receber os convidados e providenciar-lhes o que desejarem. E precisamos de mais duas mulheres, uma cozinheira e outra criada para limpar a casa e lavar a roupa.

Deverá escolhê-las.

– *Jawohl, Herr* General.

– Mandarei Schwebel aprontar uma ordem por escrito aprovando a vinda da criança e das duas criadas. E depois sairá com ele para fazer compras. Deverá comprar roupas para você e uniformes para as outras. Terá de aprontar tudo para o jantar desta noite, que será servido às oito horas. Deixarei o cardápio ao seu critério.

Wolfgang ficou observando a porta ser fechada depois que ela saiu, em seguida voltou a sentar atrás da escrivaninha: O que fora mesmo que Schwebel lhe contara? Quinze homens. Ele não podia acreditar. Nada transparecia no rosto dela. Não havia raiva, ressentimento ou subserviência. Era como se nada pudesse afetá-la, desde que não quisesse sentir.

***

O jantar surpreendeu-o. *Vichysoisse*. *Gedampftes kalbfleisch*, com um molho suave de raiz-forte, batatas cozidas, vagens. Salada com queijo. E, finalmente, café e conhaque.

Ao final da refeição, ela entrou na sala de jantar.

– O jantar estava satisfatório, *Herr* General?

– Estava ótimo.

Ela permitiu-se um sorriso reservado.

– Fico contente que tenha gostado. Obrigada. Deseja mais alguma coisa?

– Isso é tudo, obrigado. Boa noite.

– Boa noite, *Herr* General.

Era quase meia-noite e ele ainda estava se remexendo insone na cama.

Finalmente levantou, vestiu o chambre e saiu para o corredor. A luz ainda brilhava por baixo da porta do quarto de Schwebel. Wolfgang abriu-a.

Schwebel levantou da cama de um pulo, com o livro que estava lendo ainda na mão.

– *Herr* Von Brenner! – balbuciou ele. – Isto é, *Herr* General...

– Onde é o quarto dela?

– O primeiro depois da escada, no andar superior.

Wolfgang fechou a porta e subiu o lance de escada. Não havia qualquer luz sob a porta do quarto dela. Ele hesitou por um instante, depois abriu a porta e entrou.

À débil claridade do luar que entrava pela janela, viu-a sentar abruptamente

na cama. Um momento depois, um pequeno abajur na mesinha-de-cabeceira acendeu-se. Os cabelos dela eram compridos e escuros, caindo muito abaixo dos ombros, os olhos estavam arregalados. Ela não disse nada.

Wolfgang viu o berço improvisado ao lado da cama, aproximou-se e olhou. A menina estava dormindo serenamente, com o polegar na boca. Ele inclinou-se sobre o berço e gentilmente retirou o polegar da boca da menina.

– É péssimo para os dentes – murmurou, enquanto se empertigava.

Ela continuou calada.

– Qual é o nome da menina?

– Janette.

– Um nome bonito. – Ele tornou a contemplar a menina. – E ela é também muito bonita.

– Obrigada, *Herr* General. – Anna fitou-o. – Tem filhos?

– Dois.

– Deve ser difícil ficar longe deles.

– Tem razão.

– E sua mulher?

– Também. – Wolfgang sentiu-se subitamente embaraçado. Encaminhou-se para a porta. – Boa noite.

Ele estava de volta à sua cama há cerca de dez minutos quando ela entrou no quarto.

Sentou na cama.

– O que quer ?

– Acenda a luz . Quero que me veja.

Wolfgang acendeu o abajur na mesinha-de-cabeceira. Ela usava uma camisola branca que descia até os pés, os cabelos caindo em torno dos ombros.

– Olhe para mim – disse ela, suavemente, começando a baixar a camisola por um dos ombros.

Ele ficou com a respiração presa na garganta quando um seio apareceu, firme e cheio, o mamilo como um morango projetando-se da auréola entre púrpura e vermelha. O outro seio libertou-se um momento depois, quando a camisola desceu até a cintura. Os olhos de Wolfgang acompanhavam as mãos dela, descendo lentamente pela caixa torácica, passando pela barriga lisa e suavemente musculosa, empurrando a camisola pelos quadris largos. A camisola finalmente caiu no chão, os cabelos crespos e escuros do púbis apontando como uma flecha para baixo, entre as pernas.

Ela aproximou-se da cama e puxou o lençol que lhe cobria as pernas.

Puxou o cordão da calça do pijama e o falo emergiu, ereto. Ajoelhou-se ao lado da cama, fitando-o nos olhos por um momento, depois olhando para o falo

ereto. Gentilmente, puxou o prepúcio para baixo da glande vermelha a pulsar. A língua contornou-o, como uma serpente a se enroscar.

Subitamente, a mão dela segurou o falo, apertando-o firmemente. Ela levantou os olhos para fitá-lo, a voz soando autoritária: – Não goze ainda.

Wolfgang não podia falar. Só foi capaz de acenar com a cabeça. Ela tornou a virar o rosto e acrescentou, um instante antes de voltar a engoli-lo: – Só goze quando eu disser...

***

Seis semanas depois, quando Wolfgang embarcou num trem a caminho de Paris, Anna e a menina acompanhavam-no.

Em silêncio, Wolfgang terminou de assinar os documentos. Olhou para Maurice e disse: – Creio que isso resolve tudo.

– Tecnicamente, sim. Mas há outros problemas.

Wolfgang observou-o com uma expressão inquisitiva, sem dizer nada, aguardando uma explicação.

– A permissão para a residência dela na França foi emitida pelo governo de Pétain. Pode não ser aceita pelo atual regime.

– Por que não? Foi uma permissão permanente, reconhecendo a situação dela como uma pessoa deslocada pela guerra. Ela até obteve um diploma da Sorbonne, antes da guerra. Além disso, a filha nasceu na França, antes da ocupação.

– Tem havido muitos casos em que as permissões foram canceladas, porque os beneficiários foram considerados colaboracionistas. E há muitas pessoas em Paris que estão a par do relacionamento dela com você.

Wolfgang pensou por um momento.

– O que podemos fazer para resolver esse problema?

– Tenho pensado bastante a respeito, mas ainda não encontrei uma solução prática. Eu só poderia dar um jeito definitivo se ela tivesse uma cidadania francesa válida.

– Mas que merda! – Wolfgang levantou. – O que vamos fazer agora?

Ele foi até o aparador e serviu-se de outra dose de *schnapps*. Maurice virou-se e olhou para Anna, que ficara sentada em silêncio, enquanto Wolfgang assinava os documentos, a bandeja de café na mesinha à sua frente. Ela levantou a cabeça das agulhas nas mãos e fitou-o nos olhos. Ficaram se fitando assim por um longo momento, até que Maurice finalmente desviou os olhos e ela voltou a

se concentrar no tricô.

Wolfgang tomou o *schnapps*, tornou a encher o copo, voltou ao sofá e sentou.

– Talvez não valha a pena o esforço. Talvez seja melhor vender as companhias, nos livrarmos delas de uma vez por todas.

– Não conseguiria nada por elas neste momento – comentou Maurice. – Os franceses estão falidos. Daqui a cinco anos, quando as coisas voltarem ao normal, as companhias valerão muito dinheiro.

– Cinco anos... – repetiu Wolfgang. – Quem neste mundo pode saber onde estaremos dentro de cinco anos?

– Se estivermos mortos, não fará a menor diferença – disse Maurice. – Mas se estivermos vivos, terá a maior importância.

– Se cancelarem o visto de permanência de Anna, perdemos tudo de qualquer maneira.

Eles confiscarão as companhias.

– É um risco que temos de correr – afirmou Maurice.

Anna falou suavemente, sem levantar os olhos do tricô: – Se eu fosse casada com um francês, teria automaticamente a cidadania.

Wolfgang fitou-a aturdido por um momento, depois virou-se para Maurice.

– Isso é verdade?

Maurice assentiu.

– Então encontre um homem em quem possamos confiar e Anna casará com ele.

Maurice gesticulou para os documentos.

– Não conheço ninguém a quem possa confiar essas coisas. Você conhece?

Wolfgang olhou para os papéis, depois levantou a cabeça lentamente e fitou-o: – Você não é casado.

Maurice fez que não com a cabeça.

– Seria perigoso demais. Ainda há muitos gaullistas que desconfiam de mim. Afinal, só pulei para o outro lado do Canal no último momento possível.

– Mas eles aceitaram sua história. E também as informações que lhes forneceu, além da explicação de que permaneceu na França a fim de ajudá-los.

– Tem razão. Mas isso aconteceu quando os combates ainda estavam sendo travados.

Agora, no entanto, estão começando a fazer muitas perguntas.

– Tenho certeza de que seu tio pode cuidar disso.

– Meu tio morreu há quatro meses.

– Então quem é agora o Marquês de la Beauville?

– Não existe nenhum. Ele morreu sem deixar sucessores.

– E o que acontece com as propriedades dele?

– Reverterão ao Estado... a não ser que alguém se apresente para pagar os impostos de herança. Tem de ser alguém da família, é claro.

– Acha que alguém tomará essa iniciativa?

Maurice sacudiu a cabeça.

– Sou o único que resta. Se meu pai, irmão dele, estivesse vivo, herdaria o título. Mas agora tudo vai se perder... o título, as propriedades...

Wolfgang insistiu: – Se você pagasse os impostos, poderia reivindicar o título?

Maurice pensou por um momento.

– Se o governo aceitasse meu pagamento, acho que poderia.

– E a quanto montam esses impostos?

– Muito dinheiro. Talvez cinco milhões de francos. Ninguém sabe direito. Os registros do governo estão praticamente perdidos.

Wolfgang levantou. Estava bastante excitado. – Deixe-me pensar por um momento.

Eles ficaram observando-o andar de um lado para outro da sala, até finalmente parar diante de Maurice.

– Se as companhias estivessem no espólio, a propriedade dela seria válida?

– Claro. Ninguém se atreveria a contestar a integridade e lealdade de meu tio. Afinal, ele foi um dos poucos franceses que teve a coragem de permanecer na França, continuando a desafiar a autoridade de Pétain. E mesmo eles não se atreveram a fazer-lhe qualquer coisa, embora ele ficasse virtualmente prisioneiro em sua casa de campo.

Wolfgang sorriu de satisfação.

– Então todos os nossos problemas estão resolvidos. Você e Anna casarão, providenciarei o dinheiro para que pague os impostos e reivindique o título. As companhias serão transferidas para o espólio e tudo estará em ordem.

Ele pegou o copo e tomou o resto de *schnapps*. E acrescentou, batendo de leve nos ombros de Maurice: – Eu vos concedo o título de Marquês de la Beauvil e.

Maurice olhou para Anna. Teve a impressão de perceber um tênue sorriso a se insinuar nos lábios dela. Mas Anna continuou a olhar fixamente para as agulhas de tricô que pareciam voar em suas mãos. Era o mesmo sorriso enigmático que ele vira na primeira vez em que se haviam encontrado, em Paris, no outono de 1940.

***

Ele subiu os degraus da rua para a porta da casa pequena, espremida e quase perdida entre os imensos prédios de apartamentos, na *avenue d'léna*. Apertou a campainha. Uma empregada de uniforme abriu a porta e fitou-o.

– Pois não, *Monsieur*?

Maurice tirou um cartão do bolso e entregou à criada.

– Tenho um encontro marcado com o General Von Brenner.

Ela olhou o cartão.

– *Entrez, Monsieur*.

Ele seguiu-a para o vestíbulo e ficou esperando, enquanto a criada desaparecia em outro cômodo da casa. Maurice correu os olhos pelas paredes. Estavam vazias, mas ainda se podia divisar as manchas mais claras dos lugares em que outrora estavam pendurados quadros. Ele ficou imaginando como teria sido a infeliz família francesa que fora sumariamente expulsa de sua casa para dar lugar aos conquistadores prussianos. E os quadros que outrora adornavam as paredes... será que os franceses haviam conseguido levá-los ou estariam agora na casa do general, em algum lugar na Alemanha?

Passos de um homem soaram atrás dele. Maurice virou-se. O homem usando um uniforme de sargento da *Wehrmacht* levantou a mão em saudação.

– *Heil* Hitler.

Maurice também levantou a mão.

– *Heil* Hitler.

– O general irá recebê-lo dentro de alguns minutos. – Schwebel abriu uma porta. – Quer ter a gentileza de esperar na sala de estar?

– *Avec plaisir*.

Maurice entrou na sala e a porta foi fechada. Os móveis ali pareciam estar intactos, assim como os quadros nas paredes. Um pequeno fogo ardia na lareira.

Ele aproximou-se do fogo e estendeu as mãos em sua direção, para esquentá-las. Mesmo agora, no início do outono, quando Paris normalmente ainda estava quente, parecia haver sempre um frio intenso que vinha do norte no ar úmido. Os franceses estavam convencidos de que eram os alemães que o haviam trazido.

Maurice ouviu a porta se abrir e virou-se, pensando que fosse o general. Em vez disso, deparou com uma mulher alta e jovem, os cabelos castanhos compridos escovados cuidadosamente e presos atrás da cabeça num coque, acentuando os malares salientes e os olhos grandes e escuros. Usava um elegante vestido escuro, que lhe ressaltava o corpo cheio, ao mesmo tempo que o encobria recatadamente.

– *Monsieur* de la Beauvil e?

Ela falava com um sotaque parisiense. Maurice assentiu. Ela se adiantou.

– Sou *Madame* Pojarska. O general pediu-me que viesse atendê-lo. Ele pode

demorar por mais tempo do que imaginava. Gostaria de tomar um café ou um drinque?

– Um café seria ótimo.

– Poderia oferecer-lhe mais alguma coisa. Nosso *pâtissier* é um dos melhores de Paris.

Maurice sorriu.

– Descobriu minha fraqueza, *Madame*.

Era verdade. Desde que os alemães haviam chegado a Paris que não se conseguia mais encontrar um doce de massa decente em parte alguma.

Poucos momentos depois, ele estava sentado no sofá, uma xícara de café autêntico à sua frente, o garfo espetando um *millefeuille* impecável.

– Está delicioso, *Madame*.

Um tênue sorriso contraiu os cantos da boca da jovem.

– Algumas coisas na França jamais mudarão.

Ele fitou-a com surpresa. Não era o tipo de comentário que se esperava ouvir na casa de um general alemão.

– Já tinha vivido na França antes, *Madame*?

– Estudei aqui. Na Sorbonne. – Ela pôs outro *millefeuille* no prato de Maurice. – Minha filha nasceu aqui. Pouco depois de começar a guerra.

– Então sua filha é francesa.

– Polonesa. Meu falecido marido e eu somos poloneses.

– Pelas leis francesas, sua filha tem direito à cidadania francesa, a menos que os pais tenham notificado às autoridades em contrário.

Ela pensou por um momento.

– Então ela é francesa, porque meu falecido marido voltou à Polônia no dia em que a guerra começou e nunca providenciamos quaisquer documentos.

Maurice alteou as sobrancelhas, numa expressão inquisitiva.

– Seu falecido marido?

A mulher acenou com a cabeça afirmativamente.

– Ele morreu defendendo seu país.

– Sinto muito.

Ela ficou novamente pensativa por um momento.

– Era o destino. Não sou a única viúva que esta guerra produziu e não serei a última. A Polônia não foi o único país a cair diante dos alemães e a França não será o último.

Maurice ficou calado.

– Mas as pessoas sobrevivem... mesmo que isso implique aprenderem a viver com uma nova ordem.

Ele assentiu.

– Tem razão. Os círculos de poder estão muito além de nós. Devemos aprender a conviver com eles e não o contrário.

Houve uma batida na porta. O sargento entrou na sala.

– O general está livre agora. Pede que leve *Monsieur* de la Beauvil e a seu gabinete.

Maurice seguiu-a através do vestíbulo vazio para outra sala. Ela parou, bateu na porta e depois abriu-a, sem esperar por uma resposta.

O General Von Brenner era um homem muito mais jovem do que Maurice esperava. Não devia ser mais velho do que Maurice, que estava com 37 anos. Não ofereceu a saudação habitual. Em vez disso, estendeu a mão.

– Estava aguardando ansiosamente o momento de conhecê-lo, *Monsieur* de la Beauvile.

O francês dele tinha um forte sotaque alemão, Maurice respondeu com seu alemão de sotaque francês: – O prazer é meu, General.

Os dois homens ficaram se olhando em silêncio por um momento. Depois, subitamente, o general sorriu.

– Meu francês é tão ruim quanto o seu alemão.

Maurice riu.

– Nem tanto.

– Fala inglês?

– Falo, sim.

– Então poderíamos conversar em inglês. Assim, nenhum dos dois se sentirá embaraçado. E se tivermos algum problema em nos entendermos, Anna poderá ajudar-nos.

– Concordo – respondeu Maurice, em inglês.

– E agora vamos ao trabalho. A Junta Industrial Francesa designou-o para trabalhar comigo, na melhor maneira de mobilizarmos a indústria para o esforço de guerra contra o nosso inimigo mútuo. A prioridade inicial, é claro, será a conversão da indústria pesada que pode ser usada para fabricar armas e equipamentos militares.

– Foi o que também pensei. E já providenciei diversas fichas, que neste momento estão a caminho daqui, trazidas por mensageiros especiais. Estou à sua disposição para começarmos a trabalhar imediatamente.

***

No transcorrer dos três anos em que trabalharam juntos, durante a ocupação, ambos viram oportunidades começarem a surgir. Havia empresas não

relacionadas com a guerra que estavam pedindo para serem tomadas, porque havia muitos proprietários que não eram aceitáveis sob a nova ordem. Um vinhedo grande e famoso, uma companhia que engarrafava águas minerais, outra empresa no sul que fabricava essências para perfumes e cosméticos. E tudo a preços ínfimos. Com dinheiro à vista e vistos de saída para os antigos proprietários, permitindo-lhes procurar a liberdade em outra parte. Como a verdadeira propriedade dessas companhias estava sempre oculta pelas leis que regulavam as *sociétés anonymes* francesas, nunca havia um registro público dos verdadeiros donos. Mesmo assim, quando era preciso tomar decisões o dono tinha de se revelar, embora apenas no âmbito da companhia. Para evitar quaisquer críticas, Wolfgang fez os registros em nome de Anna. Eram todas companhias discretas, fazendo poucos negócios durante a guerra. Wolfgang adquirira-as pensando no período de pós-guerra... para o tempo em que a necessidade de seus produtos e o mercado se expandiriam.

Pouco mais de dois anos depois, num dia quente e úmido do verão de 1943, Wolfgang voltou de uma reunião no quartel-general alemão do Ocidente. Anna percebeu imediatamente que ele estava transtornado, mas permaneceu em silêncio, até que ele estivesse disposto a falar. O que só aconteceu depois do jantar, quando estavam sentados no gabinete. Wolfgang fumava um charuto e tomava café.

– Fui chamado de volta a Berlim – disse ele, sombriamente.

Anna fitou-o atentamente.

– Por quanto tempo?

– Permanentemente. Meu trabalho aqui está concluído. Há problemas de produção na Alemanha e me querem para resolvê-los.

Ela ficou em silêncio por um momento.

– Vou começar a arrumar as malas imediatamente.

– Não. – A voz de Wolfgang estava brusca. – Você não irá comigo.

Ela ficou olhando para Wolfgang, sem dizer nada. Ele acrescentou, constrangido: – Não posso levá-la para a Alemanha. Minha família...

– Eu compreendo – Anna respirou fundo, forçou um sorriso – Não tenho do que me queixar. A princípio, era apenas por seis semanas. Está lembrado?

– Não está acabado. Tenho planos.

– Não quero que você se exponha a qualquer perigo.

– Não haverá perigo algum. Pedi a Maurice que viesse tomar o café da manhã conosco amanhã, quando explicarei tudo.

Anna ficou em silêncio por um longo momento.

– Quando você tem de partir?

– Na sexta-feira.

Ela fitou-o nos olhos.

– Estamos na terça-feira – murmurou ela, levantando-se – Vamos para a cama. Não nos resta muito tempo.

***

Wolfgang esperou que a criada tirasse a mesa e saísse da sala, antes de começar a falar.

Maurice e Anna esperavam, atentos. Ele disse, taxativamente: – A Alemanha perdeu a guerra.

Nenhum dos dois falou. Wolfgang continuou: – A guerra é como os negócios. Quando se pára de avançar, perde-se o impulso. E depois perde-se o controle. O *Fuehrer* cometeu um erro fundamental. Ao invés de continuar a avançar, atravessando o Canal da Mancha invadindo a Inglaterra, ele preferiu virar-se para a Rússia. Foi neste momento que tudo acabou.

Os outros continuaram em silêncio.

– Agora, é apenas uma questão de tempo e precisamos fazer planos. Haverá muitas oportunidades depois da guerra e devemos nos preparar para aproveitá-las.

Ele virou-se para Maurice.

– Começaremos por você. Se quisermos manter as propriedades que adquirimos aqui na França, você terá de mudar de lado. Atravesse o Canal e junte-se aos gaulistas.

– É inteiramente impossível! – protestou Maurice – Eles me fuzilarão sumariamente.

– Não se seguir meu plano. Eu lhe entregarei algumas informações que serão extremamente valiosas para os Aliados. São informações sobre produção e instalações industriais que eles ainda não conhecem. Deve procurar seu tio, o Marquês, cuja reputação é inatacável, explicando-lhe que esteve trabalhando secretamente conosco a fim de conseguir acesso a informações vitais. Agora que as obteve, precisa da ajuda dele para atravessar o Canal. Tenho certeza de que ele possui vários contatos. E com a minha ajuda, posso garantir-lhe uma travessia segura do Canal dentro de um mês.

Maurice ainda hesitava.

– Será muito perigoso .

– Será mais perigoso ainda continuar aqui. Quando os franceses voltarem,

você será fuzilado como traidor e colaboracionista.

Maurice ficou calado.

Wolfgang virou-se para Anna.

– Há muitos anos que minha família possui uma pequena casa em Genebra. Já providenciei um visto de residência na Suíça para você, a fim de trabalhar ali como minha governanta.

Providenciei também para Janette. Deverá permanecer aqui por mais um mês, depois da minha partida. E em seguida irá para a Suíça. Schwebel ficará com você, a fim de ajudar a organizar os arquivos e documentos necessários que deve levar. E depois, apresentando-se como seu motorista, ele a levará de carro para a Suíça. O pretexto será de que Janette está doente e os médicos recomendaram a sua recuperação nos Alpes. Depois que você estiver em segurança na casa em Genebra, Schwebel voltará à Alemanha, a fim de se encontrar comigo.

Anna fitou-o nos olhos.

– E o que você estará fazendo durante todo esse tempo?

– Estarei fazendo planos para tirar minha família da Alemanha. Por causa da minha posição, todos seremos alvos da vingança dos Aliados.

– E para onde eles irão?

– Há diversos países da América do Sul que nos oferecem abrigo. Mediante um pagamento vultoso, é claro. Mas trata-se apenas de dinheiro.

– E o que acontecerá com você?

– Assim que minha família estiver a salvo na América do Sul, irei encontrar-me com você em Genebra.

Anna ficou novamente em silêncio por um momento.

– Não há outro jeito?

Wolfgang sacudiu a cabeça.

– Não. O fim pode chegar dentro de um ou dois anos, talvez mesmo três anos. Mas podem estar certos de que é inevitável.

Todos ficaram calados por algum tempo, cada um imerso nos próprios pensamentos.

– *Merde*! – exclamou Maurice subitamente. Ele olhou para Wolfgang – Tive sonhos tolos de um dia tornar-me um homem rico.

Wolfgang sorriu.

– Faça o que estou dizendo e ainda poderá se tornar um homem rico.

Depois que Maurice retirou-se, Wolfgang levantou-se e disse: – Vamos para o meu gabinete, Anna.

Ela seguiu-o para a pequena sala que ele usava como seu gabinete particular. Wolfgang fechou e trancou a porta.

– O que vou mostrar-lhe agora ninguém mais em todo o mundo sabe, nem Maurice, nem Schwebel, nem mesmo minha família. Absolutamente ninguém mais. Apenas eu, e agora você.

Anna ficou observando-o em silêncio, enquanto ele afastava a cadeira de trás da mesa e levantava o tapete. Sua mão tateou à procura de um determinado taco de madeira e apertou-o ao encontrar. Um pequeno alçapão levantou-se, tendo pouco mais de 30 centímetros de comprimento. Wolfgang tirou uma pequena caixa de metal e colocou-a em cima da mesa. Abriu-a e fez sinal para Anna.

– Dê uma olhada.

Ela aproximou-se da mesa e parou ao lado dele, olhando. A caixa estava cheia de moedas de ouro. Anna ficou aturdida. A expressão de Wolfgang era grave.

– Luíses de ouro. Há 40 caixas iguais aqui. Num total de cem mil luíses.

Anna prendeu a respiração.

– Santo Deus! Eu não tinha a menor idéia – Ela fitou-o – Como...

– Nada de perguntas. Eu os tenho e isso é tudo o que importa. E você vai levá-los para a Suíça.

– Como? Sei que toda a bagagem é revistada quando cruzamos a fronteira.

– Pensei nisso.

Wolfgang sorriu. Gesticulou para Anna, que o seguiu até a janela. Ele apontou a limusine Mercedes que estava parada no pátio.

– Parece um carro comum, não é mesmo?

Anna assentiu.

– Mas acontece que não é. As chapas nas portas e nos lados são ocas e revestidas com material à prova de som, a fim de que não se possa ouvir qualquer barulho que as moedas porventura façam. Mandei fazer isso especialmente.

– E se os homens que se encarregaram da adaptação resolverem falar?

– Eles não vão falar. Eram judeus. E há muito que já se foram.

– Mortos?

Wolfgang não respondeu. Voltou à escrivaninha, tornou a guardar a caixa no esconderijo, puxou o tapete para o lugar, pôs a cadeira por cima. Sentou-se e disse: – Você terá de cuidar sozinha da transferência das moedas. Eu lhe mostrarei como abrir os painéis secretos. Ninguém deve vê-la fazendo isso. Absolutamente ninguém. Sua vida e a de sua filha não valerão mais nada se alguém a vir. Creio que não preciso explicar o que as pessoas são capazes de fazer por tanto dinheiro.

Anna assentiu.

Crimes terríveis eram cometidos por muito menos.

– Terá de providenciar pelo menos uma ou duas horas a cada noite para ficar sozinha na casa. Não pode fazer tudo numa única noite. Vai dispor de um mês. Quando tudo estiver transferido, estará pronta para partir.

– Schwebel será o único a ir comigo?

– Não. Outro homem irá também. Um ex-pára-quedista. É um homem calejado, um matador veterano. Se houver alguma dificuldade, ele saberá como resolvê-la.

– E o que devo fazer quando chegar a Genebra?

– Alugue um cofre numerado num dos bancos suíços. Depois, retire o ouro do carro da mesma forma como o guardou. Quando o carro estiver vazio, Schwebel e seu assistente irão levá-lo para mim na Alemanha.

Anna arriou numa cadeira.

– Pela primeira vez estou com medo.

Ele fitou-a firmemente.

– Também estou. Mas não temos opção. Não há mais nada que possamos fazer, se queremos ter uma vida em comum depois que tudo isso terminar.

***

Nem uma única vez, em todo o tempo em que estavam juntos, Wolfgang dissera que a amava... nem mesmo quando sua paixão explodia e inundava-a com seu sêmen. Ele limitava-se então a gemer, tremendo em seu êxtase, comprimindo-a com toda força. E mesmo agora, parados na porta da pequena casa francesa, o cinzento do amanhecer se insinuando, ele ainda manteve-se reservado.

Inclinou-se polidamente e beijou-a nas faces, formalmente.

– Tome cuidado.

– Tomarei.

Depois, ele virou-se para Janette, que estava parada ao lado da mãe, de olhos arregalados.

Pegou-a no colo, beijou-lhe a testa e depois a boca.

– *Auf wiedersehen, liebchen*. Seja uma boa menina e sempre obedeça à sua mãe.

A menina acenou com a cabeça.

– Está bem, Papai General.

Wolfgang sorriu e entregou-a à mãe.

– Voltarei a vê-la muito em breve.

Ele virou-se em seguida e saiu, embarcando no carro que iria levá-lo à estação ferroviária, sem olhar para trás.

Anna esperou até que o carro se afastasse, antes de fechar a porta. Pôs a filha no chão – Mamãe... – Anna olhou para a menina – Papai General vai voltar? – Anna ficou surpresa.

– Por que está perguntando isso?

– Nana disse que ele vai embora para sempre e que *Monsieur* Maurice vai ser o novo papai.

– Nana é uma boba. Ela não sabe o que está dizendo.

– Mas Nana disse que Papai General está indo para a Alemanha e que não podemos ir junto. E agora é *Monsieur* Maurice quem vai cuidar de tudo.

– Nana está enganada. Enquanto Papai General estiver viajando, eu é que cuidarei de tudo.

E mais ninguém. Nem *Monsieur* Maurice nem qualquer outra pessoa.

– Então Papai General vai voltar.

Anna hesitou por um momento e depois assentiu.

– Tem razão, ele voltará. E pode dizer isso à boba da Nana.

Duas horas depois, quando Schwebel voltou da estação ferroviária, Anna chamou-o ao gabinete do general e fechou a porta. Sentou-se na cadeira atrás da escrivaninha.

– Acho que poderemos ter um problema.

Schwebel ficou calado, esperando que ela explicasse.

– A babá da menina. Ela fala demais. Já disse a Janette que o general não voltará. Se ela diz uma coisa dessas à menina, o que mais não poderia estar falando por aí?

Schwebel limitou-se a assentir e Anna acrescentou: – Uma palavra no lugar errado poderia pôr em perigo os planos do general.

– Pode deixar que cuidarei do problema, Condessa.

Anna ficou surpresa. Era a primeira vez que Schwebel tratava-a por seu título. Até então, sempre a chamara de *Frau* Pojarska.

Não havia qualquer mudança na expressão dele.

– Mais alguma coisa, Condessa?

– Não. – respondeu Anna, sacudindo a cabeça. – Obrigada, Johann.

Ele fez uma mesura polida e retirou-se. Dois dias depois era o dia de folga da babá. Ela nunca mais voltou ao trabalho.

***

A voz de Maurice ao telefone era cautelosa: – Preciso falar com você imediatamente.

Já se haviam passado três semanas desde que Wolfgang deixara Paris, e aquela era a primeira vez em que Maurice a procurava nesse período.

– Estou em casa.

– Não está compreendendo – disse Maurice. – Posso estar sendo vigiado. Agora que já tomei as iniciativas necessárias, não devo aparecer em sua casa.

– Não podemos resolver tudo pelo telefone?

– Preciso lhe entregar alguns documentos. Os vistos de saída para você e Janette, aprovados pelas autoridades francesas e alemãs. E temos de conversar também sobre outros assuntos de interesse mútuo.

– Lamento muito, mas não há a menor possibilidade de eu ir ao seu encontro. Schwebel tem ordens expressas de acompanhar-me sempre que eu sair de casa.

– *Merde*!

Maurice ficou calado. Anna esperou que ele falasse outra vez, o que só aconteceu depois de algum tempo: – Não resta muito tempo. Partirei depois de amanhã.

Ela continuou calada.

– Esta noite, depois de meia-noite, esteja na porta dos fundos de sua casa. Se eu não aparecer até meia hora depois, não precisa ficar mais esperando.

Dez minutos depois de meia-noite, Anna ouviu uma batida ligeira na porta dos fundos.

Levantou-se imediatamente e abriu-a. Maurice entrou e fechou a porta rapidamente.

– Todo mundo está dormindo? – perguntou ele, num sussurro.

Anna assentiu.

– Schwebel?

– Desde que o general foi embora que ele passa as noites nos aposentos por cima da garagem.

– Preciso de um trago – disse Maurice bruscamente.

– Venha comigo.

Anna conduziu-o pela casa às escuras até o gabinete no segundo andar. Abriu o armário e tirou uma garrafa de conhaque e um copo. Encheu-o quase até a borda e entregou a Maurice.

Ele bebeu a metade quase que de um só gole e deixou escapar um suspiro profundo.

Pareceu relaxar, lentamente.

– É como andar numa corda bamba – murmurou ele. – Perguntas. Sempre

perguntas.

Armadilhas em todas as esquinas.

Anna ficou calada.

Maurice tomou outro gole de conhaque.

– Teve notícias de Wolfgang?

– Não. Deveria ter?

Ele fitou-a atentamente.

– Imagino que não. Mesmo assim, pensei que ele poderia dar um jeito de enviar-lhe alguma mensagem.

Anna mudou de assunto.

– Você disse que tinha alguns documentos para me entregar.

– Isso mesmo. – Maurice abriu o casaco e tirou um envelope. – Aqui estão os vistos de saída para você e Janette, devidamente assinados pelas autoridades francesas e suíças. – Ela abriu o envelope e examinou os documentos. Estavam em ordem. – Guarde-os na gaveta da escrivaninha.

– Disse também que precisava tratar de outros assuntos.

– Eram coisas que não podiam ser postas no papel.

– Não estou entendendo.

– O ouro.

– Ouro? – Anna esperava que o tom de espanto em sua voz fosse convincente. – Que ouro?

– Ouvi muitos rumores, em diferentes ocasiões, de que Wolfgang estava comprando luíses de ouro.

– É a primeira vez que ouço falar disso. E pensava que sabia de tudo o que estava acontecendo.

– Ele nunca lhe disse coisa alguma?

Anna sacudiu a cabeça.

– É estranho... As informações geralmente procediam dê fontes dignas de confiança.

– Pois então é melhor conferi-las novamente. – Anna fez uma pausa, como se tivesse uma súbita idéia. – Não poderia ser outra espécie de armadilha que estão armando para você? A fim de descobrir o quanto você era realmente ligado ao general?

– Nunca pensei nisso. É bem possível. – Maurice fitou-a com franca admiração. – Estou começando agora a compreender porque me senti atraído por você desde o início.

Anna sorriu, procurando evitar que o alívio transparecesse em seu rosto.

– Está sendo bastante francês. E muito galante.

– Não é verdade – disse ele, pegando a mão dela. – Tenho certeza de que

sabe o que sinto por você.

Ela deixou que a mão ficasse na dele. Não queria parecer muito brusca. E disse, depois de um momento: – Já é tarde. Pode ser perigoso para você continuar aqui por mais tempo.

– Não. – O rubor insinuou-se pelo rosto dele. – Um momento como este pode nunca mais ocorrer. Quero que saiba o que sinto.

– Maurice... – Ela tentou manter a voz jovial, enquanto retirava a mão. – Não somos mais crianças. Este não é o momento nem o lugar apropriados.

A voz dele tinha um tom de desafio: – Não sou um general boche de um metro e oitenta, mas tenho um poder que nenhum deles possui, uma força que todos invejam.

A mão de Maurice moveu-se rapidamente, desabotoando a braguilha. E ele ordenou: – Olhe só!

Anna olhou e foi incapaz de evitar a expressão de surpresa em seu rosto. Era como se todo o desenvolvimento negado no corpo esguio e na altura tivesse se concentrado no falo. Parecia quase tão grosso quanto o seu punho e com a metade do comprimento da coxa.

– Segure-o! Vai precisar de mais que as duas mãos para segurá-lo inteiro!

– Não posso – disse Anna, sacudindo a cabeça, mas incapaz de desviar os olhos.

– Por que?

Ela forçou os olhos a se fixarem no rosto dele.

– Porque estou menstruada. E se o segurasse, acho que não poderia me conter.

Maurice examinou atentamente os olhos dela.

– Não está me mentindo?

– Não, não estou. – Anna forçou um sorriso. – Como poderia mentir com um monstro assim a ameaçar-me?

Ele respirou fundo e depois desviou-se por um momento. Ao virar-se novamente, a braguilha estava abotoada.

– O momento ainda vai chegar, Anna. Tenho certeza de que você não será capaz de esquecer.

***

Uma semana depois, Anna atravessou a fronteira, entrando na Suíça. Schwebel e o ex-pára-quedista estavam no banco da frente, ela e Janette no de trás, agasalhadas em mantas. Os guardas da fronteira acenaram para que

passassem, sem mesmo se darem ao trabalho de fazerem uma inspeção superficial da bagagem.

E agora, passado mais de um ano, enquanto escutava Wolfgang articular o seu estranho casamento, Anna recordou as palavras que Maurice pronunciara, naquela última noite em Paris. Foi nesse momento que compreendeu pela primeira vez que ele estava certo. Não fora capaz de esquecer. Por mais que tentasse concentrar-se nas agulhas de tricô em suas mãos, tudo o que podia ver era o monstruoso falo, a glande vermelha intumescida a brilhar para ela, toda molhada.

Wolfgang fechou a valise com um estalido e empertigou-se. Virou-se para ela.

– Chegou o momento.

– É verdade.

Estavam de pé nos lados opostos da cama.

– Muito tempo vai se passar, Anna. Talvez anos.

– Sei disso.

Ele forçou um sorriso.

– Nem mesmo estarei aqui para o seu casamento.

Anna não disse nada. Ele não fez qualquer menção de contornar a cama para se aproximar dela.

– Eu nunca lhe disse que a amava, não é mesmo?

Ela sacudiu a cabeça.

– Nunca.

– Mas sabe que a amo, não é mesmo?

– Sei.

– Talvez não da mesma forma como outras pessoas se amam. Mas à minha maneira.

– Sei disso. Como eu também o amo. À minha maneira.

Wolfgang olhou para o relógio.

– Acho que está na hora.

Anna abriu a porta e fez um sinal para Schwebel, que estava esperando. Ele pegou a valise e os dois seguiram-no pela escada abaixo. No patamar do meio, Anna pôs a mão no braço de Wolfgang, detendo-o. Ela esperou até que Schwebel tivesse saído, antes de falar: – E o ouro? O que deseja que eu faça com o ouro?

– Deixe-o onde está. E assim que eu tiver me instalado, vou lhe escrever para dizer o que fazer.

Anna continuou a segurar-lhe o braço.

– Eu gostaria que você seguisse diretamente para a América do Sul daqui,

sem voltar primeiro à Alemanha.

– Ainda preciso fazer algumas coisas por lá. Mas não se preocupe que estarei seguro. Ficarei na zona francesa, onde Maurice já providenciou tudo para mim.

– Ainda não consigo confiar nele.

Wolfgang tentou gracejar: – Mas que maneira de uma mulher falar a respeito de seu futuro marido!

Anna não sorriu.

– Isso não faz a menor diferença.

– Maurice é ganancioso, quer o título e o dinheiro – disse Wolfgang. – E ele sabe que não poderá conseguir qualquer das duas coisas sem a nossa ajuda. Pode estar certa de que nada acontecerá.

Anna fitou-o nos olhos.

– Não quero que nada lhe aconteça. Foi muito bom para mim.

Wolfgang limpou a garganta, onde sentia um súbito aperto.

– Você também foi muito boa para mim. Tome cuidado.

Ele pensou por um momento.

– Você também deve tomar cuidado. Não se esqueça do que lhe falei. Por mais que ele insista, depois de casarem, não transfira as companhias para o nome dele. Limite-se a designa-lo para diretor-gerente. Se ele perguntar o porquê de não querer efetuar a transferência, diga-lhe que não deixei os documentos com você.

– Pode deixar que não esquecerei.

– Isso deve ser suficiente para mantê-lo na linha. Ele não se atreveria a tentar alguma coisa se não estiver com tudo em seu poder.

– Eu compreendo.

Desta vez, Wolfgang beijou-a na boca. Havia um tênue gosto salgado nos lábios dela. Ele recuou e contemplou-a.

– Nada de lágrimas.

Anna sacudiu a cabeça.

– Nada de lágrimas.

– Coisas estranhas acontecem durante uma guerra. Mas você fez com que algumas se tornassem maravilhosas. – Ele tornou a beija-la – Este beijo é para a menina. Diga-lhe que lamentei não poder esperar que ela voltasse do jardim de infância.

– Está certo.

Foram até a porta da frente. Wolfgang beijou-a mais uma vez, gentilmente.

– Auf wiedersehen, mein liebchen.

***

A voz de Maurice transbordava de excitamento e satisfação na ligação telefônica de Paris: – O governo *De Gaulle* aceitou minha proposta. Está falando agora com o Marquês de la Beauvil e.

– *Monsieur le Marquis*! – disse Anna. – Posso apresentar-lhe minhas congratulações?

– *Madame* la *Marquis* e... Isso não é tudo o que tenho para lhe oferecer.

Anna riu.

– Que boa notícia!

– Tem mais. Dei um jeito para que seus antigos papéis desaparecessem dos arquivos e providenciei novos documentos.

– Como conseguiu?

– Não me pergunte como. Foi bem caro, mas valeu a pena. Agora, não há ninguém que possa acusá-la de qualquer coisa. Já despachei os novos documentos para você, pelo correio.

Só vai precisar de fotografias novas para acrescentar-lhes e ir depois ao consulado francês para a assinatura final.

– Mas ainda há algumas pessoas em Paris que podem reconhecer-me.

– Também pensei nisso. Pinte os cabelos de louro e mude de penteado. Cabelos ondulados e caindo até os ombros é a última moda em Paris neste momento. E ficará perfeita em você. As sobrancelhas depiladas também estão em moda, assim como maquilagem escura nos olhos e

um pouco de ruge nas faces. Faça tudo isso antes de tirar as fotografias. Mais uma coisa. Vai notar que a permissão de residência está no nome da Condessa Tanya Pojarska. Suprimi o nome Anna por um motivo. Assim como Wolfgang suprimiu o nome Tanya porque não era alemão, quero restabelecê-lo para o caso de alguém somar dois e dois.

– A primeira coisa que farei pela manhã será ir ao salão de beleza. – Um pensamento ocorreu a Anna. – Você parece saber muita coisa a respeito da última moda.

Maurice riu.

– Não se lembra que possuímos uma fábrica de perfume em Grasse? Seria muito simples passar disso para os cosméticos. Venho estudando o mercado. Depois de tantos anos de contenção durante a guerra, o mercado está maduro para uma tremenda expansão. As mulheres não agüentam mais serem feias.

– Acho que está certo.

– Sei que estou. E venho fazendo todos os contatos possíveis nesse campo.

– Detesto ter de lembrar, mas há uma coisa que você parece ter esquecido.

– E o que é?

– Nosso casamento.

Houve um momento de silêncio.

– Pensei que nos casaríamos quando você viesse para Paris.

– Não. Conheço os franceses, Maurice. Haverá muitos documentos a preencher, muitas perguntas a responder. Eles vão querer verificar tudo e isso levará um tempo interminável. Além do mais, quem sabe o que eles poderão descobrir? Se tal acontecesse, nossos planos estariam perdidos. Casaremos aqui mesmo, assim que eu estiver com todos os documentos. Será muito mais simples.

Anna riu e acrescentou: – Além do mais, gosto da idéia de voltar à França como a mulher do Marquês de la Beauvil e.

Ela quase que podia vê-lo empertigando-se pelo telefone.

– Mas é claro, minha querida! Tudo o que você quiser!

– Por falar nisso, recebeu alguma notícia de seus amigos em Berlim a respeito de Wolfgang?

– Não.

– Estou preocupada com ele. Já se passaram quase dois meses.

– Tenho certeza de que ele está bem. Se acontecesse alguma coisa, eu já teria sabido. A esta altura, ele provavelmente já saiu do país.

– Espero que sim.

– Telefone-me assim que estiver com todos os documentos em ordem.

– Está bem.

Anna desligou. A porta abriu-se nesse momento e Janette entrou na sala. Ela brandia uma folha de papel.

– *Maman!* – exclamou Janette, em francês. – Olhe o desenho de um passarinho que eu fiz! O professor me deu um A. Disse que nunca viu um passarinho assim.

Ela pegou o papel. O professor estava certo. Nunca houvera um passarinho assim. Ou talvez apenas em pesadelos. Era uma mistura de pterodáctilo, águia e morcego, tudo em cores fortes e assustadoras.

– Não é lindo, mamãe?

Tanya assentiu.

– É, sim. – Ela devolveu o desenho à filha. – Melhor guardar num lugar seguro, a fim de não perdê-lo.

– Eu gostaria de pôr numa moldura e pendurar na parede do meu quarto, por cima da cama.

Tanya forçou um sorriso.

– Está certo.

– Estava falando em francês ao telefone, mamãe. Com quem estava falando?

Tanya pegou-a no colo. Aquele era um momento tão apropriado quanto qualquer outro para contar-lhe.

– Mamãe vai casar.

O rosto de Janette iluminou-se num sorriso feliz.

– Papai General está de volta?

– Não. Vamos voltar a morar em Paris. E eu vou casar com Maurice.

Uma expressão aturdida estampou-se no rosto de Janette, e um instante depois ela desatou subitamente a chorar.

– Não, mamãe, não! Não gosto dele! Ele é um homem mau!

– Não, querida, Maurice não é um homem mau – disse Tanya, pacientemente. – Vai ver só como ele é muito bom. Gosta muito de você.

– Não gosta, não! – gritou Janette. – Ele me odeia! Sempre me belisca e me machuca quando você não está olhando!

– Ele não tem a intenção de machucá-la. É apenas a sua maneira de demonstrar como gosta de você.

– Não é, não! – insistiu Janette, enfaticamente. – Posso perceber pela cara dele que quer realmente me machucar. E quando eu grito, ele belisca ainda com mais força.

Ela recomeçou a chorar.

– Não quero que case com ele, mamãe! Quero que case com Papai General!

– Lamento muito, Janette – disse Tanya firmemente, pondo-a no chão. – Há algumas coisas que você não pode compreender. Vou casar com Maurice e não falarei mais nada sobre isso.

E agora suba para o seu quarto e trate de acalmar-se.

Ainda chorando, a menina encaminhou-se para a porta. Lá chegando, virou-se, limpando o nariz e o rosto com o antebraço. E disse, num tom de desafio: – Não me importo. Mesmo que case com Maurice, continuarei a não gostar dele.

Eles casaram três semanas depois. Embora Tanya tivesse comprado um vestido branco para Janette ir ao casamento, a menina recusou-se a acompanhá-los ao cartório.

***

Tanya contemplou-se no espelho. Ainda não estava acostumada a ver-se com os cabelos louros. De uma estranha maneira, tinha quase a sensação de que se tornara outra pessoa.

Antes, sentira a sua sexualidade como algo sutil e discreto. Agora, era aberta e vigorosa, quase como se estivesse imbuída de uma força própria... uma força que ela não podia controlar.

Lentamente, ela escovou os cabelos, sentindo a suave sensualidade de cada mecha sedosa. Parou por um momento, olhando para o espelho. Alguma coisa não estava certa. E de repente percebeu o que era. A camisola branca de seda que escolhera para a noite de núpcias não estava certa.

Ela pegou a pequena valise que arrumara para levar ao hotel. Vasculhou-a rapidamente.

Um momento depois, já trocara de camisola. Agora, ao contemplar-se novamente no espelho, compreendeu o impulso que a levara a meter na valise a camisola preta de renda. Agora, estava diferente. Agora, era outra pessoa. O pensamento ocorreu-lhe subitamente. Lilith.

Contemplou-se novamente. Estava pronta agora. Abruptamente, sentiu que as pernas começavam a tremer e pôs as mãos na pia para firmar-se. No espelho, divisou os mamilos pularem subitamente para frente, quase forçando a passagem pela renda fina.

Sacudiu a cabeça vigorosamente para desanuviá-la. O que estava errado com ela? Afinal, não era o primeiro homem em sua vida. Fechou os olhos por um momento. O conhecimento do que era invadiu-a. O falo monstruoso dançava diante de suas pálpebras fechadas. O símbolo supremo do poder do homem. O próprio homem nada significava. Era Príapo, com toda a idolatria que inspirava. Ela sentiu que ficava toda molhada.

Esperou até sentir que podia controlar a tremedeira das pernas, depois apagou a luz do banheiro e abriu a porta para o quarto. Demorou um momento para que seus olhos se ajustassem à semi-escuridão.

Maurice estava de pé, inteiramente nu, ao lado da cama, de costa para ela. Sem afastar-se da cama, ele virou lentamente. A princípio, tudo o que Tanya viu foram os olhos brilhantes dele, os lábios entreabertos, deixando à mostra os dentes brancos e pequenos. Depois os olhos dela baixaram, atraídos inexoravelmente para o falo. Tanya sentiu a tremedeira nas pernas recomeçar, a boca ficando subitamente ressequida, a respiração presa na garganta.

Sem falar, Maurice gesticulou com uma das mãos para que ela se aproximasse, mantendo a outra mão oculta nas costas.

Silenciosamente, Tanya avançou, com a sensação de que poderia cair a cada passo.

Finalmente estava diante dele, os olhos ainda abaixados. Era como se estivesse hipnotizada pelo falo.

Maurice moveu-se subitamente, rasgando a camisola preta na frente do

corpo, até que estivesse caída aos pés dela. Tanya ficou inteiramente nua diante dele. Maurice continuou em silêncio.

Ela sentiu a umidade escorrendo entre as coxas. Mas não havia jeito de se mexer. Era como se o falo tivesse extraído todas as forças de seu corpo. Ela não viu a outra mão de Maurice saindo de trás das costas dele. E levou um momento para que a onda de dor percorresse seu corpo até o cérebro. Depois, a agonia foi tão intensa que um grito involuntário passou por sua garganta contraída.

Pela primeira vez, Tanya percebeu o açoite na outra mão, as pontas de metal nas extremidades das nove correias rebrilhando. Olhou para si mesma. Os vergões já se formavam nos seios, barriga e coxas, o sangue começava a escorrer nos pontos em que o metal lhe rasgara a carne.

Antes que ela pudesse falar, a voz áspera de Maurice soou em seus ouvidos: – Puta do boche! Pensa que vou ser como os outros? Escravo da sua cona?

Ela pôde apenas sacudir a cabeça. Não tinha condições de falar. A voz sumira com o choque.

Outro golpe. Novamente a dor. (ALICE) No instante seguinte, a mão de Maurice agarrava-a pelos cabelos, forçando-a brutalmente para o chão, diante dele. Ela tentou cobrir o rosto com as mãos, mas Maurice forçou-lhe a cabeça para trás, obrigando-a a fitá-lo. O falo, totalmente ereto agora, pairava sobre o rosto dela, como uma cobra gigantesca.

A voz de Maurice era áspera e cruel: – Você é a escrava e ele é o seu senhor. Olhe para ele e saiba que não passa de uma puta.

Tanya tentou desviar o rosto, mas a mão que lhe segurava os cabelos não deixou. O açoite voltou a golpear. Desta vez nas costas dela. Por duas vezes. A dor engolfou-a e ela gritou, a voz rouca e desesperada.

Foi como se o grito de dor o excitasse a um ponto incontrolável. O falo começou a sacudir-se como uma cobra furiosa, o sêmen derramando-se sobre Tanya. Ele tornou a golpeá-la, num acesso de fúria, a dor e o sêmen parecendo fluir junto por todo o corpo de Tanya.

E depois acabou e ele empurrou-a violentamente para o chão. Tanya ficou esparramada aos pés dele, chorando, incapaz de mexer-se. Maurice ficou parado por um instante, em silêncio, a respiração ofegante, observando-a. Depois, empurrou-a com o pé, até que ela ficasse deitada de costas, o rosto virado para cima, contemplando-o.

A voz de Maurice estava agora normal: – Vá para o banheiro e trate de se limpar, sua puta.

Tanya não se mexeu. O açoite novamente entrou em ação. O corpo dela sacudiu-se de dor.

– Faça o que estou mandando!

Lentamente, Tanya rolou pelo chão, soergueu-se, apoiada nas mãos e joelhos, pôs-se a rastejar na direção da porta do banheiro. Ouviu a voz de Maurice às suas costas: – Espere!

Ela parou. Viu os pés dele contornarem-na e pararem à sua frente.

Não levantou a cabeça.

– Olhe para mim!

Tanya olhou. Ele segurava o pênis com uma das mãos. Subitamente, a urina foi expelida, ardente e salgada, provocando um novo auge de dor nas feridas sangrando, em carne viva.

– Não! – gritou ela, tentando se afastar.

Mas o açoite tornou a cair e a dor forçou-a para o chão esparramada entre os pés dele.

Maurice soltou uma risada depois que acabou.

– Pode ir agora.

Em algum lugar, no fundo de si mesma, Tanya encontrou forças para fitá-lo. Sua voz soou como a de um animal, profunda e gutural: – Vou matá-lo por isso!

Ele tornou a rir e disse, desdenhosamente: – Não vai, não. Se o fizer, você e sua filha vão morrer. Deve pensar que sou um idiota. Mas acontece que não sou. Todos os registros e documentos a seu respeito estão guardados num lugar seguro. Se alguma coisa me acontecer, tudo será entregue as autoridades.

Lentamente, ele voltou a cama e sentou. Sua voz estava agora descontraída, quase gentil: – Venha para a cama depois de se limpar. Estarei à sua espera. – Ele deitou e puxou o lençol por cima do corpo. – Não precisa ter pressa. Acho que vou dormir um pouco.

Tanya levantou, segurando-se na maçaneta. Encostou-se na porta por um momento e depois abriu-a. O dia já amanhecera quando ela saiu. Maurice parecia ainda estar dormindo.

Ela encaminhou-se silenciosamente para o armário, a fim de pegar um vestido.

A voz dele soou em suas costas: – Venha até aqui.

Tanya não fez qualquer movimento. Ele sentou na cama, segurando o açoite.

– Eu disse para vir até aqui.

Tanya encaminhou-se lentamente para a cama.

– Deite e abra as pernas.

– Não.

O açoite tornou a cortar-lhe a carne. Em silêncio, ela deitou na cama. Maurice empurrou o lençol para o lado. O falo já estava ereto.

Postou-se por cima dela e tentou penetrá-la. Mas Tanya estava seca, fechando-se para ele.

Maurice cuspiu na mão e esfregou no falo. Depois, com um movimento violento, penetrou-a.

Tanya soltou outro grito de dor, enquanto a imensidade do falo rasgava-a por dentro.

Maurice começou a mexer-se, enquanto ela continuava a gritar. Foi uma agonia que Tanya nunca sonhara que pudesse algum dia sentir. E finalmente ele explodiu dentro dela.

Por um momento, Maurice ficou ofegando sobre os seios dela. Soergueu-se depois, apoiado nos braços, contemplou-a. Estava sorrindo.

– Não era isso o que você estava realmente querendo? Um pau como de um cavalo?

Tanya fitou-o nos olhos, com um ódio intenso. Sua voz estava fria quando falou: – Já vi paus de cavalo maiores que o seu, mas nunca senti vontade de trepar com eles.

A mão de Maurice abateu-se sobre o rosto dela. Tanya pôde sentir as marcas brancas dos dedos começarem a ficar vermelhas, numa ardência de dor. A voz dela ainda estava fria: – Já acabou?

Maurice assentiu.

– Então saia de cima. Quero lavar tudo o que jogou dentro de mim.

Maurice ficou observando-a encaminhar-se para o banheiro.

– Tanya.

Ela virou-se para fitá-lo. Maurice parecia estar genuinamente perplexo.

– Não consigo compreendê-la. O que você quer?

Ela respirou fundo.

– Um homem.

E depois Tanya entrou no banheiro e fechou a porta.

***

O motorista abriu a porta e Maurice saltou primeiro, virando-se para estender a mão e ajudá-la a sair. Tanya evitou a mão, firmando-se no pulso. Esperou até que Janette estivesse a seu lado, antes de virar-se para contemplar a casa. E comentou: – É um casa grande.

– Foi um negócio e tanto – disse Maurice. – Os donos queriam vendê-la às pressas.

Tanya sentiu que Janette lhe segurava a mão. Era uma casa de pedra grande e cinzenta, com mais de 20 metros de largura, por trás de uma cerca de ferro

batido, com um pequeno jardim na frente. Havia um pequeno caminho por trás do portão imenso, subindo até a porta de entrada, de vidro fosco, protegida por uma grade de ferro, em que já fora fixado o brasão de Beauvile.

Ela acompanhou-o até a porta, enquanto o motorista começava a tirar a bagagem do carro. A porta foi aberta por um mordomo de libré, antes que Maurice tivesse a oportunidade de tocar a campainha.

– Devo carregar a recém-casada nos braços pelo limiar? – perguntou Maurice, sarcasticamente.

Tanya não se deu ao trabalho de responder, entrando na casa. Como era o costume, todos os criados estavam alinhados no vestíbulo, a fim de cumprimentarem a nova patroa. Eram seis, no total, todos de uniforme: Henri, o mordomo, sua mulher, Marguerite, que era a cozinheira, e

quatro moças, que cuidariam da limpeza e outros serviços. René, o motorista, ainda estava lá fora.

Ela apertou as mãos de todos, respondendo às mesuras com um ligeiro aceno de cabeça.

– *Madame la Marquis* e... – murmuraram todos, respeitosamente.

Assim que as apresentações foram concluídas, um rapaz saiu de uma das portas fechadas, carregando alguns papéis na mão. Parou ao deparar com a cena e disse em inglês: – Desculpem. Não sabia que já haviam chegado.

Tanya não precisava ouvir o sotaque para saber que ele era americano. Pôde reconhecê-lo pelo corte do terno. Ela olhou para Maurice, que disse: – Minha cara, permita-me apresentar meu assistente e secretário executivo, Jerry Johnson. Jerry, *Madame* la *Marquis* e e sua filha Janette.

Meio sem jeito, o americano fez uma mesura.

– É um prazer, *Madame* la *Marquis*e.

Tanya não estendeu a mão.

– Mr. Johnson...

– Gostaria de conhecer toda a casa, minha cara? – perguntou Maurice.

Tanya sacudiu a cabeça.

– Estou um pouco cansada da viagem. Gostaria antes de tomar um banho e descansar um pouco.

Maurice assentiu.

– Está bem. – Ele virou-se para o mordomo. – Leve *Madame la Marquis* e a nossa suíte e providencie tudo o que ela desejar.

Virando-se novamente para Tanya, ele acrescentou: – Preciso discutir alguns problemas com Jerry. Irei ao seu encontro daqui a pouco.

Tanya olhou para o jovem americano. Subitamente, muitas coisas começaram a se juntar em sua mente. Ela acenou com a cabeça lentamente, não

deixando que qualquer indício de seus pensamentos transparecesse no rosto. Pegando Janette pela mão, começou a seguir o mordomo pela escada acima.

***

Tanya saiu da banheira e pegou o imenso roupão felpudo, vestindo-o. Enxugou-se rapidamente. Deixou o roupão cair no chão e postou-se diante do espelho. Os vergões e talhos da noite de núpcias haviam desaparecido do corpo, mas não de sua mente. Vestiu um robe de seda e foi para o quarto. Apertou a campainha para chamar a criada e sentou-se à penteadeira. Houve uma batida discreta na porta.

– *Entrez*.

A criada entrou no quarto e fez uma mesura.

– *Madame*...

Tanya fitou-a. Era uma moça de cabelos escuros encaracolados e castanhos grandes.

– Como é o seu nome, menina?

– Louise, *Madame*.

– Pode fazer o favor de me trazer um chá, *Louise*?

– Com prazer, *Madame*.

A criada fez outra mesura e saiu do quarto.

Tanya virou-se para o espelho. Levou a mão aos cabelos. O problema de ser loura era o fato de precisar retocar a pintura a intervalos de poucas semanas. Detestava a impressão horrível das raízes escuras, embora muitas mulheres parecessem não se importar com isso. Houve outra batida na porta. Pensando que era a criada voltando com o chá, Tanya gritou: – *Entrez*.

Pelo espelho, ela viu a porta ser aberta. Puxou rapidamente o chambre sobre os seios, enquanto Jerry entrava no quarto, com uma pasta de documentos na mão. Ela fitou-o com uma expressão inquisitiva.

– O que deseja?

– O marquês gostaria que assinasse estes documentos.

Tanya acenou com a cabeça.

– Deixe naquela mesa e examinarei depois.

Jerry ficou parado, hesitante.

– Algum problema? – indagou Tanya.

– O marquês disse que era importante que assinasse imediatamente.

Tanya levantou-se e fitou-o.

– Diga ao marquês que não assinarei coisa alguma sem ler. – Ela estendeu a mão. – Pode deixar os documentos comigo.

Automaticamente, o americano entregou-lhe a pasta e virou-se para a porta. A voz de Tanya deteve-o: – Há quanto tempo conhece o marquês?

– Conheci-o há muitos anos, na Inglaterra. Eu estava destacado para quartel-general, como um oficial de ligação com as forças da França Livre. Quando a guerra acabou e decidi permanecer na Europa, o Marquês teve a gentileza de oferecer-me este emprego.

– Entendo... – Tanya acenou com a cabeça, pensativa, depois sorriu. – Deve ter sido muito bom para os dois.

– E foi mesmo – disse ele, sentindo-se mais à vontade agora e sorrindo.

Ele virou-se novamente, estendendo a mão para a maçaneta.

– Jerry...

– Pois não, *Madame*?

A voz de Tanya era insinuante: – Há quanto tempo você e Maurice são amantes?

Ela viu o rubor insinuar-se pelo rosto dele, enquanto os olhos, normalmente de um cinza-azulado, ficavam verdes de ódio. Os lábios se contraíram para reprimir a resposta e ele saiu do quarto abruptamente, quase batendo a porta...

Tanya estava sentada à mesinha perto da Janela, tomando o chá e lendo os documentos, quando Maurice entrou. Ela fitou-o e disse calmamente: – Poderia bater. É o que determina a polidez.

O rosto dele estava vermelho de raiva.

– Jerry me disse que você não quis assinar os documentos.

– Só assino as coisas depois de ler. – A voz de Tanya ainda era calma. Ela baixou os olhos para os documentos e acrescentou: – E agora que li, não vou assinar de jeito nenhum...

– Tudo deveria ser transferido de um espolio depois de casarmos. Foi o que Wolfgang disse que deveríamos fazer.

– Foi isso mesmo o que ele disse – concordou Tanya, jovialmente.

– Pois então assine os documentos.

Tanya sacudiu a cabeça.

– Não.

– Tem de assinar. Já assumi muitos compromissos financeiros baseados nesse acordo.

– É lamentável.

– Mesmo esta casa foi comprada na suposição de que as companhias me seriam transferidas.

– Já notei isso. A casa foi comprada em seu nome pessoal, mas para ser paga

pelas companhias de Wolfgang, com o dinheiro dele. Não creio que a intenção dele fosse enriquecê-lo à sua própria custa.

– Então tenciona ficar com tudo – disse Maurice, ameaçadoramente.

– Pelo menos até receber um aviso em contrário de Wolfgang.

– E se nunca mais tiver notícias dele?

Tanya deu de ombros. Maurice acrescentou: – Pelas leis francesas, você é também responsável por minhas dívidas.

– Sei disso. Mas amanhã entrarei em contato com o *notaire* e pedirei que providencie as alterações necessárias nos documentos, para depois efetuar o pagamento.

– E o que eu devo fazer?

– Apenas o que combinamos. Será o diretor-geral das companhias. Administrando-as bem, não haverá razão para que não possa tornar-se rico.

– Não vai se livrar impunemente – insistiu Maurice, ainda ameaçadoramente. – Pode ser deportada.

– E o que lhe acontecerá se isso me ocorrer? – indagou Tanya com um débil sorriso. – Especialmente depois que eu contar as circunstâncias que levaram ao nosso casamento...

Ele fitou-a aturdido, sem dizer nada.

– Pode se retirar agora – disse Tanya calmamente, dispensando-o. – Ao descer, informe por favor ao mordomo que estarei pronta para conhecer o resto da casa dentro de alguns minutos.

– *Madame* la *Marquis* e, deseja que eu faça mais alguma coisa? – perguntou Maurice, sarcasticamente.

– Quero, sim. Diga ao seu namorado para pegar as coisas dele e deixar a casa antes do jantar. Sabe que os criados adoram intrigas. Não creio que seria muito agradável se se espalhasse por toda Paris que *Monsieur le Marquis* é pederasta.

Tanya esperou até que a porta fosse fechada, depois foi ao banheiro e abriu sua caixa de cosméticos. Tirou a prateleira superior e a colocou no balcão de mármore ao lado da pia. Tirou rapidamente os potes de creme e loção do fundo da caixa, até que o estojo de couro apareceu. Pegou-o e ficou olhando, pensativa.

As letras douradas diziam: W V B Schweringen.

Tanya abriu o estojo. As navalhas de aço rebrilharam. Eram sete, uma para cada dia da semana. Com os rótulos de indicação em preto, nos cabos de marfim. De segunda-feira a domingo. Encontrara o estojo no banheiro da casa em Genebra e num súbito impulso guardara-o em sua caixa de cosméticos. Mas sabia agora que não fora absolutamente um impulso. Ocorreu-lhe o pensamento de que Wolfgang não deixara as navalhas no banheiro por esquecimento. Deixara-as deliberadamente, num lugar em que ela poderia encontrá-las.

Rapidamente, Tanya voltou ao quarto e parou no meio. Decidiu-se um momento depois.

Uma em cada lado do colchão, por trás dos travesseiros, entre o colchão e a cabeceira da cama. Uma em cada lado do colchão no pé da cama, por baixo dele. Uma sob a almofada no pequeno sofá diante da mesinha de café, outra sob a almofada da *chaise longue*, a última por trás da cortina, na janela, perto da mesa.

Ela correu os olhos ao redor uma última vez, depois levou o estojo de couro para o banheiro, no momento mesmo em que o mordomo batia na porta.

***

O mordomo levou mais de duas horas para mostrar a casa inteira. Quando finalmente voltaram ao quarto, Tanya elogiou-o: – Fez um bom trabalho, Henri. Estou satisfeita.

Ele fez uma mesura.

– Obrigado, *Madame*. Já está disposta a arrumar a sua bagagem, *Madame*?

– Estou sim, obrigada.

– Informarei a *Louise* para vir ajudá-la. Ela já deve ter acabado de arrumar o quarto de sua filha. – Ele hesitou por um momento. – A que horas *Madame* gostaria que o jantar fosse servido?

– Às oito horas.

– Na sala de jantar?

Tanya fitou-o com uma expressão inquisitiva.

– Por que pergunta isso?

O mordomo estava visivelmente constrangido.

– *Monsieur le Marquis* informou-me que não jantaria em casa esta noite.

Tanya ficou calada.

– Talvez *Madame* e a menina fiquem mais confortáveis na sala do café da manhã. É muito aconchegante e dá para o jardim.

Ela assentiu.

– Uma boa idéia, Henri. Obrigada.

– Obrigado, *Madame*.

Ele fez outra mesura e encaminhou-se para a porta.

– Henri...

Ele parou.

– Pois não, *Madame*?

– Mostrou-me todos os aposentos, menos o quarto de meu marido. Eu

gostaria de vê-lo agora.

– Desculpe-me, *Madame* – murmurou Henri, mais constrangido do que nunca. – Pensei...

– Ainda não o vi. Nem mesmo sei onde fica.

Ele gesticulou para uma porta estreita na parede do outro lado do quarto de Tanya.

– Se *Madame* quiser me acompanhar...

Tanya olhou para a porta. Era mais estreita do que o normal, de tal forma que pensara até aquele momento que fosse um armário. A porta dava para um corredor estreito, com pouco menos de um metro de largura e um pouco mais de um metro de comprimento, ao final do qual outra porta estreita.

O mordomo abriu a segunda porta e Tanya entrou no quarto de Maurice. Ficou parada por um momento. Já deveria ter imaginado. Maurice reservara para si mesmo o melhor quarto da casa. Todas as quatro janelas ficavam na frente da casa, dando para o parque no outro lado da rua. Fora decorado recentemente, de uma maneira que era mais feminina que o quarto dela. Tanya foi até o banheiro. Era duas vezes maior que o seu banheiro.

Ela saiu do banheiro para deparar-se com o mordomo parado no meio do quarto, observando-a.

– É um ótimo quarto, Henri.

A voz dele era cautelosa: – É, sim, *Madame*.

– Mudei de idéia. Não precisa mandar *Louise* ajudar-me a arrumar minha bagagem hoje.

Poderemos fazer isso amanhã.

– Pois não, *Madame* – E também vamos mudar de quartos amanhã. Ocuparei esta suíte, minha filha será transferida para o meu quarto e as coisas do Marquês irão para a suíte de minha filha.

– Mas, *Madame*...

A voz do mordomo estava chocada.

– O que é, Henri?

Tanya falou com extrema frieza.

– *Monsieur le Marquis... le patron*... – Ele estava gaguejando. – Ele não vai gostar.

Tanya sustentou o olhar dele firmemente.

– Se não estou enganada, Henri, *le patron* é seu empregador, a pessoa que lhe paga os salários. *N'est-ce pas*?

– É, sim, *Madame*.

– Então não precisa se preocupar – acrescentou Tanya, a voz ainda fria. – Como eu é que estou pagando seus salários e não *Monsieur le Marquis*, então

sou *la patronne*. E a única pessoa a quem deve agradar.

Os olhos dele desviaram-se diante do olhar firme de Tanya. Ele fez outra mesura.

– Pois não, *Madame*.

– Só mais uma coisa, Henri. Amanhã, quando estiver trocando os quartos, providencie também um serralheiro para mudar as fechaduras.

– Pois não, *Madame*. Mais alguma coisa, *Madame*?

Tanya começou a voltar pelo corredor estreito.

– Avise-me assim que Mr. Johnson tiver levado as suas coisas.

– Ele já deixou a casa, *Madame*. Há cerca de uma hora, enquanto estávamos no quarto andar.

– Ótimo. – Ela deixara a situação bem clara e sabia que o mordomo compreendera. – Obrigada, Henri.

***

– *Monsieur* Maurice não vai jantar conosco?

Tanya olhou para a filha através da mesa pequena.

– Não, querida. Ele saiu.

A voz de Janette era de curiosidade: – Com aquela moça?

Tanya ficou perplexa.

– Que moça?

– Sabe quem é... – O tom de Janette era completamente inocente. – Aquela... a que se veste com roupas de homem.

– Não é uma moça, mas um homem.

– Se ela é um homem, então por que a mandou sair de casa? – perguntou Janette, incisivamente.

Tanya ficou surpresa. A menina era mais observadora do que imaginara.

– Precisamos do quarto para outra pessoa – explicou ela, sabendo que as palavras não eram absolutamente convincentes.

Janette permaneceu calada enquanto terminava de tomar a sopa. Tornou a levantar os olhos para a mãe depois que Henri tirou seu prato e insistiu: – Ainda acho que é uma moça.

– O que a faz pensar assim?

– Eu estava lá embaixo na cozinha quando *Monsieur* Maurice desceu e disse a ela que você a tinha mandado embora.

– Isso não significa que seja uma moça.

– Passei pelo quarto dela quando estava subindo. Ela estava chorando e *Monsieur* Maurice beijava-a, dizendo que tudo acabaria bem. Ele se comportava como se ela fosse uma moça.

Tanya ficou calada por um longo momento, antes de murmurar: – Talvez ele simplesmente não estivesse se sentindo bem...

Janette sacudiu a cabeça.

– Ele estava tirando vestidos do armário e guardando na mala. Quando me viram parada ali, *Monsieur* Maurice fechou a porta com um pontapé. Mas não puderam me enganar.

– Seja como for, não tem mais importância – disse Tanya, incisivamente. – Ele foi embora e não mais voltará a esta casa.

As duas ficaram em silêncio até ser servido o novo prato. Janette comentou, enquanto cortava sua carne: – É muito gostoso, não é mesmo? A cozinha francesa é melhor do que a Suíça.

Tanya sorriu.

– Tem razão, querida.

Janette tornou a encher a boca de comida.

– Gosto de verdade. – Depois, sem mudar o tom de voz, ela acrescentou: – Dói muito quando *Monsieur* Maurice mete aquela coisa grande em você?

– Janette? – Tanya estava chocada. – Onde foi que aprendeu essas coisas?

– Na escola – respondeu a menina, tranqüilamente. – Todas as garotas falam sobre isso.

Algumas já viram a mãe e o pai fazendo a coisa. Acha que poderia me deixar ver de vez em quando *Monsieur* Maurice fazer a coisa com você?

– Não – disse Tanya bruscamente. – E esse não é um assunto sobre qual se deva conversar.

As boas meninas não falam sobre essas coisas.

– Fui ao seu quarto uma noite quando estava fazendo a coisa com Papai General. Mas não me viram e eu fui embora. – Ela tornou a encher a boca de carne. – Mas a coisa de *Monsieur* Maurice é duas vezes maior que a de Papai General. Foi por isso que pensei que devia doer.

– Como sabe dessas coisas?

– *Monsieur* Maurice sempre deixou a porta do banheiro aberta ao fazer pipi. Eu não podia deixar de ver. Ele até sabia que eu via e costumava sorrir.

Tanya não sabia o que dizer. Maurice passara apenas uma semana em Genebra depois do casamento, voltando em seguida a Paris, a fim de aprontar a casa. Só voltara a vê-lo quando ele fora encontrá-las na estação ferroviária.

– Isso não vai mais acontecer – disse ela finalmente. – Você vai mudar de quarto amanhã, ficando ao lado do meu.

– E onde *Monsieur* Maurice vai dormir?

– Ele irá para o seu quarto.

– Quer dizer que ele não vai fazer um bebê em você com a coisa dele?

– Não – respondeu Tanya, categórica.

– Por que não?

Tanya olhou atentamente para a filha e sua voz tornou-se mais gentil do que nunca: – Porque você é a única filha que eu quero. Não desejo ter qualquer outro bebê além de você.

Um sorriso estampou-se de repente no rosto de Janette. Ela levantou-se e correu para a mãe, abraçando-a.

– Jura?

Tanya abraçou-a.

– Juro. Você é a única filha que preciso.

– Não pode imaginar como fico contente com isso, mamãe. Não quero que tenha nenhum outro bebê.

***

Já era quase meia-noite quando Tanya apagou o abajur na mesinha-de-cabeceira. Tinha a sensação de que as pálpebras estavam pesadas que nem chumbo. Fora um dia comprido, começando antes das seis horas da manhã, em Genebra. A viagem de trem de nove horas não fora absolutamente repousante, com suas muitas paradas e solavancos. Ela queria estar acordada quando Maurice voltasse, mas não conseguiria. Tinha de dormir um pouco.

O débil som de vozes e risos penetrou em seu sono. Remexeu-se na cama, irrequieta, tentando eliminar o barulho. Mas era persistente. Tanya finalmente abriu os olhos e olhou para os ponteiros luminosos do relógio-despertador. Faltavam dez minutos para as três horas. Ela rolou na cama, ficando deitada de costas, prestando atenção ao barulho.

Parecia vir do corredor estreito que ligava os dois quartos. Alguém estava ali, juntamente com Maurice, mas o barulho era por demais confuso para determinar se havia apenas uma outra pessoa ou mais. Ela ficou imóvel, no escuro. Depois de algum tempo, os sons pareceram se desvanecer. Tanya fechou os olhos e resvalou novamente para o sono.

Não soube quanto tempo depois soou o estalido brusco do interruptor da luz e a súbita claridade inundou o quarto, despertando-a. Sentou na cama, piscando os olhos contra a claridade ofuscante. Seus olhos ajustaram-se rapidamente.

A porta de ligação estava parcialmente aberta e Maurice se encontrava parado ali, observando-a.

– Saia daqui! – disse Tanya, friamente.

Em vez disso, ele empurrou toda a porta e avançou pelo quarto. Estava completamente nu, o açoite arrastando pelo chão, pendendo de sua mão direita. Parou no meio do quarto, fitando-a. Com a mão esquerda, pôs-se a afagar o pênis, levando-o a uma ereção.

Tanya fitou o pênis por um instante e depois levantou os olhos para o rosto dele.

– Não vai funcionar desta vez – disse ela, a voz ainda fria. – Saia daqui.

Maurice riu subitamente, depois virou-se e chamou: – Venha Jerry querido. Deixe-me mostrar-lhe como tratar uma puta alemã.

Jerry apareceu na porta. Também estava nu e segurava uma garrafa de conhaque. Olhou para Tanya e soltou uma risadinha de bêbado.

O açoite atravessou a cama na direção dela. Tanya ergueu as mãos, aparando a maior parte das correias nos braços, protegendo o rosto. O açoite tornou a cortar o ar, atingindo-a na altura dos seios, ainda cobertos pelo lençol.

– Saia da cama, sua puta! – berrou Maurice.

Em silêncio, Tanya saiu da cama, a camisola branca de algodão caindo até os pés.

Empertigou-se, fitando-o.

– Jerry, arranque a camisola dela – ordenou Maurice.

Ainda rindo, Jerry adiantou-se.

– Quer um drinque, querida? – perguntou ele, sacudindo a garrafa de conhaque.

Tanya olhou para ele, sem responder.

– Arranque logo a camisola! – gritou Maurice. – Tenho o que ela quer!

Tanya não disse nada, enquanto Jerry tentava rasgar-lhe a camisola. Mas o algodão era muito resistente e não rasgou. Jerry finalmente puxou a camisola para fora dos ombros dela, empurrando-a até o chão. Observou-a atentamente, depois estendeu a mão e tocou nos seios.

– Ela tem peitos grandes – comentou ele, quase com inveja.

Furiosa, Tanya afastou as mãos dele com um tapa. Jerry soltou uma risada.

– Não se preocupe, querida. Mais um ano e eles vão começar a cair até sua barriga. É o que sempre acontece com os peitos grandes. Não vai se sentir então tão orgulhosa deles.

O açoite tornou a atingi-la. Tanya mordeu os lábios de tanta dor.

Maurice ordenou: – Venha até aqui.

Ela avançou em silêncio, parando diretamente na frente dele, os olhos

fixados em seu rosto.

Maurice agarrou-a pelos cabelos, obrigando-a a olhar para baixo.

– Olhe para o seu dono, sua puta escrava!

Tanya tentou desviar a cabeça, mas o açoite cortou-lhe os ombros, enquanto Maurice forçava-a brutalmente a ficar de joelhos. Ele empurrou a cabeça dela para trás, obrigando-a a abrir a boca.

– Chupe!

Tanya tentou fechar a boca. O açoite tornou a se abater em suas costas e ela ofegou de dor.

– Vai fazer agora o que estou mandando?

Lentamente, ela estendeu uma das mãos para o falo, enquanto a outra avançava para o pequeno sofá ao lado. Segurou o falo com a mão, puxando-o devagar na direção de sua boca, enquanto a outra mão vasculhava entre as almofadas e encontrava a navalha.

Maurice riu, triunfante.

– Eu lhe disse que sabia o que ela queria.

Jerry soltou uma risadinha.

– Ela não vai conseguir meter na boca. É o maior pau de Paris.

A navalha estava agora na mão de Tanya. A lâmina prateada faiscou por um instante à luz.

Uma linha de sangue apareceu subitamente no corpo de Maurice, estendendo-se do umbigo até os cabelos púbicos.

Maurice gritou de dor, baixando os olhos para ver o que lhe acontecera.

– O que fez comigo, sua puta? – Foi então que ele viu o sangue. Você me matou!

E caiu no chão, desmaiado.

Tanya levantou-se contemplando-o, a navalha ensangüentada ainda na mão. Virou-se e olhou para Jerry.

Ele ficara subitamente sóbrio, o rosto pálido, dando a impressão de que estava prestes a vomitar. Olhou para a navalha na mão de Tanya e tentou falar, mas as palavras não afloraram a seus lábios. Os olhos fixaram-se nos dela, cheios de horror.

– Eu poderia tê-lo matado, mas não o fiz... – disse ela, calmamente.

Ela passou por cima de Maurice e encaminhou-se para o banheiro. Na porta, virou-se para Jerry e acrescentou: – É melhor chamar um médico. Ele precisa levar alguns pontos ou vai sangrar até morrer.

– O que vai fazer? – perguntou Jerry, a voz rouca.

– Vou dormir no quarto de minha filha. Afinal, não sou responsável pelo que vocês dois fazem um com o outro quando estão embriagados.

Eram 10 horas da manhã seguinte e Tanya estava sentada à mesa do café da manhã, tomando uma xícara de café depois de levar Janette à nova escola, quando ele entrou na sala. Ela fitou-o e disse calmamente, como se nada tivesse acontecido na noite anterior: – É

melhor você sentar. Não parece estar passando bem.

Maurice arriou numa cadeira.

– Quem sabe? Se tiver um filho, ele se torna automaticamente o próximo Marquês de la Beauvile.

– O médico disse que posso ficar com a cicatriz pelo resto da vida.

– É uma pena.

Ele pegou o bule de café e encheu a xícara. Tomou um gole e fitou-a.

– O que vamos fazer agora?

Tanya enfrentou-lhe os olhos.

– Vamos parar de brincadeiras e começar a trabalhar. Não é esse o motivo para todo o acordo?

Maurice assentiu, olhando para a xícara.

– Você é um bom negociante – acrescentou Tanya. – Foi Wolfgang quem o disse, há muito tempo. Respeito isso e respeito todas as suas demais faculdades. Não mudei em relação a isso.

Maurice levantou os olhos para fitá-la novamente. E havia um crescente respeito em sua voz quando disse: – Você é um mulher estranha, Tanya.

– É possível. Mas há uma coisa que você e eu temos em comum.

– O que é?

– Ambos somos sobreviventes. Percorremos um longo caminho juntos e não há razão para deixar que a estupidez de um momento nos liquide e impeça de seguirmos em frente.

Ele tomou outro gole do café. Já estava frio. Largou a xícara.

– E não está zangada comigo pelo que aconteceu?

– Deveria estar? Para mim, está acabado, é assunto encerrado. Você está zangado?

Maurice pensou por um momento.

– Sim. E não. Mas você tem razão. Está acabado.

– Ainda podemos tornar a vida muito agradável, *Monsieur le Marquis*. – Tanya sorriu. – Para nós dois.

Ele levantou a cabeça e observou-a atentamente. Depois acenou com a cabeça, lentamente.

– Estou começando a acreditar que está certa, *Madame la Marquise*.

– Claro que estou certa, Maurice. – Ela sorriu e pegou a sineta. – E agora vamos chamar Henri para providenciar-lhe um café quente e alguma coisa para

comer.

***

A voz veio pelo telefone, ressoando através de um corredor que tinha dez anos de comprimento: – Aqui é Johann Schwebel.

Maurice sentiu o estômago contrair-se. Mesmo depois de dez anos, o medo dominou-o. Não podia falar.

– Lembra-se de mim? – O sotaque alemão era tênue. – Já faz muito tempo.

– Tem razão, já faz muito tempo – murmurou Maurice.

– Telefonei para *Madame* la Marquise, mas ela não estava em casa. Deram-me o seu telefone.

– Ela tinha um compromisso para o almoço.

– Temos de marcar um encontro – disse Johann.

– Claro. Onde você está?

– Em Paris.

– Vou combinar com Tanya e lhe telefonarei depois.

– Não. Pode deixar que eu telefonarei. Estou sempre em movimento e não me encontraria.

Ligarei amanhã de manhã, por volta das 11 horas.

– Está certo.

O telefone ficou mudo na mão de Maurice. Ele contemplou-o por um momento e depois repôs o fone no gancho, lentamente. Pegou um cigarro e tentou acendê-lo. Não foi fácil. As mãos tremiam demais.

***

O médico estava calado enquanto ajudava-a a tirar as pernas dos estribos na mesa de exame. Ele recuou, enquanto Tanya virava as pernas e sentava na mesa, a camisola branca de algodão usada para o exame caindo informe ao seu redor.

– Pode vestir-se – disse o médico, enquanto a enfermeira se adiantava para ajudá-la. – Eu lhe falarei em meu gabinete particular dentro de dez minutos.

Ele saiu do quarto antes que Tanya pudesse fazer-lhe qualquer pergunta. A enfermeira abriu o pequeno armário em que as roupas dela haviam sido penduradas e depois contornou-a para desamarrar o cordão que prendia a camisola nas costas.

Ela estava sentada numa cadeira confortável, estofada em couro, diante da

escrivaninha, quando o médico entrou na pequena sala. Ele fechou a porta meticulosamente e sentou-se atrás da mesa, fitando-a.

– Está com uma cara muito séria, Doutor Pierre.

Ele assentiu.

– Você está grávida.

Tanya sorriu.

– Isso é tudo? Fiquei bastante preocupada por um momento. Esse é um problema fácil de resolver.

Ele sacudiu a cabeça: – Não desta vez.

Tanya ficou chocada.

– Por que não? Já fizemos antes.

– Esperou tempo demais. O feto já está plenamente desenvolvido. Tem cerca de 15 semanas.

– Oh, diabo!

– Por que não veio mais cedo? Como nas vezes anteriores? Não haveria qualquer problema com quatro, cinco ou seis semanas.

– Estava muito ocupada. E também não dei maior importância. Já perdi as regras por muitas vezes e depois tudo se regularizou.

– Estava enganada desta vez.

– Já ouvi falar de abortos com o feto nessa idade.

– Pode-se tentar, mas é muito perigoso. Além do mais, no seu caso, há diversos fatores adversos. Primeiro, já fez três abortos nos últimos sete anos, ao que eu saiba. E não lhe fizeram nenhum bem. Segundo, não é mais uma criança. Está com 38 anos., Em termos fisiológicos, seu corpo já não é mais tão forte, o útero e os ovários não possuem a elasticidade suficiente para suportar um choque tão violento. Poderiam romper-se e você sangraria até morrer, antes que tivéssemos tempo de sequer descobrir o que deveríamos reparar.

Ela respirou fundo.

– Pode me dar um cigarro?

O médico estendeu o maço através da mesa e acendeu o cigarro para ela. Esperou por um momento, antes de comentar: – O marquês deve ficar satisfeito.

Tanya riu bruscamente.

– Sabe de tudo, Doutor Pierre. Todo mundo sabe. Não há quem ignore o que ele é. Será a maior piada de Paris.

– Não tem alternativa... a menos que prefira morrer.

Ela sacudiu a cabeça.

– Poderia ausentar-se por algum tempo – acrescentou o médico. – Teria o filho longe daqui e ninguém saberia.

– Por quanto tempo eu teria de ficar ausente?

Ele observou-a atentamente.

– Ainda não está aparecendo. Com uma dieta, a barriga ficaria pequena. E com as roupas apropriadas, ninguém perceberia. Talvez apenas pelos últimos três meses.

Tanya sacudiu a cabeça vigorosamente.

– É impossível. Tenho muito o que fazer. Não posso afastar-me dos negócios por tanto tempo.

Haveria problemas demais.

– Sugiro então que converse com o marquês e tentem encontrar uma solução juntos. Tenho certeza de que poderiam inventar alguma história que o público aceitaria.

Tanya riu.

– O público poderia acreditar, mas não o mundo em que vivemos.

– Sua vida é mais importante do que as coisas que as outras pessoas podem pensar...

Ela assentiu.

– Isso é verdade.

– Sabe quem é o pai?

Tanya fitou-o atentamente.

– Por que pergunta?

– Seria útil se pudéssemos obter uma amostra do sangue dele. Apenas para determinar o fator Rh. Afinal, já se passaram quase 17 anos desde que sua filha nasceu e pode ter havido muitas mudanças em seu organismo.

Ela pensou por um momento. Estivera com dois homens naquele mês. Mas logicamente tinha de ser o americano. Saíra com ele regularmente no período anterior à menstruação falhar pela primeira vez.

– Sei, sim.

– Ele poderia fornecer-lhe uma amostra de seu sangue?

Tanya deu de ombros ..

– Quem sabe? Ele já voltou à América, ao encontro da mulher e dos filhos. Não posso escrever, pois pode ser embaraçoso. Teria de telefonar.

– Eis um telefonema que vale a pena.

Ela assentiu lentamente e começou a levantar-se, enquanto dizia: – Vou telefonar.

O médico também levantou-se.

– A enfermeira lhe dará uma dieta impressa na saída. Siga-a cuidadosamente e manterá o peso sob controle. Receberá também uma lista suplementar de vitaminas e minerais que deve tomar todos os dias, a fim de manter a força e energia. Eu gostaria de tornar a vê-la dentro de um mês.

Tanya tornou a fitá-lo nos olhos.

– Tem certeza de que não podemos fazer um aborto?

– Pode ser feito, mas eu não aconselho. – Ele sustentou o olhar dela. – E não faça nenhuma tolice, pois há nove chances em dez de que possa morrer.

– Prometo que não farei nenhuma tolice, Doutor Pierre.

– Ótimo. – Ele sorriu. – E mande-me o tipo sangüíneo, se conseguir obtê-lo.

O médico contornou a mesa e beijou-a no rosto.

– Não deve ficar preocupada, Tanya. Todos já passamos por coisas piores.

Ela assentiu. Durante a guerra, ele estivera num campo de concentração. Ainda tinha o número tatuado nos braços. Só escapara à câmara de gás porque era médico.

Impulsivamente, ela beijou-o no rosto.

– Tem toda razão, Doutor Pierre. Obrigada.

***

Janette dobrou a blusa cuidadosamente, guardou na valise e depois recuou. Era a última coisa a guardar. Correu os olhos pelo quarto atentamente. Convencida de que nada fora esquecido, fechou a valise e trancou-a, colocando-a depois no chão, ao lado da outra. No dia seguinte às sete e meia da manhã, estaria no trem a caminho da Suíça e da escola.

Ela voltou até sua escrivaninha perto da janela e telefonou para sua amiga Marie-Thérese. O telefone tocou algumas vezes antes que Marie-Thérese atendesse. Como sempre, ela parecia ofegante.

– Alô?

– Já acabei de arrumar minhas coisas – disse Janette.

– Oh, Deus! – exclamou Marie– Thérese. – Eu ainda nem comecei!

– Gostaria que eu fosse ajudá-la?

– Claro que gostaria. – Marie-Thérese soltou uma risadinha. – Mas nunca conseguiríamos acabar. Como na noite passada.

Janette recordou. De tarde, elas foram assistir a um filme americano nos Champs-Elysées, Juventude Transviada, apresentando um novo astro americano, James Dean. Era a quarta vez que assistiam ao filme, que mostrava jovens americanos iguais a elas. Os pais também não os compreendiam. E havia alguma coisa em James Dean que as atingia lá no fundo. Tudo o que qualquer uma das duas precisava fazer era fechar os olhos e se tornava Natalie Wood, sendo abraçada vigorosamente por James Dean.

Desta vez, na saída do cinema, Marie-Thérese comprou um poster de James

Dean. Ele estava de pé, na jeans apertada e desbotada, quadris finos, pernas ligeiramente tortas, a expressão zangada, os olhos espiando o mundo numa atitude de desafio, por baixo dos cabelos louros que caíam pela testa. Ela o queria para a parede, acima de sua cama na escola.

Ao chegarem na casa dela, Marie-Thérese pegou uma valise no armário e colocou-a em cima da cama. Abriu-a e guardou o poster, ainda dobrado.

– Acho que está na hora de começar a arrumar minhas coisas.

Janette assentiu.

– Eu já comecei. Uma mala já ficou pronta e agora só falta arrumar a outra.

Marie-Thérese fitou-a.

– Eu gostaria de poder ser como você, sempre organizada. Invariavelmente eu acabo fazendo tudo às pressas, no último momento.

Janette riu.

– Mas sempre consegue dar um jeito.

Marie-Thérese também riu.

– Tem razão. Mas não sei como.

Ela abriu uma gaveta da cômoda e tirou uma porção de roupas de baixo, largando na cama, ao lado da valise. Começou a separá-las em pilhas, calcinhas, sutiãs, combinações.

Contemplou-as com profunda aversão.

– Não são horríveis?

Janette deu de ombros. Algodão branco e bege.

– É o regulamento – comentou ela. – A escola quer assim e não temos alternativa.

– Pois detesto essas coisas. E Jimmy Dean também não gostaria, não é mesmo?

Janette riu.

– Não tenho a menor idéia do que ele gostaria.

Marie-Thérese riu novamente.

– Pois então vamos mostrar para ele e descobrir o que pensa!

Ela pegou o poster, abriu-o e prendeu na parede com dois percevejos.

James Dean olhava para as duas moças com uma expressão furiosa. Marie-Thérese pegou um sutiã e uma calcinha e estendeu-os por cima do vestido.

– Gosta destas coisas, Jimmy?

Depois de um momento, ela virou-se para Janette.

– Está vendo? Eu disse que ele não ia gostar. Veja se ele acha melhor em você.

Janette pegou também uma calcinha e um sutiã e fez a mesma coisa que Marie-Thérese.

Marie-Thérese olhou para o poster e sacudiu a cabeça.

– Não melhorou. – Ela jogou os trajes na cama. – Mas que escola mais estúpida!

Janette dobrou as coisas que pegara impecavelmente e ajeitou-as sobre a pilha, virando-se em seguida para tirar o poster da parede.

– Não faça isso! – disse Marie-Thérese. – Talvez ele não tenha gostado porque mostramos por cima das nossas roupas.

Ela tirou o vestido por cima da cabeça e ficou parada ali de anágua e sutiã. Um momento depois, a anágua caiu no chão, ao lado do vestido. Ela ficou parada diante do poster, os seios cheios pressionando o sutiã bege de algodão.

– Está melhor assim, Jimmy?

Ela virou-se para Janette.

– Tire o seu vestido.

Janette sentiu o calor do corpo afluir-lhe ao rosto.

– Isso é uma tolice.

– Não é, não. De que outra forma ele poderia fazer um julgamento justo? Além do mais, não a vejo desde que as aulas terminaram. Quero saber se ficou maior.

Janette fitou-a. Marie-Thérese ficara maior, os seios haviam crescido bastante. Olhando para a amiga, ela sentiu o calor interior tornar-se mais intenso. Tirou o vestido lentamente. A voz de Marie-Thérese soou espantada: – Seda! Seda preta! Ah, sua marota, você nunca me contou!

Tire a anágua. Quero ver sua calcinha.

Sem dizer nada, Janette deixou a anágua cair no chão e ficou parada ali, de frente para o poster, sem olhar para a amiga. O calor interior estava agora se espalhando por suas pernas e virilhas.

– Calcinha de seda preta também! – exclamou Marie-Thérese. Onde foi que arrumou essas coisas! Elas são lindas e sensuais!

Janette continuou a não fitá-la.

– Meu padrasto é que me deu. Disse que detestava as coisas de algodão que eu usava.

– Quando foi que ele a viu?

– Faz tanto calor no verão que deixo a porta aberta para ventilar um pouco. Ele me via quando passava. Um dia entrou no quarto e jogou uma caixa de lingerie na minha escrivaninha. “Daqui por diante use estas coisas quando estiver em casa. As outras coisas são horríveis.” E depois ele saiu.

– Santo Deus! – balbuciou Marie-Thérese. – Ele fez mais alguma coisa?

Janette ainda estava olhando para o poster. Sentiu o calor transformar-se em umidade dentro dela.

– Depois disso, ele entrava em meu quarto de vez em quando, sempre que mamãe não estava em casa. Sentava na cadeira e me fazia andar de um lado para outro do quarto, com as coisas que havia me dado. E depois mandava-me tirar as coisas e entregar-lhe, fazendo-me olhar enquanto tirava sua coisa para fora e esfregava nelas. Quando acabava, dava-me as coisas de volta, batia-me no rosto com toda força e dizia: “Sua porca! Lave estas imundícies!” E saía do quarto.

Ela virou-se para Mari-Thérese. A amiga estava boquiaberta, os olhos arregalados. Uma coisa ela não podia dizer a Marie-Thérese. A intensidade do orgasmo que a dominava quando Maurice a esbofeteava deixava-a tão fraca e esgotada que desabava no chão, até que as pernas recuperassem as forças suficientes para sustentá-la.

– Isso era tudo o que ele fazia? – perguntou Marie-Thérese. – Nada mais?

Janette riu.

– Você sabe que não. Ele é a bicha mais famosa de Paris.

– Ainda? – indagou Marie-Thérese, aturdida. – É verdade o que ouvi sobre o tamanho da coisa dele?

Janette assentiu.

– É realmente grande.

– Maior que o de Donald, o exibicionista?

Donald era um rapaz inglês que estudava na escola no outro lado do lago, na Suíça, com quem se encontravam todas as semanas nos bailes. Ele estava sempre levando as moças para fora a fim de mostrar-lhes o que tinha, como era grande. Janette riu novamente.

– Faz com que o de Donald pareça um brinquedinho.

– Santo Deus! – balbuciou Marie-Thérese. Ela começou a esfregar-se. – Acho que vou gozar.

Vamos deitar na cama e uma faz a outra gozar.

Elas foram para a cama e começaram a masturbar-se mutuamente, até o orgasmo. Não era a primeira vez que faziam aquilo. Mas desta vez parecia ainda mais excitante, com o poster de James Dean observando-as da parede, de cara amarrada.

Ao telefone, Janette lembrou-se de tudo e depois disse: – Termine então de arrumar suas coisas. Irei até aí depois do jantar e poderemos ir a um cinema.

– Não há a menor possibilidade. Na noite anterior à partida para a escola sempre tenho de ficar em casa com meus pais.

– Está certo. Então voltaremos a nos encontrar no trem, às sete e meia da manhã.

Janette desligou, e virou para deparar com Maurice parado diante da porta aberta do quarto. Ela olhou para o relógio. Cinco horas. Ele estava chegando em

casa mais cedo.

Geralmente nunca voltava antes das sete horas.

– Com quem estava falando? – perguntou Maurice, desconfiado, entrando no quarto.

Janette baixou os olhos para o chão.

– Com Marie-Thérese.

– Como pode encontrar tanta coisa para conversar com uma garota tão estúpida?

Ela não respondeu, os olhos ainda abaixados.

– Onde está sua mãe?

– Não sei.

– Ela ainda não voltou para casa?

Janette deu de ombros.

– Por que não olha para mim? – perguntou Maurice.

Ela levantou os olhos, sentindo o rubor espalhar-se por seu rosto.

– Ela telefonou?

– Não falei com mamãe.

Os lábios de Maurice contraíram-se numa linha estreita de raiva.

– A cadela provavelmente passou a tarde inteira trepando com um dos seus gigolôs. Ela nunca está disponível quando alguma coisa importante acontece.

Janette baixou os olhos novamente, sem dizer nada.

– Se sua mãe telefonar, diga-lhe que precisamos conversar com urgência. É muito importante.

Janette assentiu.

– Importante mesmo. Tenho de falar com ela o mais depressa possível.

Janette tornou a assentir, sem fitá-lo. Furioso, Maurice desferiu-lhe uma bofetada.

– Olhe para mim quando responder!

Ela fitou-o, sentindo um tremor nas pernas. Ele tornou a esbofeteá-la.

– É importante. Está entendendo?

– Estou – balbuciou Janette. – Compreendi, sim.

Ele contemplou-a com ódio.

– Algum dia você terá de pagar tudo o que aquela puta fez comigo.

Maurice virou-se e saiu do quarto, batendo a porta violentamente. Janette arriou na cadeira, a intensidade de seu orgasmo deixando molhadas as pernas trêmulas.

***

Jacques Charel e avistou-a no instante mesmo em que ela passou pelas portas do Relais Plaza. A sala estava apinhada na hora dos coquetéis, o zumbido das conversas espalhando-se por toda parte, como se um enxame de abelhas estivesse passando. Ele levantou, gesticulando.

Tanya encaminhou-se para a mesa, acenando com a cabeça para diversos conhecidos, na passagem. Jacques beijou-lhe a mão polidamente, puxou um pouco a mesinha, a fim de que ela pudesse sentar no banco preso na parede, de costas para a janela, olhando para o bar à sua frente.

– Está absolutamente radiante, minha cara – disse ele. – Fica mais bonita a cada dia que passa.

Ela sorriu interiormente. Não diziam que as mulheres sempre ficavam mais bonitas nas primeiras semanas de gravidez?

– *Merci, Monsieur*. Não fica mais fácil quando se está envelhecendo.

Jacques riu.

– Algumas mulheres nunca envelhecem. Você é uma delas. Como foi seu dia?

Tanya deu de ombros.

– *Comme ci, comme ça*. – Ela olhou para o garçom. – Um martini, por favor.

Virou-se novamente para Jacques e acrescentou: – O que descobriu?

Ele fez um gesto discreto para a mesa ao lado. Ela olhou e viu um dos 4 diretores da Balmain em companhia de três outras pessoas.

– Não aqui – sussurrou ele.

***

Tanya assentiu. Podia compreender a cautela dele. Ostensivamente, Jacques era um repórter de moda para uma agência noticiosa, mas na verdade ganhava dinheiro mesmo com sua ocupação particular como uma espécie de espião no mundo da moda. De alguma forma, ele dava um jeito de descobrir, antes de qualquer outra pessoa, o que cada um iria lançar e quem conseguiria ou não fazer sucesso na temporada. Estava na folha de pagamento de Tanya há três anos, e as informações que fornecera sempre haviam sido extremamente valiosas.

– Teremos um jantar discreto – sugeriu Tanya.

– Esta noite, no meu apartamento. Tenho um lindo *côte d'agneau* que posso preparar para você, com *herbes* de Provence. Recebias esta manhã, enviadas do sul por minha mãe.

Tanya quase concordou, mas depois se lembrou. Aquela noite era a última que Janette passava em casa, antes de partir para a escola.

– Esta noite não vou poder, Jacques. – O garçom pôs o martini na sua frente. – Que tal amanhã de noite?

– Meu editor estará em Paris amanhã.

Tanya tomou um gole do martini e depois recordou as instruções do médico. Nada de álcool. Largou o copo.

– Oh, diabo!

Jacques ficou em silêncio, compreensivo.

– Neste caso, terá de ser mesmo esta noite. – Tanya fitou-o. – Mas não posso ficar ate tarde.

Minhas filha parte para a escola amanhã e quero passar algum tempo na companhia dela.

– Estará em casa por volta das 10 horas.

O garçom aproximou-se da mesa e pôs um cartão de visita diante de Tanya. Ela olhou para as letras góticas alemãs no cartão e depois fitou bruscamente o garçom.

– O cavalheiro que lhe entregou este cartão! – disse ela, o coração batendo descompassado. – Onde ele está?

– Ele acaba de se retirar. Disse que não queria incomodá-la.

Ainda segurando o cartão, Tanya levantou-se e quase correu para a porta. Um táxi afastava-se do meio fio, mas ela não pôde ver quem era o passageiro. A rua estava praticamente vazia. Não havia à vista qualquer pessoa que conhecesse. Ela tornou a olhar para o cartão.

JOHANN SCHWEBEL
FINANZEN DIREKTOR
VON BRENNER GMBH
Montevidéu, Uruguai.....Munique R.F.A.

Ela virou o cartão. A letra precisa de Johann continuava a mesma.

“Estarei neste telefone às 9:00 de amanhã. Telefone-me, por favor.
J”

Lentamente, Tanya voltou ao Relais Plaza. Jacques de pé e perguntou, em tom preocupado: – Algum problema?

– Não – murmurou ela, tornando a sentar-se. – Não há nenhum problema. Trata-se apenas de alguém que não encontro há muito tempo e gostaria de rever.

– Um antigo amante?

Jacques sorriu. Ela sacudiu a cabeça.

– Não.

– Aceite meu conselho, minha cara – disse ele, com a sagacidade tipicamente francesa. – Jamais persiga um antigo amor. Nunca são como os lembramos.

Tanya fitou-o. Subitamente, a informação que Jacques iria transmitir-lhe não era mais importante.

– Mudei de idéia, Jacques. Vamos deixar nosso jantar para outro dia. Acho que é mais importante passar a noite com minha filha.

Passava um pouco das sete horas quando ela chegou em casa. Henri abriu a porta.

– Bon soir, Madame.

– Bon soir, Henri. Algum recado?

– Não, Madame. Mas Monsieur le Marquis já está em casa.

Tanya acenou com a cabeça.

– E Janette?

– Está no quarto dela, Madame. – Ele fez uma breve pausa. – A que horas Madame deseja o jantar?

– Oito e meia.

Tanya subiu. Atravessou rapidamente o corredor e parou diante do quarto de Janette. Bateu na porta.

Janette abriu-a e sorriu.

– Maman!

Tanya inclinou-se e beijou a filha, entrando no quarto em seguida. Viu as valises fechadas ao lado da porta.

– Já arrumou tudo?

– Estou pronta para partir. Às sete horas da manhã.

Tanya sorriu.

– Ansiosa em voltar à escola?

– De certa forma. A verdade é que estou ficando cansada das férias. Não há muita coisa para se fazer em Paris no verão. Quase todas as garotas estão fora.

– Talvez no próximo verão eu não esteja tão ocupada. Poderemos então viajar também.

– Seria ótimo – murmurou Janette. – Ah, sim, eu já ia me esquecendo de contar que Maurice voltou mais cedo para casa hoje. Estava à sua procura. Disse que era muito importante falar com você imediatamente.

– Está certo. Mandei Henri servir o jantar às oito e meia. Está bem assim para você?

– Por mim, está ótimo. – Janette fitou a mãe nos olhos. – Só nós duas? Ou

Maurice também vai jantar conosco?

– Só nós duas, se é assim que você prefere.

– Eu gostaria.

– Então seremos apenas nós duas. – Tanya encaminhou-se para a porta. – Eu a chamarei quando estiver na hora.

Ela foi até o outro lado do corredor e parou diante do quarto de Maurice. Bateu na porta fechada, ouviu a voz abafada dele no outro lado e entrou.

– Onde diabo andou a tarde inteira?

Tanya ignorou a pergunta.

– Queria me falar?

– De quem era o pau que você andou chupando esta tarde?

As palavras dele soavam engroladas.

– Se fiz isso, não é da sua conta. E seria o pau de alguém que não é absolutamente o seu tipo. Agora, você tem algo importante a me dizer ou não tem? E se não tem, vou tomar meu banho.

A voz dele soou furiosa.

– Não vai adivinhar quem me telefonou hoje.

Tanya compreendeu no mesmo instante. Antes que ele dissesse. Mas ficou calada.

– Johann Schwebel – disse Maurice bruscamente, observando o rosto dela, que permaneceu impassível. – Não está surpresa?

– Deveria ficar?

– Talvez eu tenha dito a palavra errada. Preocupada seria mas apropriado.

– Também não vejo motivo para ficar preocupada. Temos mantido os livros abertos honestamente. A parte de Wolfgang está intacta.

– Você é muito estúpida. E se eles quiserem se apoderar de tudo? O que acontecerá conosco?

– Ele disse isso?

– Não. Queria apenas marcar um encontro com nós dois. Mandei que ele ligasse amanhã, às 11 horas.

Tanya observou-o atentamente. O rosto dele estava vermelho da bebida e Tanya sabia que não tinha o hábito de beber tanto assim àquela hora do dia, a menos que estivesse transtornado.

– Você poderia ter ligado para ele e marcado o encontro.

– Johann disse que ficaria em movimento e seria mais fácil ligar para nós.

Tanya assentiu.

– É bem possível. Afinal, não sabemos que outros negócios ele veio tratar em Paris.

Johann devia ter um motivo para o que fizera. Saia do telefonema às 11

horas, mas assim mesmo pedira a ela que ligasse às nove horas. Tanya começou a sair do quarto, dizendo: – Seja como for, saberemos de tudo amanhã.

Maurice levantou-se.

– Eu estava esperando apenas para dar-lhe a notícia. Vou jantar fora. Vai usar o carro?

– Não. Pode levá-lo. Vou jantar com Janette esta noite.

***

Johann saiu do Georges Cinq e ficou esperando por um táxi. Paris nunca mudava. Nem mesmo em todos aqueles anos que haviam transcorrido desde a guerra. Como os próprios franceses. Era uma cidade egoísta, oportunista, exigente, egocêntrica. Parecia estar dizendo: “Olhe só para mim! Não sou linda? A mais linda do mundo?” E o problema todo era que se tratava de uma verdade. A verdade, quando se tinha o preço para pagá-la.

O porteiro abriu a porta do táxi, guardando no bolso a moeda de cinco francos e levando a mão ao quepe no mesmo movimento. Johann deu o endereço ao motorista, depois recostou-se, tirou uma pasta de papelão da sua maleta e abriu-a.

Lá dentro, havia relatórios sobre as companhias francesas fornecidos por seu banco. Ele olhou para a primeira folha.

Eau de la Vie Minérale S.A. Diretor-gerente: Marquês de la Beauville. Produto: água mineral engarrafada, vendida em garrafas de um litro, principalmente a pequenos hotéis e restaurantes, com poucos pontos de venda a varejo. A direção executa uma política não-competitiva, sem propaganda, dependendo do preço (30 a 40 fjor, cento menos que Evian, Vittel, etc.) para as vendas. Receita bruta estimada em três anos: 10 milhões de francos; líquida, 1,5 milhão. Estimativa do ativo imobilizado, incluindo propriedades, fábricas, equipamentos e estoque: 45 milhões de francos. Todas as contas pagas pontualmente, em prazos variando de 10 a 30 dias. Linha de crédito de 25 milhões de francos. Saldo médio de 40 milhões de francos.

Johann meteu o papel por baixo dos outros e começou a ler o segundo relatório: Domaine Marquis de la Beauvil e S.A. Diretor-gerente: Marquês de la Beauvil e. Produto: vinhos de qualidade média, champanhe e conhaque, vendidos por atacado a outros vinhedos e engarrafadores, em barris. Não há vendas a varejo ou marcas comerciais. Receita bruta estimada em três anos: 125 milhões de francos; receita líquida estimada: 25 milhões de francos.

Valor estimado de propriedades, fábricas, equipamentos e estoque: 400 milhões de francos.

Não há registro ou estimativa disponível de conta de lucros e perdas. Todas as contas pagas pontualmente, em prazos que variam de 10 a 30 dias. Linha de crédito de 200 milhões de francos. Saldo de 250 a 300 milhões de francos.

Parfum Tanya S.A. Diretor-gerente: Marquês de la Beauville. Produto: perfumes, colônias, essências, fragrâncias, vendidos por atacado a diversas companhias, para engarrafamento e incorporação a suas linhas de cosméticos, com seus próprios rótulos. Não há vendas a varejo ou marcas comerciais. Estimativa de propriedades, fábricas, equipamentos e estoque: 110 milhões de francos. Estimativa das vendas brutas: 100 milhões de francos; receita líquida: 45 milhões de francos. Não há registro ou estimativa disponível de contas de lucros e perdas. Todas as contas pagas pontualmente, em prazos que variam de 10 a 30 dias. Linha de crédito de 100 milhões de francos. Saldo médio de 350 a 400 milhões de francos.

Johann fechou a pasta e olhou pensativo pela janela para o tráfego que passava. Sob muitos aspectos, nenhuma das companhias era operada ao estilo tipicamente francês. Por um lado, nenhuma companhia francesa, grande ou pequena, jamais pagava suas contas no prazo. E nenhuma companhia francesa mantinha um saldo bancário tão acima de suas necessidades anuais. Só podia ser Tanya. Maurice jamais faria aquilo. Johann fez alguns cálculos mentais rápidos. Claro que era por causa de Tanya. O dinheiro estava no banco porque ela o guardava para Von Brenner. Naquele saldo, estavam os 50 por cento de participação nos lucros de Von Brenner.

O táxi parou junto ao meio-fio e ele desembarcou. Olhou para o relógio. Faltavam cinco minutos para as nove horas. Pagou ao motorista e subiu apressadamente para o escritório do advogado. Seu pressentimento estava certo. Sentia-se contente por ter pedido que Tanya lhe telefonasse. Tinha a impressão de que seria importante conversar com ela antes do encontro com Maurice.

Ele abriu a porta em resposta a uma batida discreta e depois deu um passo para o lado, a fim de deixá-la entrar na sala de sua suíte no hotel. Fechou a porta lentamente e virou-se para fitá-la. Ficaram se olhando em silêncio por um longo momento. Depois, ele limpou a garganta.

– Velhos amigos não devem se encontrar em restaurantes ou escritórios de advogados.

Ela assentiu, sem dizer nada. Johann podia ver as lágrimas aflorando aos olhos dela e sentiu

um aperto na garganta. Estendeu a mão. Tanya ignorou-a. Sua voz estava rouca: – Velhos amigos não se limitam a um aperto de mão.

Ele abriu os braços e Tanya foi ao seu encontro. Johann beijou-a no rosto e sentiu o gosto salgado das lágrimas. Encostou a cabeça no peito dele,

murmurando: – Oh, Johann querido... meu bom e querido amigo... Ele levantou o queixo dela para fitá-la nos olhos.

– Anna ... – Johann hesitou por um instante. – Tanya...

– Tanya.

Ela sorriu.

– Estou contente em vê-la – disse ele, sacudindo a cabeça.

– Faz tanto tempo... Dez anos e nenhuma notícia. Pensei que manteríamos contato muito antes.

Johann fitou-a estranhamente desconcertado. Não podia compreender por que ela pensara isso.

– Deixe-me servir-lhe um drinque, Tanya.

Ela acompanhou-o até o sofá e sentou-se.

– Não quero nada, obrigada.

– Vou pedir um café.

Johann apertou a campainha do serviço dos quartos. Alguns minutos depois, com uma xícara de café nas mãos, ele acenou com a cabeça, uma expressão satisfeita.

– E agora fale-me de Janette. Ela deve estar agora uma moça bastante crescida.

Tanya sorriu.

– Janette está com 16 anos. E partiu esta manhã para a escola na Suíça.

– Lamento não tê-la encontrado. Gostaria de vê-la. Se ela saiu à mãe, deve estar linda.

– E está mesmo, só que com a sua própria beleza e não com a minha.

– Deve estar querendo saber por que estou aqui, não é mesmo?

– Apenas por que demorou tanto tempo. Vai encontrar todos os livros em ordem. E o dinheiro numa conta separada.

– Para quê? Não deve qualquer dinheiro ao Von Brenner Gesel schaft. – Foi então que o pensamento ocorreu a Johann. E fitou-a aturdido com a súbita compreensão. – Wolfgang ... – A voz lhe falhou e não pôde continuar.

– Isso mesmo. – Tanya sorriu. – Guardei metade dos lucros numa conta separada para Wolfgang, exatamente como prometi.

A voz dele estava estranhamente tensa e angustiada: – Então não sabia?

– Não sabia o quê?

Algo na expressão dos olhos de Johann provocou um calafrio no coração de Tanya. E foi então que ela compreendeu. Levou as mãos cerradas à boca para não gritar: – Wolfgang está morto! Quando aconteceu?

Johann largou a xícara de café com as mãos trêmulas.

– Há dez anos. Pensei que já soubesse.

– Não, não sabia. – Ela fez um tremendo esforço para se controlar.

– Como aconteceu?

– Ele foi morto pelos russos, quando foram prendê-lo. Sempre disse que não se deixaria capturar vivo e ser julgado como criminoso de guerra. Nunca foi um membro do Partido Nazista.

– Ele deveria estar seguro no setor francês. Como foi que os russos o pegaram?

– Ninguém sabe direito. Ao que parece, ele foi a um encontro no setor russo.

Tanya ficou em silêncio por algum tempo.

– Maurice sabia. E sabia o tempo todo.

– Não posso dizê-lo.

Tanya fitou-o nos olhos.

– Pois eu tenho certeza. Ele sabia que eu não continuaria casada se descobrisse que Wolfgang estava morto.

– E agora?

– Está tudo acabado. Vou divorciar-me.

– E as companhias? Não foram incluídas no espólio de Beauvile?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não. Mantive-as em meu nome. Tive o pressentimento de que se algum dia as transferisse,

Wolfgang seria o primeiro a ser roubado.

– Foi muita sorte. – Johann sorriu subitamente. – É uma mulher rica agora. Tudo lhe pertence.

Não deve nada a ninguém. E acho que era isso o que Wolfgang realmente queria.

– Tem razão.

Tanya lembrou-se dos luíses de ouro no banco suíço. Mesmo depois de terem vivido juntos na Suíça, Wolfgang nunca lhe pedira que os entregasse. Ou sequer que pusesse seu nome nos registros do banco. Queria que ela ficasse com tudo desde o início. Ela sentiu uma umidade nos olhos.

– Pobre Wolfgang...

– Você está bem? – perguntou Johann ansiosamente.

Ela levantou a cabeça.

– Estou bem agora.

Não era de admirar que Maurice ficasse tão transtornado com o telefonema de Johann. Era como se tivesse chegado dia do ajuste de contas.

– Ia me dizer por que queria me falar.

Johann assentiu.

– Conheço uma companhia que está interessada em comprar o vinhedo por

muito dinheiro.

Eles querem transformar a sua empresa numa organização de vendas a varejo.

– Acha que devo vender?

– Claro que a decisão é sua. Mas eu não venderia.

– O que faria então?

– A mesma coisa que eles planejam fazer. E ganharia dez vezes mais dinheiro do que a companhia está proporcionando neste momento.

– Mas preferimos deliberadamente permanecer longe da atenção pública. Achamos que seria melhor atrairmos o mínimo de atenção.

– Isso foi há dez anos. Mas agora ninguém mais se importa.

Tanya tornou a fitá-lo nos olhos.

– Estou grávida. Terei outro filho em março.

A surpresa transpareceu na voz de Johann: – Então não pode se divorciar antes da criança nascer.

A voz de Tanya soou firme e incisiva: – Vou me divorciar agora. Não deixarei que um filho meu tenha o nome dele. Depois do divórcio, vou para o América ter o filho. O pai é americano.

– Vai casar com ele?

– Isso não tem importância. Mas não poderei dirigir os negócios pessoalmente. Ainda preciso de um homem aqui.

Ele ficou calado.

– Não quer aceitar, Johann? É o que sempre fez para Wolfgang. E não seria apenas um emprego. Você seria sócio.

– Não sei... – murmurou ele, em dúvida. – Posso não ser o homem certo. Sou basicamente um contador. Você precisa de alguém que seja mais do que isso.

– Podemos contratar qualquer outra pessoa que for necessária. Mas não se pode comprar confiança. Isso só vem com o tempo.

***

– Não! – A voz de Maurice estava estridente. Ele se encontrava à beira da histeria. – Não vou lhe conceder o divórcio! Trabalhei tanto quanto você para desenvolver as companhias. E não posso admitir que me expulse agora sumariamente, só porque sabe que pode ficar com tudo!

– Você me enoja – disse Tanya, a voz impregnada de desprezo. Ela levantou-se. – Com ou sem divórcio, você está fora das companhias.

Maurice fitou-a atentamente de trás da escrivaninha. E acrescentou, a voz

mais controlada agora: – Não será tão fácil quanto está pensando. Pelas leis francesas, os bens de uma esposa ficam automaticamente sob o controle do marido. Vamos brigar nos tribunais por 20 anos. E quando acabar, as companhias não valerão mais nada.

– As companhias que se danem. Não preciso delas.

– Leva um estilo de vida a que já se acostumou. Não poderá mais sustentá-lo. E também já não é mais jovem. Há mulheres mais moças e viçosas por aí. Ainda poderá encontrar um homem para trepar com você, mas não descobrirá um homem para sustentá-la. Assim, Tanya, você estará liquidada...

Ela fitou-o desdenhosamente.

– Diga logo o que está querendo.

– Devemos tratar do problema racionalmente, calmamente. Como dois adultos sensatos, sem perdermos o controle e nos destruirmos mutuamente no processo.

– E qual é a sua idéia de uma solução racional?

Maurice respirou fundo.

– Em primeiro lugar, nada de divórcio. Continuamos casados. Não há nada de errado nisso. É conveniente para ambos. Somente o dinheiro não vai mantê-la no mundo em que vive agora, se renunciar ao título. Tanya, Marquesa de la Beauville, é muito mais importante do que Tanya Pojarska, mesmo que se decida a usar o título de seu antigo marido, que no momento está sendo usado pelo menos por outras três pessoas. Os títulos poloneses não valem coisa alguma em Paris atualmente e podem ser comprados às dúzias. Acha que a escola na Suíça aceitaria Janette se não fosse pelo nome Beauville?

Ela ficou calada. Maurice insistiu: – Você estava disposta a me dar 25 por cento do valor líquido de todas as companhias em dinheiro. Isso deve dar entre cem e 125 milhões de francos.

Em vez do dinheiro, você me transfere uma das companhias, ficando com as outras duas.

Assim, nossos direitos de propriedade ficarão definidos e incontestáveis. E para mostrar que não sou ganancioso, aceitarei a menor das companhias. A de água mineral. O patrimônio líquido é muito menor do que o dinheiro que me daria.

Tanya perguntou, cética: – O que o faz tão generoso?

– Não sou generoso, mas apenas prático. Preciso de alguma coisa para trabalhar e salvar as aparências. E posso viver confortavelmente com os lucros da companhia. Depois disso, nos separamos. Você segue o seu caminho e eu o meu. E tudo se torna o que sempre foi, um casamento de conveniência.

– Deixe-me pensar na proposta.

– O que há para pensar? – Maurice estava agora mais confiante. – Está zangada neste momento. Por muitas coisas. Wolfgang. O fato de ter ficado estupidamente grávida.

A surpresá transpareceu na voz dela.

– Como sabe disso?

– Não há segredos mais velhos que 24 horas em Paris. Está furiosa e descarregando na única pessoa que lhe é disponível. Eu. O que não percebe é que está também prejudicando os seus próprios filhos no processo. Janette e o bebê que ainda não nasceu.

Ela ficou novamente calada. Maurice levantou-se.

– Não seria mais sensato, Tanya, que o seu filho nascesse um de la Beauville ao invés de um bastardo sem pai?

Ela continuou em silêncio. Maurice conseguiu exibir um débil sorriso e deu de ombros, num gesto tipicamente francês.

***

Pela primeira vez desde que Janette fora para a escola na Suíça, a mãe não estava na estação ferroviária para recebê-la quando voltou a Paris. René, o motorista, estava à sua espera na plataforma, a gola do casaco levantada para se proteger do frio dos feriados de Natal.

– Onde está mamãe? – perguntou Janette, no instante mesmo em que desceu do trem.

O motorista estendeu a mão para a valise dela.

– Ela não está passando bem, Mademoiselle Janette. Está à sua espera em casa.

– O que há com mamãe? – indagou ela, pondo-se a acompanhá-lo.

René lançou-lhe um olhar curioso, dizendo evasivamente: – Não é nada sério.

Ela seguiu-o pela estação até o lugar em que estava parado o Rolls-Royce, num local de estacionamento proibido, confiante de que nenhum mero e mortal gendarme se atreveria a profaná-lo com uma multa. Ele abriu a porta para Janette. Ela entrou e René pôs a valise no banco da frente, ao seu lado.

Era a hora do rush e as ruas estavam apinhadas de pessoas saindo do trabalho, o tráfego retido em cada esquina, como sempre. René olhou pelo espelho retrovisor e observou-a inclinada para frente no banco, contemplando as vitrinas por que passavam.

– O movimento de compras de Natal está muito intenso – comentou René.

– Está mesmo.

– O serviço de meteorologia diz que podemos ter neve.

– Está nevando na Suíça desde a última semana de outubro.

– Andou esquiando por lá?

– Claro. Não há muito mais para se fazer.

René esgotou o seu repertório de conversa e permaneceram em silêncio até que o carro parou diante da casa. Antes que ele tivesse tempo de abrir-lhe a porta, Janette já tinha saltado e subia os degraus, apertando a campainha. Henri abriu a porta e ela passou rapidamente por ele, com um “Bon jour”, subindo a escada. Parou diante da porta fechada e bateu.

A voz da mãe respondeu: – Entrez.

Ela abriu a porta e entrou correndo no quarto: – Maman!

Estacou abruptamente, a boca se entreabrindo de espanto. Tanya percebeu a expressão no rosto dela e tentou mostrar-se jovial: – Ainda não estou tão grande assim. Apenas seis meses.

Havia um tom chocado na voz de Janette: – Mas nunca me disse nada!

– O que havia para dizer? Essas coisas acontecem.

A voz de Janette tornou-se de repente furiosa: – Não sou uma criança. Podia ter-me contado.

Tanya ficou calada, surpresa com a ira de Janette. A filha observou-a atentamente.

– Ele estuprou-a. Foi por isso que não me contou. Estava envergonhada.

– Não, Janette, não foi assim.

Um tom de repulsa insinuou-se na voz de Janette: – Está querendo dizer que o deixou fazer?

Tanya ficou calada. Pela primeira vez, não sabia realmente o que dizer à filha. Finalmente recuperou a voz: – Talvez seja melhor você ir para o seu quarto e tomar um banho relaxante.

Conversaremos depois.

Os lábios de Janette se contraíram.

– Disseme uma vez que não queria mais ter filhos.

A voz de Tanya tornou-se firme: – Faça o que estou mandando, Janette. Vá para o seu quarto. Conversaremos depois que você se acalmar.

Janette virou-se e encaminhou-se para o corredor que ligava os dois quartos. Tanya deteve-a.

– Aí não. A suíte de Maurice foi redecorada para você.

– E quem está no meu quarto? – perguntou Janette, furiosa. – Maurice?

– Não. Ele não vive mais conosco. O quarto está sendo arrumado para o bebê.

Janette fitou-a, as lágrimas aflorando-lhe aos olhos.

– Feliz Natal, mamãe! – gritou ela, amargamente, virando-se e saindo correndo do quarto, a chorar.

Tanya ficou olhando para a porta fechada. Podia ouvir os passos de Janette pelo corredor.

Por um momento, ainda pensou em segui-la, mas depois arriou, exausta, numa cadeira. Janette iria superar a crise. Conversariam mais tarde, quando ela estivesse mais calma. Tanya lhe explicaria então o que acontecera.

Mas Tanya estava enganada. Janette não estava esperando por uma explicação. Em vez de ir para o seu quarto, ela saiu correndo de casa, pegou um táxi até a estação e seguiu no trem noturno de volta à escola em Lugano.

***

– Serão necessários dois anos – disse Johann. – É impossível no próximo ano. Toda a nossa produção já está comprometida com os clientes regulares.

Tanya olhou para o relatório à sua frente e assentiu.

– Talvez seja melhor assim. Isso nos dará mais tempo para trabalhar a marca e divulgá-la.

– Tenho várias possibilidades interessantes. Há duas fábricas de engarrafamento que estão à venda neste momento. Creio que poderemos comprá-las por um ótimo preço.

– Pois então trate de comprá-las. E depois me informe.

– Outra coisa. Acho que devemos esquecer o mercado interno. Teríamos de lutar com as marcas tradicionais e você sabe como são os franceses. São esnobes e tradicionais, não gostam de mudar. Meu palpite é que devemos nos concentrar na América. O mercado de vinho ali está começando a se abrir e podemos competir com o preço médio. Um rótulo francês proporciona um status imediato.

– Tem razão.

– Há diversos grandes distribuidores americanos que já estão interessados. Schieffelin, Bronfman e até mesmo Twenty-One Brands. Estão falando em dinheiro alto e grandes promoções. Acho que podemos até arrancar um bom adiantamento deles, a fim de financiar a aquisição da fábrica de engarrafamento.

– Não precisamos do dinheiro deles.

– Tem razão. Mas é sempre melhor trabalhar com o capital dos outros. Além do mais isso liberaria uma parcela maior do nosso próprio dinheiro para adquirirmos uma maison de couture e também operá-la. Não conheço nenhuma que dê lucros. Todas dão prejuízos, até mesmo Chanel.

– Mas ela compensa tudo no perfume. E ganha muito mais. Sabemos disso. Afinal, nem mesmo conseguimos fornecer-lhe todas as essências de que precisa. Mais cedo ou mais tarde, todos os couturiers entrarão no negócio. E quero chegar na frente.

– Estou preocupado com isso. Prejuízos operacionais numa dessas casas podem se converter num desastre. E todo mundo com quem falei quer um braço e uma perna a troco de nada, oferecendo apenas o nome.

– Estou pensando numa companhia com a qual poderemos chegar a um preço justo. Shiki.

Os olhos de Johann se arregalaram.

– O japonês? Os desfiles dele foram o maior sucesso da última temporada. Vogue e L 'Officiel praticamente só falaram dele. Até mesmo os jornais disseram que é a grande sensação do momento.

Tanya riu.

– Isso é coisa da imprensa. Os trajes dele são espalhafatosos e os jornalistas adoram. Mas não há a menor possibilidade de alguém usar as roupas. Não são nada práticas e não estão vendendo. Jacques Charelle diz que ele está com a bunda de fora e enterrado em dívidas até as orelhas.

– Se é esse o caso, por que o está querendo?

Tanya sorriu.

– Pelo nome. Se ele tiver a oportunidade, podemos encontrar um meio de fazê-lo trabalhar proveitosamente. Basta contê-lo um pouco. E não se esqueça de onde está o dinheiro. Coco Chanel não esquece. No perfume. Se conseguirmos chegar a 25 por cento do Chanel Número Nove, estaremos nadando em dinheiro. E, depois disso, quem sabe onde poderemos chegar?

Talvez até toda uma linha de cosméticos.

Ela respirou fundo.

– É muita estupidez ser uma mulher. Há tanto o que fazer e aqui estou eu, grávida.

Johann acenou com a cabeça num gesto de simpatia.

– Só faltam dois meses agora.

– Parece uma eternidade.

– Vai passar depressa.

Tanya ficou calada, pensando. Tornou a respirar fundo e murmurou: – Estou preocupada.

– Não há motivo para se preocupar. Você está muito bem.

– Nunca se sabe... Já não sou mais jovem, como era quando Janette nasceu. Pode haver problemas.

Foi a vez de Johann ficar calado.

– Nunca fiz um testamento. Se alguma coisa sair errada, o que acontece com Janette? Ou com o bebê? Ainda sou casada com Maurice. Ele pode se apropriar de tudo.

– Pelas leis francesas, os filhos possuem direitos de herança específicos.

– Mas eles precisariam de um tutor até alcançarem a maioridade. E Maurice adotou Janette

e será legalmente o pai do bebê. Assim, vai controlar automaticamente não apenas a sua parte, mas também a parte deles.

Johann ficou calado e ela acrescentou: – Você é o único em quem posso confiar para proteger as crianças. Estaria disposto a ser meu executor testamentário se eu morrer?

– Claro. Mas ambos sabemos que nada vai lhe acontecer.

– Há muita coisa em jogo e não quero correr riscos. Combine com o advogado para vir aqui amanhã. Quero deixar tudo em ordem.

– Pode deixar que cuidarei disso. – Johann fitou-a atentamente. – Tem uma outra coisa que ainda não estou entendendo. O que aconteceu com a sua idéia de pagar aquele rapaz da Christian Dior e iniciar uma nova casa com ele?

– Está se referindo a Yves St. Laurent?

– Esse mesmo.

– Desisti da idéia por dois motivos. Primeiro, Dior e Boussac não vão deixá-lo sair. Segundo, ele ainda não firmou sua reputação e talvez tivéssemos de gastar uma fortuna para torná-lo tão famoso quanto precisamos. Conversei com Jacques a respeito. Apesar do talento do rapaz, nada acontecerá até que Dior o deixe sair de sua sombra. Bom ou mau, pelos menos o nome de Shiki está na boca de todos.

– Está certo – disse ele, ainda em dúvida. – Espero que você saiba o que está fazendo.

Tanya sorriu.

– Também espero. Passei anos cultivando Charelle e aprendendo com ele. Charel e pode ser um ganancioso, mas temporada após temporada tem acertado nos vencedores.

– O que ele vai ganhar em tudo isso?

– Será o Diretor de Relação Públicas. Com cinco vezes mais dinheiro do que ganha e consegue roubar da agência noticiosa para a qual trabalha.

Johann não pôde deixar de rir.

– Você pensou em tudo.

– Foi bem fácil. – Uma expressão preocupada estampou-se no rosto de Tanya. – Eu gostaria que fosse igualmente fácil compreender Janette.

– Ainda não falou com ela?

Tanya sacudiu a cabeça.

– Ela nem sequer atendeu a meus telefonemas.

– Tenho certeza de que o problema será superado assim que o bebê nascer.

– Não sei, não... – murmurou Tanya, pensativa. – Janette é uma garota estranha. Há alguma coisa diferente na maneira como ela se comporta. Tenho a impressão de que não a conheço absolutamente.

***

O pequeno japonês estava ao mesmo tempo drogado e embriagado. Tinha um copo de vinho numa das mãos e um cigarro de haxixe na outra.

– Schiaparelli, Balmain, Maggy Rouff, todos estão nessa. Ainda fazem vestidos de baile para as matronas de ontem, que estão ficando velhas demais para sequer usarem mortalhas. Até mesmo Dior sabe disso e reconhece que foi Yves quem criou mais da metade de sua última coleção. As mulheres de hoje querem mais excitamento em suas roupas. Há todo um mundo novo surgindo e elas querem estar na vanguarda.

O anfitrião, Juan Delgado, usava um vestido comprido de Schiaparel i que se arrastava pelo chão por trás dele.

– E devo presumir que será você quem vai levá-las a essa vanguarda? – perguntou ele, sarcasticamente.

– Claro que sim! – respondeu Shiki.

– Vai porra nenhuma! Não tem dinheiro nem para pagar a passagem do metrô!

– Isso é o que você pensa! – disse Shiki, com um ar de superioridade. – Assinei esta manhã os documentos que me tornarão independente pelo resto da vida.

– Essa não!

– Vou provar. – Shiki correu os olhos pela sala, avistou Maurice e Jerry Johnson parados perto

do bar. – Venha comigo.

Juan seguiu-o através da sala. Shiki parou diante de Maurice.

– Juanita não acredita que fizemos um negócio. Conte-lhe tudo.

Maurice ficou aturdido.

– Que negócio?

Delgado riu.

– Eu sabia que você estava cheio de merda. Ele nem sabe do que você está falando. Nem sabe mais o que está pensando, de tão alto que ficou.

– Nunca fico tão alto assim.

Shiki empertigou-se em sua dignidade, tanto quanto lhe permitia o seu metro e meio. Virou-se novamente para Maurice.

– Assinei os documentos esta manhã, com o seu homem, Schwebel. É com uma de suas companhias, Tanya Parfums ou algo assim.

– É uma das companhias da minha mulher – disse Maurice. – Não tenho nada a ver com isso.

É tudo por conta dela.

Ele fez uma pausa, fitando Shiki com uma expressão de curiosidade.

– Disse que Schwebel assinou os documentos? Onde estava Tanya?

Foi a vez de Shiki ficar surpreso.

– Pensei que sabia. Ela internou-se na clínica ontem à noite para ter seu filho.

– Ontem à noite? – Maurice estava incrédulo. – Mas a criança só deveria nascer daqui a duas semanas!

Delgado não podia se conter mais. Virou-se para a sala, anunciando em voz alta: – Nosso bom amigo, o marquês, está prestes a ter um filho! E a mulher nem se deu ao trabalho de informá-lo!

Ele fez uma breve pausa, antes de acrescentar: – Mas por que ela deveria fazê-lo? Nunca se deu ao trabalho de dizer-lhe que estava fazendo um filho quando saía para trepar com aquele americano!

– Seu filho da puta! – gritou Maurice, furioso. – Por que não se limita a chupar meu pau?

Juan caiu de joelhos diante dele. Elevou as mãos unidas à sua frente, num arremedo de oração.

– Obrigado, meu Deus! – disse ele, revirando os olhos para cima. – Fez com que meus sonhos se convertessem em realidade.

Maurice empurrou-o e ele caiu de costas no chão, rindo às gargalhadas. Seguido por Jerry, Maurice deixou a festa, furioso.

Eram duas horas da madrugada quando eles saltaram do carro diante da pequena clínica particular. Atravessaram a calçada deserta e apertaram a campainha de atendimento noturno. Maurice tentou abrir a porta. Estava trancada. Pôs o dedo outra vez na campainha e não tirou mais.

Poucos momentos depois, um porteiro sonolento abriu a porta, protestando: – Monsieur, Monsieur... Tenha paciência. Há pessoas doentes aqui dentro.

Ele olhou ao redor, por trás deles, perguntando em seguida: – Onde ela está?

– Ela? – indagou Maurice. – Ela quem?

– A paciente. Isto é uma maternidade. Só os pais que estão esperando um filho é que tocam a campainha desse jeito.

– Minha mulher já está aqui – disse Maurice rispidamente. – Quero vê-la.

O porteiro começou a fechar a porta.

– É impossível, Monsieur. O horário de visitas termina às 10 horas. Volte pela manhã.

Maurice enfiou o pé na abertura da porta, impedindo que fosse fechada.

– Quero vê-la agora. De qualquer maneira. Sou o Marquês de la Beauville.

– Não poderia entrar mesmo que fosse Charles De Gaulle. Volte de manhã.

Uma nota apareceu na mão de Maurice e ele murmurou, insinuantemente: – Se quisesse ter a gentileza de falar com a enfermeira-chefe, eu ficaria agradecido.

A nota desapareceu no bolso do porteiro tão depressa quando havia aparecido.

– Se Monsieur quiser ter a bondade de esperar, voltarei dentro de um momento.

A porta foi fechada. Maurice e Jerry ficaram parados ali.

– Talvez devêssemos voltar pela manhã – sugeriu Jerry.

– Não, precisamos vê-la esta noite.

A voz de Maurice era tensa. A porta abriu-se novamente. Desta vez, ao lado do porteiro, havia uma enfermeira de cabelos grisalhos, o uniforme impecavelmente engomado.

– Lamento muito, Monsieur, mas nossos regulamentos...

Maurice interrompeu-a: – Conheço os regulamentos, Irmã. Mas, por favor, tenha misericórdia de um pobre homem que acaba de chegar a Paris neste momento e anseia desesperadamente em ver a mulher e o filho.

A segunda nota na mão de Maurice desapareceu no bolso do uniforme engomado.

– Está bem, Monsieur – disse ela, deixando-o entrar. – Mas não podemos fazer qualquer barulho.

Maurice e Jerry seguiram-na pelo corredor comprido, recendendo a hospital. Ela parou diante de uma porta e virou-se para os dois.

– Madame la Marquis e teve um parto muito difícil. Tivemos de lhe dar sedativos, e ela está dormindo agora. Pode olhá-la da porta, mas não entre no quarto, por favor.

Maurice assentiu. A enfermeira abriu a porta. Uma lâmpada fraca brilhava no quarto. Tanya estava estendida na cama, de olhos fechados. Mesmo com tão pouca claridade, Maurice pôde perceber que o rosto dela estava pálido e contraído. Ele recuou, virando-se para a enfermeira.

– E o bebê?

A enfermeira fechou a porta suavemente.

– Acompanhe-me, por favor, Monsieur.

Seguiram até a extremidade do corredor e viraram à direita. Pararam diante de um painel de vidro grande. No outro lado, havia sete ou oito berços pequenos, sobre rodas, um bebê em cada.

Maurice olhou para a enfermeira.

– Qual deles é o meu?

– Espere um instante, Monsieur. Vou entrar no berçário e pegá-la para que possa vê-la.

– Vê-la? – O tom de Maurice era de incredulidade. – Quer dizer que é uma menina?

A enfermeira sorriu.

– Isso mesmo, Monsieur, a menina mais linda que já viu. Cabelos dourados, de cor do sol, os olhos mais azuis que podem existir, faiscando como águas-marinhas. E vão ser azuis por toda a vida. Espere um momento que já vou mostrá-la.

Ela afastou-se para entrar no berçário. Mas quando se aproximou do painel, com a criança nos braços, eles já tinham ido embora.

Maurice guiava a toda velocidade pelas ruas desertas.

– Mas que filha da puta! – murmurou ele, furioso. – Nem pôde fazer a coisa direito!

– Acalme-se ou vai acabar matando a nós dois – advertiu Jerry.

– O mínimo que ela podia fazer era ter um filho homem. – Maurice estava incapaz de se controlar. – Alguém para herdar o meu nome! Mas só conseguiu fazer outra puta! E loura e de olhos azuis ainda por cima! Paris inteira vai cair na gargalhada. Nunca houve uma pessoa loura de olhos azuis em 700 anos da história da minha família.

– E que diferença isso faz? – perguntou Jerry. – Todo mundo sabe que ela não é mesmo sua filha.

– Isso torna a coisa ainda pior. Todos sabem que só fiquei com ela para conseguir um filho.

Ele atravessou a ponte pequena sobre o Sena para a Il Saint-Louis e seguiu pelas ruas estreitas, indo parar diante do prédio em que moravam. Saltou do carro e bateu a porta, violentamente.

– Filha da puta! – gritou novamente. – Mas ela vai pagar por isso! Vai ver só!

***

O Dr. Pierre entrou no quarto. Parou ao lado da cama e fitou-a, sorrindo.

– Como está se sentindo?

– Cansada.

Ele deu de ombros.

– Isso é normal. – O médico verificou rapidamente o pulso e a pressão, auscultou-lhe o peito.

– Você está bem.

– E minha filha?

– É perfeita. Não se podia pedir mais. Amamentou-a esta manhã?

– Amamentei.

– Ótimo. Vamos dar-lhe uma mamadeira no almoço. Continuará a amamentá-la a intervalos por mais uns poucos dias. Mas assim que ela se ajustar à mamadeira, vamos tirar o seio completamente.

– Quanto tempo isso vai demorar?

– Três ou quatro dias.

– Não quero que meus seios fiquem grandes demais.

– Não se preocupe com isso. Vou aplicar-lhe algumas injeções para deter a lactação e fazer seus seios voltarem ao normal rapidamente.

– Quanto tempo terei de ficar aqui?

– Em torno de uma semana. E depois poderá voltar para casa.

– Tenho muito o que fazer.

– Terá de esperar. Sua saúde é mais importante. Mas pode começar a andar um pouco esta tarde. Só que não deve exagerar. – Ele fechou a maleta de médico. – Voltarei a vê-la esta noite, antes de você dormir.

– Obrigada, Doutor Pierre.

A enfermeira-chefe da noite entrou no quarto no momento em que ele se retirava.

– Bon jour, Madame la Marquis e – disse ela, sorrindo.

– Bon jour, Soeur.

– Vim apenas ver como está.

– Estou bem, obrigada.

– Por falar nisso, alguém lhe disse que seu marido esteve aqui?

Tanya ficou surpresa.

– Não, ninguém me falou. Quando foi?

– Há duas noites. Ele apareceu por volta das duas horas da madrugada. Não lhe contei ontem porque estava de folga.

– Ele viu a menina?

– Não. Foi uma coisa esquisita. Fui pegar a menina para mostrar, mas quando voltei ele já tinha ido embora.

Tanya ficou calada.

– Mas não se preocupe – acrescentou a enfermeira, de um jeito que julgava

reconfortante. – Já vi isso acontecer com muitos maridos. Os franceses ficam sempre transtornados quando têm uma menina ao invés de um garoto. Mas pode estar certa de que ele vai superar isso.

Tanya forçou um sorriso, acenando com a cabeça. A enfermeira olhou para o relógio.

– Tenho de ir agora para dormir um pouco. Voltarei a vê-la esta noite.

– Obrigada, Soeur.

A porta tornou a ser fechada. Tanya correu os olhos pelo quarto. As flores na cômoda eram de Johann. Outro vaso continha as rosas enviadas por Jacques. Então Maurice estivera ali... Era estranho que não houvesse recebido qualquer palavra dele. Mas também não esperava que Maurice lhe mandasse flores. Houve outra batida na porta.

– Entrez.

Johann entrou no quarto, acompanhado por Jacques. Os dois traziam mais flores. Sorriram ao se aproximarem da cama.

– Você está maravilhosa – comentou Jacques.

– Vocês são dois aduladores. – Ela riu. – O que os traz até aqui tão cedo?

– Temos dois problemas – disse Johann. – Precisamos de sua decisão antes de podermos fazer qualquer coisa.

– Bien. Qual é o primeiro?

Foi Jacques quem falou: – Temos de fazer um comunicado público sobre a nossa transação com Shiki. Ele está querendo que seja imediata. Prefiro esperar pelo menos um mês, por vários motivos. Primeiro, porque você estará em forma para aparecer ao lado dele na entrevista coletiva. Acho que é muito importante definir imediatamente a sua presença na operação.

Segundo, porque assim ficaremos mais próximos dos desfiles de outono, o que trará o maior interesse e publicidade para se determinar o que vamos fazer exatamente.

A voz de Tanya era categórica: – Concordo plenamente com você. Diga a Shiki que faremos o comunicado mais tarde. Qual é o segundo problema?

Os dois se entreolharam por um instante e depois Johann falou: – Maurice outra vez. Jacques contou-me que ele está desfilando por toda Paris a proclamar que está entrando na justiça com um pedido de divórcio, sob alegação de adultério.

Tanya olhou para Jacques, que acenou com a cabeça.

– Foi o que ouvi. Não apenas uma vez, mas várias.

Ela pensou por um instante.

– Acho que isso não tem a menor importância. Afinal, no início eu queria o divórcio. Se Maurice entrar com uma ação judicial, muito bem.

– A coisa pode se complicar – disse Johann. – Ele está também alegando que você adulterou fraudulentamente os bens das companhias a fim de fazê-lo aceitar a de água mineral.

– Conversou com os advogados?

Johann assentiu.

– Maurice não pode conseguir nada, mas é capaz de criar problemas... do ponto de vista de relações públicas.

Tanya virou-se para Jacques.

– Acha que pode controlar isso?

– Não será possível evitar que os jornais noticiem. Mas acho que posso garantir-lhe espaço suficiente para rebater as histórias dele. Afinal, Maurice não é exatamente uma bicha discreta.

Se lhe dissermos que pretendemos fazer uma porção de revelações, talvez ele mude de idéia em relação a um escândalo.

Tanya assentiu.

– Está certo. Dê um jeito para que ele seja informado de que faremos isso. Peça também a meus advogados para prepararem uma petição para o processo de divórcio, acusando-o de pederastia. Deve estar pronta para ser apresentada no instante mesmo em que ele entrar com uma ação contra mim.

Johann fitou-a atentamente.

– Não precisa fazer isso. Já tem o suficiente.

– Não podemos evitar. É um dos fatos da vida.

– Talvez tenha razão... Já conseguiu falar com Janette?

Ela sacudiu a cabeça.

– Ela continua não atendendo aos meus telefonemas. Pedi à sua amiga Marie-Thérese que a informasse que ganhou uma irmã.

– Já escolheu o nome que vai dar à menina?

– Já, sim. Vou chamá-la de... Lauren.

– Lauren? É um nome estranho.

– Era o nome de minha avó. A mãe de meu pai. Ela era americana e sempre adorei o seu nome. Quando era pequena, costumava fingir que era o meu.

***

Marie-Thérese entrou no quarto que elas partilhavam: – A diretora quer falar com você.

Janette levantou os olhos-do livro.

– O que ela quer?

– Não me disse. Falou apenas para que você fosse procurá-la imediatamente.

Janette fechou o livro e largou-o.

– Vou ver o que aquela velha metida está querendo e voltarei num instante.

Janette bateu na porta do gabinete e entrou. A diretora estava sentada atrás de sua mesa.

Um homem, de costas para a porta, estava sentado diante dela. Quando a porta se abriu, ele levantou-se, virando-se para Janette.

– Bonjour, Janette – disse Maurice.

Janette fitou-o aturdida por um momento, depois fez uma mesura, como exigia o protocolo da escola.

– Bon jour, papai.

A diretora sorriu. Estava nervosa, como sempre acontecia quando os pais estavam presentes.

– Seu pai veio buscá-la para ir a Paris, a fim de ver sua mãe e sua nova irmãzinha. Não é maravilhoso?

Janette olhou de um para outro.

– Não posso ir. Tenho muito que estudar.

– Mas sua mãe quer vê-la – disse Maurice. – Ela ainda está na clínica.

– Mas eu não quero vê-la – disse Janette, num tom de desafio.

– Isso não é maneira de falar com seu pai! – interveio a diretora, rispidamente.

– Eu não vou – insistiu Janette, obstinadamente.

A mão de Maurice moveu-se rapidamente, a bofetada atingindo-a em cheio fazendo o rosto arder no mesmo instante. Janette fitou-o nos olhos por um momento, depois olhou para o chão. Sentiu o calor insinuar-se por seu rosto e depois espalhar-se pelo corpo. Ficou absolutamente imóvel.

– Suba agora, ponha algumas roupas numa valise e esteja de volta dentro de dez minutos – disse Maurice, firmemente.

Janette não levantou a cabeça, mantendo os olhos ainda abaixados.

– Está bem – murmurou ela, virando-se em seguida e saindo da sala.

Maurice tornou a virar-se para a diretora, sorrindo contrafeito.

– Lamento a cena, Madame, mas as crianças de hoje precisam de uma mão firme. Não são como nós éramos.

– Compreendo perfeitamente, Monsieur le Marquis – declarou a diretora, extasiada. – Não acreditaria em algumas das coisas que temos de suportar dessas moças.

***

O condutor verificou as passagens e depois devolveu-as a Maurice.

– Está tudo em ordem, Monsieur le Marquis. O vagão-refeitório será aberto para o jantar às seis horas. Se houver alguma coisa que eu possa fazer para tornar sua viagem mais confortável, basta me chamar, por favor.

– Merci, Monsieur – disse Maurice, entregando-lhe uma nota de gorjeta.

O condutor embolsou a nota rapidamente e deixou o compartimento particular, fechando a porta cuidadosamente. Eles estavam sentados nos bancos opostos, ao lado da janela. Maurice pegou um jornal e fitou-a por cima.

– É bom se acomodar da melhor forma possível, Janette. Não chegaremos a Paris antes de meia-noite.

Janette olhou pela janela. O trem começava a avançar entre as montanhas. Embora ainda fossem três horas da tarde, não havia muita claridade. O dia estava nublado desde o amanhecer, chovendo de vez em quando. Janette pegou um livro, abriu-o e começou a ler.

Mas os olhos deslizavam pelas páginas, as palavras não faziam muito sentido. Depois de algum tempo, ela acabou desistindo e fingiu apenas estar lendo.

Viajaram em silêncio por quase uma hora. Maurice finalmente largou o jornal e levantou-se.

Foi ao pequeno banheiro e abriu a porta. Não se deu ao trabalho de fechá-la, enquanto levantava a tampa do vaso e se punha a urinar.

Janette levantou os olhos do livro. A parte interna da porta estava coberta por um espelho, e pelo ângulo em que se encontrava ela podia ver a água jorrando dele, como se fosse de uma imensa mangueira de jardim. Maurice virou a cabeça e percebeu os olhos dela pelo espelho.

Janette baixou os olhos imediatamente, sentindo o rubor espalhar-se pelo rosto. Manteve os olhos fixados firmemente nas páginas do livro quando Maurice voltou ao compartimento e sentou-se diante dela.

Sem dizer nada, ele tirou um cigarro da cigarreira de ouro, acendeu-o e ficou observando-a.

Janette ainda usava o uniforme da escola, uma blusa branca de marinheiro e saia azul. Meias brancas subindo até os joelhos e sapatos pretos completavam a indumentária. Ali, na pouca claridade da cabine, parecia incongruente. Janette já possuía o corpo cheio de uma mulher e parecia que estava tentando ocultá-lo com roupas de menina.

– Janette! – A voz de Maurice era ríspida. – Está usando as roupas de baixo que lhe dei?

Ela não o fitou.

– Não.

– Por que não? Não lhe falei que devia usá-las sempre que eu estivesse presente?

– Os regulamentos da escola não permitem.

– Você não está na escola agora. Deveria tê-las vestido.

Janette finalmente fitou-o.

– Não me deu tempo. Tive de aprontar-me em dez minutos.

– Trouxe as coisas com você?

Ela assentiu.

– Estão na valise.

– Pois então trate de vesti-las.

– Agora?

– Agora.

Janette levantou-se, tirou a valise da prateleira por cima e abriu-a. Tirou rapidamente a lingerie preta e encaminhou-se para o banheiro. Maurice a deteve.

– Não. Quero que vista aqui, na minha frente.

Ela fitou-o em silêncio, depois olhou para a janela aberta. Maurice entendeu.

– Pode baixar a cortina. E trancar a porta.

Janette não se mexeu.

Maurice levantou a mão, ameaçadoramente. No mesmo instante, ela baixou a cortina e trancou a porta. Virou-se novamente para Maurice.

– Agora – disse ele.

Lentamente, Janette desabotoou os botões da blusa e puxou-a pelos ombros. Desabotoou os botões do lado da saia e deixou-a cair no chão. Deu um passo para o lado. Pegou as roupas e dobrou-as meticulosamente, guardando na valise aberta. De costas para Maurice, começou a desprender o sutiã.

– Vire-se e olhe para mim!

Ela obedeceu. Sustentou o olhar dele por um momento e depois baixou os olhos. Tirou o sutiã e a calcinha. Ainda em silêncio, pôs o sutiã preto de renda e a calcinha de seda pura. Virou-se para pegar a blusa.

– Ainda não acabou – disse ele. – Onde estão as ligas e as meias de seda?

Sem dizer nada, Janette tirou-as da valise. Ajeitou na cintura o cinto do qual pendiam as ligas, depois abaixou-se para pôr as meias. Ergueu-se um momento depois e prendeu as ligas no alto das meias. Novamente estendeu a mão para pegar a blusa.

– Não – disse Maurice. – Volte para o seu lugar.

– Assim?

– Assim – disse ele, bruscamente. – Eu lhe direi quando pode vestir-se.

– Mas está frio.

– Vai se acostumar.

Em silêncio, Janette arriou no banco, diante dele. Maurice deu uma tragada no cigarro, deixando que a fumaça saísse lentamente pelas narinas, enquanto a contemplava.

– Seus peitos já ficaram grandes demais para esse sutiã – disse ele, em tom de conversa. – Tem um corpo de puta, igualzinho a sua mãe.

Janette não respondeu.

– Abra as pernas!

Automaticamente, ela abriu os joelhos. Sentiu que a seda fina repuxava para o lado e baixou a mão para cobrir-se. Maurice afastou a mão dela com um tapa.

– Eu não lhe disse que podia fazer isso. – Ele riu subitamente. – Você tem também uma cona cabeluda de puta, igualzinho a sua mãe.

Janette sentiu as lágrimas lhe aflorarem aos olhos. Manteve a boca fechada firmemente, enquanto lhe escorriam pelas faces.

– Lágrimas? – indagou Maurice, sarcasticamente.

Ela não respondeu.

Ele inclinou-se para frente e inesperadamente enfiou a mão entre as pernas dela. Surpresa, ela quase pulou. No instante seguinte, a onda quente de um orgasmo súbito deixou-a fraca e trêmula, enquanto o fluido de seu corpo escorria para os dedos que a sondavam.

Maurice recostou-se em seu banco, rindo.

– Você é como sua mãe, Janette. Olhos molhados e cona molhada.

O som do primeiro chamado para o jantar ressoou pelo corredor lá fora. Maurice levantou-se, entrou no pequeno banheiro e pôs-se a lavar as mãos, meticulosamente. Virou a cabeça para a imagem de Janette refletida no espelho.

– Pode se vestir agora, Janette. Estou com fome, e sempre achei melhor comer cedo nestes malditos trens. Quando se espera muito tempo, os melhores pratos já acabaram.

***

O trem chegou a Paris com uma hora e meio de atraso, por causa de uma chuva torrencial.

Jerry estava na plataforma, esperando-os. Já eram duas horas da madrugada quando ele parou o carro pequeno diante do prédio de apartamento, na Il Saint-Louis.

– Tenho alguma comida fria, se está com fome – disse ele no elevador, enquanto subiam para o quinto andar.

– Não estou com fome – respondeu Janette.

Ela virou-se para Maurice e perguntou: – Por que não me levou para casa?

A mão de Maurice levantou-se diante do rosto dela.

– Cale essa boca. Você só fala quando eu mandar.

Janette ficou fitando-o em silêncio. O elevador parou e ela saiu com os dois. Jerry tirou as chaves do bolso e abriu a porta. Janette ficou surpresa com a suntuosidade do apartamento.

Por fora, o prédio parecia não valer nada, mas por dentro era tudo. Os melhores móveis, tapetes, dispondo até mesmo dos novos aparelhos americanos de aquecimento e ar-condicionado.

Maurice seguiu na frente, passando pela sala de estar e pela de jantar, atravessando o seu quarto, até outro quarto pequeno, que ficava entre o dele e o de Jerry. Não havia porta no quarto e os únicos móveis eram uma cama e uma cadeira, com uma pia no canto. Era obviamente um quarto de criada.

– Deixe suas coisas aqui – ordenou Maurice.

– Quando vou ver minha mãe?

Ele fitou-a.

– Eu lhe direi quando. – Virando-se para Jerry, Maurice acrescentou. – Estou com fome.

– Vou buscar comida na geladeira – respondeu Jerry.

– Não. Mostre a ela onde fica e deixe-a cuidar de tudo.

– Estou cansada – disse Janette. – Quero dormir.

Maurice esbofeteou-a. Ela caiu em cima da cama.

– Isso vai despertá-la. E agora tire esse estúpido uniforme da escola e venha pôr a mesa.

– Mas eu não trouxe mais nada para vestir!

– Vai ficar como no trem. Não precisa de mais nada. – Maurice virou-se para Jerry. – Fique aqui esperando por ela. E depois mostre-lhe o que fazer. Vou tomar um banho de chuveiro e tirar estas roupas. Estão fedendo do trem.

Depois que Maurice saiu do quarto, Janette levantou-se da cama. Jerry observava-a.

– Vire-se – disse ela.

– Para quê? – Jerry sorriu. – Vou vê-la de qualquer maneira.

Janette ficou parada onde estava, sem se mexer.

– Maurice não gostaria que eu o chamasse de volta.

Janette despiu-se rapidamente, de costas para ele. Quando finalmente virou-se, Jerry deixou escapar um assovio baixo.

– Maurice estava certo. Você é igualzinha a sua mãe.

– Também viu minha mãe?

– Claro. – Ele ficou calado por um momento e depois virou-se. – Venha comigo.

Janette seguiu-o até a cozinha. Tinha acabado de pôr a mesa quando Maurice entrou na sala de jantar, vestindo um roupão preto de seda e chinelas de veludo.

Ele olhou para a mesa.

– Onde estão as velas?

– Esqueci – disse Jerry rapidamente. – Vou buscar.

Ele foi até o aparador. Um momento depois, as velas estavam acesas na mesa. Jerry apagou a luz elétrica. Maurice pegou a garrafa de vinho.

– Tomaremos um copo de vinho enquanto você muda a roupa – disse ele a Jerry.

Maurice encheu dois copos e estendeu um para Janette, enquanto Jerry saía da sala.

– Tome aqui.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não quero tomar vinho.

– Não lhe perguntei nada. Trate de beber.

Janette pegou o copo e levou-o aos lábios, tomou um pequeno gole, depois começou a baixá-lo para a mesa.

– Tome tudo!

Ela pegou o copo novamente e esvaziou-o, sentindo o calor do vinho tinto espalhar-se por seu corpo. Largou o copo. Maurice tornou a enchê-lo.

– Assim é melhor – comentou ele. – Faça exatamente o que eu lhe mandar e não teremos problemas.

Ele começou a encher seu prato de presunto, língua, patê e queijo.

Partindo um pedaço de pão, pôs-se a comer vorazmente.

– Está uma delícia, Janette. Por que não experimenta?

– Não estou com fome, mas apenas cansada.

– A comida vai fazê-la sentir-se melhor – disse ele, enquanto Jerry voltava à sala.

Janette fitou-o, completamente aturdida. Jerry estava de travesti, usando um vestido de chiffon, sem nada por baixo, o que expunha seu corpo a cada movimento. Ele também se maquilara, com batom, máscara nos olhos, ruge nas faces.

Maurice percebeu a expressão no rosto dela e soltou uma risada.

– Qual é o problema? Não acha que ele dá uma linda garota?

Ela não respondeu. Jerry riu também, uma risada em falsete. Sentou-se na cadeira, com as mãos nos quadris. O vestido entreabriu-se, revelando o pênis.

Maurice sorriu, ainda comendo.

– Não acha que ele tem um pau lindo? Não é tão grande quanto o meu, é claro, mas é bastante gracioso.

Ela respirou fundo.

– Maurice...

Ele acenou um dedo para Janette, num gesto de censura gentil.

– Papai.

Ela fitou-o nos olhos.

– Papai.

– Assim é melhor, Janette. O que você queria dizer?

– Por que? Não posso entender. Por quê?

– Não há nada para entender, Janette. Sua mãe é uma puta. E quando você sair daqui, será uma puta ainda maior do que ela.

– Não pode me manter aqui!

Janette correu para sair da sala. Com um pulo, Maurice segurou-a pelo braço, antes que alcançasse a porta. Arrastou-a de volta.

– Acho que está se comportando como uma criança, Janette. E sabe que acontece com as crianças quando não se comportam direito? Levam uma surra!

Ele sentou-se na cadeira e deitou-a em seu colo, com o rosto virado para baixo. Sua mão levantava e descia num ritmo regular. A princípio houve dor, depois Janette sentiu um calor espalhar-se pelas nádegas e o resto do corpo. Os gritos foram se transformando num gemido baixo.

Maurice riu.

– Gosta de ser espancada, hem?

Ela sacudiu a cabeça violentamente.

Maurice tornou a rir e subitamente enfiou a mão entre as pernas dela, por baixo. Pôs-se a massagear a vulva, ao mesmo tempo em que continuava a bater-lhe nas nádegas. Janette ofegou para respirar, incapaz de controlar as reações espásticas.

– Olhe só o que você fez, sua menina levada! – disse Maurice. – Deixou Jerry todo excitado e ciumento. Ele ficou de pau duro.

Janette percebeu de repente que Jerry estava de pé diante dela, masturbando-se vigorosamente. Ela sacudiu a cabeça, tentando se desviar.

– Mete o pau na boca dela, Jerry! – Maurice quase gritou. – Sufoque-a com o pau!

Jerry agarrou-a pelos cabelos, puxando-lhe a cabeça para trás, forçando-a abrir a boca. E enfiou o pênis na boca de Janette no instante mesmo em que começava a gozar.

Ela sentiu-se sufocada, ofegou, tentando gritar, quando subitamente foi dominada por um orgasmo, tão intenso e violento que nunca imaginara que algo

assim pudesse criar tais espasmos de agonia, prazer e dor.

Maurice levantou-se abruptamente, jogando-a do seu colo para o chão. Janette ficou caída ali, ofegante, chorando, incapaz de se mexer. Ele sorriu.

– Essa é a primeira lição, minha cara menina. Haverá muitas outras. E, com o tempo, vai aprender a gostar de todas elas. Espere só para ver.

Ele virou-se para Jerry.

– Leve-a para a cama.

Jerry pegou-a nos braços, levou-a para o quarto e jogou-a na cama.

Maurice entrou atrás dele e pegou o braço de Janette. Ela ouviu um estalido. Olhou para o seu braço. Uma algema prendia-a a um dos postes de latão da cama. Virou-se e olhou para Maurice.

– É apenas para que você não fique com alguma idéia boba durante a noite – explicou ele.

– Como a de tentar fugir.

Depois, ele virou-se e saiu do quarto, seguido por Jerry. A luz foi apagada, deixando-a a chorar sozinha na noite.

Janette nunca sabia se era dia ou noite. Quando vinham tirá-la da cama, as cortinas estavam sempre fechadas. Até mesmo as janelas do banheiro estavam cobertas. As refeições pareciam ser sempre iguais. Nunca um café da manhã, almoço ou jantar. Uma variedade de carnes frias na mesa. Queijos. Patês. Pão. Vinho. Coisas estranhas acontecendo na cabeça dela. Agora, a única coisa de que se ressentia era ficar sozinha, algemada na cama, no escuro.

Passou a aguardar ansiosamente as ocasiões em que vinham buscá-la. Ansiava até mesmo pela dor, porque era sempre acompanhada pela agonia intensa do orgasmo.

As palavras de Maurice revolviam-se interminavelmente em sua mente: – Lembre-se, Janette, de que sem dor não há prazer. As duas coisas estão sempre juntas, uma intensifica a outra, ambas contribuindo para a satisfação suprema.

Sempre começava com uma surra. Um dia, ela ouvira Jerry perguntar: – Por que não usa o açoite?

Ao que Maurice respondera: – Não deve haver marcas.

Isso acontecera na primeira vez em que a haviam levado à cama de Maurice, amarrando-lhe as mãos com cordas de seda aos postes de madeira.

– Você primeiro, Jerry – disse Maurice. – Prepare-a para mim.

Ele segurou as pernas de Janette, enquanto Jerry se ajoelhava diante dela. Jerry masturbou-se rapidamente, até ficar ereto, depois penetrou-a bruscamente. Janette gritou com a dor súbita e intensa. Mas um momento depois Jerry ficou mole e saiu de dentro dela. Virou-se para Maurice e disse: – Eu falei que não consigo foder uma mulher.

Com um gesto furioso, Maurice empurrou-o para o lado. Tirou o chambre e subiu na cama, postando-se entre as pernas de Janette. Já estava ereto.

Janette não conseguia desviar os olhos do falo imenso. E gritou:c– Estou com medo!

Maurice meteu a mão entre as pernas dela e depois levantou-a, examinando-a. Os dedos brilhavam de umidade e com vestígio de um sangue muito claro.

– Sua cona molhada de puta não acredita em suas palavras.

– Você vai me machucar!

Ele sorriu.

– Lembre-se, Janette, de que não há prazer sem dor.

Maurice enfiou as mãos sob as nádegas dela e suspendeu-a em sua direção. Janette observava, de olhos arregalados, enquanto ele se aproximava dela, lentamente. Não podia acreditar que fosse capaz de abrir-se o suficiente para recebê-lo. Maurice parou por um instante, como se estivesse encontrado algum obstáculo. Fitou-a nos olhos e depois, sem qualquer aviso, deu um violento empurrão para frente.

A dor percorreu-lhe o corpo inteiro e ela gritou. Maurice tapou-lhe a boca com a mão, mantendo-a grudada nele com a outra mão. Depois de um momento, Janette abriu os olhos, fitando-lhe o rosto, para em seguida baixar o olhar, lentamente. Sentiu os pulmões se encherem de ar, ao perceber que Maurice estava inteiramente dentro dela. Tornou a contemplar-lhe o rosto, sendo invadida por uma estranha espécie de espanto. Maurice observou-a por um instante e depois retirou a mão que lhe cobria a boca. Puxou os cordões que a prendiam nos postes da cama, libertando as mãos.

Janette permaneceu imóvel por mais alguns segundos, fitando-o, depois subitamente seus braços enlaçaram-no, apertando com força. Começou a fazer alguns movimentos, lentos e hesitantes. Depois, enquanto se tornava mais frenética, fechou os olhos com toda força, as lágrimas conseguindo passar pelas pálpebras contraídas. E sua voz era um sussurro, transformando-se num grito nos ouvidos de Maurice: – Papai! Papai!

Ela abriu os olhos.

– Bata na minha cara!

A mão aberta de Maurice estalou no rosto dela.

– De novo!

Desta vez, as marcas dos dedos ficaram no rosto de Janette. Ela sorriu.

– Você me ama, não é mesmo, papai?

Maurice soltou uma gargalhada.

– Você é a putinha do papai!

– Isso mesmo – sussurrou Janette. – Isso mesmo. Você sabia o tempo todo. É

o que eu sempre quis ser.

Depois disso, Janette não voltou mais para a cama no quarto pequeno. Dormia com os dois, na cama de Maurice. Uma manhã, ao acordar, a luz do sol entrava pelas janelas. Ela piscou os olhos, aturdida.

Maurice estava de pé ao lado da cama, já vestido.

– Sua mãe saiu da clínica ontem à noite e voltou para casa. Jerry vai levá-la para lá.

– Não quero vê-la – disse Janette.

– Então terá de voltar à escola.

– Não posso ficar aqui?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não. Se não voltar à escola, começarão a fazer perguntas.

– Mas quero ficar aqui!

– Mas não pode. – Maurice meteu a mão no bolso e tirou um chaveiro. – Mandei fazer estas chaves para você. No próximo mês, nos feriados da Páscoa, poderá voltar para cá. Se não estivermos em casa, poderá entrar sozinha.

Naquela tarde, Janette pegou o trem para voltar à escola.

***

O sol do final de abril projetava os seus últimos raios pelas janelas quando Jacques arriou exausto numa poltrona, na sala de estar, grande e repleta de flores. Olhou para Tanya e Johann e murmurou: – Estou morto. Estou contente que tenha acabado.

Johann assentiu.

– Achei que a entrevista coletiva correu muito bem.

– A melhor idéia que já tive foi a de realizá-la aqui em sua casa – disse Jacques a Tanya. – Tenho a impressão de que todos gostaram do toque pessoal. Ninguém agüenta mais os salões e hotéis.

– E acha que eles gostaram também da apresentação prévia de alguns modelos de Shiki? – perguntou Tanya.

– Pelo que pude ouvir, todos adoraram – respondeu Jacques. – Agora, todos vão aparecer por ocasião da apresentação completa da coleção. Sabem que você entrou no negócio para valer.

– Shiki já foi embora?

– Já, sim. Ele saiu assim que o último repórter desapareceu. – Jacques levantou-se. – E é o que eu também vou fazer. Deixarei que você descanse um pouco. Será um dia movimentado no escritório amanhã.

– Também vou embora – disse Johann. – Meus parabéns.

Tanya sorriu.

– Ainda é cedo para isso. É melhor esperarmos até depois dos desfiles.

– Não estou mais preocupado – garantiu Johann. – Tudo vai dar certo.

Tanya acompanhou-os até a porta, beijou os rostos dos dois em despedida, depois virou e encaminhou-se para a escada. Henri aproximou-se, murmurando, hesitante: – Madame...

– Pois não?

– Mademoiselle Janette está no quarto dela.

– Janette está aqui? – A surpresa era evidente na voz de Tanya. – Por que não me disse antes?

– Ela chegou no meio da reunião, Madame. E pediu-me que não a incomodasse.

Sem dizer mais nada, Tanya subiu correndo a escada. A porta do quarto de Janette estava fechada. Ela bateu polidamente e depois entrou. Janette estava parada diante da janela, olhando para fora.

– Janette!

Janette virou-se para a mãe, sem qualquer expressão definida nos olhos.

– Olá, mamãe – disse ela, em tom impassível.

Tanya ficou aturdida. O rosto da filha estava encovado e contraído as olheiras eram escuras.

– Janette! O que há com você?

Janette não fez qualquer menção de aproximar-se da mãe. Fitou-a nos olhos, exibindo agora uma expressão de desafio e declarou: – Estou grávida.

– Não é possível!

– Mas estou, mãe.

Tanya aproximou-se dela.

– Minha pobre menina...

Janette esquivou-se aos braços de Tanya.

– Não sou sua pobre menina, mãe. Deixei de ser.

– Por que não me falou? Por que não quis atender aos meus telefonemas?

– Que diferença isso faria? – Janette deu de ombros. – Afinal, você tinha a sua nova filha para dar atenção.

– Você tem uma irmã, Janette.

– E minha irmã terá uma irmã.

Tanya fitou os olhos da filha, confusa.

– Não estou entendendo.

– Não seja estúpida, mãe. Estou grávida do mesmo homem que a deixou grávida.

– Impossível!

– Será mesmo, mãe? Naquela semana em que você esteve na clínica, Maurice foi buscar-me na escola e trouxe-me a Paris para vê-la. Mas não chegou a levar-me à clínica. Em vez disso, passei a semana no apartamento dele. E voltei à escola no mesmo dia em que você deixou a clínica.

– Maurice? – Havia um tom de incredulidade na voz de Tanya. – Não posso acreditar que ele tenha feito uma coisa dessas!

– Não mesmo, mãe? – Janette abriu a bolsa pequena e tirou um chaveiro, jogando na mesinha ao seu lado. – Ele até me deu as chaves para que eu pudesse voltar ao apartamento nos feriados da Páscoa.

Tanya olhou para as chaves e depois para a filha. As lágrimas começaram a afluir a seus olhos.

– Por que não me deixou falar com você? Por que? Eu ia contar-lhe que Maurice não é o pai de Lauren. Nunca o deixei aproximar-se de mim desde o dia em que casamos.

– Está mentindo, mãe.

– Não, Janette, não estou mentindo. Bastaria olhar para sua irmã e saberia disso. Ela é loura, de olhos azuis. Por que acha que Maurice está pedindo o divórcio judicialmente sob a acusação de adultério? Nunca houve uma criança loura e de olhos azuis na família dele em muitas gerações.

Janette estava aturdida.

– Eu não sabia disso, mãe. Ninguém jamais me falou.

Tanya respirou fundo. Tinha a sensação de que estava se transformando em pedra por dentro.

– Mas não tem importância agora. Não se pode desfazer o que já está feito. Temos é de fazer planos para o amanhã. E a primeira providência é levá-la ao Doutor Pierre.

As lágrimas afloraram subitamente aos olhos de Janette.

– Oh, mamãe, sinto muito!

E no instante seguinte as duas estavam abraçadas, as lágrimas escorrendo por seus rostos.

Ficaram assim por algum tempo, abraçadas, em silêncio, enquanto o dia se desvanecia das janelas.

Dois dias depois, Tanya aguardava no pequeno gabinete do Dr. Pierre, na clínica. Ela levantou no instante em que o médico entrou na sala, de volta da sala de operações.

– Como ela está, Doutor Pierre?

– Ela vai ficar boa. Tudo foi resolvido. Está descansando agora.

– Graças a Deus!

– Isso mesmo, graças a Deus – disse o médico, solenemente. – Ela morreria se tivesse o filho.

Tanya ficou aturdida. O Doutor Pierre sacudiu a cabeça.

– Não sei com que tipo de animal ela esteve, mas foi toda rasgada por dentro. Não apenas a vagina e as trompas foram rompidas, mas também o ânus e parte do intestino. Não dava para acreditar.

Ele fitou Tanya nos olhos, antes de acrescentar: – Consertei tudo da melhor forma possível.

Pelo menos ela não terá problemas com isso.

O Dr. Pierre deixou escapar um suspiro. Tanya disse, a voz tensa: – Há alguma coisa que ainda não me disse.

Ele hesitou por um momento.

– Janette nunca mais poderá ter um filho. Tive de remover quase tudo, deixando apenas parte de um ovário.

***

Eram duas horas da madrugada, dez dias depois, no dia seguinte ao retorno de Janette à escola, quando Tanya parou o carro pequeno diante do prédio de apartamentos na Il Saint-Louis. A rua estava deserta quando ela saltou. Trancou o carro automaticamente, guardando as chaves na bolsa, ao mesmo tempo em que tirava as chaves do apartamento. Olhou para o prédio. Todas as janelas estavam às escuras. Lentamente, ela encaminhou-se para a porta externa do prédio.

Era a chave grande, sempre a chave grande para a porta do prédio.

Girou facilmente na fechadura e ela entrou no saguão às escuras. Teve de se controlar para não estender a mão e acender a luz. Não queria de jeito nenhum chamar atenção. Esperou por um momento, até seus olhos se acostumarem à escuridão, depois encaminhou-se para o elevador.

O rangido do velho elevador a subir pareceu-lhe alto o bastante para despertar toda Paris.

Ela prendeu a respiração até que o elevador finalmente parou. E saiu com uma sensação de alívio. Havia dois apartamentos por andar. Tanya hesitou por um instante, depois riscou um fósforo. Lá estava. Uma pequena placa de latão por cima do botão da campainha. Le Marquis de la Beauville.

Ela fechou os olhos por um instante e pensou. Teria esquecido alguma coisa? Seu testamento fora devidamente assinado e registrado. As instruções ao banco suíço sobre o cofre que continha o ouro haviam sido remetidas e recebidas. Se

alguma coisa lhe acontecesse, Johann cuidaria de tudo. As crianças estariam protegidas.

A primeira chave não fez qualquer barulho ao girar lentamente. Tanya ouviu o estalido, ótimo. Agora, a segunda chave. Rangeu um pouco. Ela ficou imóvel. Não houve qualquer outro ruído. Girou a chave até o final, lentamente. Houve novo estalido e a porta se abriu.

Tanya deu um passo hesitante para o interior do apartamento e parou, escutando. Não havia qualquer barulho. Ela fechou a porta silenciosamente. Ficou parada, procurando se orientar.

Tentou recordar o que Janette lhe dissera a respeito do apartamento.

Bem à sua frente, através da arcada grande, ficava a sala de estar. À direita, uma porta pequena levava à entrada de serviço e à cozinha. Além da sala de estar, havia outra arcada, menor, e a sala de jantar. O acesso ao quarto de Maurice era por uma porta no outro lado da sala de jantar.

Tanya avançou cuidadosamente pelos cômodos, movendo-se bem devagar, a fim de não esbarrar em qualquer móvel. Estava agora diante da porta do quarto. Tornou a abrir a bolsa e tirou a navalha. Só podia ser a navalha de Wolfgang. Tanya não tinha agora a menor dúvida de que fora Maurice quem o traíra aos russos.

Ela abriu a navalha, a lâmina para fora de sua mão, girou a maçaneta. A porta se abriu e entrou no quarto, avançando silenciosamente pelo chão atapetado. Não se deu ao trabalho de fechar a porta.

Podia divisar a cama à débil claridade que passava pelas cortinas, procedente dos lampiões lá fora. Aproximou-se da cama. Sentiu mais do que viu a massa encolhida sob o cobertor. Parou por cima dela, olhando atentamente, tentando divisá-lo. O som forte de respiração chegou a seus ouvidos, mas não sabia dizer se era a respiração dele ou a sua. Disse baixinho: – Maurice!

Ele virou-se, começando a levantar-se. E foi então que Tanya atacou.

Com toda a sua força, passou a navalha pelo corpo de Maurice. Um som estrangulado elevou-se pela garganta dele, enquanto rolava freneticamente para o lado, a mão se estendendo para alguma coisa na mesinha-de-cabeceira no outro lado. Furiosamente, Tanya continuou a golpear, enquanto ele tentava se virar. Divisou o brilho de alguma coisa dura e metálica na mão de Maurice, mas continuou a golpear, a retalhá-lo implacavelmente.

Houve uma explosão em seus ouvidos e um fogo azul ofuscou-a, ao mesmo tempo em que sentia um golpe violento no peito, quase jogando-a para trás. Mas mesmo assim continuou a golpear, a navalha subindo e descendo. Maurice finalmente desabou inerte sobre as cobertas.

Tanya ficou imóvel por um instante, a respiração ofegante. Depois, estendeu

a mão para tocá-lo. Seus dedos pareceram afundar num atoleiro de cobertas encharcadas de sangue.

Retirou a mão abruptamente, a navalha caindo de seus dedos. A dor no peito tornava-se mais intensa a cada momento. Comprimiu a mão contra o seio e sentiu o sangue escorrer através do vestido, entre seus dedos. E compreendeu pela primeira vez que fora baleada.

Virou-se lentamente e voltou pelo apartamento, a dor mais e mais agoniante, a cada passo.

Teve a impressão de que levou uma eternidade para alcançar a porta da frente. A dor agora espalhava-se em ondas por seu corpo, sentia-se tonta e cambaleante, como se a consciência se esvaísse com o sangue que lhe escorria entre os dedos.

Chegou à porta. Subitamente, a luz no corredor lá fora se acendeu e a porta abriu-se bruscamente. Ele estava parado ali, boquiaberto com o choque, a luz por trás dele incidindo sobre o rosto de Tanya.

Ela fitou-o de olhos arregalados, horrorizada.

– Oh, não, Maurice! Você está morto! Acabei de matá-lo!

E no instante seguinte, ela começou a cair, enquanto a consciência deixava-a, para nunca mais voltar.

***

LIVRO II JANETTE

Shiki estava parado diante do cavalete, estudando o modelo com uma expressão crítica.

Ouviu a porta fechar-se atrás dele e os passos da moça aproximando-se.

– Tire as roupas – disse ele, sem se virar. – E avise-me quando estiver nua.

Um momento depois, ele ouviu uma voz baixa: – Já estou nua.

Shiki fez um pequeno ajuste com um lápis no desenho e virou-se.

– *Merde*! – disse ele, aturdido.

Janette riu da consternação dele.

– Por que não me disse que era você? – perguntou Shiki.

– Pensei que poderia estar mudando e queria ser a primeira a experimentar – comentou Janette, sorrindo.

Ele pegou um roupão numa cadeira ao seu lado e disse, constrangido: – Ponha isso.

Janette não pegou o roupão.

– Ora, Shiki, não gostaria de me comer? Quem sabe se não vai gostar?

– Pare com isso! – disse ele, irritado. – Estou trabalhando.

– Não contarei a ninguém.

– Pensei que fosse a modelo que mandei chamar para experimentar um novo vestido.

– Pode experimentar em mim.

Shiki sacudiu a cabeça.

– Não vai dar certo.

– Por que não?

– Você é mulher demais. Seus peitos são muito grandes, o rabo é grande e seu *mons veneris* é mais saltado para frente que os colhões de um homem. Você simplesmente não é o tipo de modelo.

– E que tipo eu sou?

– Você é como sua mãe. Grande e forte. Um tipo cheirando a terra. Puro sexo animal. Se entrar numa passarela, todas as mulheres vão automaticamente odiá-la. E isso significa que não comprarão o que estiver usando. Você é demais o que todas gostariam de ser.

– Pelo que posso entender, trata-se de um elogio indireto.

Janette pegou a jeans que largara numa cadeira e vestiu-a. Pôs em seguida a camisa de homem e amarrou-a na cintura.

– O que está fazendo aqui, Janette?

– Tinha um encontro marcado com Johann. Mas ele estava numa reunião e

resolvi vir vê-lo.

– É sempre um prazer vê-la.

Janette sorriu.

– Mesmo eu não sendo o tipo de modelo?

Shiki soltou uma risada.

– Mesmo assim.

– Talvez você devesse mudar as suas modelos. Há mais tipos de mulheres como eu do que como elas.

– A maioria das garotas como você não tem condições de comprar as roupas que produzimos.

– Talvez seja justamente isso o que está errado com o nosso negócio. Há muitos especialistas em *haute couture* disputando um mercado bem pequeno.

– Estamos indo muito bem – comentou Shiki, meio na defensiva.

– Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Eu estava apenas pensando em voz alta.

O telefone na mesa de Shiki tocou nesse momento. Ele atendeu, depois olhou para Janette.

– A reunião de Johann já terminou. Ele pode recebê-la agora.

– Obrigada.

Janette soprou um beijo para ele e saiu da sala.

Shiki ficou olhando por um momento para a porta fechada, depois trancou-a e voltou à sua mesa. Sentou, pegou um cigarro de maconha na cigarreira e acendeu-o. Recostou na cadeira e deixou que a fumaça saísse lentamente pelas narinas.

Tal mãe, tal filha. Tal mãe, tal mãe, tal mãe. Mas, ainda mais, tal filha.

***

– Dois anos na *Université* é suficiente – disse Janette – Não vou voltar.

O rosto de Johann manteve-se impassível. Contemplou-a através da mesa. De certa forma, não estava surpreso. Ela estava agora com 19 anos e só restava nela muito pouco da criança.

Mais e mais a cada dia, Janette lembrava-o da mãe. Tanya tinha mais ou menos a mesma idade quando haviam se conhecido, os mesmos cabelos castanho-avermelhados compridos e caindo pelo rosto, escondendo parcialmente os malares salientes e os olhos escuros, na moda do dia.

– O que prefere fazer? – perguntou ele cuidadosamente.

– Acho que está na hora de eu começar a me envolver nos negócios. Afinal, serei responsável por tudo dentro de mais dois anos. Não está no momento de eu aprender alguma coisa?

Ela era mesmo como a mãe. Johann assentiu.

– Concordo com você. E a questão agora é a seguinte: por onde gostaria de começar?

– Maurice diz que mais de 65 por cento da nossa receita bruta vêm dos Estados Unidos. E nunca estive lá.

– É verdade.

– Ele está planejando ir até lá no próximo mês e ofereceu-se para levar-me e mostrar tudo.

Johann não deixou que a surpresa transparecesse em seu rosto. Era a primeira vez que sabia que Janette estava sequer falando com Maurice.

– É muita gentileza dele – disse Johann, cautelosamente. – Mas como espera que ele possa ajudá-la? Afinal, Maurice não está envolvido em nenhuma de nossas companhias. Ele tem a sua, inteiramente independente.

– Tem razão. Mas ele sabe de tudo.

Johann ficou calado por um momento.

– Não tenho qualquer objeção. E é claro que você não precisa da minha permissão para fazer uma viagem. Mas não acha que seria melhor passar alguns meses no escritório, tomando conhecimento das coisas, antes de sair em campo?

– Eu gostaria de ir. Tenho a impressão de que acabaria ficando maluca de passar o tempo todo sentada no escritório. Faria com que me lembrasse de uma sala de aula na *Université*.

– Mais cedo ou mais tarde, terá de cuidar dos deveres de casa. Dirigir um negócio não é apenas diversão.

– Sei disso. Mas não é justamente o que você faz? Eu gostaria de envolver-me mais com os lados criativos e de marketing. Aqui na França ainda fazemos as coisas ao mesmo estilo antiquado. A América está à nossa frente sob muitos aspectos. Tenho a impressão de que poderemos aprender muitas coisas com os americanos.

– De qualquer forma, eu preferia que você passasse algum tempo no escritório, antes de viajar.

– Maurice só tenciona viajar ao final do próximo mês. Isso me dá seis semanas para estagiar aqui. Não é suficiente?

– É melhor do que nada, Janette. Só espero que seja o bastante para você.

– Aprendo as coisas depressa. Farei com que seja suficiente. – Janette falou com toda seriedade, levantando-se em seguida. – A que horas devo chegar aqui amanhã?

– Nove horas. Acho que o melhor lugar para você começar é com o *controller*.

– Aqui estarei. – Janette sorriu. – Obrigada, Johann.

Ele levantou-se também, contornando a mesa. De certa forma, sentia-se satisfeito pelo fato de Janette querer ingressar na companhia. Alguma coisa estava faltando desde a morte de Tanya. Agora, talvez as coisas voltassem a ser como antes.

– Como está sua irmã?

Janette fitou-o calmamente.

– Muito bem. Crescendo. Quase não a tenho visto desde que saí da escola. A babá a envolve como uma manta protetora.

– Talvez fosse uma boa idéia você passar algum tempo com ela. Assim, ela poderia ao menos sentir que tem uma família.

– Infelizmente, não tenho muito instinto maternal. Para mim ela parece igual a qualquer outra criança.

– O que é uma pena.

– Tem toda razão. Os pobres podem oferecer seus filhos para adoção quando não estão preparados para criá-los, não importa quais sejam os motivos. Mas o que os ricos podem fazer?

Johann pensou por um momento, antes de responder: – Creio que apenas o que estamos fazendo. Contratar babás e torcer para que possam proporcionar um amor substituto.

– Maurice falou que talvez pudéssemos chegar a um acordo para que ele voltasse para casa. Isso proporcionaria uma vida de família mais normal para ela. Afinal, ele ainda é o pai dela legalmente.

– E o seu pai também.

– É verdade. Mas dentro de dois anos atingirei a maioridade legal e estarei livre dele. Lauren ainda terá de esperar por muito tempo.

Johann ficou calado.

– Se alguma coisa nos acontecer... a você e a mim... quem ficaria com ela?

– Acho que Maurice. Não há mais ninguém.

– *Merde*... – Janette pensou por um momento. – Fico me perguntando o que ele está querendo. Por que acha que ele está sendo tão simpático com a gente assim de repente?

– Não tenho a menor idéia.

– Não confio nele. Jamais confiei.

– Com o tempo, acabaremos descobrindo. Até lá, tome cuidado. E não assine quaisquer documentos.

Janette riu.

– Quanto a isso, não precisa se preocupar.

Ela encaminhou-se para a porta, depois parou abruptamente e virou-se.

– Johann, você é um homem atraente e simpático. Por que jamais se casou?

Ele continuou a fitá-la sem responder.

Subitamente, Janette compreendeu tudo.

– Mamãe... Sempre foi apaixonado por ela, não é mesmo?

Johann continuou calado.

– Ela está morta agora, Johann. Acabou. Arrume uma boa mulher e case com ela. Poderá então proporcionar a Lauren o tipo de lar que ela precisa.

Ele sorriu subitamente.

– Posso fazer-lhe uma surpresa.

Impulsivamente, Janette aproximou-se dele e beijou-o no rosto.

– Seria uma surpresa maravilhosa – disse ela, encaminhando-se em seguida para a porta, com um aceno de mão. – Amanhã de manhã. Às nove horas em ponto.

Johann voltou à sua mesa e sentou-se. Depois de um momento, pegou o telefone e discou.

Uma voz de mulher atendeu. Ele falou em alemão: – Heidi? Oito horas está bom para

jantarmos? Irei buscá-la.

***

– Ele é conservador demais – disse Jacques, pondo o copo gelado de *kir* na mesinha de coquetel à sua frente.

Ele recostou-se ao lado de Janette, tirando um pequeno frasco do bolso. Ela tomou um gole do drinque, observando-o derramar habilmente um pouco do pó branco do frasco no tampo de vidro da mesa, separando-o cuidadosamente em quatro linhas finas. Eficientemente, Jacques enrolou uma nota de cem francos num canudo, depois aspirou uma linha de cocaína em cada narina. Ele estendeu o canudo para Janette.

– Experimente um pouco. É coca da boa. Um amigo meu acaba de trazê-la dos Estados Unidos.

Rapidamente, ela aspirou as outras duas linhas e devolveu a nota a Jacques. Janette sentiu o pulso se acelerar, enquanto a coca explodia em sua cabeça.

– É mesmo boa.

– Não é a porcaria que costumam vender em Paris – disse ele, pegando o seu

copo. – A nós!

– A nós!

Os dois tomaram um gole de seus drinques.

– Era diferente quando sua mãe estava presente – murmurou Jacques. – Ela tinha idéias, havia uma sensação permanente de excitamento. Estávamos fazendo coisas. Mas agora isso acabou. Tudo o que Johann quer é se manter seguro, apenas conservar o que temos. A expansão custa dinheiro e ele não quer correr qualquer risco.

– Mas não estamos ganhando dinheiro?

– Claro que estamos. Mas poderíamos estar ganhando muito mais. Em comparação com algumas das outras companhias, estamos praticamente parados. Está sendo realmente séria em sua intenção de trabalhar conosco?

Janette assentiu. Ele sorriu.

– Então talvez ainda tenhamos uma chance. Com a sua presença, Johann pode se tornar mais arrojado.

Janette fitou-o atentamente.

– Não vim aqui para conversar sobre negócios.

Ele desatou o nó que prendia a blusa de Janette. A blusa se entreabriu, revelando os mamilos, já contraídos de excitação.

– Santo Deus! – murmurou Jacques, inclinando-se para pegar um na boca.

Janette virou o rosto dele em sua direção.

– Shiki disse que meus peitos são muito grandes.

– O que ele sabe dessas coisas? – indagou Jacques, enterrando o rosto entre os seios e comprimindo-os com as mãos. – São lindos...

– Pedi a Shiki para me comer, mas ele não quis.

– Não precisa me pedir. Basta tirar essa maldita calça.

Janette levantou-se diante dele. Desabotoou o botão, puxou o zíper e baixou a calça pelos quadris.

– Ele disse também que minha bunda era muito grande – disse Janette, virando e inclinando-se ligeiramente para frente, praticamente empurrando as nádegas na cara dele.

Jacques ficou calado.

– Bata na minha bunda.

Ele bateu de brincadeira.

– Com mais força, Jacques. Como quando está com vontade.

– Não quero machucá-la.

– Não vai me machucar. Faça o que estou pedindo. Bata com força.

A mão aberta abateu-se sobre as nádegas dela. Jacques podia ver a marca branca na carne. E hesitou.

– Mais – murmurou Janette, veemente. – Não pare.

A mão de Jacques começou a subir e descer rapidamente. Podia ver as marcas brancas

ficando vermelhas nas nádegas e percebeu subitamente que ela estava remexendo os quadris e gemendo, masturbando-se ao mesmo tempo. O excitamento começou a dominá-lo e de repente ficou furioso. A cadela estava simplesmente usando-o para gozar. Pôs-se a bater com toda força.

– Estou gozando! – gritou Janette. – Não posso me controlar!

Furioso, Jacques virou-a bruscamente. Havia uma estranha expressão no rosto dela. Parecia nem mesmo estar consciente da presença dele. Sem pensar, Jacques deu-lhe um tapa na cara.

– E eu, sua puta?

Ela fitou-o aturdida, subitamente silenciosa, depois baixou os olhos, diante do olhar de Jacques. Caiu de joelhos diante dele, os dedos lhe abrindo rapidamente a calça. Enfiou a mão por dentro da calça, puxando o pênis, depois enfiou a mão mais por baixo, até que o dedo encontrou o ânus.

– Quero que goze na minha boca – disse Janette, cobrindo-o com os lábios.

Um momento depois, ele sentiu os testículos explodirem e o sêmen ser esguichado. O orgasmo sacudiu-lhe o corpo e começou a se desvanecer. Mas Janette não parou. Com uma das mãos, manteve-o ainda rígido e continuou a chupar-lhe a glande, até que Jacques não mais podia suportar a agonia, o pênis parecendo constituído apenas por nervos à flor da pele.

Segurou-a pelos cabelos e afastou-a bruscamente.

As faces e o queixo de Janette estavam cobertos pelo sêmen que lhe escapara da boca.

Por um longo momento, ele fitou-a aturdido, até que respirou fundo e murmurou: – Você está louca.

Os olhos de Janette tornaram-se subitamente frios.

– Não sou como minha mãe – disse ela, furiosa. – Nunca mais diga isso!

Ela começou a levantar-se. As mãos de Jacques em seus ombros mantiveram-na abaixada.

– Eu não estava me referindo a esse tipo de louca, mas sim uma maluca sensacional.

Ele sentiu que a tensão a deixava.

– Trepou com minha mãe, não é mesmo?

Jacques assentiu.

– Ela era boa?

Ele observou-a atentamente.

– Era, sim. Mas não como você. Você é fantástica.

– Ela não era realmente doida. Teve um colapso nervoso. Estava trabalhando demais e não tinha muitas coisas na mente.

– Sei disso.

Janette levantou-se.

– Puxa vida, estou toda molhada! Devo ter gozado mil vezes.

Ela limpou-se com os dedos, levou-os à boca e chupou. Comprimiu novamente os dedos contra si, mas desta vez estendeu-os para Jacques.

– Prove.

Lentamente, ele lambeu os dedos.

– É gostoso?

– Como mel.

– Tão gostoso quanto minha mãe?

– Melhor.

Janette riu e avançou um pouco.

– Pois então me chupe.

***

Johann parou o carro diante do prédio de apartamentos. Ficou sentado ali, com o motor ligado, depois inclinou-se a fim de abrir a porta para ela.

– Ainda é cedo – disse ela. – Por que não sobe para tomar um último drinque?

Johann sorriu interiormente, como sempre acontecia quando ela lhe falava em alemão. O ligeiro sotaque americano emprestava à língua um estranho som musical, uma suavidade que normalmente não tinha. Ele respondeu em inglês, enquanto desligava o motor.

– Obrigado.

A fragrância do perfume dela e o calor de seu corpo pareciam envolvê-lo completamente, enquanto estavam no pequeno elevador, em que mal cabiam duas pessoas, subindo para o terceiro andar. Johann sentiu alguma sensação de alívio quando o elevador finalmente parou e pôde abrir a porta para que ela saísse. Seguiu-a para o apartamento e esperou que ela abrisse a porta, entrando atrás.

Era um apartamento pequeno, o que os franceses chamam de “estúdio” , com um cômodo grande, uma cama que virava sofá durante o dia, uma cozinha mínima e um banheiro separado. Uma lâmpada estava acesa no outro lado do cômodo e isso, mais que qualquer outra coisa, mostrava que ela era basicamente

uma americana. Nenhum francês ou qualquer outro europeu deixaria uma luz acesa enquanto não estivesse em casa.

Ela gesticulou na direção de uma cadeira.

– Tenho uísque, gim, vodca e conhaque.

– Conhaque, por favor.

Johann ficou observando-a abrir a porta da pequena cozinha, tirar a garrafa e dois copos do armário pequeno por cima da pia. Ela despejou o líquido dourado nos copos e aproximou-se dele. Johann pegou um dos copos.

– Obrigado.

Ela sorriu e perguntou, falando em inglês agora: – É sempre tão formal assim quando está no apartamento de uma mulher?

– É o hábito. – Johann levantou o copo. – *Santé*.

Bateram de leve com os copos e tomaram um gole.

– Pode sentar agora – disse ela, indo para o sofá e sentando-se diante dele.

Johann sentou-se cuidadosamente, pois a cadeira era frágil e poderia desabar sob o seu peso. Era inesperadamente confortável e ele acomodou-se devidamente. Girou o conhaque no copo e tomou outro gole.

– O jantar foi maravilhoso – comentou ela. – Gostei muito.

– Quase não comeu.

Ela riu.

– Tenho de me preocupar com a dieta.

– Por que? Parece-me perfeita.

Ela riu outra vez.

– É justamente por isso que tenho de fazer dieta. Cada grama que eu como se transforma num quilo a mais no meu corpo.

Johann ficou calado por um momento.

– De qualquer forma, fico contente que tenha gostado.

– Juro que gostei.

Depois, ela ficou também em silêncio. Johann tomou outro gole do conhaque.

– Acho melhor eu terminar logo o meu drinque e ir embora. Tenho de trabalhar cedo amanhã.

– Voltarei aos Estados Unidos na próxima semana, Johann.

Ele assentiu, lentamente.

– Era o que eu imaginava. Quando planeja voltar à França?

Ela fitou-o nos olhos.

– Acho que não voltarei. Ou pelo menos não tão cedo.

Johann sentiu um aperto angustiante no peito.

– Lamento muito, Heidi. Não sabe como aguardo ansiosamente as suas

visitas.

– Eu também... mas apenas porque sinto saudade de você.

Ele ficou calado novamente, girando o líquido dourado no copo.

– Há dois anos que venho a Paris a cada três meses, Johann. E em todas as vezes nos encontramos. Almoços, jantares. Não posso contar quantas vezes. Sei como se sente em relação a mim, só que você nunca diz coisa alguma. Mas nunca mesmo. Por que, Johann? Não consigo entender. Por que?

Ele respirou fundo, percebendo a expressão magoada nos olhos azuis dela.

– Estou com 46 anos, Heidi. Sou 17 anos mais velho do que você.

– Apenas 16 anos. Vou fazer 30 anos no mês que vem.

Johann não sorriu.

– Sou um homem sério, um homem respeitável. Não sou um *playboy* que poderia ter uma ligação sem compromissos com você. Gosto muito de você.

– Não sou uma criança, Johann, mas uma mulher. E uma mulher divorciada, diga-se de passagem. Não acha que tenho sentimentos também? E desejos? – Ela sacudiu a cabeça. – Mas você nunca disse nada. E ainda não me explicou por quê.

– Tenho responsabilidades... pesadas responsabilidades.

– Sei disso. Já me falou tudo. Janette e Lauren. Não sou surda e você está sempre falando a respeito. Mas isso não significa que não possa ter uma vida própria, não é mesmo? Ou sua própria família, se assim quiser?

– Elas só têm a mim para protegê-las. Fiz uma promessa. Primeiro a Von Brenner. Depois a Tanya. Não posso quebrar minha palavra empenhada.

– Nem eu estou querendo que faça isso. Estou apenas dizendo que tem direito à sua própria vida.

– Heidi...

Ela percebeu a angústia na voz dele e levantou-se do sofá. Ajoelhou-se diante de Johann e fitou-o nos olhos.

– Eu o amo, Johann. Você me ama?

– Amo, sim... – As palavras saíram atabalhoadamente de sua boca. – Eu a amo muito.

– Beije-me então, pelo amor de Deus! Em todos esses dois anos, você não me beijou uma única vez!

Johann inclinou-se para baixo, enquanto os braços dela enlaçavam-no pelo pescoço. A boca de Johann encontrou-se com os lábios macios de Heidi, sentindo o gosto salgado das lágrimas.

***

Ela encontrou uma vaga, encostou o carro no meio-fio, saltou e trancou-o. Sorriu, satisfeita consigo mesma. Era uma das vantagens de se ter um minicarro. Podia-se estacioná-lo em qualquer lugar.

Passavam alguns minutos das 11 horas da noite, mas em La Coupole parecia meio-dia. Os cinemas e teatros começavam a se esvaziar e a *brasserie* estava apinhada. Ela abriu caminho pela multidão esperando por mesa e seguiu para os fundos do restaurante. Havia uma mesa no canto que só faltava exibir os nomes. De sete horas da noite em diante, havia sempre alguém da turma sentado ali. Havia uma regra tácita de que a pessoa que estivesse na mesa não poderia se retirar até que outra chegasse, pelo menos até duas horas da madrugada. Se a mesa ficasse desocupada por um minuto sequer, seria imediatamente ocupada por gente da multidão à espera, e eles teriam então de esperar na fila, como os outros.

Marie-Thérese e Françoise estavam sentadas à mesa, Coca-Colas à sua frente, olhando para Jean, cuja cabeça repousava sobre os braços cruzados na mesa, o *pastis* intacto ao seu lado.

Ela inclinou-se e beijou as duas moças no rosto, empertigando-se em seguida e perguntando: – O que há com ele?

– Apagou – respondeu Françoise, com uma expressão contrariada.

Jean era o seu namorado.

– Um marroquino deu-lhe um baseado de haxixe. Dei duas puxadas e fiquei alta que nem uma pipa. Mas ele não quis largar até que já estava quase no fim. Nem mesmo sei como conseguiu chegar à mesa.

– Mas que idiota! – exclamou Janette, sentando ao lado dele.

O garçom apareceu, como que num passe de mágica.

– O que vai ser esta noite?

– *Bon soir*, Sami. – Janette retribuiu o sorriso dele. – Estou com fome esta noite. Vou querer um *hambúrguer au cheval*, *frites* e uma cerveja.

– Está certo.

Sami desapareceu tão subitamente quanto surgira. Janette correu os olhos pelo restaurante.

– Alguém por aqui?

– Ninguém. – Marie-Thérese deu de ombros, olhando atentamente para Janette, através da mesa. – Onde você esteve? Seus olhos estão esquisitos.

Janette soltou uma risada.

– É apenas a claridade daqui. Sempre levo alguns minutos para me acostumar.

– Não me venha com essa merda, Janette. Eu a conheço. Você andou metida

em alguma coisa.

Janette sentia-se muito bem, forte, transbordando de energia. Riu outra vez, apalpando o bolsinho da blusa.

– Coca – disse ela, baixando a voz para um sussurro. – E tenho o suficiente para todo mundo.

Sami voltou, pondo o hambúrguer e a cerveja diante dela. Janette pôs-se a comer vorazmente.

– Estou faminta – comentou ela.

– Não estou entendendo – disse Françoise. – Sempre ouvi dizer que a coca acaba com o apetite.

– Ninguém me avisou. – Janette pegou algumas *frites* com os dedos e mergulhou na mostarda, antes de metê-las na boca. – Assim que eu acabar de comer, vamos todos para o meu apartamento.

– E Jean? – perguntou Françoise.

– Ele que se dane! Deixe-o dormir. Vão jogá-lo na rua na hora de fechar.

– Não posso fazer isso – disse Françoise, hesitante. – Ele nunca mais falaria comigo.

– Garanto que você não perderia grande coisa. Nunca ouvi Jean dizer qualquer coisa que fizesse sentido.

Françoise estava começando a ficar furiosa.

– Não gosta de Jean porque ele não vem correndo quando você estala os dedos.

Janette fitou-a nos olhos e disse incisivamente: – Não gosto de Jean porque ele é estúpido. E não tenho paciência com gente estúpida.

Ela limpou o que restava da gema de ovo do prato com duas *frites* e empurrou o prato vazio para o lado. Levantou a mão, chamando o garçom.

– Vou tomar um café e depois irei embora. Alguém vai querer alguma coisa?

– Não obrigada – respondeu Françoise, olhando para Jean. – Estou ficando preocupada.

Não posso passar a noite inteira aqui, sentada com ele.

Sami tornou a aparecer num passe de mágica. Janette limpou os dedos no guardanapo e entregou-lhe.

– Dois expressos duplos e outro guardanapo, por favor.

– É para já.

Sami removeu os pratos da frente dela. Voltou com o café um momento depois. Pôs uma xícara diante de Janette e correu os olhos pela mesa, inquisitivamente.

– É para ele – informou Janette, apontando para Jean.

Sami olhou meio em dúvida, depois deu de ombros e pôs o café na mesa.

Começou a afastar-se, mas Janette deteve-o.

– A conta, por favor.

Sami folheou o bloco de pedidos, escreveu uma anotação com o lápis, arrancou a folha e estendeu para Janette.

– São 38 francos.

Ela deu-lhe uma nota de 50 francos.

– Pode ficar com o troco.

Sami sorriu.

– *Merci*, Janette.

E ele se foi. Janette tomou o café, deixou a xícara no pires.

– Como vai fazê-lo tomar o café? – perguntou Françoise.

– É muito fácil.

Janette pegou o jarro com água que estava no meio da mesa e despejou sobre a cabeça de Jean.

Ele despertou gaguejando, derrubando seus livros da mesa. Sacudiu a cabeça, atordoado, murmurando: – *Merde*...

Janette entregou-lhe o guardanapo e empurrou o café em sua direção.

– Enxugue-se e tome o seu café, belo adormecido.

Ele esfregou o rosto com o guardanapo.

– Por que fez isso?

Janette soltou uma risada.

– Sua namorada estava preocupada com a possibilidade de você passar a noite inteira dormindo.

Ela levantou-se. Marie-Thérese também levantou-se. Janette olhou para Françoise.

– Ele já está acordado agora. Pode vir, se quiser.

Françoise olhou para Jean e depois tornou a fitá-la.

– Acho melhor eu ficar.

– Como achar melhor. – Janette virou-se. – Vamos embora, Marie-Thérese.

As duas se afastaram tão depressa que esbarraram num rapaz que se aproximava da mesa.

Ele parou ao lado da mesa, ficou olhando para as duas por um momento e depois sentou-se.

– O que há com Janette? Ela quase me derruba e nem mesmo me disse um oi.

– Acho que ela está no cio – disse Françoise, maliciosamente. – E queria sair daqui o mais depressa possível, a fim de levar Marie-Thérese para a cama.

– Acho que estou com sorte – comentou o rapaz. – Se eu fosse atrás delas, será que me deixariam assistir? Eu adoraria ver as duas na cama.

– Eu também, Michel – disse Jean, subitamente desperto. – Vamos todos atrás delas.

– Fique sentado aqui e tome o seu café! – disse Françoise, furiosa.

– Onde passou a noite inteira? – queixou-se Marie-Thérese, enquanto Janette manobrava o carro, saindo da vaga. – Disseme que apareceria às nove horas.

Janette acendeu os faróis e entrou no fluxo de tráfego, ignorando o ranger de freios e as buzinas furiosas. Acelerou o carro para a faixa central, depois virou à esquerda na esquina depois do restaurante, sem sinalizar, a fim de chegar antes do sinal, que começava a mudar.

Engrenou a terceira e foi avançando pela ampla avenida numa velocidade de 60 quilômetros horários.

– Você está alta – disse Marie-Thérese. – Está guiando que nem um italiano.

Janette não respondeu. Ligou o rádio e a música da Europa 1 inundou carro.

– Você sabe como Sami fica em cima da gente – disse Marie-Thérese. – Tomei tanta Coca que vou passar uma semana inteira mijando escuro.

Ela pegou um maço de cigarros, acendeu dois, entregou um a Janette. – Ainda não me contou onde esteve.

– Eu lhe disse que ia ao escritório para conversar com Johann – respondeu Janette.

– O escritório fecha às seis horas. Só chegou ao restaurante depois das 11 horas.

– Você está pior do que um tira.

Janette parou num sinal vermelho e olhou para a amiga. Havia uma expressão magoada no rosto de Marie-Thérese. Ela deu uma tragada no cigarro e depois arrancou com o carro, quando o sinal ficou verde.

– Se quer mesmo saber a verdade, encontrei com Jacques Charelle no elevador, deixando o escritório, acabei indo para o apartamento dele.

A voz de Marie-Thérese estava chocada: – Como pôde fazer uma coisa dessas, Janette? Ele e sua mãe não eram... ?

Ela não acabou a frase.

– Amantes? – Janette soltou uma risada. – Claro que eram. E Jacques não foi o único. Ela tinha outros. Sendo assim, que diferença isso faz?

– Você é demais, Janette. Foi ele quem lhe deu a coca?

– Exatamente.

– E como é? Nunca tomei coca.

– Eu também não, até esta noite – respondeu Janette. – É sensacional. Sobe que é uma beleza.

– Ele sabia que você nunca tinha tomado?

– Claro que não. E eu também não ia dizer-lhe. Simplesmente me comportei

como se estivesse acostumada a tomar coca. Observei como ele fazia e depois imitei. Para dizer a verdade, acho que ele só me deu um pouco de coca para livrar-se de mim. Ficou com medo que eu passasse a noite inteira lá.

Ela olhou para Marie-Thérese. As lágrimas escorriam pelas faces da amiga.

– Ei, que diabo está acontecendo?

– Não consigo compreendê-la, Janette. – Marie-Thérese fungou. – Eu a amo e não posso ir para a cama com qualquer outra pessoa. Você diz que me ama, mas é capaz de trepar com qualquer outra pessoa.

– Quantas vezes terei de dizer-lhe que não é a mesma coisa? – Janette estava irritada. – Fazer amor e trepar são duas coisas diferentes.

– Não para mim.

– Agora sou eu quem não está entendendo. Já fizemos amor com outras pessoas juntas uma porção de vezes.

– O problema é justamente esse – disse Marie-Thérese. – Estávamos juntas. Uma partilhando os prazeres da outra. Mas não me agrada a idéia de você só vir para mim a fim de acabar a noite, porque não trepou o bastante e continua com tesão.

Janette estava agora furiosa.

– Se é assim que se sente, não é melhor eu deixá-la em sua casa?

– Acho que talvez seja mesmo melhor – disse Marie-Thérese, tensamente.

Não voltaram a se falar até que Janette parou o carro diante da casa de Marie-Thérese.

Marie-Thérese ficou imóvel por um momento, olhando para a frente, depois virou-se para Janette.

– Eu a amo – murmurou ela. – Mas você sempre encontra novos meios de me magoar.

Janette não a fitou, continuando a olhar pelo pára-brisa.

– Não tenho nada a ver com isso. Você mesma é que inventa meios de se magoar. Da próxima vez, se não quiser ouvir a verdade, não faça perguntas.

Marie-Thérese saltou do carro e inclinou-se a fim de olhar para Janette.

– Já estarei me sentindo melhor amanhã, quando a encontrar na *Université*.

– Não vai me encontrar lá amanhã – respondeu Janette, bruscamente.

– Por que não?

– Por que vou deixar aquela porcaria. Começarei a trabalhar no escritório amanhã de manhã.

– Oh, não, Janette! – A voz de Marie-Thérese era quase um gemido. – O que vou fazer se não puder vê-la todos os dias?

– Trate de se acostumar – disse Janette, incisivamente. – Todo mundo tem de crescer algum dia.

Ela inclinou-se pelo assento e fechou a porta, arrancando em seguida, deixando Marie-Thérese ainda parada junto ao meio-fio.

– Mas que sacana idiota! – murmurou Janette, furiosa.

Por um momento, ela pensou em voltar a La Coupole. Sempre poderia encontrar alguém por lá. Mas logo mudou de idéia. Já estava cansada de homem por uma noite. O que queria agora era a maciez e sensibilidade de uma mulher. Abruptamente, ela pisou no freio. Engrenou a marcha à ré e voltou ao lugar em que Marie-Thérese ainda estava parada, chorando.

Janette parou o carro e abriu a porta.

– Desculpe, Marie-Thérese. Entre logo.

***

– Cem milhões de francos por ano! – disse Maurice. – É o que vamos ganhar se tirarmos de lá aquele maldito nazista.

Jacques fitou-o aturdido. A cabeça ainda estava confusa de sono.

Passavam alguns minutos das duas horas da madrugada quando Maurice o despertara com um telefonema. E ele se mostrara incisivo demais para Jacques lhe dizer que deixasse o encontro para de manhã. Além do mais, qualquer protesto provavelmente não adiantaria, porque Maurice estava ligando do saguão lá embaixo.

– Dê licença por um minuto – disse Jacques, levantando-se do sofá. – Vou jogar um pouco de água fria no rosto. Por cem milhões de francos, quero estar bem desperto.

Ele foi para o banheiro, descalço como estava, acendeu a luz e fechou a porta. Apoiou as mãos na pia e inclinou-se para frente, contemplando-se no espelho. Estava com uma aparência horrível. Como se a morte estivesse por perto. Aquela cadela não queria parar nunca. Não podia se lembrar da última vez em que tivera quatro orgasmos quase no mesmo número de horas. E na quinta vez sentira-se contente apenas por ter conseguido uma ereção. A esta altura, não parecia fazer a menor diferença para Janette se ele tinha ou não um orgasmo.

Duvidava que ela sequer soubesse a diferença, de tão absorvida que estava em si mesma.

Ele abriu a água fria, molhou o rosto e o pescoço. Ajudou um pouco, mas não muito.

Enxugou o rosto lentamente. Que cadela exigente! Ela não era absolutamente o que ele esperava, quando a encontrara no elevador do escritório. Acostumara-

se a mulheres mais maduras, a ligações mais suaves e serenas.

Mesmo assim, havia nela uma exuberância de sexualidade que o fazia lembrar-se intensamente da mãe. Fora por isso que a convidara para ir a seu apartamento tomar um drinque. Seria divertido, pensara Jacques, trepar agora com a filha, depois de ter trepado com a mãe. Foi só mais tarde que ele compreendeu que Janette tivera a mesma idéia.

***

Ela estava com o carro diante do prédio e o levara para casa. E quando lhe perguntara o que fora fazer no escritório, Janette informara que começaria a trabalhar lá no dia seguinte. E durante todo o tempo, enquanto falava sobre o que planejava fazer no escritório, Janette roçava a mão pela coxa dele, ao passar a mudança. Jacques se remexera constrangido, quando sua ereção começara a se comprimir contra a calça.

Janette percebera-o e soltara uma risada.

– Se tirá-lo para fora, passarei as duas mudanças ao mesmo tempo.

Jacques sorrira.

– Não vai precisar, pois já chegamos.

Subindo no elevador, Janette observara-o atentamente.

– Minha mãe gostava de você. Ouvi-a falar de você muitas vezes.

– Eu também gostava dela.

Janette assentira enquanto a porta do elevador se abria, seguindo-o em silêncio para a porta do apartamento.

***

Jacques contemplou-se no espelho outra vez. Ainda se sentia horrível. Graças à cocaína. A princípio hesitara em usá-la. Os franceses estavam 20 anos atrasados. Ficavam horrorizados diante de *la drogue*, não importando quais outros excessos pudessem cometer. Mas Janette aparentemente já consumira cocaína antes. E muitas vezes, a julgar pela maneira como ficara insistindo para que lhe servisse.

Um pouco agora não faria mal algum, poderia até despertá-lo, a fim de que pelo menos soubesse de que diabo Maurice estava falando. Felizmente, ele sempre guardava um frasco de reserva no armarinho de remédios. Não havia a menor possibilidade de preparar uma linha de cocaína na presença de Maurice. Ele era francês demais.

Jacques pegou o frasco e despejou duas boas doses nas costas da mão, depois

aspirou rapidamente, pelas duas narinas. Sentiu que subia direto para a cabeça. Contemplou-se mais uma vez no espelho, enquanto tornava a guardar o frasco no armário. Já parecia melhor. Os olhos estavam mais brilhantes.

Ele voltou à sala de estar. Maurice estava parado ao lado da janela, olhando para fora.

Virou-se ao ouvir Jacques voltar à sala.

– Pelo menos estou desperto agora. – Jacques sorriu. – Desculpe por não ter perguntado antes se você queria um drinque.

– Tem uísque?

– Claro. Com gelo?

– Não, obrigado. Aprendi a gostar de uísque na Inglaterra, durante a guerra. E eles sempre tomam puro.

– Têm toda razão – disse Jacques, embora preferisse tomar uísque com gelo, à moda americana. – É a única maneira civilizada.

Ele serviu um uísque para Maurice e um conhaque para si mesmo. Os dois sentaram-se.

– *Santé*.

Ambos tomaram um gole e ele ficou esperando que Maurice baixasse copo.

– O que era mesmo que você estava falando a respeito de cem milhões de francos por ano?

Maurice sorriu interiormente. Como era mesmo aquele ditado canadense? Os homens da Polícia Montada sempre agarravam seu homem. O dinheiro fazia a mesma coisa, só que mais depressa.

– Janette esteve aqui das seis e dez da tarde até quase 11 horas da noite. Presumo que não passaram todo esse tempo empenhados em conversar.

Jacques ficou aturdido.

– Como sabe disso?

– Como estou insistindo para que ela deixe a universidade e comece a trabalhar na companhia, faço questão de saber o que exatamente ela está fazendo. Durante todo o tempo.

– Contratou gente para segui-la?

Maurice assentiu.

– Não entendo o que isso tem a ver com todo aquele dinheiro a que se referiu – comentou Jacques.

– Vai entender quando eu explicar. Janette precisa de instrução, a fim de compreender o potencial do negócio, que não está sendo devidamente aproveitado. À minha maneira, já comecei a trabalhá-la. Você pode acrescentar muito mais, porque sabe mais do que eu em vários aspectos. E quando Janette souber o bastante, talvez ela tome alguma providência contra o boche.

– Mesmo que ela tente, não pode dar certo. Só daqui a dois anos é que Janette vai completar 21 anos e atingir a maioridade. E Johann ainda tem todos os anos até que Lauren também alcance a maioridade. Assim, ainda teremos de esperar mais dois anos para que Janette possa pelo menos contestar as decisões dele.

– Não precisamos esperar mais dois anos – disse Maurice, fitando-o nos olhos. – Pelas leis francesas, o controle dos bens passa automaticamente para o marido, no momento em que ela se casar.

***

Houve uma batida na porta. Johann levantou os olhos dos papéis que estava examinando.

– Entre.

Janette entrou na sala, a saia de *tweed* caindo reta pelos quadris, a blusa de seda com um corte masculino e o casaco de *tweed* travando uma batalha perdida contra os seios cheios.

Ela parou diante da mesa e fitou-o com um sorriso.

– As seis semanas já acabaram.

– Sei disso.

– As coisas não são tão simples como eu imaginava.

Johann sorriu.

– Raramente são. – Ele pegou um lápis. – Mas você se saiu muito bem. Só recebi boas informações a respeito de seu trabalho. Conseguiu formular todas as perguntas certas.

– Ainda tenho muito o que aprender.

Johann observou-a em silêncio por um longo momento.

– Então encontrou também a resposta certa. – Ele largou o lápis na mesa. – Mas não fique desapontada. Todos nós temos muito o que aprender.

– Mudei de idéia, Johann. Não vou mais com Maurice à América na próxima semana.

Pela primeira vez, a surpresa transpareceu na voz dele.

– O que a levou a mudar de idéia?

– Aprendi o suficiente para saber que ainda não estou preparada para isso. Quando eu fizer a viagem, quero ser capaz de projetar o tipo de imagem que os americanos esperam de alguém em nosso negócio.

– Acho que não estou entendendo.

Foi a vez de Janette sorrir.

– Posso sentar?

– Claro! – exclamou Johann, confuso. – Desculpe. Nem pensei nisso.

Ele ficou observando-a acomodar-se na cadeira diante da mesa. E foi quase como se Janette pudesse ler os pensamentos dele: – Eu o faço lembrar de mamãe?

– Faz, sim. E muito. Especialmente quando a vejo sentada aí.

Janette sorriu.

– Já imaginava. Muitas pessoas me têm dito a mesma coisa. Sei que falam como um elogio, mas é um dos motivos pelos quais não quero ir agora aos Estados Unidos. Minha mãe jamais precisou parecer francesa para o que fazia. Mas se eu fosse para os Estados Unidos, seria melhor parecer o que os americanos esperam de uma francesa, caso contrário jamais poderia convencê-los de que represento as coisas elegantes da vida francesa. Como belas roupas, alta moda e vinhos. É que, fisicamente, não sou o tipo apropriado.

– O que a faz pensar assim?

– Fui assistir a alguns desfiles de modas com Jacques. Pude constatar o que os compradores americanos procuram e esperam. E eu não sou o tipo. Sou grande demais. Shiki estava certo.

– Não há muita coisa que possa fazer para remediar isso.

– Para começar, posso emagrecer um pouco. Estou com 66 quilos, o que é demais. O máximo para a minha altura é 56 quilos, se quero oferecer uma silhueta certa.

– E pode também acabar doente.

– Não creio. Há uma clínica na Suíça que não fica muito longe da escola em que estudei.

Fazem coisas maravilhosas por lá e tudo sob supervisão médica. Dez quilos a menos e poderei usar qualquer coisa que Shiki criar.

– Não é tão importante assim.

– Acho que é – disse Janette, muito séria. – Se pretendo entrar no negócio, é fundamental dar a impressão de que pertenço a ele.

Johann ficou calado por um momento.

– Já conversou com Maurice sobre isso?

Janette sacudiu a cabeça.

– Não falei a ninguém. Nem mesmo a Jacques. Você é o primeiro a saber.

– Jacques ficará mais desapontado do que qualquer outra pessoa. Estava planejando encontrá-la em Nova York, cerca de um mês depois de você ter chegado lá.

– Sei disso.

Janette sorriu subitamente. Levantou-se, o sorriso desaparecendo tão abruptamente quanto surgira. A voz estava quase fria quando acrescentou: – Jacques tinha a idéia estúpida de levar-me para Las Vegas e casar comigo. Disse que eu não precisaria do consentimento de ninguém para casar em Las Vegas, por ser maior de 18 anos.

Johann fitava-a em silêncio. Ela acrescentou: – Ele é um idiota, um caçador de dotes.

Johann continuou calado.

– Ficarei ausente por dois meses. É o prazo que os médicos da clínica julgam necessário para deixar-me em forma, sem prejudicar a saúde. Ninguém saberá onde estou, além de você.

Quero livrar-me dele, enquanto estiver ausente.

– Mas pensei que você...

Johann tentou disfarçar a surpresa. Não era mais segredo. Àquela altura, todo o escritório já sabia da ligação de Janette com Jacques. A voz de Janette era fria e objetiva: – Ele estava me usando, da mesma forma como usou minha mãe. Tenho certeza de que ela o tolerava por um bom motivo. E foi o que também aconteceu comigo. Mas Jacques já não me serve mais para nada. Já aprendi tudo o que ele tinha para ensinar-me.

– Mas ele faz um trabalho importante, Janette. Não será fácil substituí-lo.

– Será muito fácil – declarou ela, confiante.

– Não tenho tanta certeza assim – murmurou Johann, hesitante. – Já pensou em alguém?

– Claro que já. Acha que lhe pediria para fazer algo assim se já não tivesse pensado em alguém para o cargo?

– Quem?

Janette fitou-o nos olhos e pela primeira vez Johann percebeu a dureza impenetrável no preto dos olhos dela. Havia uma total ausência de expressão na voz dela quando respondeu: – Eu.

Johann mergulhou fundo em si mesmo, em busca da força que sabia que precisaria ter.

– Vou estudar a sua sugestão. Não estou convencido de que possa cuidar bem do serviço.

Pela primeira vez, havia surpresa na voz de Janette: – Mas como consegue aturá-lo? Sabe como ele o chama pelas costas? De nazista, huno, boche!

Johann sorriu.

– Não é um motivo válido. Se fosse, não restaria uma só pessoa no escritório trabalhando para nós. Sou alemão. Não espero que me amem, apenas que façam seu trabalho.

Janette pensou por um momento.

– O que seria necessário para convencê-lo de que posso fazer o serviço?

– Quando voltar, pode trabalhar como assistente dele. Se eu estiver satisfeito, depois de seis meses, poderemos fazer o que sugeri.

Ela respirou fundo.

– Ele vai esperar que eu continue a freqüentar sua cama.

– Isso é problema seu e não meu.

Janette ficou subitamente furiosa.

– Eu poderia mandar tudo para o inferno e casar com ele!

Surpreendentemente, Johann riu.

– Não posso impedi-la. Só que neste caso não conseguiria livrar-se dele.

Ela ficou calada por um momento, depois riu também.

– Entendo agora por que mamãe o escolheu, Johann. Faremos como está querendo.

– Não há outro jeito.

– Ainda continuo a não querer que ninguém saiba onde estou.

– Ninguém saberá.

Ele ficou observando a porta se fechar, depois que Janette saiu. Ficou imóvel por um longo momento, depois pegou o telefone e pediu uma ligação para os Estados Unidos. Enquanto esperava, pensou na expressão fria dos olhos escuros de Janette. Algum dia seria a vez dele.

Sabia disso agora. De certa forma, sempre soubera. Mas não havia a menor possibilidade de evitar. Mesmo quando Janette alcançasse a maioridade, ainda haveria Lauren para proteger.

Se ao menos houvesse algum meio de afastar Lauren, sem sacrificar a tranqüilidade dela, ele se sentiria livre. Parecia que, de certa forma, por toda a sua vida, estivera pagando dívidas aos mortos. Talvez agora fosse chegado o momento de fazer um investimento em sua própria vida.

***

Janette saiu do chuveiro enrolada no roupão enorme. Virou-se para os espelho, enquanto tirava a touca dos cabelos. Eles caíram úmidos pelos ombros e ela pegou outra toalha para enxugá-los. Pelo espelho, viu a porta do banheiro se abrir, às suas costas. Virou-se rapidamente.

Lauren estava parada ali, observando-a. Os olhos azuis estavam sombrios no rosto alvo, emoldurado pelos cachos dourados dos cabelos. Ela permaneceu em

silêncio, apenas olhando para Janette.

Esfregando os cabelos com a toalha, Janette perguntou: – O que é, *chérie*?

– *Monsieur le Marquis* está na biblioteca. Quer falar com você.

– Está certo. Descerei daqui a pouco.

Janette tornou a virar-se para o espelho. Percebeu que Lauren continuava parada na porta, observando-a. De repente, as lágrimas afloraram aos olhos da menina. Janette virou-se prontamente, ajoelhando-se diante da irmã.

– Qual é o problema, *chérie*?

– O que é uma meia-irmã? – perguntou Lauren, reprimindo um soluço.

– Meia-irmã? Não sei o que significa.

– Foi o que *Monsieur le Marquis* disse que você era. Ele falou: Vá dizer a sua meia-irmã que estou esperando por ela. Disse também que não era polido chamá-lo de *Monsieur le Marquis.*

Disse que deveria chamá-lo de papai... Respondi que você não o chama de papai e ele disse que não era o seu pai, mas era o meu. E por isso é que você é minha meia-irmã.

Lauren estava agora chorando incontrolavelmente.

– Acorde! – exclamou Janette, abraçando a menina firmemente. – Não dê importância ao que ele diz, querida. Sou sua irmã inteira e isso é tudo. E você não precisa chamá-lo de papai, já que ele não é o seu pai assim como também não é o meu.

– Então por que ele diz que é? – perguntou Lauren.

– Porque é isso o que ele gostaria de ser. Mas não é.

– Então quem é meu pai?

– Seu pai foi embora, assim como o meu.

– Você conhece meu pai?

– Não. Mas também não conheci o meu.

– Então por que somos irmãs? Como podemos saber disso?

– Porque temos a mesma mãe.

– Você a conheceu?

– Conheci, querida.

– E por que eu não a conheci?

– Ela sofreu um acidente quando você ainda era bebê.

– Ela está morta, não é mesmo? Assim como nossos pais?

– Está, sim. – Janette beijou Lauren no rosto gentilmente. – Mas não deve se preocupar com isso. Temos uma à outra.

Lauren recuou e esfregou o nariz com as costas da mão.

– Nossa mãe era simpática?

– E muito.

– Era bonita?

– Era uma das mulheres mais bonitas de Paris. E a amava muito.

– Ela também amava você?

Janette assentiu, lentamente.

– Amava, sim.

Lauren pensou por um momento.

– Sinto não tê-la conhecido. Gostaria algum dia de ter uma mãe.

Janette ficou calada. A menina fitou-a nos olhos.

– Será que você podia ser minha mamãe?

– Como poderia? Não posso ser sua irmã e sua mãe ao mesmo tempo.

– Não seria de verdade, Janette. Apenas brincar de mãe. De vez em quando, ao ficarmos sozinhas. Não precisamos contar a ninguém. Mesmo sendo de brincadeira, eu gostaria de ter uma mamãe.

Foi a vez de Janette pensar por um momento, para depois assentir.

– Está certo. Mas apenas de brincadeira, hem?

Um sorriso radiante estampou-se no rosto de Lauren e ela abraçou Janette, beijando-a no rosto.

– Obrigada.

Janette apertou-a com força por um instante e depois largou-a.

– E agora vá para a cama, menina.

Lauren beijou-a outra vez.

– Boa-noite, mamãe.

Ela saiu correndo do quarto.

Janette virou-se para o espelho e terminou de enxugar os cabelos, depois escovou-os e vestiu-se lentamente. Foi só quando já estava na escada que percebeu subitamente que pusera automaticamente o sutiã e a calcinha pretos que Maurice sempre quisera que ela usasse.

Ele estava parado atrás da porta da biblioteca quando Janette a abriu, só o vendo depois de fechá-la. Antes que ela tivesse oportunidade de falar, Maurice desferiu-lhe uma violenta bofetada, derrubando-a de costas no chão, a saia subindo para os quadris.

Ele ficou parado por cima dela por um instante, contemplando-a, depois abruptamente abaixou-se e enfiou a mão entre as pernas dela. A calcinha preta estava toda molhada.

Maurice apertou-lhe o púbis com toda força, observando a dor contorcer-lhe o rosto, enquanto mais líquido escorria para sua mão.

– Sua puta! – disse ele, um tom de satisfação insinuando-se em sua voz.

Ele empertigou-se e empurrou-a com a ponta do sapato.

– Sua puta!

Janette fitou-o em silêncio, enquanto ele se afastava e sentava-se no sofá diante dela. Ela respirou fundo e levantou-se. Podia sentir as pernas ainda trêmulas.

– Cadela! – disse Maurice, já agora no tom de voz normal. – Qual é a brincadeira que está querendo fazer comigo?

A voz de Janette era quase apática: – Não estou fazendo nenhuma brincadeira.

– Já tomei todas as providências para a viagem à América. E agora sou informado que você não vai.

– Mudei de idéia.

– Mudou de idéia? – repetiu ele, zombeteiramente. – Pensei que queria aprender mais alguma coisa sobre os seus negócios.

– Achei muito aborrecido o que aprendi. Além do mais, por que tenho de trabalhar? Está tudo bem. Já tenho dinheiro suficiente.

– E está disposta a deixar que aquele nazista continue a roubá-la?

Janette não respondeu. Em vez disso, virou-se e foi até o aparador ao lado da lareira.

Despejou um pouco de *pastis* num copo e acrescentou água. Sacudiu o copo gentilmente, até que uma nuvem leitosa enchesse o copo. Tomou um gole, virando-se para fitar Maurice, sentindo que suas forças voltavam.

– Não estou interessada, só isso.

Maurice adiantou-se rapidamente, o copo voou da mão dela, quase antes mesmo que Janette percebesse o movimento. Ela virou o rosto, tentando evitar que ele a esbofeteasse novamente, mas não foi rápida o bastante. Janette caiu no chão, diante da lareira. Através dos olhos embaçados pela dor, percebeu-o se aproximar.

Janette rolou pelo chão e pegou um pequeno atiçador de ferro.

Agarrando-o com as duas mãos, rolou outra vez e levantou-se de um pulo. Furiosamente, virou o atiçador na direção dele. Maurice pulou para trás bem a tempo, o atiçador cortando o ar vazio.

Ele fitou-a aturdido, quase em choque, diante da natureza brutal da violência dela.

Janette falou incisivamente: – Você me encosta a mão outra vez e vou acabar o que minha mãe começou!

– Você está doida! Exatamente como sua mãe também era!

– Saia daqui!– gritou Janette, avançando para cima dele. – Saia!

Maurice correu para a porta e virou-se, com a mão na maçaneta.

– Espere um instante! Eu estava apenas querendo ajudá-la a não perder tudo o que tem!

– Pode deixar que cuido de mim mesma. Fique longe de mim, desta casa e de minha irmã ou vou matá-lo. E agora saia logo daqui!

– Algum dia você vai ficar de joelhos suplicando por minha ajuda – disse Maurice, saindo e batendo a porta.

Janette ficou olhando para a porta fechada por um momento, depois suas pernas cederam e ela arriou no sofá, o atiçador caindo de sua mão para o chão. Fechou os olhos, deixando-se dominar pelas ondas de calor que percorriam seu corpo... Quase que automaticamente, enfiou a mão por dentro da calcinha. Um orgasmo sacudiu-a no instante mesmo em que os dedos encostaram no clitóris molhado e intumescido.

– Oh, Deus! – exclamou ela, virando em seguida o rosto para o sofá, enterrando a cabeça entre os braços e desatando a chorar.

***

Heidi avistou-o parado logo depois da grade, ao se aproximar da barreira da imigração.

Acenou-lhe, enquanto estendia seu passaporte pelo estreito guichê. Johann sorriu e acenou em resposta. Foi só então que ela percebeu o pequeno buquê de flores que Johann segurava com a outra mão. O guarda carimbou o passaporte e devolveu-o. Heidi pegou o passaporte e quase correu, ao encaminhar-se para a grade.

Por um momento, os dois ficaram parados, meio constrangidos, fitando-se nos olhos. Depois, Johann estendeu o buquê, quase timidamente. Ela pegou-o, tornou a fitá-lo nos olhos e depois jogou-se nos braços dele.

A voz de Johann era rouca quando sussurrou no ouvido dela: – Até este momento, eu ainda estava com medo de que você não viesse.

A voz de Heidi tremia entre o riso e as lágrimas: – Até você me telefonar, eu estava com medo de que nunca me pedisse.

Eles se separaram. Heidi olhou para o buquê.

– As flores são lindas. Mas não precisava se preocupar.

Johann riu, enquanto pegava a pequena valise que ela carregava.

– Vamos pegar o resto de sua bagagem e depois iremos embora.

O tráfego era lento na *autoroute* que levava de Orly a Paris. Johann explicou: – Ainda está na hora do *rush* matutino.

– Não me importo.

– Dormiu no avião?

– Um pouco.

– Pode tomar um banho assim que chegarmos em casa. Depois descansará um pouco e se sentirá melhor.

– Estou me sentindo bem. Apenas excitada.

Johann riu novamente.

– Espero que não tenha ficado excitada demais a ponto de esquecer algum documento.

– Trouxe tudo!

– Ótimo! Tenho um amigo na *mairie*. Ele disse que poderia apressar tudo para nós. Não deveremos ter de esperar por mais de dez dias.

– Tanto tempo assim? – A voz de Heidi era consternada. – Nos Estados Unidos não seria necessário mais que um dia.

Johann tornou a rir.

– Mas estamos na França, lembra-se?

Ela assentiu, estendendo a mão para o braço dele.

– Não me importo. Poderia até levar toda uma eternidade que não teria importância, desde que eu pudesse ficar ao seu lado.

– Você ficará comigo. – Johann tornou a fitá-la. – Mandei limpar e pintar o apartamento.

Mas se não gostar, pode mudar o que quiser.

– Tenho certeza de que não haverá necessidade de mudar coisa alguma. Afinal, será apenas por dois anos.

Johann ficou calado. Heidi apressou-se em indagar: – Estava falando sério, não é mesmo?

Ele assentiu.

– Claro que estava. Tenho certeza de que Janette ficará contente em livrar-se de mim assim que completar 21 anos.

Heidi examinou-lhe o rosto atentamente.

– Não está transtornado com isso, não é mesmo?

– Claro que não. A única coisa que me preocupa é a pequena Lauren. Terei de encontrar algum meio de garantir que ela continue protegida.

– Dispõe de dois anos para encontrar uma solução. E tenho certeza de que encontrará. – Heidi fez uma pausa. – Estou aguardando ansiosamente o encontro com Janette.

Johann riu.

– Terá de esperar por mais um mês. Neste momento, ela está internada numa clínica na Suíça.

– Ela está doente?

– Não. Apenas acha que chegou o momento de se parecer com uma

manequim de moda.

– Ela é gorda?

– De jeito nenhum. Apenas é como a mãe, com um corpo cheio.

– As crianças têm as idéias mais estranhas.

Johann fitou-a rapidamente. E, quando falou, a voz era pensativa: – Janette não é uma criança. Acho que nunca foi.

***

Talvez mais agora do que antes, com Johann se casando. Janette pode não gostar da idéia de que ele tenha outros interesses. Se ela achar que as preocupações de Johann estão em outra parte, pode virar-se para o nosso lado.

– Johann vai casar esta semana – disse Jacques.

– Não posso acreditar – disse Maurice, fazendo sinal ao garçom para que trouxe-se outro drinque. – Alguém que eu conheça?

Jacques sacudiu a cabeça.

– Nenhum de nós a conhece. Ela é americana. Ao que parece, o pai é muito rico.

– Ela é jovem?

– Acho que deve ter seus 30 anos. Esteve no escritório outro dia. É muito atraente. Creio que os pais dela são alemães.

– Qual é o negócio em que o pai está?

Jacques deu de ombros.

– Não sei.

– Pode ser uma boa idéia descobrir. Johann nada tem de estúpido. Talvez haja alguma relação com os seus planos futuros para as companhas.

– Verei o que posso descobrir. Teve alguma sorte em descobrir o paradeiro de Janette?

– Não. Ela parece ter desaparecido inteiramente da face da terra. E fico me perguntando se alguém sabe onde ela está.

– Johann sabe. É o único que não está curioso. Mas não vai dizer nada.

– Temos de ficar de olhos bem abertos ou podemos descobrir que tudo escapou ao nosso controle.

– Acha mesmo que ainda temos uma chance? – perguntou Jacques.

***

Janette saiu da balança e virou-se para o médico.

– Apenas quatro quilos. Não é muita coisa.

O Dr. Schindler sorriu.

– Estou satisfeito. É um pouco mais de um quilo por semana. Se tentarmos mais, podemos perder o tônus da pele depressa demais e tudo começaria a ficar flácido.

– Meus seios já estão começando a ficar flácidos.

– Está fazendo os exercícios que determinei?

Ele cruzou as mãos diante do peito e contraiu os músculos do peito, a fim de que Janette pudesse vê-los se mexendo por baixo da camisa.

– Passo o dia inteiro fazendo isso, que nem uma idiota. Acho que não está funcionando.

– Tudo leva tempo. – ele sorriu. – Precisamos ter paciência.

O médico fez algumas anotações numa ficha e acrescentou: – E devemos ter cuidado para não desenvolver músculos que depois se tornaria impossível eliminar.

– *Merde*! – Janette arriou na cadeira diante da mesa. – Outra coisa: estou nervosa durante todo o tempo. Impaciente.

O Dr. Schindler fez outra anotação na ficha.

– Vou reduzir a quantidade de injeções. Daqui por diante, haverá apenas duas por semana, ao invés de um dia sim, outro não. Não está mais sentindo-se faminta, não é mesmo?

Janette sacudiu a cabeça.

– Absolutamente.

– Isso é ótimo. Vou lhe determinar duas massagens por dia. E aumentarei a natação de meia hora em cada sessão para uma hora.

– A coisa está ficando cada vez mais chata.

Ele sorriu.

– Nunca alegamos que aqui era um parque de diversões, Janette. É um negócio sério. Veio procurar a nossa ajuda para um problema e estamos trabalhando para resolvê-lo da melhor forma possível.

– Não faria mal algum se pudesse proporcionar algum divertimento à noite, a fim de relaxarmos um pouco.

– Que espécie de divertimento?

– Filmes. Música. Alguma coisa. Não sei direito o quê. Algo para afastar nossos pensamentos da chatice da rotina.

Ele assentiu.

– É uma boa idéia. Vamos pensar a respeito.

– As pacientes não se sentiriam como se estivessem numa espécie de prisão. Afinal, quantas preleções sobre dieta e exercícios alguém pode agüentar?

O médico riu.

– Você tem razão. Eu apenas nunca havia pensado nesse aspecto.

– E ainda por cima fariam mais negócios, dando a impressão de que a coisa pode ser divertida.

Ele tornou a assentir e fez mais algumas anotações na ficha.

– Como está dormindo?

– Não muito bem. Como já falei, estou um pouco nervosa.

– Posso lhe dar uma pílula para dormir. Mas um dos possíveis efeitos secundários é o de que pode reter água, o que seria uma tremenda frustração.

– Pode deixar que darei um jeito – disse Janette, sorrindo. – A masturbação é o melhor tranqüilizante natural.

Ele riu.

– É maravilhoso ser jovem. – O médico levantou-se. – Está indo muito bem. Trate apenas de continuar assim. Faltam apenas mais cinco semanas.

O Dr. Schindler acompanhou-a até a porta de sua sala.

– Garanto que ficará satisfeita com o resultado final.

– Ficarei feliz se meus seios não acabarem caídos até a barriga.

– Não se preocupe com isso. Não vai acontecer. Mas mesmo que acontecesse, também temos uma cura para isso.

***

– É uma questão de rotina, *Herr* Schwebel – disse o banqueiro para Johann, a voz crepitando um pouco no telefonema da Suíça. – *Madame la Marquis* e deixou instruções para que, se não recebêssemos qualquer notícia dela por três anos consecutivos, entrássemos em contato com você, a fim de determinar o que devemos fazer com os bens que ela deixou sob a nossa guarda.

Johann ficou em silêncio por um momento. Nem uma única vez durante tantos anos, Tanya mencionara que tinha alguma coisa num banco suíço.

– Tem alguma idéia sobre a natureza dos bens? – perguntou ele, circunspecto com o uso da língua ao telefone, embora estivessem falando em alemão, mas porque nunca se podia ter certeza se havia ou não alguém escutando.

– Não sabemos qual é o conteúdo – respondeu o banqueiro. – A única coisa que nos interessa é que existem seis cofres grandes arrendados pela marquesa em 1944, por um período de 20 anos. O custo do arrendamento foi pago adiantado.

– Entendo... – murmurou Johann, pensativo. 1944 fora o ano em que haviam se transferido para Suíça. – Quer dizer que não existe qualquer problema urgente no momento?

– Absolutamente nenhum. Como falei, trata-se apenas de uma questão de rotina. Estamos somente seguindo as instruções.

– Tem uma cópia da chave?

– Não – respondeu o banqueiro. – *Madame* tinha a única chave.

– Já sabe, é claro, que *Madame* está morta?

– Já, sim. Mas seguindo as ordens, não o procuramos até transcorrer prazo determinado.

– Claro, claro... – Os banqueiros eram todos iguais. A rotina era mais importante do que o fato. – Vou verificar novamente os papéis de *Madame* para ver se ela deixou instruções específicas sobre esse assunto. E depois voltarei a entrar em contato.

– Obrigado, *Herr* von Schwebel.

Johann sorriu para si mesmo. Agora que o banqueiro sabia que ele estava no comando, fora

elevado de um mero *Herr* Schwebel para *Herr* von Schwebel. Dinheiro e autoridade constituíam uma combinação irrefutável.

– Planejo ir à Suíça dentro de algumas semanas. Poderemos então conversar sobre o assunto.

– Estou à sua disposição, *Herr* von Schwebel. Até lá, se pudesse fazer a gentileza de escrever uma carta dizendo que o procuramos, de acordo com as instruções, isso manteria nossos registros em ordem.

– Vou despachar a carta imediatamente – prometeu Johann.

Eles despediram-se com algumas amabilidades. Johann repôs o fone no gancho lentamente. Olhou para as anotações que fizera no bloco. Todas as informações estavam ali. O banco, o nome do banqueiro. Tudo. Abruptamente, ele arrancou a folha do bloco e guardou cuidadosamente na carteira. Depois, arrancou as cinco folhas seguintes, amassou-as e jogou na cesta de lixo. Estendeu a mão para chamar a secretária, a fim de ditar-lhe a carta para o banqueiro. Mas mudou de idéia. Escreveria a carta pessoalmente e a despacharia de casa. E também diria ao banqueiro que passasse a entrar em contato com ele em casa. Não havia sentido em deixar pistas sobre aquele assunto no escritório.

Johann olhou para o relógio. Heidi já deveria ter voltado ao apartamento, àquela altura.

Como uma noiva em perspectiva, ela saíra a percorrer as lojas, à procura do vestido de casamento. Um vestido de casamento e não um vestido de noiva, ressaltara Heidi, cuidadosamente. Ela atendeu ao telefone.

– Encontrou alguma coisa, Heidi?

A voz dela estava excitada: – Encontrei, sim! E é lindo!

– Onde?

– Maggy Rouff. E consegui um desconto de 20 por cento, porque mencionei o seu nome.

Johann riu.

– Isso é maravilhoso. Quando poderei vê-lo?

– Não antes do casamento. Dá azar o noivo ver a noiva no vestido de casamento antes.

– Está certo, vou esperar. Já teve notícias de seu pai?

– Há poucos minutos. Ele estará aqui para o casamento.

– Ótimo. Estou aguardando ansiosamente o momento de conhecê-lo.

– Ele também está.

– Já esteve alguma vez na Suíça, Heidi?

– Não.

– Conheço um hotelzinho adorável nas montanhas, não muito longe de Genebra. Não gostaria de passar a lua-de-mel por lá? É um hotel pequeno e sossegado. E as possibilidades são de que seremos os únicos hóspedes.

– Mal posso esperar!

– Então farei as reservas. Onde você gostaria de jantar?

– Pensei que seria ótimo se pudéssemos jantar aqui esta noite. Afinal, você nem mesmo sabe se sou capaz de cozinhar.

– Tem razão. Mas devo dizer que esse problema nunca me passou pela cabeça. Estava mais interessado em outras coisas.

Heidi riu.

– Mas também sei cozinhar. Vai ver só.

Johann desligou. Seis cofres grandes alugados. Desde 1944. Ele fechou os olhos, tentando recordar tudo o que acontecera naquele ano. Mas nada lembrou que pudesse indicar o que havia nos cofres. De qualquer forma, havia alguma coisa. E devia ser valiosa e importante o bastante para que Tanya providenciasse a guarda num banco suíço por 20 anos. Talvez fosse a única coisa que ela jamais falara com ninguém, nem mesmo com ele.

Johann respirou fundo. Iria a seu banco no dia seguinte e pegaria todos os papéis de Tanya, examinando-os novamente. Tinha de haver alguma pista nos documentos. E havia também, em algum lugar, uma chave para abrir os cofres.

***

– Ele tem uma fábrica de cerveja – disse Jacques.

– Quem?

Maurice estava aturdido.

– O pai da noiva de Johann. É um homem muito rico. Mayer's Breweries, em Minneapolis.

Maurice ficou impressionado.

– Johann saiu-se muito bem por si mesmo. Conheço a cerveja. É a Twin Cities Beer, uma das mais populares nos Estados Unidos. Como será que ele a conheceu?

– Ela era casada e divorciou-se. Trabalhou em seguida, por vários anos, como compradora de modas para lojas de departamentos do Meio-Oeste americano, vindo a Paris quatro vezes por ano. A secretária de Johann contou-me que eles se conheceram num dos desfiles de Shiki.

– Ele fez algum negócio com ela?

Jacques sacudiu a cabeça.

– Ao que eu saiba, não. Shiki não é muito bem aceito no interior da América.

– Ah, os milagres nunca deixam de acontecer! O insípido e cansativo Johann arruma uma herdeira que vale mais de 20 milhões de dólares.

– Está brincando!

O tom de Jacques era de completa incredulidade.

– Não estou, não.

– Será que Johann sabia disso quando a conheceu?

Maurice soltou uma risada.

– Isso não tem a menor importância agora. – Ele tomou um gole de seu drinque. E

acrescentou, sacudindo a cabeça num gesto de espanto: – Ah, Johann...

– Também fui informado de que o pai dela chegará a Paris na próxima semana, para o casamento – disse Jacques. – Ao que parece, ela é filha única. Esta será a primeira viagem dele à Europa em mais de 30 anos. Johann reservou-lhe uma suíte grande no George Cinq.

– A coisa está ficando cada vez melhor – comentou Maurice.

– Não estou entendendo.

Maurice fitou-o atentamente.

– Johann deve estar fazendo seus planos. Mais dois anos e Janette alcança a maioridade.

Ela entra no negócio como dona, enquanto ele não passará de empregado e administrador da parte de Lauren. Vai fazer alguma coisa. Posso sentir nos ossos.

Ele tomou outro gole de seu drinque, antes de acrescentar: – Será que Janette sabe disso?

– Não tenho a menor idéia – respondeu Jacques. – E ainda ninguém sabe onde ela está.

Cheguei a ir a La Coupole outra noite, o restaurante em que os amigos dela costumam se reunir. Nem mesmo Marie-Thérese sabe do paradeiro dela. E as duas são inseparáveis desde que eram crianças na escola.

– Sei de tudo sobre Marie-Thérese. E se ela não sabe, então ninguém mais sabe. Seja como for, eu gostaria de saber o que Janette pensa sobre Johann.

– Teremos de esperar até que ela volte.

– Tem razão... – murmurou Maurice pensativo. – Vou partir para Nova York no final da semana. Estarei hospedado no Pierre. Mantenha-me informado de tudo o que acontecer.

Jacques sorriu.

– Claro. Se alguma coisa interessante ocorrer, você será o primeiro a saber.

***

O médico olhou a balança por cima do ombro dela.

– Sete quilos – disse ele, a voz cheia de satisfação. – Estamos chegando lá.

Ele voltou para sua mesa e sentou-se na beirada, observando-a.

– Como se sente?

– Não estou gostando da minha aparência.

Qual é o problema?

– Mesmo com todos os exercícios, meus seios estão ficando ainda mais flácidos, e agora as nádegas estão começando a cair. E com o rosto mais fino, o nariz parece muito comprido.

– Passaram-se apenas cinco semanas, Janette. Seu corpo ainda está se ajustando. A partir do momento em que atingirmos o peso desejado, começaremos a trabalhar nas outras coisas.

– Quanto tempo vai demorar?

O médico pegou a ficha e estudou-a por um momento, pegando em seguida uma fita métrica.

– Tire o maiô.

Janette baixou o maiô inteiro justo pelas pernas e deu um passo para lado. O médico indicou uma pequena plataforma no canto da sala e ela subiu. Rapidamente, impessoalmente, ele passou a medi-la, começando pelo pescoço. A parte superior do peito, por baixo dos braços, os mamilos nos seios, cada parte superior do braço, a cintura, os quadris, depois pelo meio das nádegas, as coxas e finalmente as canelas e os tornozelos. Depois de cada medição, o Dr. Schindler

fazia uma anotação na ficha. Afinal, largou a fita métrica e a ficha na mesa.

Parando diretamente diante dela, contemplou-a criticamente: – Estenda os braços acima da cabeça, o mais alto que puder, unindo as palmas e ficando na ponta dos pés.

Silenciosamente, Janette obedeceu. O médico contornou-a lentamente e parou outra vez diante dela. Janette nada percebeu no rosto dele além do julgamento profissional.

– Agora abaixe os braços para os lados do corpo e fique de pé normalmente.

Ele tornou a contorná-la lentamente.

– Com sua permissão, eu gostaria de verificar o tônus muscular.

Janette assentiu, sem dizer nada.

Com o rosto ainda impassível, ele pôs as mãos sob as axilas de Janette, os polegares estendendo-se por cima dos seios. Lentamente, ele moveu os polegares, levantando a abaixando os seios.

Ela sentiu os mamilos começarem a endurecer e intumescer, rindo nervosamente.

– Não precisa ficar embaraçada – disse o médico prontamente. – Isso é perfeitamente normal.

Janette riu.

– Não me importo. É a coisa mais divertida que já me aconteceu desde que cheguei aqui. – Ele riu também pondo a palma da mão na barriga de Janette.

– Tente contrair os músculos o máximo que puder e comprimir contra a minha mão. – Depois de um momento, ele voltou a falar. – Está ótimo. E agora faça a mesma coisa com as nádegas, quando eu puser as mãos.

Ele foi postar-se atrás dela e Janette sentiu as palmas contra sua carne, contraindo os músculos. Sentiu o dedo dele estender-se por baixo de sua nádega, até a coxa. Lentamente, ele levantou a nádega. Depois de um momento, fez a mesma coisa com a outra nádega.

Finalmente acabou, voltou para trás da mesa e sentou.

– Pode vestir o maiô.

Janette pôs o maiô e aproximou-se da mesa.

– O que acha, Doutor?

Ele terminou de fazer algumas anotações na ficha e depois fitou-a.

– Sente-se.

– Alguma coisa errada? – perguntou Janette, enquanto se sentava.

– Não há nada de errado – disse o médico, tranqüilizadoramente. – Estamos realizando tudo o que tencionávamos. Mas este estágio do processo temos de examinar algumas opções que se abrem diante de nós.

– Não estou entendendo.

Ele recostou na cadeira, falando quase como um professor: – O que estamos tentando é quase uma reformulação completa de seu corpo. Nos termos da natureza, você é uma coisa, que estamos tentando mudar para algo mais satisfatório. Uma parcela considerável do sucesso que podemos alcançar dependerá da capacidade de seu corpo de ajustar-se às novas exigências que lhe estão sendo impostas. Treinamos determinados músculos para trabalharem mais, compensando outros. Às vezes, isso não acontece tão depressa quanto gostaríamos, em outras nem sequer acontece, pois os músculos não são capazes de atender às exigências que lhes fazemos. Chegamos a um ponto em que devemos definir até que ponto queremos ir.

– Está querendo me dizer que não pode compensar a perda de peso?

– Não, não é isso o que estou dizendo. Tenho a certeza de que seus músculos serão capazes de compensar. Mas levará tempo. Os músculos terão de ser desenvolvidos ao longo de um

período de vários anos, antes que possamos alcançar o resultado ideal que você deseja.

Ele olhou para a ficha, antes de continuar: – Neste momento, você alcançou 70 por cento da perda de peso almejada e suas medidas variam de oito a 14 por cento a menos em diversas partes da anatomia do que na ocasião em que aqui chegou. Tudo isso é extremamente satisfatório e acho que, no momento, não devemos tentar ir adiante na perda de peso ou na redução das medidas. Contudo, estou preocupado em compensar os fatores de aparência.

Apesar dos exercícios e tratamentos, os músculos não estão reagindo tão depressa quanto gostaríamos. Assim, acho que devemos considerar outras opções que nos estão disponíveis.

– Que opções?

– Uma pequena cirurgia corretiva. Isso pouparia anos de trabalho de sua parte e realizaria o que deseja imediatamente.

– Mas haveria cicatrizes.

– Bem pequenas. E seriam invisíveis, a menos que alguém as procurasse. Trabalhamos nas dobras e reentrâncias naturais do corpo e assim as cicatrizes ficam completamente ocultas.

– Existem efeitos secundários ou alguma possibilidade de que possa não dar certo?

– Desenvolvemos novas técnicas durante a guerra. E até agora não houve qualquer problema em mais de mil pacientes que já tratamos.

– Quanto tempo levaria tudo?

– A cirurgia propriamente dita é mínima. O período de recuperação, antes que possa retomar suas atividades normais, é de duas semanas. As cicatrizes se

tornarão normais... isto é, absorvidas em sua pele... em aproximadamente três meses. Mas como todas ficam geralmente cobertas pelas roupas, isso não será problema.

– E se eu decidir operar o nariz também?

– A recuperação levaria no máximo duas semanas. E toda inchação e outros sinais desaparecerão até lá.

Janette ficou em silêncio por um momento e o médico acrescentou: – Por que não pensa um pouco no assunto? Não precisa tomar uma decisão imediata.

Ela fitou-o nos olhos.

– Já tomei uma decisão. Faremos a cirurgia.

– Tem certeza de que é isso mesmo o que quer?

Janette assentiu.

– Quando podemos fazer?

– Falarei com o cirurgião. Ele terá de examiná-la primeiro. Depois disso, marcaremos a operação para o mais cedo possível.

Ele ficou olhando para a porta depois que Janette deixou a sala, em seguida pegou o telefone a fim de ligar para o cirurgião. Enquanto esperava que o cirurgião atendesse, descobriu-se a pensar em Janette. Havia na moça um ímpeto e um tremendo senso de poder.

Tinha apenas 19 anos e ele podia sentir que não era por vaidade que ela estava naquele processo, como acontecia com as outras pacientes. Eram geralmente mulheres mais velhas e que queriam parecer mais moças. A motivação de Janette era muito mais profunda. Ela estava criando uma nova imagem com um propósito determinado. Ele não podia saber qual era esse propósito. Mas qualquer que fosse, era forte o bastante para fazê-la querer mudar a sua vida inteira.

***

Henri abriu a porta.

– *Monsieur* Schwebel. – Ele fez uma mesura. – Entre, por favor.

Johann deixou Heidi entrar na sua frente e depois seguiu-a pela porta.

– Minha querida, esse é Henri – disse ele, apresentando-os. – Henri, minha noiva, *Mademoiselle* Mayer.

Henri fez outra mesura.

– *Enchanté, Mademoiselle. Félicitations*.

– Obrigada, Henri – disse Heidi.

O mordomo virou-se para Johann.

– Todas as caixas estão na biblioteca. Tiramos do porão. E mandei também esvaziar a escrivaninha.

– Obrigado – disse Johann.

Talvez o que ele procurava estivesse ali. Não havia nada nos registros das companhias sobre o que fora guardado no cofre do banco.

Tinham começado a seguir Henri para a biblioteca quando uma vozinha soou na escada: – Tio Johann!

– *Mein Schatz*!

Havia um prazer genuíno na voz de Johann quando se virou, e a criança veio correndo para se jogar em seus braços.

– Pensei que já estava dormindo – disse ele, beijando-a nas faces.

– Babá me disse que você vinha e por isso fiquei esperando. – Lauren virou-se para Heidi. – Ela é que vai ser a minha nova tia?

Johann riu.

– É, sim.

– Ela é muito bonita – disse Lauren, muito séria. – Como é que se chama?

– Heidi.

A menina virou-se para fitá-la.

– Posso chamá-la de Tia Heidi?

Heidi sorriu, estendendo os braços para a menina.

– Claro, querida. – Ela tirou Lauren de Johann e apertou-a firmemente. – Você também é muito bonita, Lauren.

– Você tem um cheiro gostoso, Tia Heidi. Virá me visitar?

– Se você quiser.

– Quando?

Heidi riu.

– Sempre que você quiser.

– Isso é ótimo – disse a menina. – Eu me sinto muito sozinha aqui, agora que Janette voltou à escola.

Ela virou-se nos braços de Heidi, olhando para Johann.

– Quando Janette vai voltar?

– Dentro de algumas semanas.

– Quanto tempo é isso? Mais de dois dias?

– É, sim, querida, é mais de dois dias.

– Oh! – O desapontamento era evidente. Lauren virou-se novamente para Heidi. – Janette é minha irmã grande. A gente brinca às vezes que ela é minha mãe. Mas apenas de fingimento.

Não temos mãe.

Heidi ficou calada. Tinha de fazer um tremendo esforço para impedir que as lágrimas lhe aflorassem aos olhos. Abraçou a menina com mais força, enquanto olhava para Johann.

– Talvez eu possa vir brincar com você, até sua irmã voltar.

– Mas isso seria maravilhoso! – Lauren olhou para Johann. – Posso mostrar meu quarto e meus brinquedos a Tia Heidi?

– Claro que pode – respondeu Johann.

Lauren escorregou dos braços de Heidi. E pegando-lhe a mão, conduziu-a para a escada.

Johann ficou parado por um instante, observando-as subir, depois virou-se e entrou na biblioteca.

Mais de uma hora depois, Johann levantou-se exausto do chão, onde ficara ajoelhado, examinando meticulosamente as caixas ao seu redor. Nada. Só havia artigos pessoais.

Principalmente roupas. Vários jogos de artigos de toalete, escovas, pentes, algumas jóias de fantasia sem o menor valor. Sapatos. Não havia documentos, cadernos de anotações ou diários. Nada que indicasse que Tanya mantivera outros registros além dos que já pegara nos cofres da companhia. Ele apertou o botão para chamar o criado.

Henri apareceu na porta.

– *Oui, Monsieur*?

– Já acabei. – Johann indicou as caixas. – Pode mandar levar tudo lá para baixo.

Henri assentiu.

– *Monsieur* gostaria de tomar um drinque?

– É uma boa idéia. Um conhaque, por favor. Minha noiva ainda está com a menina?

Henri sorriu.

– Está, sim, senhor. Fui ao quarto dela há poucos minutos. Lauren espalhou todos os seus brinquedos pelo chão e as duas estão sentadas juntas, examinando cada um.

Ele encaminhou-se para o aparador e voltou com um conhaque.

– *C'est triste, Monsieur*. A menina precisa de alguém. E não há ninguém.

Johann tomou um gole do conhaque.

– E Janette?

Henri sacudiu a cabeça.

– Não é a mesma coisa. Uma mãe é uma mãe. É isso o que a menina precisa. É isso o que realmente quer.

Johann assentiu.

– Acho que tem razão.

– Talvez no próximo ano, quando a menina tiver idade suficiente para ir à escola, as coisas fiquem melhores para ela.

– É possível.

O mordomo deixou a sala e Johann afundou numa poltrona, pensativo. Tomou um gole de conhaque. Subitamente, uma imagem surgiu diante de seus olhos. As duas paradas ali. Lauren nos braços de Heidi. Como as duas eram parecidas. Ambas louras, ambas claras, ambas de olhos azuis. Podiam quase ser mãe e filha. Ele sacudiu a cabeça. Não era realmente justo. A vida jamais se organizava de uma maneira razoável. Tudo estava sempre embaralhado.

Ele terminou de tomar o conhaque e subiu para o quarto da menina.

As duas ainda estavam sentadas no chão, cercadas por brinquedos e bichos de pelúcia.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Johann, sorrindo.

Heidi olhou para ele.

– Lauren estava me apresentando à sua coleção de bichos. Os leões são os prediletos dela.

– Por que, Lauren? – perguntou Johann.

– Porque eram também os prediletos de minha mãe – respondeu Lauren, levantando um leão pequeno e puído, obviamente com muitos anos de idade. – Este era de mamãe. Janette me disse que ela me deu.

– É mesmo?

– É, sim – disse a menina, estendendo-lhe o leão. – Pode tocar nele. Veja como é macio.

Johann pegou o leão polidamente e afagou-o.

– É realmente macio.

– Disse a Lauren que a levaríamos para almoçar no domingo e depois passaríamos a tarde no jardim zoológico, a fim de que ela possa ver os leões de verdade – informou Heidi.

– Seria maravilhoso! – exclamou a menina, na maior felicidade.

– Tem toda razão.

Johann ainda estava apertando o bicho. Parou subitamente, observando-o. Tivera a impressão de sentir alguma coisa lá dentro. Apertou-o com mais força. Havia realmente alguma coisa lá dentro. Lentamente, ele virou o bicho. Por baixo dos pêlos que cobriam a barriga, havia uma série de pontos de costura.

– Podem me dar licença por um momento?

Ele entrou no banheiro, fechando a porta. Tirou o canivete do bolso e cortou alguns pontos da costura, depois enfiou os dedos. Um momento depois, estava em sua mão: a chave de um cofre, enrolada num papel apergaminhado. Num dos

lados do papel estavam escritos diversos números. No outro, havia apenas cinco palavras: Banco de Crédito Suíço, Genebra.

Johann deixou escapar um suspiro. Tanya... À sua maneira, ela ainda estava presente.

Lentamente, ele guardou a chave no bolso e voltou ao quarto. Pôs o pequeno leão na cama e disse: – Acho que está na hora de você dormir.

Lauren levantou-se e aproximou-se dele.

– Não vai esquecer do domingo que Tia Heidi prometeu?

– Não, querida – murmurou Johann, inclinando-se para beijá-la.

– Não vamos esquecer.

Ela virou-se para Heidi.

– Quer me pôr na cama, Tia Heidi? Como mamãe faria se estivesse.

Heidi olhou para Johann. Ele assentiu imperceptivelmente.

– Claro, querida – disse Heidi.

Johann inclinou-se novamente para beijar o rosto de Lauren, depois empertigou-se.

– Ficarei esperando lá embaixo.

Ele virou-se e seguiu até a porta. Olhou para trás, antes de sair e fechá-la.

Lauren já estava na cama, as cobertas levantadas sobre seu peito. A menina levantou os braços para Heidi.

– Quer me contar uma história, Tia Heidi?

Johann fechou a porta suavemente e desceu. Na biblioteca, serviu-se de outro conhaque e bebeu-o lentamente. Pensou em Janette, pela primeira vez em muitos dias. Não recebera qualquer notícia de Janette desde que ela fora para a clínica. Lembrou de repente que ela nada sabia a respeito do casamento dele. Johann respirou fundo. Telefonaria para Janette no dia seguinte.

***

O cirurgião entrou no quarto dela e fitou-a.

– Como se sente?

Janette levantou os olhos para ele.

– Horrível.

Ele sorriu.

– Eu ficaria preocupado se estivesse se sentindo de maneira diferente. Afinal, foram apenas três dias. Saia da cama. Quero examiná-la.

Ele estendeu a mão, enquanto Janette se sentava na cama e depois se

levantava. Levou-a através do quarto até um espelho de corpo inteiro.

– Vou tirar as ataduras dos seios e quadris. Não quero que fique transtornada ao ver os pontos e equimoses. São perfeitamente normais e desaparecerão dentro de alguns dias, quando os pontos forem removidos.

– Meus olhos ainda estão arroxeados e o nariz continua inchado – comentou Janette.

– Isso também é normal. Continue a pôr a bolsa de gelo a cada duas horas. As equimoses desaparecerão em mais dois ou três dias. O inchaço sumirá dentro de uma semana. E agora tire a camisola.

O cirurgião fez um sinal para a enfermeira, que se adiantou com uma bandeja de instrumentos. Ele pegou uma pequena tesoura na bandeja, enquanto a camisola de Janette caía no chão.

– Não precisa ter medo, pois não vou machucá-la.

– Não estou com medo, mas apenas curiosa em descobrir como fiquei – disse Janette, contemplando-se no espelho.

– Acho que não vai ver muita coisa. Ainda é cedo. Quero apenas dar uma olhada nos pontos e verificar se está tudo bem.

Ele cortou a atadura por baixo do braço esquerdo de Janette e depois começou a desenrolá-la, gentilmente, lentamente.

Janette ficou olhando para o espelho, enquanto os seios iam aparecendo. Sentiu a respiração ficar presa na garganta. Os seios estavam horríveis, cobertos por manchas arroxeadas e sangue coagulado.

– Não fique perturbada – disse o cirurgião prontamente. – Os seios terão um aspecto melhor assim que eu limpá-los.

Ele trabalhou rapidamente, com algodão e álcool. Em poucos segundos, as crostas de sangue foram removidas, ficando apenas as pequenas cicatrizes dos pontos. Ele deu um passo para trás e observou-a atentamente.

– Está ótimo! Sua recuperação é muito mais rápida do que eu esperava.

– Ótima? – A voz de Janette estava furiosa. – Não me disse que haveria pontos em torno dos mamilos.

– Nas auréolas. Quando seus seios foram reduzidos, verificamos que os mamilos ficaram muito para o lado. Não pareceria natural. Assim, nós os levantamos e deslocamos para a posição correta. Mas não haverá vestígios de cicatrizes, que serão absorvidas nas dobras naturais das auréolas.

Janette ficou em silêncio por um momento, examinando os seios.

– Posso tocar nos meus seios?

– Pode, sim... mas com cuidado.

Ela pegou-os nas mãos. Pareciam menores e mais leves.

– De que tamanho estou?

– 86. Era 96.

– E as cicatrizes por baixo dos seios e nas axilas?

– Vão curar e desaparecer nas dobras naturais do seu corpo.

– Quanto tempo vai demorar?

– Vários meses. Mas dificilmente poderá perceber, dentro de umas poucas semanas. E se não gostar da aparência até lá, sempre poderá disfarçar com um pouco de maquilagem.

Janette baixou as mãos e virou-se a fim de poder contemplar-se de lado no espelho.

Acenou com a cabeça lentamente. A aparência estava certa. Ela parecia mais esguia e graciosa.

– Está bem? – perguntou o cirurgião.

– Está, sim.

Pegando novamente a tesoura, ele cortou as ataduras em torno das nádegas e da parte superior das coxas. Desta vez, Janette estava preparada para as equimoses e as crostas de sangue ressequido. Não fez qualquer comentário até que o médico acabasse de limpar-lhe a pele. Virou-se e olhou para trás, contemplando-se no espelho. Ignorou a linha fina de cicatrizes que corria pela dobra da carne entre a nádega e a coxa. Tornou a acenar com a cabeça. As nádegas pareciam menores e também mais firmes e empinadas.

– Que tamanho?

– 80 – respondeu o cirurgião. – E ainda está inchada. Pode baixar para 77. Tinha quase 93.

Janette virou-se para ele.

– É como um milagre.

Ele sorriu.

– Não é um milagre, mas sim a cirurgia moderna. E ainda tivemos uma vantagem.

– Qual foi?

– Você é jovem. Quando fazemos essas coisas, geralmente as pacientes são mais velhas e seus corpos não possuem a elasticidade suficiente para se recuperar e ajustar, como o seu.

Janette contemplou-se no espelho.

– E as cicatrizes vão desaparecer inteiramente?

– Não vão desaparecer, mas ficarão escondidas. E dentro de alguns meses precisará de uma lente de aumento para vê-las.

– Fico contente por ter feito a cirurgia.

– E eu me sinto feliz porque você ficou satisfeita com o resultado. Vou pôr novas ataduras, só para garantir que você não cause qualquer lesão a si mesma

durante o sono. Acho que poderemos remover os pontos dentro de três ou quatro dias. E não precisa ficar na cama. Pode andar por onde quiser. Lembre-se apenas que não deve se curvar, esticar-se ou levantar qualquer coisa pesada.

Ele gesticulou para a enfermeira, que se aproximou com outra camisola do hospital. Ajudou-a a vestir-se e depois acompanhou-a até a cama.

– Voltarei a vê-la no fim da semana.

O telefone começou a tocar enquanto o cirurgião encaminhava-se para a porta. Janette atendeu.

– Alô?

– Janette?

Ela reconheceu imediatamente a voz de Johann.

– Johann! – Era o primeiro telefonema que ela recebia desde que se internara na clínica. – De onde você está ligando?

– De Genebra.

– O que está fazendo aí?

Johann riu.

– Estou em lua-de-mel.

– Essa não!

– É verdade, Janette. Lembra-se do que falou no escritório? Resolvi seguir o seu conselho.

– Mas que coisa maravilhosa! Eu conheço sua mulher?

– Não. Mas estou ansioso em apresentá-la. Pensei que poderíamos ir de carro até aí para visitá-la.

– Oh, não! – exclamou Janette prontamente. – Não quero que ninguém me veja aqui. Estou no meio do tratamento.

– Você está bem, Janette? Sua voz está meio esquisita.

– Meu nariz está todo entupido. Mas estou bem, não se preocupe. Fale-me de sua mulher.

– Ela é americana. E é linda. Tenho certeza de que as duas vão se gostar. O que mais posso dizer?

– Já a conhecia há muito tempo?

– Três anos.

– Estou me sentindo muito feliz por você, Johann. Meus parabéns. Estou ansiosa em conhecê-

la. Falo a verdade. E pode estar certo de que voltarei para casa o mais depressa possível.

– Quando voltará?

– Ficarei aqui por mais algum tempo do que pensava. Só voltarei dentro de um mês, mais ou menos.

Johann ficou calado por um momento.

– É uma pena. Lauren sente muito a sua falta. Ela fica sozinha demais naquela casa imensa.

– Não posso fazer nada. Mesmo quando estou em casa. quase não nos encontramos. Ela já está geralmente deitada quando chego em casa.

– Heidi e eu a levamos ao jardim zoológico no domingo. Heidi adora Lauren. Talvez possamos fazer-lhe alguma companhia até você voltar.

– Isso seria maravilhoso. Por favor, agradeça à sua mulher por mim.

– Não precisa agradecer. Estou ansioso em vê-la, Janette, para descobrir como ficou.

Ela riu.

– Acho que terá uma tremenda surpresa. Mas isso pode esperar. Afinal, você está em lua-de-mel.

Johann soltou uma risada.

– Tem razão.

– Um beijão para você e sua mulher. Estou ansiosa em me encontrar com os dois em Paris.

Lentamente, Janette desligou. Johann casado... Estranhamente, ela achava difícil acreditar.

***

Jacques estava à sua mesa habitual, no canto, contra a parede, na parte da frente do Relais Plaza, na hora do almoço. Geralmente ficava sentado ali tomando vinho branco e observando as pessoas que entravam ou saíam do restaurante. Naquele dia, porém, tinha o International Herald Tribune e o Vogue abertos sobre a mesa, à sua frente, e examinava-os cuidadosamente. Os desfiles haviam terminado e o veredicto já fora feito. Yves St. Laurent. Para a imprensa, não havia mais ninguém. Até mesmo as fotografias do jovem candidato à Presidência dos Estados Unidos e sua mulher, parados diante do Elysée, não atraíam tanta atenção.

Fora pouco mais de quatro anos antes que Michel de Brunhof, o editor do Vogue francês, pedira-lhe que arrumasse um lugar com Shiki para o rapaz que vivia com ele e cursava a Académie de Couture. Mesmo depois de ver os desenhos e esboços do rapaz, no entanto, Shiki recusara-se a aceitá-lo. Não tinha tempo a perder com amadores e sonhadores e levaria muitos meses para ensinar ao rapaz o lado prático do negócio.

Jacques ainda levara os modelos a Johann e recomendara que revogasse a decisão de Shiki. Se não quisesse fazê-lo, poderia pelo menos abrir outro salão, pequeno, projetando uma visão mais moderna e jovem da *haute couture*. Johann examinara os modelos, mas sacudira a cabeça negativamente. Estavam perdendo dinheiro na divisão de *haute couture* sem iniciar outra operação, que só contribuiria para aumentar os prejuízos. Relutantemente, Jacques levara os desenhos de volta a Brunhof. Um mês depois, o rapaz estava trabalhando com Dior.

Quase que imediatamente, o nome dele começara a aparecer em diversos artigos e reportagens de Vogue. O resto pertencia à história. Dior sofrera um enfarte e Marcel Boussac escolhera o rapaz para ser o designer da *Maison Dior*.

Jacques tornou a olhar para a revista. Se ao menos Brunhof o tivesse procurado um ano antes, quando Tanya ainda estava viva... Ela teria aproveitado a situação imediatamente. Seria capaz até mesmo de livrar-se de Shiki, se fosse essa a única solução. Sempre o grande *se*. Mas Tanya morrera e a política empresarial de Johann estava baseada no balanço financeiro e não no conceito...

Mas talvez não fosse tarde demais. Aquele era o último desfile de St. Laurent antes de iniciar o serviço militar compulsório no exército francês. Dois anos. Boussac não deixaria a *Maison Dior* em compasso de espera só por causa disso. Não podia deixar de aproveitar o impulso que fora criado. Diversos nomes estavam sendo falados como o possível sucessor de St. Laurent, mas ele já sabia quem seria: o designer que dirigia a filial de Londres, Marc Bohan. Ele não era como St. Laurent, mas possuía talento e um estilo individual muito forte. Quando St. Laurent deixasse o exército, Bohan já estaria tão entrincheirado em Dior que seria necessário uma bomba nuclear para tirá-lo de lá. St. Laurent seria então obrigado a procurar uma nova casa. E desta vez Jacques não o deixaria escapar. Nem que fosse necessário sair em campo e arrumar dinheiro para fundar uma nova casa de *haute couture*.

Jacques tomou outro gole de *kir* e continuou a virar as páginas da revista. Como sempre, tratava-se de um exemplar antecipado. A revista só estaria à venda nas bancas para o público em geral na semana seguinte. Ele sempre fazia questão de examinar a revista meticulosamente, lendo também os anúncios, além das reportagens e artigos. De certa forma, os anúncios eram ainda mais importantes, porque ofereciam indicações das direções que as diversas casas assumiam. Ele parou abruptamente quase no meio da revista. Ficou olhando quase em estado de choque, o cérebro recusando-se a acreditar no que os olhos estavam vendo.

Espalhando-se pela página dupla havia uma fotografia a cores de uma linda garota nua, deitada de lado, de frente para a câmara, olhando para a mão, na qual

havia, no dedo anular, um imenso anel de diamante, em formato de coração. Em letras grandes, espalhadas pelas duas páginas, estavam as seguintes palavras: “Um simples diamante é tudo o que uma bela mulher precisa para usar.” Em letras pequenas, no canto da segunda página, por baixo da fotografia, estava escrito: *“Janette Marie de la Beauville par Harry Winston.”*

– *Merde*!

Os lábios dele moveram-se silenciosamente. Estava furioso. Mais consigo mesmo do que com a fotografia. Com todos os seus contatos, deveria ter sido informado, antes que sequer acontecesse. Mas, de alguma forma, ela dera um jeito para que ele permanecesse na ignorância. Mas Jacques logo percebeu o lado cômico da situação e começou a sorrir.

Estudou a fotografia. Janette nunca parecera tão bonita. Fez sinal para o garçom.

– Outro *kir*, *Monsieur*?

– Não. Vou tomar um uísque. Com bastante gelo.

Jacques fechou a revista. Ao diabo com Yves St. Laurent por enquanto. Aquela fotografia seria o grande motivo das conversas em Paris pela próxima temporada. O garçom trouxe o uísque e ele tomou um gole grande. Sua mente já estava trabalhando nas possibilidades de se aproveitar da situação.

***

Johann olhou para a revista e depois recostou-se na cadeira.

– Uma surpresa e tanto – disse ele. – Por que acha que ela fez isso?

Jacques riu.

– Porque é mais esperta que nós dois. Só por isso. Há muito mais da mãe nela do que qualquer de nós compreendeu.

– E eu continuo a não compreender.

– Imagem – explicou Jacques. – Com uma única foto ela Criou uma imagem, algo que Shiki não foi capaz de fazer por nós em cinco anos. Um dia depois da revista estar nas bancas, ela será a nova rainha do *haut monde* parisiense. Todas as moças vão querer ser como ela. Tudo o que ela fizer, tudo o que usar e tudo o que disser se transformará em lei.

– E como isso vai ajudar-nos? – indagou Johann.

– É todo um mercado novo. E seremos os primeiros a explora-lo. Não estaremos lutando, como temos feito com Shiki, tentando entrar num mercado em que acabamos tendo apenas as migalhas que caem das mesas dos outros

designers. Teremos uma linha completamente nova, como um conceito também novo.

– E o nosso investimento em Shiki?

– Está acabado. É assunto encerrado. Jamais conseguimos ganhar qualquer dinheiro com isso.

– Por que então continuar a insistir?

– Mas Tanya achava...

Jacques não o deixou continuar: – Tanya está morta e agora temos Janette. Se Tanya estivesse viva, seria a primeira a concordar comigo.

Johann ficou calado por um momento.

– Já conversou com Janette?

– Ainda não. Queria conversar primeiro com você.

– Isso significa renunciar a um investimento de 50 milhões de francos. Metade desse dinheiro pertence agora a Janette, o que implica dizer que metade da decisão lhe caberá. Sou responsável apenas pela parte de Lauren. Como tal, não posso aceitar tal perda.

– Mais cedo ou mais tarde, vamos acabar perdendo tudo. Shiki jamais conseguirá se projetar além do que já é. Já lhe demos todas as oportunidades que ele podia querer.

– Não sei... – murmurou Johann. – Não me sinto à vontade nesse setor dos negócios. Jamais fui capaz de compreendê-lo direito. Nada faz sentido. Ninguém parece saber o que vai vender e o que não vai. O negócio de vinho é diferente. Produz-se tanto, vende-se tanto, sempre se sabe o que vai acontecer. Até mesmo a companhia de fragrância possui um mercado estável.

Não é muito grande, mas pode-se prever o que acontecerá. *Couture*, ZERO. Gasta-se uma fortuna criando uma nova linha, exibindo-a, anunciando-a. Dois dias depois, está tudo perdido?

Não conseguimos nem mesmo nos desfazer das amostras. Lamento que tenhamos entrado nesse negócio, mas Tanya não quis aceitar minhas sugestões em contrário. Ela tinha as suas próprias idéias.

– Por que não conversa com Janette? – disse Jacques. – Talvez ela também tenha algumas idéias.

Johann observou-o atentamente.

– É isso o que você pensa?

Jacques assentiu.

– Estou começando a conhecer aquela garota. Ela nunca faz coisa alguma sem um propósito.

Johann tornou a contemplar a revista na mesa, depois que Jacques retirou-se da sala. A Janette que o fitava sedutoramente da fotografia era muito diferente da

garota que lhe dissera três anos antes que iria mudar sua aparência. Mas era mais do que a aparência que mudara.

Alguma outra coisa também acontecera.

Ainda havia alguma coisa da criança na outra Janette, uma certa ingenuidade sofisticada.

Mas a ingenuidade agora desaparecera. Ali estava uma mulher, consciente de si mesma, de seu corpo, necessidades, impulsos e ambições. Mas o calculismo não aparecia. O que sobressaía era a totalidade de sua feminilidade. Do corte dos cabelos castanho avermelhados ao verniz rosa de uma tonalidade quase metálica das unhas, ela era a própria síntese da figura elegantemente aceita, as falhas específicas ocultas na aparência geral.

Janette só voltou ao escritório quase cinco meses depois. E quando isso aconteceu, ninguém a reconheceu. Até mesmo a secretária de Johann, que a conhecia há muitos anos, pedira-lhe o nome, antes que entrasse na sala dele. E o choque era evidente na voz dela, quando anunciou Janette pelo interfone.

Johann lembrava-se de ter ficado imobilizado na cadeira, totalmente aturdido, capaz de olhar apenas. Janette parou por um momento, depois girou lentamente, dando uma volta inteira, antes de fitá-lo com um sorriso.

– E então, Johann, o que acha?

Ele ficou em silêncio por mais um momento, depois levantou-se e beijou-a nas faces, dizendo com toda sinceridade: – Você é absolutamente deslumbrante. Mas eu a conheço?

– Não sei – respondeu Janette, com um meio sorriso, – Mas também não sei se eu própria me conheço. Terei de descobrir.

Johann voltou para trás da escrivaninha e sentou-se.

– Quando está planejando voltar ao trabalho?

– Não estou. Ainda tenho muito o que descobrir. A respeito de mim mesma. E a respeito dos nossos negócios. Creio que aprenderei mais se passar algum tempo trabalhando em outro lugar.

Johann pensou nos cem mil luíses de ouro no banco suíço e no bilhete de advertência que Tanya deixara num dos cofres: *PREZADO JOHANN, Um terço é seu, porque amava Wolfgang tanto quanto eu. O restante deixo aos seus cuidados para Janette e Lauren, a ser usado apenas em caso de necessidade.*

Eu o amo e confio em você, peço desculpas por colocar este fardo adicional em seus ombros. Seja bom para elas, meu amigo, porque minhas filhas, como eu, no final das contas, não dispõem de mais ninguém.

TANYA

Ele contemplou Janette, ainda parada diante da mesa. Seu primeiro impulso fora o de contar a ela, e lhe telefonara do banco na Suíça. Mas Janette ainda não

estava pronta para recebê-lo na clínica. Somente agora ele podia compreender o motivo. O que ela fizera fora muito mais do que uma simples dieta. Mas talvez tivesse sido melhor assim. Não havia qualquer necessidade premente, como Tanya recomendara. E Janette tinha idéias próprias sobre o caminho que desejava seguir.

– O que pretende fazer então, Janette?

– Já me decidi. Arrumei um emprego de manequim para Yves St. Laurent.

O nome era vagamente familiar, mas Johann não foi capaz de situá-lo.

– Quem é ele?

– O novo designer de Dior. Ele assumiu quando Dior morreu e Janette está trabalhando na sua primeira coleção. Acha que eu sou justamente o tipo que está precisando.

– Isso é ótimo – Johann sorriu de repente. – Ainda bem que eu não deixei Jacques ir embora.

– Você estava certo. Sei agora que não poderia fazer o trabalho de Jacques tão bem quanto ele. Além disso, quero algo mais.

– E o que é?

– A mesma coisa que minha mãe queria: minha própria casa de moda. Mas levará algum tempo. Ainda não estou preparada para isso.

Janette aproximou-se da mesa e pegou a fotografia emoldurada que estava de costas para ela. Virou-a e perguntou: – Sua mulher?

– Isso mesmo. Essa é Heidi.

– Ela é linda – comentou Janette, ainda segurando a fotografia. – Quando vou conhecê-la?

– Esta noite, ao jantar, se quiser.

Janette assentiu, tornando a pôr a fotografia na mesa.

– Em minha casa, às oito horas. Mandarei Henri preparar algo especial.

– Estaremos lá.

– Deixarei Lauren ficar esperando por vocês. Ela adora sua mulher. Quase não fala de outra pessoa.

Johann sorriu.

– Heidi a ama muito.

Janette retribuiu o sorriso.

– Você é um homem de sorte. Ela deve ser uma mulher maravilhosa. As crianças possuem instintos profundos. São como animais. Farejam os bons e os maus. E se Lauren a ama, sua mulher não pode deixar de ser boa pessoa.

***

Isso acontecera dois anos antes. Houvera outras mudanças desde então. Seis meses depois de Janette voltar da Suíça, Heidi lhe apresentara a idéia de Lauren morar em companhia deles.

– Não sei... – murmurou Johann, pensativo.

– Por que não? Ela vive praticamente sozinha naquela casa imensa. Raramente se encontra com a irmã, convivendo apenas com os criados. E precisa de mais do que isso. Tem direito a mais do que isso. É uma criança linda e afetuosa, sem ninguém para amar.

– E você não acha que Janette é suficiente para ela?

– Não seja estúpido, Johann – disse Heidi, com uma pontada de exasperação. – Sabe muito bem o que acontece. Janette está ocupada demais com a sua própria vida. Não dispõe de tempo para dar coisa alguma à menina, mesmo que quisesse.

Johann fitou-a atentamente: – Você não gosta de Janette, não é mesmo?

Heidi não respondeu por um momento.

– Isso nada tem a ver com minha sugestão. Não importa se gosto dela ou não. Estou preocupada apenas com Lauren.

– E se tivermos nosso próprio filho?

– Não faria qualquer diferença, Johann. Eu continuaria a querer proporcionar um lar a Lauren. Eu a amo e ela me ama.

Foi a vez de Johann ficar calado por um momento.

– Se ela vier morar conosco, isso significa que talvez não possamos nos mudar para a América tão cedo quanto planejávamos.

– Sei agora que teremos de continuar aqui, quer ela venha viver conosco ou não. É aqui que está o seu trabalho, é aqui que está a sua responsabilidade. Portanto, isso não faria a menor diferença.

Johann assentiu.

– Está certo. Conversarei com Janette amanhã.

Ele teve a impressão de perceber um certo alívio em Janette quando levantou o problema.

Heidi encontrou um apartamento maior no *Bois de Boulogne* e dois meses depois Lauren foi viver com eles. A primeira providência de Heidi foi despedir a babá e passar a cuidar pessoalmente da menina. E Heidi estava certa. Lauren desabrochou, as olheiras desapareceram, tornou-se uma menina sempre risonha e feliz.

Naquela noite, Johann levou a revista para casa. Depois do jantar, mostrou o anúncio a Heidi.

Ela observou-o por um momento e depois comentou: – Ela é muito bonita.

– Jacques acha que é chegado o momento de iniciar toda uma nova linha

baseada nela.

– E o que Janette pensa a respeito?

– Ainda não conversei com ela.

– E qual é a sua opinião?

– É arriscado. Não estamos ganhando qualquer dinheiro com Shiki. Mas, por outro lado, também não estamos perdendo. Jacques está convencido de que Shiki já teve todas as chances possíveis e que jamais conseguirá ir além. Mas tenho minhas dúvidas. Afinal, é uma jogada de cem milhões de francos e a herança da menina pode ficar bastante afetada se perdermos.

– E a herança de Janette?

– Não sou mais responsável pela parte dela. Janette alcançou a maioridade e pode tomar as suas próprias decisões, se assim desejar.

– Mas ela continua a deixar tudo em suas mãos, não é mesmo?

Johann assentiu.

– Por que será?

– Não tenho a menor idéia. Janette conhece os seus direitos.

– Se ela assumisse o controle de seus próprios negócios, poderíamos partir então para os Estados Unidos, conforme havíamos planejado?

– É possível. Eu precisaria antes providenciar as necessárias salvaguardas para Lauren, a fim de que ela ficasse protegida, independente do que possa acontecer.

– Meu pai disse que está começando a pensar em se aposentar . Ele gostaria que você fosse assumir os seus negócios. Está convencido de que você se sairá muito bem.

– Seu pai está apenas predisposto a meu favor. Além do mais, quer a filha de volta em casa.

– É possível. Mas acho que meu pai está certo. Você se sairia muito bem na América.

Heidi fez uma breve pausa.

– Se formos para os Estados Unidos, será que Lauren poderia nos acompanhar?

– Talvez. Sou o tutor legal dela. Se não houver objeções, não deve haver qualquer problema.

– Janette é a única que pode levantar objeções.

– É possível que Maurice também possa fazer alguma coisa. Não sei. Legalmente, Maurice é o pai dela. Quer seja ou não de fato, isso pode não ser pertinente.

– Maurice não se importa absolutamente com o que possa acontecer a Lauren.

– Ele vai se importar se houver alguma possibilidade de ganhar dinheiro. – Johann fitou-a nos olhos. – Mas não acha que está se antecipando? Afinal, ainda não aconteceu nada.

Heidi olhou para a fotografia e comentou, pensativa: – Pode não estar muito longe o momento em que vai acontecer. Janette não faria uma coisa dessas se não tivesse em mente um propósito mais amplo.

Johann sorriu.

– É exatamente isso o que Jacques pensa.

– Janette tem toda razão. – Heidi tornou a olhar para a fotografia. – Na sua opinião, de que tamanho é o diamante que ela tem no dedo?

– Não tenho a menor idéia.

– Deve ter pelo menos 30 quilates. – Heidi fitou-o. – Qualquer garota que posa nua com um diamante de 30 quilates deve ter grandes idéias.

***

Louise entrou no vestiário das manequins, logo atrás do atelier, vermelha de excitamento. Foi diretamente para o lugar em que Janette estava sentada, diante de sua mesa de maquilagem, preparando-se para o desfile.

– O velho está furioso, Janette. Acaba de ver a sua fotografia.

Janette fitou-a pelo espelho. A jovem loura estava quase ofegante.

– Provavelmente deixou-o com tesão.

– Eu estava na sala de Yves e ele entrou gritando. Ficou andando de um lado para outro diante da mesa de Yves, berrando que era tudo culpa dele, como podia permitir uma coisa assim? A coisa toda era uma afronta à *Maison Dior*, a toda à arte da *couture*, à indústria inteira.

– E o que Yves disse?

– Nada – respondeu *Louise*. – Ele limitou-se a olhar para a fotografia e sorrir.

Janette soltou uma risada.

– Acho que ele não se importa absolutamente. Sabe que terá de ingressar no exército e que Boussac vai sacaneá-lo de um jeito ou de outro.

– Mas o que você vai fazer, Janette? Yves sai na próxima semana e o velho vai despedi-la assim que isso acontecer.

– Não vai, não. Já apresentei o meu pedido de demissão. É a minha última semana aqui. Na sexta-feira, depois da festa de despedida para Yves, vou embora e não voltarei nunca mais.

Louise entreabriu a boca numa expressão de espanto.

– Não é possível!

– É, sim.

A moça loura fitou-a atentamente.

– Acha que Yves já sabe?

– Se não sabe, deveria. Entreguei meu pedido de demissão ao departamento de pessoal na segunda-feira. Ou seja, há dois dias.

– Tem outro emprego?

Janette sacudiu a cabeça.

– Não.

– O que vai fazer então?

– Em primeiro lugar, vou comer uma boa refeição sem me preocupar com o peso. Examinei bem aquela fotografia e cheguei à conclusão de que meus quadris estão ossudos demais. Um quilo a mais não vai prejudicar em nada. Depois, vou tirar umas férias. Talvez passe algumas semanas nos Estados Unidos. Nunca estive lá.

Janette terminou a maquilagem e levantou-se.

– Tenho de correr, pois fui convidada para um coquetel.

Louise contemplou-a com inveja.

– Você tem muita sorte, Janette.

– Por que diz isso?

– Pode fazer tudo o que bem quiser. Mas eu tenho de ficar e aturar toda a merda. Já marcaram um encontro meu com aquele comprador das lojas do Texas para a sexta-feira.

Provavelmente ele vai passar a noite inteira me apalpando. E quando voltarmos para o seu hotel, estará tão bêbado que nem mesmo será capaz de foder. E assim terei que chupá-lo, para que ele fique feliz.

Janette riu.

– Qual é o problema? Prefere uma foda?

– Pode ser agradável, para variar. Mas parece que todos eles só querem ser chupados.

– *C'est la vie*.

– Você pode se dar ao luxo de dizer isso porque é rica.

Janette parou e fitou-a por um momento com uma expressão pensativa.

– Tem razão, eu sou rica. – Depois, ela inclinou-se e beijou a amiga na boca. – Mas você também é, *Louise*. À sua maneira.

Em silêncio, *Louise* observou Janette encaminhar-se para a porta. E finalmente disse, quando a amiga já estava quase saindo: – *Bon soir*, Janette.

Janette sorriu para ela, da porta.

– *Ciao*, querida.

Por alguma estranha razão, havia lágrimas escorrendo pelas faces de *Louise*. Lentamente, ela começou a remover a maquilagem.

***

Janette parou o minicarro diante do prédio de apartamentos cinzento, na Ile *Saint-Louis*, de frente para o Sena. Apertou a campainha da porta.

Um velho porteiro arrastou-se até a porta e abriu-a.

– Pois não, *Madame*?

– *Monsieur* Fayard.

Ele fungou desaprovadoramente, enquanto empurrava a porta mais um pouco, gesticulando para a escada e dizendo: – *Le penthouse*.

– O que há com o elevador?

O porteiro deu de ombros.

– *C'est* morto.

– *Merde*.

Janette pôs-se a subir os seis lances de escada. Havia apenas uma porta no último patamar.

Ela apertou a campainha. Pôde ouvir um carrilhão ressoando no interior do apartamento.

A porta se abriu e um rapaz surgiu, os cabelos louros desgrenhados, vestido numa camisa de malha e uma *blue jeans* que parecia colada no corpo. Os olhos fixaram-na sem qualquer expressão definida, enquanto ele dizia, em inglês: – Olá, Janette.

– Marlon...

Os olhos de Janette baixaram por um momento para o volume na calça. Ele recuou, deixando-a entrar no apartamento, depois fechou a porta.

– Afim de comprar? – perguntou ele, sorrindo.

– Não. Fiquei apenas curiosa. É tudo você ou há também meia dúzia de lenços?

Ele riu.

– É tudo eu. Não quer tocar para confirmar?

– Não, obrigada – disse Janette, rindo também. – Acredito em você.

Ela correu os olhos pelo apartamento. A sala estava vazia.

– Philippe já chegou?

– Está em casa desde a hora do almoço – respondeu Marlon. – Não comeu nada. Foi para o quarto e não saiu desde então.

Ele fez uma pausa. Quando voltou a falar, havia um tom de preocupação em sua voz: – Há alguma coisa errada? Ele não perdeu o emprego, não é mesmo?

– O que o faz pensar nisso?

– Falei em comprar um ar-condicionado para o quarto. O sol torna o telhado insuportável.

Philippe ficou furioso e disse que não podíamos comprar, que não havia mais dinheiro para nada, que teríamos sorte se sobrasse o suficiente para comer.

Janette fitou-o atentamente.

– E se isso fosse verdade, o que você faria?

– Começaria a fazer as malas no mesmo instante – respondeu Marlon calmamente. – Não percorri um longo caminho até Paris para acabar no mesmo beco que deixei em Los Angeles.

Janette sorriu gentilmente, sacudindo a cabeça.

– Você é realmente um prostituto, não é mesmo?

– Nunca fingi ser outra coisa – disse ele, sustentando o olhar dela. – E também trepo muito bem.

Ela riu.

– Não duvido disso. Mas as coisas ainda não estão drásticas o bastante para que você comece a cogitar dessa possibilidade. E agora me diga: qual é o caminho para o quarto?

Ele apontou para uma porta na extremidade da sala, acompanhando-a até lá. Janette virou-se para fitá-lo, enquanto levantava a mão para bater na porta.

– Seu nome é mesmo Marlon?

Ele soltou uma risada.

– Não. Tirei-o do artista de cinema. Todo mundo acha que é melhor do que Sam.

Janette riu também e bateu na porta. Uma voz abafada perguntou lá de dentro: – Quem é?

– Janette. Está lembrado de que tínhamos um encontro marcado para um coquetel?

– Vá embora – disse Philippe. – Não estou me sentindo bem.

Janette olhou para Marlon, deu de ombros, depois abriu a porta e entrou no quarto. Ficou parada à entrada por um momento. Philippe estava estendido na cama, ainda vestido. Ela fechou a porta e aproximou-se dele.

– Eu lhe disse para ir embora – murmurou Philippe, sem fitá-la.

Janette parou ao lado da cama, contemplando-o.

– Que diabo está havendo com você?

– Ele não me ama. Ninguém me ama.

Philippe continuava com a cabeça afundada no travesseiro.

– Não diga bobagem. Sabe muito bem que Marlon o ama.

Philippe sentou-se na cama abruptamente, as lágrimas haviam feito com que a máscara dos olhos escorresse pelas faces.

– Claro que sei que Marlon me ama! – disse ele, com a maior veemência. – Não é dele que estou falando, mas sim de Yves. Tentei conversar sobre o que eu faria enquanto ele estivesse no exército, mas Yves nem se quer me respondeu. Tinha os seus próprios problemas com que se preocupar. E Boussac me odeia, jamais me dará a oportunidade de fazer o trabalho de Yves.

Ele vai trazer Marc de Londres. Sei disso. Tenho certeza. E então estarei perdido.

– Por que? Marc parece ser um homem dos mais razoáveis.

– Está lembrada da briga que tive com ele no ano passado, quando fui ajudá-lo com a coleção de Londres? Marc disse que eu jamais seria capaz de compreender as modificações que precisavam ser feitas para o gosto e a silhueta britânica. Ele me odeia. Estou simplesmente liquidado.

Janette ficou calada por um momento.

– Tem razão – disse ela finalmente, virando e encaminhando-se para a porta. – Era justamente por isso que eu queria encontrá-lo para um drinque. Eu não o odeio. Ao contrário, eu o adoro. E acho que é um gênio. Um gênio muito maior que qualquer um deles... Yves ou Marc. Tenho fé em você.

Ela saiu do quarto abruptamente, fechando a porta. Marlon estava parado ali.

– Como ele está?

– Está bem. – Janette abriu a bolsa e tirou duas notas de 500 francos. Meteu-as na mão do rapaz. – Está trabalhando para mim agora. Tudo o que eu lhe disser é a maior idéia que já ouviu.

O dinheiro desapareceu por baixo do cinto.

– Entendido.

Janette assentiu.

– Ótimo. Você terá o seu ar-condicionado, no final das contas. E talvez possamos até acrescentar um carro à barganha.

Marlon sorriu.

– Sou um homem razoável.

A porta do quarto se abriu. Philippe estava parado ali. Lavara o rosto, eliminando todos os vestígios da maquilagem, os cabelos estavam penteados.

– Falou mesmo sério, Janette?

Ele não podia disfarçar a satisfação intensa da voz. Ela enfrentou os olhos dele firmemente.

– Eu não falaria se não pensasse assim.

Philippe assentiu.

– Tem alguma idéia?

– Claro que tenho. Quer conversar?

– Estou sempre disposto a escutar. – Ele virou-se para Marlon. – Estou faminto. Acha que poderia providenciar alguma coisa para eu comer?

– Sanduíche de presunto e queijo? – perguntou Marlon. – Ovos com presunto?

– O sanduíche. E uma garrafa de cerveja. – Philippe olhou para Janette. – Vai querer alguma coisa?

– Tomarei uma cerveja.

– Já estou providenciando – disse Marlon, desaparecendo na cozinha.

Philippe conduziu-a para uma mesa pequena, perto da janela. Sentaram e Janette olhou para um *bateau mouche* que subia o Sena.

– Você tem uma das vistas mais lindas de Paris, Philippe.

– Não é mesmo linda? – disse ele, com o maior entusiasmo. – Eu a adoro. É uma pena que não esteja quente o bastante para sentarmos lá fora, no terraço.

Janette sorriu.

– Valeu a pena subir os seis lances de escada.

– Sinto muito. O elevador deveria ter sido consertado na semana passada.

– Essas coisas acontecem. – Janette fitou-o através da mesa. – Estou deixando Dior na sexta-feira.

– Mas você é a manequim predileta de Yves!

– Ele não mais estará lá, não é mesmo? – Janette não esperou por uma resposta. – Além do mais, já estou cansada de lá. Quero fazer outra coisa. Ser manequim não me atrai muito.

Marlon voltou, pôs o sanduíche diante de Philippe e ajeitou os três copos com cerveja na mesa, para em seguida puxar uma cadeira e sentar também.

Philippe deu uma mordida no sanduíche e disse a Marlon: – Está delicioso, querido. A quantidade certa de mostarda. – Ele virou-se novamente para Janette. – O que você está pensando fazer?

– Quero ter a minha própria casa de moda.

Ele fitou-a atentamente.

– Mas já tem uma, com Shiki.

– Não é minha. Foi iniciada antes de eu ter qualquer coisa a ver com negócio. E é uma coisa de ontem. Quero algo para hoje.

– O que vai acontecer com Shiki?

– Ele vai embora. A casa fica, mudo o nome para o meu. Não que haja alguma coisa errada com o nome de minha mãe, Tanya, mas acontece que está por demais identificado com o que já é passado. Não estou interessada nas modas de ontem, mas apenas nas de amanhã.

Philippe deu outra mordida no sanduíche.

– E onde eu entro nisso?

– Você é meu St. Laurent e eu sou o seu Boussac. Ele ficou em silêncio por um momento.

– Por que não faz as suas próprias criações? Vi alguns dos seus desenhos na escola de *couture*. São muito bons.

Janette tomou um gole de cerveja.

– Eram bons, mas não eram sensacionais. O que estou precisando é de um toque de gênio. E isso só posso ter com você.

Ela olhou para Marlon, que prontamente percebeu a deixa e interveio na conversa: – Nunca ouvi uma idéia tão extraordinária! – A representação dele teria feito crédito a seu homônimo. – Sabe o que isso significa, Philippe? Você terá o seu próprio nome, a sua própria identidade. Não precisará ficar em segundo para ninguém.

– É o que realmente pensa?

– Claro que é! – exclamou Marlon, enfaticamente. – Não lhe disse sempre que tem mais talento no seu dedo mindinho do que todos aqueles caras no rabo inteiro?

Philippe mastigou o resto do sanduíche, pensativo. Olhou para Janette.

– E se não conseguir se livrar de Shiki?

– Pode deixar que saberei livrar-me dele. Não se preocupe com isso.

O que preciso saber é se você está ou não interessado.

Philippe tornou a pensar por um momento.

– Dependeria de muitas coisas. Dinheiro, posição, liberdade de criar minhas próprias idéias.

– Tudo isso pode ser acertado.

Marlon tornou a intervir: – A idéia me parece fantástica!

Philippe fitou-o, depois tornou a olhar para Janette.

– Estou interessado. – Ele fez uma pausa e depois apressou-se em acrescentar: – Mas é claro que teremos de conversar mais um pouco, a fim de que fique tudo acertado direitinho.

– Claro. Mas tenho certeza de que tudo será devidamente acertado... para sua satisfação.

– Isso é sensacional! – disse Marlon, com o maior entusiasmo, erguendo o copo com cerveja.

– Um brinde! A Philippe Fayard, por Janette Marie de la Beauvil e!

– Um brinde com cerveja? – Philippe estava chocado. – Vá buscar a garrafa de *Cristale* que temos na geladeira!

***

Janette parou o carro diante de sua casa, saltou, trancou-o e subiu correndo os degraus para a porta da frente. Como sempre, a porta foi aberta antes mesmo que a alcançasse.

– *Bon soir*, Henri – disse ela, entrando no vestíbulo.

– *Bon soir*, *Madame* – respondeu o mordomo, polidamente.

Janette encaminhou-se para a escada. Sentia-se cansada, estranhamente esgotada. Um banho quente acabaria com todas as tensões. Era muito importante que Philippe estivesse disposto a trabalhar com ela. Ele era essencial para o seu plano. Sem Philippe, teria de seguir sozinha, o que aumentaria consideravelmente as chances de fracasso. E era preciso ter alguém mais para arcar com toda a culpa, a fim de que a reputação dela permanecesse intacta. A partir do momento em que estivesse consolidada, poderia encontrar outro designer, se Philippe não desse certo.

– Houve muitos telefonemas, *Madame* – informou Henri.

Ela parou ao pé da escada.

– Leve os recados para o meu quarto. Cuidarei deles depois de tomar um banho.

– *Madame* vai jantar em casa esta noite?

Janette pensou por um instante e depois assentiu.

– Vou, sim. Mas quero apenas uma costeleta de cordeiro e algumas batatas cozidas. Já tomei muita cerveja e champanha hoje, não agüento mais. Pode servir em meu quarto, dentro de uma hora. Estou cansada demais para descer.

– Pois não, *Madame*. Quer que eu fique com os recados telefônicos até lá?

– É melhor. Obrigada.

Janette subiu para o seu quarto. Começou a despir-se no instante mesmo em que passou pela porta. As roupas pareciam quentes e suadas, embora fosse um dia frio. Ao chegar ao banheiro e abrir a água da banheira, ela já estava nua. Rapidamente, passou creme no rosto e removeu a maquilagem, depois estendeu-se na cama, enquanto a banheira imensa enchia lentamente.

Podia sentir as tensões em seu corpo e começou a massagear-se, distraidamente. Era em ocasiões assim que mais sentia a falta de Marie-Thérese. Mas a idiota se afastara e ficara grávida de um colega imbecil no último ano da Sorbonne, a família casara-a às pressas. Agora, ela estava vivendo em Lyon, com um filho de um ano e um marido, como autêntica representante da *bourgeoisie française*.

Uma visão do volume na calça de Marlon surgiu diante dela. Podia ver os contornos do pênis descendo por um lado e sabia que não havia coisa alguma por baixo da calça. Ficou imaginando se o falo dele seria tão grande quanto o de Maurice. Era impossível. Não podia haver dois iguais no mundo inteiro. Janette sentiu um calor espalhando-se por seu corpo.

Marlon desapareceu abruptamente e em seu lugar surgiu o rosto suave de *Louise*, no momento em que a beijava. Podia sentir o gosto agradável dos lábios dela mesmo agora, um tanto frios, mas ao mesmo tempo ansiosos e vulneráveis. Rolou para o lado abruptamente, pegando o telefone. Fora uma tola. Estava tão absorvida em seus pensamentos que não fora capaz de reconhecer um convite. Discou rapidamente para a casa de *Louise*.

– Já jantou, *Louise*?

– Eu não ia comer nada esta noite. Já cheguei ao meu limite de peso.

– Isso é bobagem. Você sempre precisa comer alguma coisa. Só que deve escolher o que come. Eu vou jantar esta noite. Por que não vem comer comigo? Garanto que não vou servir nada que seja capaz de engordá-la.

Louise soltou uma risada.

– Terei de me vestir novamente.

– Não se incomode muito com isso. Basta meter uma calça e pegar um táxi. Jantaremos sozinhas em meu quarto, escutando música.

Janette comprimiu o botão que cortava a ligação, depois apertou outro botão, para falar com a cozinha. Henri atendeu.

– Convidei uma amiga para jantar – informou Janette. – Sirva mais algumas costeletas e batatas. Jantaremos no meu quarto.

– *Oui, Madame*.

– Mais uma coisa, Henri: pode trazer os recados agora.

Janette já deixara a cama e estava na banheira antes que ele chegasse ao quarto. Não ficou muito tempo na banheira, menos de dez minutos. Quando saiu, o telefone estava tocando. Ela atendeu, notando que os recados estavam ao lado, numa salva de prata.

– Alô?

– Meus parabéns! – Era Jacques. – Vi o anúncio de Winston. Acho que podemos fazer alguma coisa para promovê-lo. Precisamos conversar.

– Também preciso conversar com você.

– Por que não vem jantar comigo? Prepararei alguma coisa e teremos a noite inteira para conversar.

– Esta noite não será possível, Jacques. Estou cansada demais. Tivemos um dia terrivelmente movimentado no salão.

– Telefonei antes. Recebeu meu recado?

– Acabo de receber.

– Há algum recado de Johann?

Janette folheou rapidamente os recados.

– Há, sim.

– Ele também quer conversar com você. Mas acho que é importante nós dois conversarmos antes do seu encontro com Johann.

– Vamos ver – disse Janette, deliberadamente neutra.

Mas ela sabia que Jacques seria um aliado importante. Johann dava importância à opinião dele e poderia se tornar difícil, com sua visão conservadora. Podemos almoçar amanhã.

– Está ótimo. Na minha mesa, no Relais. Ao meio-dia e quinze.

– Está certo.

– Venha nua – disse Jacques, rindo. – Você está maravilhosa.

Janette ouviu a companhia da porta soar debilmente lá embaixo, enquanto desligava.

Examinou rapidamente os recados. O telefone tocou.

– *Mademoiselle Louise* está aqui.

– Pode trazê-la.

Ela largou o fone no gancho e voltou ao banheiro para escovar os cabelos. Não havia qualquer recado importante. Teria tempo suficiente para cuidar de tudo no dia seguinte.

Subitamente, não estava mais cansada. Sentia-se muito bem. Tudo estava dando certo, exatamente como ela planejara.

***

Quando Janette apareceu no Relais, todos os presentes já haviam-na visto no anúncio de Vogue . Um silêncio súbito abateu-se sobre o restaurante quando ela parou na porta por um momento, antes de encaminhar-se para a mesa de Jacques. Usava uma camisa de homem larga amarrada na cintura, por cima de uma *jeans* folgada. Absolutamente nada de seu corpo estava revelado, exceto o que se podia sentir por baixo das roupas, enquanto atravessava o restaurante, os cabelos caindo pelos ombros, emoldurando as faces salientes e o rosto completamente sem maquilagem.

Jacques levantou-se e beijou-a nas faces. O zumbido das conversas no restaurante recomeçou, enquanto eles se sentavam.

– Desculpe o atraso, Jacques. Mas Boussac chamou-me a seu gabinete. Ele

estava espumando de raiva. – Janette fez uma pausa, rindo. – Ele me despediu.

– Boussac não passa de um idiota. Mas por que você está rindo?

– Ele não sabia, mas eu já havia apresentado o meu pedido de demissão, na segunda-feira.

E ninguém se dera ao trabalho de informá-lo.

Louise apareceu na entrada do restaurante. Janette acrescentou para Jacques: – Convidei uma amiga para também almoçar conosco. Tem algum problema?

– Claro que não.

Jacques tornou a levantar-se, enquanto *Louise* se aproximava da mesa. Janette apresentou-os e ele beijou a mão de *Louise*, enquanto o garçom aproximava-se apressadamente para providenciar uma nova cadeira.

– O que vão querer beber?

– Quero uma garrafa de Evian – disse *Louise*.

– Como não preciso voltar ao trabalho, ao diabo com tudo! – disse Janette. – Quero um *kir royale.*

– Também vou querer um *kir royale* – disse Jacques. Até que não era uma má idéia. Ele virou-se para Janette. – O que está planejando fazer agora?

– Pensei em fazer uma viagem aos Estados Unidos com *Louise*. Ainda não estivemos lá.

O garçom trouxe os drinques.

– A nós! – disse Jacques, tomando um gole de seu drinque. – Acho que estará cometendo um grande erro se viajar agora.

A voz de Janette era polidamente curiosa: – Por que?

– Este é o momento de investir, abater fundo e com força. Enquanto ferro ainda está quente.

Olhe ao redor. Todos estão olhando para você, falando sobre você. Conseguiu transformar-se numa celebridade da noite para o dia. Pode ter tudo o que quiser.

Janette riu.

– Não quero nada. Especialmente outro trabalho de manequim.

– Há outras coisas que você pode fazer – disse Jacques. – Pode voltar ao negócio, conforme planejou há vários anos.

– E fazer o quê?

Janette estava pressionando. Queria que Jacques se antecipasse a ela.

Era importante que ele sentisse que a idéia lhe pertencia pelo menos parcialmente.

– Entre direto e com toda força na moda, Janette. Pode se tornar o ponto central, em torno do qual tudo irá revolver. Algo que nunca tivemos desde que sua mãe morreu. Algo que Shiki nunca pôde nos dar.

– Shiki também nunca pôde me dar qualquer coisa.

O garçom aproximou-se novamente, para anotar os pedidos. Janette e *Louise* pediram

steak tartar, Jacques preferiu um *entrecôte au bleu* com *frites.* Depois que o garçom se afastou, Janette virou-se novamente para Jacques.

– Você disse ontem à noite que Johann queria conversar comigo.

– Isso mesmo. Ele ficou surpreso ao ver sua fotografia e também curioso pelo seu motivo para fazer aquilo.

– Achei que seria divertido. Além do mais, sempre quis saber qual era a sensação de usar um diamante de um milhão de dólares.

– É mesmo?

A voz de Jacques era cética. Janette ignorou-o.

– Você tinha alguma idéia quando me pediu para conversarmos antes do meu encontro com Johann.

– Isso mesmo. Falei ontem a Johann que poderíamos promover uma nova casa em torno de você. Uma nova imagem. Mas teríamos de nos livrar de Shiki. Concordo com você quando diz que ele de nada nos adianta.

– O que Johann disse?

– Você conhece Johann. A primeira coisa que ele pensou foi que estaríamos perdendo um investimento de 50 milhões de francos se deixássemos Shiki ir embora. E se o novo esquema não desse certo, tudo estaria perdido.

Janette assentiu, muito séria.

– Johann é assim mesmo. Sempre contando os números.

– De qualquer forma, ele não chegou a dizer que não estava interessado – explicou Jacques.

– Pedi-lhe que conversasse com você, antes de rejeitar a idéia.

– Não creio que alguém seja capaz de convencê-lo, Jacques. A idéia poderia ser muito divertida para mim, mas Johann é obstinado em seus métodos.

– Se ele pensasse que alguém mais estaria disposto a trabalhar com você, poderia se convencer.

– Mas não há ninguém.

– Posso arrumar alguém.

Janette estava curiosa.

– Tem alguém em mente?

Jacques assentiu. Janette continuou a fitá-lo, sem dizer nada.

– Seu padrasto é um que estaria interessado – disse Jacques. – Conversei com ele ontem. E ele gostaria de entrar no negócio junto com você.

– Não falo com ele – disse Janette, friamente.

– Sei disso. Mas é uma questão pessoal. Os negócios não podem ter nada a

ver com isso.

– Ele não pode entrar com 50 milhões de francos.

– Talvez não com tudo. Mas tenho outros que poderiam participar também do investimento.

Um americano, Charlie Carolo. Ele possui uma das maiores cadeias de lojas de roupas femininas da América. Está querendo melhorar sua imagem. E há outros, só que ainda não falei com eles.

Só com Maurice e Charlie.

Janette ficou pensando por um momento, depois sacudiu a cabeça.

– Não. Se eu entrasse no negócio, seria para dirigir a minha própria companhia. Não quero saber de sócios.

– Então estamos de volta a Johann.

– Exatamente.

O garçom trouxe a comida. Comeram praticamente em silêncio, cada um absorvido em seus pensamentos. Ao terminar, *Louise* olhou para o relógio.

– Santo Deus! – exclamou ela. – Vou chegar atrasada ao trabalho!

– Leve meu carro – disse Janette. – Irei buscá-lo depois.

Louise agradeceu a Jacques pelo almoço e depois afastou-se apressadamente. Jacques ficou observando-a.

– Essa sua amiga é bastante bonita.

– É, sim.

– São amigas há muito tempo?

– Trabalhamos juntas desde que entrei em Dior, mas só nos tornamos amigas esta semana.

Jacques acenou com a cabeça, circunspecto.

– Isso acontece com freqüência. A gente se encontra com uma pessoa quase todos os dias, mas não descobre como ela é importante até chegar o momento da separação.

Janette assentiu.

– Nunca tinha pensado nisso, mas acho que tem toda razão.

Jacques ficou em silêncio, enquanto o garçom retirava os pratos. Ele pediu café. Depois, virou-se novamente para Janette: – E agora vamos pôr a coisa em pratos limpos. Quer ou não ficar com a *Maison Tanya*?

– O que o leva a pensar que quero?

Janette estava na defensiva.

– Conversou ontem com Philippe Fayard.

– Como soube?

– Não há segredos no mundo dos homossexuais. Seu padrasto soube e me telefonou.

– *Merde!* Isso significa que Shiki também já sabe.

– Exatamente. E aposto que neste momento ele está na sala de Johann, berrando histericamente.

Janette ficou calada.

– Quer você goste ou não, Janette, a verdade é que já está comprometida. Agora, compete a você definir qual o caminho que deseja seguir.

Ela fitou-o nos olhos.

– E qual é o caminho que você deseja seguir, Jacques?

– Quero seguir com você. Talvez assim se converta em realidade o sonho que partilhei com sua mãe.

O garçom trouxe o café. Janette pegou sua xícara e observou-a. O café era forte, escuro.

Antes de levar a xícara aos lábios, ela ergueu os olhos para Jacques, acenando com a cabeça lentamente.

– Pois então vamos conversar com Johann imediatamente.

Para grande surpresa dela, Johann estava calmo e razoável. Achava que as idéias e planos de Janette eram excelentes e havia uma boa possibilidade de sucesso. Somente num ponto ele se mostrou intransigente.

– Já conversei sobre o problema com meu advogado esta manhã. E como depositário da parte de sua irmã nos bens, eu seria responsável, pelas leis francesas, se alguma coisa saísse errada.

– O que poderia sair errado? – perguntou Janette. – Você mesmo disse que achava uma boa idéia.

– Mesmo assim, poderíamos perder todo o dinheiro investido. E não tenho o direito de assumir esse risco em nome de Lauren.

– E se ganhássemos uma fortuna?

– Seria ótimo. Mas não há qualquer garantia de que tudo daria certo. – Ele fez uma pausa, observando-a através da mesa. – Lamento muito, Janette. Se a coisa pudesse ser feita com um investimento de um milhão de francos ou pouco mais, a coisa ainda estaria dentro da minha jurisdição. Mas o plano pode representar 50 ou mesmo cem milhões de francos. Um prejuízo assim poderia levar toda a companhia à falência. Perderíamos tudo, não apenas a *maison de couture*, mas também a companhia de perfume e os vinhedos. Tudo faz parte de um conjunto só e cada empresa serve de garantia à outra.

Janette ficou calada, pensando. E disse, depois de um momento: – Há alguma possibilidade de eu comprar a parte de Lauren para mim mesma?

– Acho que há. Mas precisaria de muito dinheiro e eu ainda teria de pedir aos tribunais franceses que aprovassem a operação, a fim de que a parte de Lauren fosse devidamente avaliada e ela recebesse uma justa compensação financeira.

Ele respirou fundo, antes de acrescentar: – Mas por que está querendo fazer isso? Somente a companhia de vinhos já não lhe garante um rendimento suficiente pelo resto da vida?

– Não estou interessada na companhia de vinhos, mas apenas na casa de moda. Os vinhos me aborrecem. É um empreendimento por demais burguês.

– De qualquer forma, teríamos de seguir os regulamentos impostos pelas leis.

– E se eu renunciar à minha parte na companhia de vinhos a favor de Lauren?

– Neste caso, você estaria prejudicando a si mesma. Os vinhedos rendem duas vezes mais

que a casa de moda, incluindo o perfume.

– Posso vender minha parte nos vinhedos e usar o dinheiro para comprar a *maison de couture?*

– Acho que sim. Não conheço qualquer lei que a impeça de fazer isso. Mas ainda acho que seria uma estupidez.

– Estupidez ou não, é o que eu quero fazer.

– É também importante a quem venderia. Tenho o direito de rejeitar qualquer sócio que não aprove, em nome de sua irmã.

A voz de Janette tornou-se fria: – Em outras palavras, não quer me deixar fazer o que estou querendo.

– Não falei isso, Janette. Estou apenas querendo que você esteja consciente da minhas responsabilidades. São as mesmas que tenho exercido em seu nome a fim de resguardar sua parte. Nem você nem sua irmã foram até hoje prejudicadas. Para dizer a verdade, as duas estão agora duas vezes mais ricas do que na ocasião em que assumi.

– Mas a *maison de couture* está dando prejuízo, e em termos empresariais devemos vendê-la.

– Concordo.

– E poderíamos vender a um estranho?

– Claro.

– Mas não a mim.

– Se cumpríssemos todo o processo que descrevi, poderia ser vendida a você. Mas como seu amigo e antigo administrador de seus bens, devo adverti-la para os riscos que assumiria.

– Apesar disso, se eu lhe disser que quero ficar com toda a companhia só para mim e não apenas ter 50 por cento, estando para isso disposta a vender minha parte dos vinhedos... o que você faria?

– Não teria alternativa que não contratar peritos para avaliar tudo e tentar encontrar o meio certo de realizar a operação. Depois disso, terei de solicitar a

aprovação dos tribunais, para que o negócio possa ser fechado.

– Quanto tempo isso levaria?

– Não sei. Às vezes, essas coisas levam anos.

– Então a minha única opção é arrumar um comprador para a minha parte nos vinhedos... e um comprador que você aprove?

– Talvez.

– Então será isso o que farei.

Johann fitou-a atentamente.

– Por que tanta pressa, Janette? Por que não espera mais algum tempo e pensa no assunto?

Se ainda quiser a mesma coisa dentro de um mês, por exemplo, volte a conversar comigo e farei tudo o que for possível para ajudá-la.

– Perder um mês agora significa perder toda uma temporada. Se eu começar agora, posso apresentar coleções para a próxima primavera.

– As coleções do outono são mais importantes.

– Não para mim. Vou entrar em outro mercado. E se quiser atingi-lo, terei de entrar em ação na primavera, a fim de prepará-lo para o outono.

– Sei o que ela está querendo dizer – falou Jacques, rompendo finalmente o silêncio que mantivera até então. – Janette tem todas as possibilidades de conquistar o maior sucesso. Você pode acabar ganhando muitos milhões.

– Ou perder milhões – disse Johann. Ele tornou a olhar para Janette. – Compreendo como se sente, mas não posso fazer o que está pedindo tão facilmente quanto ambos gostaríamos.

Janette levantou-se.

– Não vamos chegar a parte alguma com esta conversa.

– Sinto muito.

Ela fitou-o atentamente e disse, a voz dura e determinada: – Vou conseguir o que estou querendo. Não importa o quanto custe. E você sabe disso.

Janette deixou a sala, batendo a porta. Johann voltou para Jacques.

– Veja se consegue fazer com que ela veja a luz da razão.

Jacques deu de ombros.

– Conseguiu isso com Tanya alguma vez?

– Não.

– E o que o faz pensar que Janette é diferente da mãe?

***

Johann chegou em casa por volta das sete e meia da noite. Heidi recebeu-o

na porta e beijou-o no rosto. Ele olhou por cima do ombro dela. Geralmente, Lauren estava logo atrás de Heidi.

– Onde está Lauren?

– Ela deve estar chegando. Janette levou-a para um passeio durante a tarde.

– A que horas foi isso?

– Por volta das quatro horas. – Heidi estava aturdida. – Alguma coisa errada?

Johann respirou fundo.

– Não sei.

Ele foi para a sala de estar, seguido por Heidi.

– Janette lhe disse alguma coisa?

– Não. Falou apenas que não via a irmã há muito tempo e gostaria de passar algum tempo em sua companhia.

Johann coçou o queixo, pensativo.

– Não gosto nada disso... – Rapidamente, ele descreveu o encontro com Janette e arrematou: – Ela disse que sempre consegue o que quer, não importando o que seja necessário fazer para isso.

As lágrimas afloraram aos olhos de Heidi.

– Ela poderia ser cruel o bastante para destruir a felicidade da irmã?

– Está esquecendo que, sob muitos aspectos, a própria Janette é pouco mais que uma criança. E uma criança mimada, que sempre teve tudo o que quis. De repente, depara com uma coisa que não pode conseguir.

– Acha que ela não vai trazer Lauren de volta para nós?

– Não sei o que pensar. E só há um jeito de descobrir.

Johann foi ao telefone e ligou para a casa de Janette. O mordomo atendeu.

– *Mademoiselle* Janette está em casa, Henri?

– *Oui, Je vos passe, Monsieur.*

Houve um estalido no telefone e Janette atendeu.

– Pois não?

Johann tentou manter a voz sob controle: – Estávamos esperando Lauren para o jantar.

A voz de Janette era fria: – Ela não vai jantar aí. Não voltará mais para vocês. Ficará nesta casa, que é o lugar a que pertence. Por favor, mande as coisas dela o mais depressa possível.

O telefone emudeceu antes que Johann pudesse sequer responder. Ele repôs o fone no gancho lentamente.

– Ela vai ficar com Lauren.

Pela primeira vez, ele viu Heidi furiosa.

– Mas que desgraçada! Como pode ser tão cruel? Vai deixar que ela faça

isso? Afinal, você é o tutor legal de Lauren.

– Seria necessário entrar com uma ação judicial. Os jornais tomariam conhecimento e seria um escândalo. Falariam de Tanya e de tudo o que já aconteceu. Quando tudo acabasse, estaríamos todos cobertos de merda, inclusive Lauren.

– Então por que simplesmente não dá a Janette o que ela está querendo? Poderemos então levar Lauren para a América e deixar Janette ir para o inferno como bem quiser. Por que você tem de se importar com o que possa acontecer com ela?

– Não tenho. Mas a coisa não é tão simples quanto está pensando. Qualquer divisão dos bens que eu fizer, por mais justa e eqüitativa que seja no momento, poderá ficar sujeita posteriormente a contestações. Se o plano de Janette der certo, eu teria prejudicado os benefícios em potencial de Lauren. Se não der certo e estivermos envolvidos, então permiti que Lauren fosse exposta a vultosos prejuízos. Não importa qual seja o lado para que vire, estou condenado se fizer e também condenado se não fizer.

Heidi fitou-o nos olhos.

– Se está perdido de qualquer maneira, então pelo menos deve proteger a criança no que mais ela precisa. E o que Lauren precisa, mais do que de dinheiro, é de amor e cuidado, coisas que podemos dar.

Johann ficou calado.

– Por que não compra a parte de Janette nos vinhedos, Johann? Meu pai poderá lhe adiantar o dinheiro necessário. Ele está interessado no negócio. Há cerca de cinco anos comprou um vinhedo de mil acres na Califórnia.

Johann olhou para ela, o germe de uma idéia começando a se desenvolver em seu cérebro.

– Não posso comprar, pois assim estaria me expondo. Se pudesse, já o teria feito, pois disponho de dinheiro suficiente. Mas seria diferente se seu pai comprasse. Os tribunais poderiam aprovar a transação sem a menor dificuldade. Acha que ele estaria interessado?

– Acho que sim. Vamos telefonar depois do jantar para ter certeza.

***

– Ele não vai desistir tão facilmente – disse Maurice. – Não depois de passar tantos anos com o controle total. Ninguém jamais saberá o quanto ele desviou para si mesmo.

Janette fitou-o atentamente...

– Não vou jamais acreditar que Johann seja um canalha.

– Não estou dizendo que ele é. Mas ele sempre dirigiu as suas companhias e participou dos lucros. Quem pode afirmar que ele não se beneficiou um pouco mais do que era certo?

Janette manteve-se calada.

– Se está realmente decidida – insistiu Maurice – então terá de ir até o fim, forçando-o a sair.

– Como posso conseguir isso?

– Deixe-o numa situação tão constrangedora que ele sentirá o maior prazer em se afastar.

Leve-o aos tribunais, sob acusação de dilapidar seus bens e de sua irmã. Pode até alegar que ele exerceu influência indevida sobre sua mãe, que não era mentalmente sã, a fim de obter o controle dos bens. Há muitas coisas que você pode fazer.

– Mas como posso provar?

– Não precisa provar. Isso é que é o melhor de tudo. – Maurice sorriu. – Ele é que terá de refutar.

Janette sacudiu a cabeça.

– Não sei se poderia fazer isso.

– Então trate de renunciar a tudo. E não se esqueça de que poderão passar muitos anos antes que tenha outra oportunidade igual. Jacques não lhe disse que estou disposto a entrar no negócio com você e que ele também arrumou um importante americano que está disposto a investir?

– Disse, sim.

– Então o que está esperando? A não ser que, no fundo, não acredite que seja capaz de alcançar o sucesso...

– Não faz sentido. Eu faço todas essas coisas... enquanto Lauren está vivendo com eles.

– Então tire-a de lá.

– Posso fazer isso? Afinal, Johann é o tutor legal de Lauren.

– Mas você é a irmã dela. Pode alegar que a tirou de lá porque estava com medo que Johann pudesse fazer-lhe algum mal.

Janette ficou novamente calada.

– Não seja tola, Janette. Ele era um soldado alemão. Um boche. Nada mudou. Só que agora ele está ocupando o seu negócio e não a França.

Ela continuou em silêncio.

– Janette Marie de la Beauville... – acrescentou Maurice, suavemente.– É um bom nome. Viu como ficou no anúncio? Parecia muito mais importante do que

Harry Winston.

Janette fitou-o.

– Como posso pegar Lauren?

– É muito simples. Vá até o apartamento deles, com uma desculpa para sair com Lauren. E não a leve de volta.

Foi exatamente o que Janette fez naquela tarde. Enquanto isso, foi marcado um encontro com o advogado de Maurice, para a manhã seguinte, a fim de iniciar a ação judicial. Quando Johann telefonou já eram oito horas da noite e Lauren estava deitada.

Os criados cercaram-na de atenção durante o jantar e Lauren adorou.

Quando foi feita a sugestão de que fosse deitar, ela aceitou prontamente, na maior felicidade. Poucos minutos depois do telefonema de Johann, Lauren entrou no quarto de Janette.

– Tia Heidi sempre conta uma história antes de eu dormir.

– Está bem, querida – disse Janette. – Vamos para o seu quarto e eu lhe contarei uma história.

A menina meteu-se na cama e fitou-a.

– Conte uma história de uma princesa.

– Que princesa?

– A que não podia dormir porque tinha uma ervilha na cama.

Janette pensou por um momento.

– Não conheço essa história.

– Então que história conhece?

Janette tentou recordar-se de uma história de sua infância.

– Era uma vez, há muito tempo, uma velha que vivia num sapato...

Lauren interrompeu-a: – Já conheço essa. E não é uma história, mas uma cantiga de ninar.

– Ahn...

– Quero que me conte uma história de verdade.

– Terei de pensar numa... Ah, já sei o que fazer. Dê-me até amanhã. Arrumarei um livro com todas as histórias e lhe contarei uma bem bonita amanhã de noite.

– Tem certeza de que não conhece nenhuma história?

– Tenho.

– Nem mesmo uma história bem pequena?

Janette riu.

– Eu lhe contarei uma dúzia de histórias amanhã de noite.

Lauren pensou por um momento.

– Está bem. – Ela estendeu os braços. – Dê-me um beijo de boa-noite.

Janette beijou-a.

– Boa-noite.

Lauren abraçou-a.

– Boa-noite, Tia Hei... Janette. – Ela encostou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos, tornando a abri-los no instante seguinte, deixando a cama. – Esqueci de fazer minhas orações.

Ela ajoelhou-se ao lado da cama, cruzou as mãos e abaixou a cabeça. – Estou me deitando agora para dormir. Peço ao Senhor para guardar minha alma. Deus abençoe Tio Johann, Deus abençoe Tia Heidi e Deus abençoe minha irmã Janette. – Ela olhou para Janette. – Amém.

Janete ficou calada.

– Diga amém, Janette.

– Amém.

Lauren voltou a se deitar e fechou os olhos.

– Boa-noite, Janette.

Janette encaminhou-se para a porta.

– Boa-noite, irmãzinha.

Ela apagou a luz e fechou a porta, descendo em seguida para a biblioteca. O telefone começou a tocar. Era Jacques.

– Acabei de falar para Johann e ele me contou o que você fez. Eles estão bastante transtornados.

– É uma pena. Foi você quem ligou para ele?

– Foi, sim.

– Por que?

– Tive uma idéia. Talvez a solução mais prática para o problema da Tanya Couture seja entrar num acordo com Carolo para o financiamento adicional. Isso reduziria o risco.

– E o que disse?

– Nem tive a oportunidade de falar a respeito. Johann contou-me o que acontecera e perguntou se eu sabia de alguma coisa. Respondi que não, mas não sei se ele acreditou.

– Isso não faz a menor diferença.

– Faz para mim. Nunca menti para Johann. E não gostaria que ele pensasse que menti neste caso. Por que diabo você fez isso?

– Não seja estúpido, Jacques. Viu como ele se comportou na reunião. Johann já havia tomado uma decisão e nunca a mudaria, com a sua obstinação teutônica.

– Mas sua irmã estava feliz com eles. Não havia razão para tirá-la de lá.

– Ela também será feliz aqui. E já está resolvido. Metade de tudo lhe pertence.

– Devíamos encontrar outro meio.

– Não há outro meio. Maurice convenceu-me disso. Eu deveria ter aceitado as opiniões dele há muito tempo.

– Maurice só se preocupa com ele próprio. Fareja uma oportunidade de voltar ao negócio. É por isso que a está pressionando.

– Você não aprova?

A voz de Jacques estava extremamente fria.

– Não precisava fazer isso.

Ela ficou furiosa.

– Quem diabo você pensa que é para me julgar? Passou a vida inteira mentindo e trepando para conseguir as coisas. Por seus empregados, histórias e publicidade. E agora está com medo de perder o emprego com Johann porque se envolveu demais comigo. E quer reconquistar as boas graças dele.

– Isso não é verdade! – protestou Jacques, com a maior veemência. – Você não conhece Maurice tanto quanto eu. Está tentando usá-la, como tentou usar sua mãe.

– E você não faz a mesma coisa? Trepou com minha mãe e usou-a. Trepou comigo e usou-me. Quantas outras vocês fodeu e usou? E não preciso da sua aprovação! Por mim, pode rastejar de volta para aquele maldito nazista e lamber-lhe os pés!

Janette bateu o telefone e ficou sentada ali, sentindo que tremia interiormente.

A porta se abriu. Ela olhou. Lauren estava parada ali, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

– O que você quer? – perguntou Janette bruscamente.

A menina continuou parada onde estava.

– Quero ir para casa.

– Você está em casa! – gritou Janette. – E agora volte para o seu quarto e trate de dormir!

– Não estou em casa. E aquele não é o meu quarto – disse Lauren fungando, obstinadamente. – E não consigo dormir. Tem fantasma lá.

– Não tem fantasma nenhum!

– Tem, sim.

– Que fantasmas?

– O marquês está parado ao pé da minha cama e rindo. Vai embora quando abro os olhos.

Janette fitou-a aturdida, em silêncio...

– Você é mesmo minha irmã? – perguntou Lauren...– Ele fica dizendo que você não é minha irmã.

Janette atravessou a sala e ajoelhou-se ao lado dela.

– Claro que sou sua irmã.

Lauren fitou-a nos olhos.

– Você me ama?

– Sabe muito bem que a amo, *chérie* – disse Janette, suavemente.

– Tanto quanto mamãe amava você? Tanto quanto mamãe me amava?

Janette ficou em silêncio por um momento e depois sentiu as lágrimas lhe aflorarem aos olhos.

– Tanto quanto ela, minha querida.

Vinte minutos depois, elas estavam paradas diante da porta do apartamento de Johann, quando ele a abriu. Johann fitou-as em silêncio. Janette disse, a voz tensa: – Eu a trouxe para casa.

Houve um movimento atrás dele.

– Tia Heidi! – gritou Lauren, correndo para os braços de Heidi.

Janette começou a se afastar. A voz de Johann deteve-a. Ela virou-se, os olhos marejados de lágrimas.

– O que é?

Johann piscou os olhos.

– Por que não entra, Janette? – perguntou ele, gentilmente. – Temos muito o que conversar.

***

LIVRO III LAUREN

O comissário de bordo atravessou o compartimento de primeira classe às escuras e foi até a cozinha, que a separava da classe econômica. Olhou com uma expressão de aprovação para as bandejas com o café da manhã, já prontas para serem servidas. E comentou: – Vamos chegar 15 minutos mais cedo.

A aeromoça de cabelos escuros, enchendo os copos com suco de laranja e suco de tomate, sorriu.

– Isso é ótimo. Estou ansiosa em chegar em casa e tomar um banho. – Ela ligou o botão do fogão e olhou para o relógio. – Os ovos estarão prontos dentro de 20 minutos.

– É tempo suficiente.

O comissário pegou o interfone e acendeu as luzes do compartimento ao mesmo tempo.

Falou primeiro em francês e depois em inglês: – Bom-dia, senhoras e senhores. São seis e meia da manhã pelo horário francês. Tenho o prazer de informar que chegaremos a Paris 15 minutos antes do prazo previsto, às 8:45 pelo horário francês. Vamos agora começar a servir o café da manhã.

Como sempre, os insones foram os primeiros a abrir as cortinas das janelas. O sol baixo no horizonte penetrou no compartimento despertando os que ainda se apegavam ao sono. Todos os passageiros começaram a se movimentar.

Lauren olhou pela janela. Não havia nada para se ver, tudo estava escondido pelas nuvens.

Ela virou-se quando a aeromoça tocou gentilmente em seu ombro.

– Bom-dia – disse a aeromoça em inglês. – Dormiu bem?

Lauren afastou do rosto uma mecha dos cabelos louros compridos e respondeu em francês: – Não muito bem. Estou excitada demais para isso. É a primeira vez que volto à França em quase dez anos.

A aeromoça fitou-a surpresa com o francês da moça. Era impecável, sem qualquer vestígio de um sotaque americano, apesar da aparência dela, que era tipicamente americana da Califórnia. Bronzeada, os cabelos louros ainda mais clareados pelo sol, olhos azuis muito grandes.

– *Jus d'orange ou tomate*?

– *Jus d'orange* – respondeu Lauren.

A aeromoça ajeitou a bandeja diante de Lauren e pôs nela o suco de laranja.

– Quer tomar o café agora?

Lauren assentiu.

– Quero sim, obrigada.

Ela pegou a bolsa e abriu-a. Lá dentro, havia um pequeno vidro com pílulas. Abriu o vidro, derramou algumas pílulas na mão e pegou o suco. A aeromoça sorriu.

– Vitaminas? Todos os americanos têm de tomar suas vitaminas antes do café da manhã.

Lauren sorriu.

– Claro.

Ela ficou imaginando o que a aeromoça pensaria se soubesse que as pílulas não eram vitaminas. A vermelha era excitante. Lauren engoliu as pilulas, enquanto a aeromoça servia o café. Depois, ela acendeu um cigarro e tornou a olhar pela janela. Dez anos... Era muito tempo.

Mais da metade de sua vida.

Subitamente, ela sentiu uma contração nervosa no estômago. Janette estaria no aeroporto.

Ficou imaginando se Janette a reconheceria. Mas não importava. Ela reconheceria Janette.

Vira a fotografia dela mil vezes, ao longo dos anos, em jornais e revistas, até mesmo em comerciais na televisão. O que fora mesmo que um comentarista dissera? Uma das dez mulheres mais bonitas do mundo.

Lauren recordou-se de uma ocasião em que estivera com Harvey na praia, em Paradise Cove, deitados sobre uma toalha, a fim de que a areia escaldante não os queimasse vivos. Mas o sol estava bom, envolvendo-lhe o corpo com seu calor, enquanto a brisa mantinha a pele fresca. Lauren virou-se de barriga para baixo e abriu a revista. Quase que a primeira coisa que viu foi a fotografia em cores de Janette. Era um anúncio de biquíni. O texto era simples: “O Biquíni Mais Sumário, por Philippe Fayard, para Janette.” Depois, em letras menores, por baixo da fotografia: “Nas melhores lojas por 90 dólares.”

Uma sombra estendeu-se sobre a revista.

– Puxa! – exclamou Harvey. – Essa garota é dinamite!

Por um momento, Lauren sentiu uma pontada de surpresa. Ou talvez fosse de ciúme. Sob certos aspectos, Harvey era um idiota. Nunca percebia coisa alguma. Vivia num mundo em que existiam apenas a sua prancha de surfe e a coleção de tóxicos. Nunca ia a parte alguma sem a sua prancha de surfe... até mesmo à noite amarrava-a por cima de seu VW. E num compartimento habilmente oculto na porta do carro havia sempre pelo menos 20 pequenos sacos de plástico, com diferentes espécies de maconha. Era a coleção da animação, como ele dizia. Uma maconha para cada coisa, de rir a sonhar e trepar. Naquele momento, seu interesse básico era trabalhar com um amigo no Condado de Humboldt, procurando desenvolver uma maconha que não tinha sementes, eliminando

assim a necessidade de limpar. E contendo um índice mais elevado de THC. Era uma boa coisa que o pai nunca lhe perguntasse o que fazia com sua mesada, porque ele já investira mais de mil dólares no projeto, que também incluía mais de 200 dólares que Lauren lhe dera.

Ela fitou-o, estreitando os olhos contra o sol.

– O que você disse?

– Que essa garota é dinamite – respondeu Harvey, ainda olhando para a fotografia.

Lauren correu os olhos pela praia. Estava repleta de garotas, vivas e reais, com biquínis ainda mais sumários do que o da fotografia. Contudo, Harvey estava indiferente a elas, absorvido na fotografia.

– É minha irmã – disse Lauren, entregando-lhe a revista.

Ele pegou-a, ainda olhando para a fotografia.

– Que coisa! – murmurou ele, as palavras de Lauren demorando um pouco para se registrar em seu cérebro. – Você disse que ela é sua irmã?

– Isso mesmo.

– Nunca me falou que tinha uma irmã.

Havia um toque de ceticismo na voz de Harvey.

– O assunto nunca surgiu.

– Eu nunca a vi.

– E como poderia? Ela vive em Paris.

– Na França?

– É onde Paris fica – disse Lauren, bruscamente.

Ela estava começando a ficar irritada. Não havia motivo para Harvey ficar naquele estado.

Sentando-se, Lauren acrescentou: – Estou com vontade de puxar um fumo.

Harvey meteu a mão na sua sacola de papel e tirou um cigarro de maconha. Acendeu-o e passou para Lauren. Ela aspirou a fumaça duas vezes, rapidamente. Como sempre, era o melhor. Um especial de Harvey. Ela sentiu-se melhor, a irritação se dissipando.

Harvey estendeu-se na toalha ao lado dela.

– Quando a viu pela última vez?

– Há quase dez anos. Quando vim para cá.

– Ela já era assim naquele tempo?

Lauren pensou por um momento e depois acenou com a cabeça...

– Acho que sim. Mas eu era uma garotinha e ela a minha linda irmã mais velha.

– Quando tornará a vê-la?

Foi nesse momento que Lauren se decidiu.

– Neste verão, logo depois da formatura.

Dez anos era muito tempo... Tempo suficiente, pensou Lauren, olhando pela janela para o solo de Orly, que subia ao encontro do avião. Tempo mais do que suficiente...

O agente de imigração fitou-a surpreso quando Lauren entregou-lhe o passaporte.

– Você é francesa?

Ela sorriu.

– Sou, sim.

O passaporte que ela entregara era francês, embora tivesse sido emitido pelo consulado em Los Angeles.

– Pensei que fosse americana.

– Vivo lá. Esta é a minha primeira visita à França em dez anos. Tinha apenas sete anos quando fui embora.

O agente sorriu, carimbou o passaporte e devolveu-o.

– Seja bem-vinda à sua terra.

– Obrigada.

Lauren pegou o passaporte e foi buscar a bagagem. Avistou um homem com um pequeno cartaz de papelão em que estava escrito “Mile Lauren”. Aproximou-se dele.

– Sou Lauren.

Ele fez uma mesura.

– Jean Bergere, *service d'accueil*, Air France. Sua irmã pediu-me que a ajudasse com a bagagem. Pode me dar os tíquetes de suas malas, por favor.

– Só trouxe uma mala – disse Lauren, entregando-lhe o tíquete.

– Então será muito simples. Vamos passar logo pela alfândega e depois voltarei para pegar a mala. Sua irmã está esperando lá fora.

Ela avistou Janette assim que passou pela alfândega. Parou por um momento contemplando-a. Não havia como se enganar. Janette tinha uma presença forte, irradiava algo que a fazia sobressair na multidão. E enquanto a contemplava, Janette olhou em sua direção.

Lauren hesitou por um instante e depois desatou a correr, estacando abruptamente diante da irmã. As duas ficaram se olhando e depois Lauren riu subitamente, perguntando, em francês: – Você é mesmo minha irmã?

Janette respondeu em inglês, a voz tremendo entre o riso e as lágrimas.

– É melhor acreditar nisso. – E no instante seguinte ela abraçou Lauren e apertou com força. – Eu é que não posso acreditar. Você está tão grande e bonita! O que aconteceu com a garotinha que vi pela última vez?

Os olhos de Lauren estavam úmidos.

– Ela cresceu.

– Está mais alta do que eu.

– Vitaminas americanas. – Lauren riu. – Mas você está ainda mais bonita do que eu lembrava e muito mais bonita do que em todas as fotografias.

– *C'est pas vrai*.

Janette virou-se e gesticulou. Um rapaz de terno e gravata aproximou-se. Janette apresentou: – Meu secretário, Robert Bleu.

O rapaz estendeu a mão delicada, dizendo num inglês carregado de sotaque: – Prazer em conhecê-la, Miss Lauren.

– O prazer é meu – disse Lauren.

– Robert cuidará de sua bagagem e a levará para casa. Assim, você poderá ir comigo ao escritório. E depois o motorista a levará para casa.

Lauren sentiu um pouco de desapontamento.

– Precisa mesmo trabalhar hoje?

– As coleções estão estourando – disse Janette, pegando-a pelo braço e seguindo para a saída. – Só nos restam três semanas para o final de julho e temos mil e uma coisas para aprontar. Vamos fazer nossa apresentação logo depois de Dior.

Lauren descobriu-se a andar rapidamente para acompanhar o ritmo da irmã, embora Janette não parecesse estar apressada.

– Julho é normalmente um mês muito ocupado para você?

Janette riu.

– É o mês mais movimentado do ano.

– Então desculpe. Deveria ter me avisado. Eu poderia vir em outra ocasião.

As duas saíram e um Rol s-Royce aproximou-se e encostou no meio-fio, diante delas. O motorista saltou e abriu a porta.

– *Bonjour*, Miss Lauren. Seja bem-vinda.

Lauren fitou-o atentamente. Um lampejo de recordação deixou-a surpresa.

– René?

– *Moi-même, Mademoiselle* Lauren.

Impulsivamente, ela inclinou-se para frente e beijou-o no rosto.

– Estou feliz em vê-lo.

– Obrigado.

Ela entrou no carro, seguida por Janette. Sentia um excitamento que não esperara. Olhou para Janette.

– Henri e... ?

A voz de Janette era rouca: – Não. Eles foram embora há muito tempo. René é o único dos criados antigos que ainda está trabalhando para mim.

– É uma pena – comentou Lauren. – Eu gostaria de rever alguns deles.

O carro partiu. Janette abriu o pequeno compartimento no meio e tirou um cigarro de uma caixa que havia ali. Comprimiu o isqueiro e depois encostou-o no cigarro.

Lauren percebeu que as mãos da irmã tremiam ligeiramente.

– Você está bem?

Janette fitou-a.

– Claro que estou bem.

– Parece nervosa.

– Estou apenas cansada. Trabalhei até três horas da madrugada. – Janette apontou para uma pasta que estava no chão, à sua frente. – Vê essa pasta? Está cheia das coisas que tenho de fazer hoje.

Lauren olhou para a pasta de couro de crocodilo e depois tornou a fitar a irmã.

– Trabalha demais, não é mesmo?

– Quando se quer ser um sucesso no negócio, não há outro jeito – disse Janette, dando uma tragada no cigarro. – Alguém está sempre à espreita para foder a gente. Podem saltar em cima de você e dilacerá-la como lobos disputando uma carcaça.

– Acredita mesmo nisso?

Janette fitou-a em silêncio por um longo momento e depois assentiu.

– Acredito. E vai descobrir que estou certa. Ainda é jovem. Mas, com o tempo...

Janette acendeu outro cigarro com a ponta do que estava fumando. Lauren observou as mãos dela ainda tremendo. Um pensamento ocorreu-lhe subitamente.

– Você está ligadona?

Janette ficou aturdida.

– Ligadona? O que é isso?

– Gíria americana – respondeu Lauren. – Parece tensa. Está nas vermelhas que deixam a gente acesa? Ou está nas pretas?

– Não tenho a menor idéia do que está falando.

– Anfetaminas. Coisas para levantar o ânimo. Pó. Essas coisas.

– É essa a impressão que dou?

– Pode ser.

– Os americanos estão muito à nossa frente nessas coisas – comentou Janette. – Cheiro cocaína uma vez ou outra. Não muita. Mas os franceses jamais perceberiam.

– Cheirou esta manhã?

Janette assentiu.

– Eu lhe disse que estava muito cansada. Precisava de alguma coisa para me animar.

Foi a vez de Lauren assentir.

– Tomei uma vermelha no avião, a fim de não cair de cara ao passar pela alfândega.

Ela vasculhou a bolsa e tirou uma pequena caixa de metal. Abriu-a e enrolou rapidamente um cigarro de maconha.

– Duas puxadas e vai se sentir muito bem. Continuará acesa, mas ficará relaxada.

– Como sabe disso?

– Tenho um namorado que é o maior perito do mundo em diferentes espécies de maconha.

Este é um Harvey número dez.

Lauren riscou um fósforo e acendeu o cigarro. Deu duas tragadas rápidas e passou-o para Janette.

– Basta duas tragadas fundas. Não mais do que isso.

Janette pegou o cigarro entre os dedos. Aspirou lentamente. O odor era suave, diferente de toda a maconha e haxixe que já puxara antes. Deu outra tragada e devolveu a Lauren.

Umedecendo as pontas dos dedos, Lauren apagou o cigarro e guardou-o na caixa de metal.

– Não estou sentindo nada – comentou Janette.

Lauren sorriu.

– Nem deve sentir. Mas dentro de dois minutos não estará mais nervosa.

Ficaram caladas, enquanto o carro seguia para Paris pela *autoroute*.

Subitamente, Janette virou-se para a irmã e disse, sorrindo: – Você estava absolutamente certa. Tudo já parece melhor agora. Eu não deveria ter me deixado ficar tão... como foi mesmo que você disse? ...tão tensa.

Lauren riu.

– Basta escutar o que sua irmãzinha tem a dizer.

– Eu deveria ter perguntado antes, mas... como estão Johann e Heide?

– Estão bem. E lhe mandam seu amor.

– Li em algum lugar que Johann tornou-se um cidadão americano.

– No ano passado.

– E você? Não gostaria de se tornar também uma americana?

– Nunca pensei nisso. – Lauren fitou-a com seus olhos azuis muito claros. – Eu me sinto americana. Mas acho que posso esperar até completar 21 anos antes de me decidir.

– Johann é um homem bem-sucedido?

Lauren não sabia se era uma pergunta ou uma declaração.

– Acho que sim. Nunca prestei muita atenção a essas coisas.

– Pelo que dizem as publicações financeiras, ele tem um dos conglomerados que mais crescem na América.

– Nem mesmo sei o que é um conglomerado. – Lauren riu. – Tudo que sei é que ele sai para trabalhar cedo e volta tarde para casa.

Janette ficou calada por um momento.

– Deveria prestar alguma atenção a essas coisas. Afinal, tem 25 por cento da companhia de vinhos Beauville, que é a base de todo o conglomerado.

– Sei disso. Johann já me falou sobre isso várias vezes, mas não consigo realmente me interessar. O dinheiro não é tão importante assim para mim.

– E o que é importante para você?

Lauren tornou a fixar na irmã os olhos azuis.

– Descobrir a mim mesma. Saber qual é a minha. E depois terei tempo para as outras coisas.

– Mas não está preocupada com a possibilidade de acontecer alguma coisa ao seu dinheiro?

– O que podecia acontecer?

Janette não respondeu.

– Mesmo que tudo acabasse, não teria importância – disse Lauren. – Eu ainda poderia dar um jeito. Não preciso de muito.

Ela avistou a Torre Eiffel ao saírem do Boulevard Periférique e sorriu, dizendo, como uma criança excitada: – Lá está! Agora acredito de verdade que estou em Paris!

O Rolls-Royce encostou no meio-fio, diante do salão, na Avenue Montaigne. O porteiro uniformizado abriu a porta do carro.

– *Bonjour, Madame*.

– *Bonjour*, Ls – respondeu Janette, enquanto pegava a pasta no chão do carro. Ela virou-se para Lauren. – Procure descansar um pouco esta tarde. Há muitas pessoas que querem vê-la.

Lauren fitou-a.

– Não precisa fazer coisa alguma. Sinto-me feliz só por estar aqui.

– Não seja boba – disse Janette, sorrindo. – Será divertido observar os rostos deles quando a encontrarem. Ainda pensam em você como uma menina.

Ela atravessou a calçada e subiu os poucos degraus para a entrada particular. Como sempre, parou no alto dos degraus e olhou para um lado e outro da rua.

***

Era princípio de julho e a rua parecia fumegar ao calor e umidade deixada pela chuvarada do início da manhã. Christian Dior ficava na esquina, Nina Ricci no outro lado da rua. O Plaza Athénée estava ao final do quarteirão. A rua estava vazia. Apenas uns poucos turistas madrugadores saíam do hotel, a fim de iniciarem sua peregrinação. Mas não havia ninguém diante dos salões, sossegados e sonolentos ao calor do verão.

Só que Janette sabia que não era bem assim. Aquilo era apenas a fachada. A pressão estava se acumulando no interior de cada salão. Coleções a menos de três semanas. Todos tinham de estar enlouquecendo. A competição era acirrada, os rumores voavam, cada casa trabalhava dia e noite para rebater o que julgava que as outras estavam fazendo. Todos estavam empenhados em se colocar em primeiro plano, atraindo o máximo de atenção dos jornais e a publicidade que resultava do excitamento. Bainhas subindo, bainhas descendo, ombros largos, ombros estreitos, quadris retos, quadris redondos, cores fortes, cores sóbrias, sedas, cetins, lãs, acrílicos. Ninguém sabia realmente o que faria sucesso e por isso todos estavam enlouquecendo.

Ls abriu-lhe a porta e ela entrou. Ele abriu também a porta do pequeno elevador, entregou-lhe a pasta e apertou o botão do terceiro andar, onde ficava o gabinete dela, tocando no quepe em cumprimento, enquanto o elevador começava a subir. O gabinete ficava ao final do corredor. Fora ocupado anteriormente por Johann. Mas ela se instalara ali assim que começara.

O frenesi pairava no ar, enquanto ela passava pelo escritório geral, em que ficavam as mesas de secretárias e escriturários, ao longo das paredes e ao lado das portas das salas particulares. Um murmúrio de "*Bonjour*, *Madame*" acompanhou-a, enquanto se dirigia para a sua sala, na extremidade oposta.

Havia apenas três gabinetes com salas particulares para as secretárias.

O dela, o de Jacques e o de Philippe. Janette abriu a porta da sala de seu secretário e sentiu uma pontada de irritação ao deparar com uma moça sentada à mesa de Robert. Depois se lembrou que Robert estava levando a bagagem de Lauren para casa.

A moça levantou-se.

– *Bonjour*, *Madame*.

– *Bonjour*, Sylvie – respondeu Janette, encaminhando-se para a porta de sua própria sala, que a moça abriu. – Algum recado urgente?

– *Monsieur* Jacques pediu para falar-lhe assim que chegasse.

A moça entrou na sala atrás de Janette, pondo a correspondência e os outros recados telefônicos na mesa. Janette largou a pasta na mesa e contornou-a.

– Diga a *Monsieur* Jacques que pode vir me falar imediatamente.

A moça assentiu e saiu da sala. Janette sentou-se e começou a examinar os

recados. Não havia nada que não pudesse esperar. Ela levantou os olhos quando Jacques entrou na sala.

Não perderam tempo em cumprimentos.

– Esteve com Lauren?

– Estive.

– E que tal ela?

– Linda – disse Janette sorrindo. – O que você esperava? As vitaminas americanas nunca falham. – Ela mudou de assunto. – Era esse assunto importante sobre o qual queria me falar?

Jacques arriou na cadeira diante da mesa.

– Philippe está histérico novamente. Está clamando que não tem a menor possibilidade de fazer a coleção com o orçamento que lhe demos. Diz que Dior, St. Laurent e Givenchy dispõem de três vezes mais para gastar.

– É isso mesmo.

– Ele quer falar com você imediatamente.

– Falarei com ele – disse Janette, calmamente. – No momento devido. Agora, ele terá de esperar. Temos outras coisas a fazer.

Ela abriu a pasta e tirou alguns papéis.

– Quero que dê uma olhada nisso e me diga o que acha.

Jacques examinou-os rapidamente e depois tornou a fitá-la.

– Modelos? Quem os fez?

– Isso não importa no momento. Quero apenas saber a sua opinião.

– Vou estudá-los. Enquanto isso, o que vamos fazer com Philippe?

Janette levantou-se.

– Vamos até lá. É melhor enfrentar o problema logo de uma vez.

Puderam ouvir a voz de Philippe assim que entraram na sala do secretário. Mesmo através da porta fechada, a voz tinha um tom estridente de histeria. Jacques olhou para Janette enquanto abria a porta.

Uma manequim estava de pé no pequeno pedestal no meio da sala, tendo no rosto a expressão entediada e distante que só uma manequim conseguia exibir, enquanto havia uma tempestade ao seu redor. Estava envolta por pedaços de pano que mais tarde se transformariam num vestido, mas naquele momento eram apenas panos presos por alfinetes.

Duas *midinettes*, os rostos assustados e as mãos trêmulas refletindo seu nervosismo, além de *Madame* St. Cloud, a costureira-chefe, estavam paradas em torno da manequim, enquanto Philippe andava de um lado para outro diante da moça, arengando furiosamente. A única pessoa na sala que parecia indiferente a tudo era Marlon, sentado num sofá no outro lado.

Estava longe dali.

Philippe virou-se para Janette e Jacques, erguendo os braços num gesto de desespero.

– Está tudo errado! – gritou ele. – O material não é o que encomendei, a fábrica disse que é o melhor que pode fazer com o dinheiro que estamos pagando, as cores estão completamente erradas, e quando o vestido é cortado nada fica no lugar conforme desenhei. *Madame* St.

Cloud diz que precisamos de mais dinheiro para costureiras, o que posso esperar quando temos apenas três experientes e as outras todas são aprendizes? Estou ficando doido, completamente doido! Não consigo agüentar mais! Vou me matar! Juro que é isso o que farei! Vou me matar!

Janette fitou-o em silêncio por um momento e depois gesticulou para *Madame* St. Cloud. Um momento depois, a manequim e as outras haviam desaparecido. Ela esperou até que a porta fosse fechada antes de falar: – O que você precisa é acalmar-se.

– O que eu preciso é de mais dinheiro para poder fazer minhas criações! – gritou Philippe, furioso.

Janette olhou-o fixamente. E a voz era fria quando falou: – O que precisa não é de mais dinheiro e sim de mais criatividade. O dinheiro não cria nada. Seu problema é que caiu na rotina e usa o dinheiro como desculpa.

– Você viu os desenhos – reagiu Philippe, asperamente. – E achou que estavam sensacionais.

– E estavam mesmo, até que você começou a mexer neles, procurando materiais que não eram práticos... e sabe disso muito bem.

– O que espera que eu faça? – gritou Philippe. – Que todos os outros me façam de idiota?

Conhece os materiais que St. Laurent está usando, que Bohan e Givenchy vão apresentar.

Vamos parecer vulgares em comparação.

– Não passam de ostentação. – Disse Janette, controlada. – Vamos ficar muito bem na comparação.

– Essa não!

Philippe foi até sua mesa e pegou algumas amostras de tecidos, jogando-as para Janette.

– Dê uma olhada nisso! Paguei cinco mil francos para obtê-las! São amostras dos materiais que eles estão usando. Custam pelo menos o dobro do que está nos pagando.

Janette pegou as amostras e examinou-as em silêncio, passando-as em seguida para Jacques. Ela podia sentir uma contração no estômago. Philippe estava certo. Os materiais faziam com que os deles parecessem ordinários. Mas

nada do que ela sentia transparecia em seu rosto.

– Quando foi que conseguiu isso, Philippe? Por que não me mostrou antes?

– Só ontem à noite é que os recebi. E vim para cá às cinco horas da manhã, tentando encontrar alguma solução. – Ele arriou na cadeira. – Mas não há nada que possamos fazer.

Estamos fodidos. E agora já é tarde demais.

Jacques pôs as amostras na mesa, sem fazer qualquer comentário. A expressão no rosto dele não contribuía para encorajar ninguém.

Janette disse, a voz controlada: – Quero pensar um pouco a respeito disso. – Ela encaminhou-se para a porta, seguida por Jacques. – Voltaremos a nos reunir em minha sala dentro de uma hora.

***

A casa estava como Lauren a recordava. Tudo era a mesma coisa, até que chegou a seu quarto. O quarto de menina desaparecera. Em seu lugar, havia um lindo *boudoir*, que parecia decorado para uma princesa. Lauren ficou parada na porta por um momento, olhando, sentindo a pontada de pesar por uma recordação há muito desaparecida. Finalmente entrou no quarto e seguiu diretamente para a janela. Pelo menos a vista não mudara. Ainda dava para o parque em que costumava brincar quando era criança.

Uma batida na porta fê-la virar-se. A porta se abriu e o secretário de Janette entrou, trazendo a mala. Por trás dele estavam o mordomo e uma criada, ambos carregando imensos vasos de flores. Robert largou a mala, enquanto as flores eram postas no lugar, um vaso na mesinha de café perto da *chaise longue*, o outro no meio da cômoda, mas sem bloquear o espelho que havia no meio.

– Claudine vai ajudá-la a arrumar suas coisas – disse Robert.

– Posso arrumar tudo sozinha – respondeu Lauren.

– Ela ficará magoada se não deixá-la ajudar – disse Robert, em inglês.

– Está certo. Mas receio que ela ficará desapontada. Eu não trouxe muita coisa.

– *Madame* pediu-me para ajudá-la, se precisar de alguma coisa – acrescentou Robert.

– É muita gentileza, mas não estou precisando de nada agora. – Ela se lembrou de uma coisa. – Janette falou num jantar esta noite. Como devo me vestir?

– Um vestido simples de coquetel seria apropriado.

Lauren soltou uma risada.

– Não tenho nenhum. Só trouxe jeans e slacks.

– Não há problema – respondeu Robert. – *Madame* possui um guarda-roupa muito grande.

Tenho certeza de que poderemos encontrar algum vestido satisfatório.

O mordomo adiantou-se com os dois cartões que acompanhavam as flores, enquanto a criada abria a mala. Lauren pegou os cartões.

Um era do Marquês de la Beauvil e. Estava escrito em inglês: “Seja bem-vinda. Aguardo ansiosamente o momento de encontrá-la esta noite.” O outro era de Jacques, também em inglês: “Sinto-me feliz porque você está aqui. Com todo afeto.”

Lauren entregou os cartões a Robert. Ele examinou-os, sem dizer nada.

– Muitas pessoas aparecerão esta noite?

– Cerca de vinte.

– E devo conhecê-las?

– Não sei. São principalmente amigos e associados de *Madame*.

– Por que a chama de *Madame*?

– É o costume. Afinal, ela é a patroa.

– Eu não sabia que ela mantinha relações de amizade com o marquês.

Robert ficou constrangido.

– *Madame* sempre fala com seu pai.

Lauren fitou-o atentamente. Não havia sentido em fazer mais perguntas. Era evidente que Robert não tinha respostas a oferecer-lhe. Ela olhou para a criada, que tirava um estojo da mala naquele momento.

– Ponha isso em cima da cômoda – disse Lauren, em inglês. – Pode deixar que eu mesma arrumarei.

O estojo estava repleto de frascos contendo uma seleção cuidadosa da maconha de Harvey, cocaína e bolinhas sortidas.

– *Oui, Mademoiselle*.

A criada pôs o estojo na cômoda e continuou a pendurar as roupas de Lauren no armário.

– Sei que deve estar cansada – disse Robert. – Assim, se quiser descansar agora, posso voltar mais tarde para ajudá-la a escolher um vestido para usar esta noite.

– Podemos cuidar disso enquanto ela está arrumando minhas coisas.

– Está certo. Venha comigo, por favor.

Lauren seguiu-o pelo corredor, entrando no quarto de Janette. Era o quarto que fora de sua mãe, mas agora estava também mudado. Tudo era agora moderno. Branco, preto, vermelho e aço inoxidável. Era um quarto sibarítico, feminino, é verdade, mas com indícios de

masculinidade reprimida. Robert conduziu-a pelo quarto até um armário no

outro lado. Devia haver pelo menos 200 vestidos e outros trajes pendurados ali. Lauren olhou para Robert, aturdida.

– Eu nem saberia por onde começar.

Ele sorriu.

– Vou ajudá-la. Os vestidos de coquetel estão aqui.

Ela ficou observando enquanto Robert ia mostrando os vestidos, fitando-a com uma expressão inquisitiva. Lauren sacudiu a cabeça.

– Não é o meu estilo. Eu não me sentiria à vontade em qualquer um desses vestidos.

– São muito elegantes.

Ela sorriu.

– Talvez seja esse o motivo. Nunca me visto assim.

– Talvez um vestido para a tarde – sugeriu Robert, virando-se para outro cabide e pondo-se a separar os vestidos, a fim de que Lauren pudesse examiná-los. Mas ela tornou a sacudir a cabeça.

– Não estou sendo de muita ajuda, não é mesmo? O único vestido que usei, nos últimos três anos, foi o branco da minha formatura. E não pode imaginar o que tivemos de enfrentar até encontrar um que eu pudesse usar.

– Trouxe esse vestido?

– Para quê? Não imaginei que poderia precisar.

– Temos também alguns vestidos brancos de verão. Mas são longos.

Ele foi para o outro lado do armário, onde estavam pendurados os vestidos longos.

Examinou-os rapidamente, até encontrar o que estava procurando. Tirou-o e estendeu para Lauren. Era branco, de algodão, decote quadrado na frente, um decote ainda mais baixo atrás.

– Ficaria muito bem nesse vestido.

– Não sei, não... – murmurou Lauren, ainda cética. – Não uso sutiã e meus seios saltariam para fora.

– Por que não experimenta?

Lauren pegou o vestido, mas continuou parada, correndo os olhos pelas roupas. Havia um cabide só de terninhos. Um grupo atraiu sua atenção, todos pretos e brilhantes.

– O que são aqueles?

– Smokings.

– Smokings?

A voz dela estava aturdida.

– Tuxedos, como dizem os americanos. Foram feitos especialmente para *Madame*. Ela os usa com freqüência. O próprio St. Laurent admite que teve a sua

idéia ao vê-la usar um.

Lauren avançou lentamente pelo cabide, examinando cada traje.

– É uma idéia infernal... Mas não acha que fica um pouco sapatão?

Robert riu.

– Depende de quem usa. Não parecem roupa de sapatão em *Madame*. Para ser franco, de certa forma até acentua a feminilidade dela.

– Posso experimentar um deles?

– Não vejo por que não. Mas talvez não fique muito bem. Foram cortados especialmente para *Madame*.

***

– Estamos numa encrenca – disse Janette, arriando na cadeira por trás da mesa. – A situação é terrível.

Jacques parou diante dela, em silêncio. Não havia nada que ele pudesse acrescentar.

– O que aconteceu? – indagou Janette. – Deveríamos saber o que eles estavam fazendo muito antes.

Jacques deu de ombros.

– Fiquei insistindo com Philippe para deixar-me obter a informação, mas ele alegou que não

queria saber o que os outros estavam fazendo. Não queria ser influenciado.

– Desde quando você tem de consultar Philippe? – A voz de Janette era furiosa. – Deveríamos ter cuidado disso diretamente.

Jacques permaneceu calado. Não podia contar que obtivera a informação um mês antes, mas deliberadamente se abstivera de revelá-la. Pensou em Carrol , sentado em sua suíte no Plaza Athénée, no outro lado da rua, aguardando um telefonema dele. Há três anos que o americano queria entrar na firma, mas Janette sistematicamente recusava a associação.

Especialmente depois que Carrol vendera suas empresas à Twin Cities, deixando que se tornassem uma parte do conglomerado que Johann estava desenvolvendo nos Estados Unidos.

Carroll não era nenhum tolo. Há vários anos, antes mesmo de mudar seu nome de Carolo para Carroll e conquistar projeção e respeitabilidade, ele reconhecera o talento de Janette e quisera associar-se ao negócio. Agora, ele tinha muita força por trás para sustentar suas intenções.

– Precisaremos encontrar um enfoque inteiramente novo – disse Janette.

– Isso exigirá muito dinheiro. E não o temos. Gastamos até o nosso limite nesta coleção.

– Pois teremos de dar um jeito de arrumar o dinheiro. Qual é o nosso saldo na companhia de fragrância?

– Não é grande coisa. Tiramos quase tudo para esta coleção. Se tirarmos mais, a companhia irá à falência e não poderemos cumprir os contratos.

Janette sacudiu a cabeça. Se não fosse por aquela companhia, há muito que eles já estariam fora do negócio. Era a única que sistematicamente lhe dava lucro. Exatamente como Johann previra que aconteceria.

– O que vamos fazer agora?

Jacques ficou calado por um momento, depois pegou o seu pequeno frasco de cocaína e a colher de ouro com suas iniciais gravadas no cabo. Ele aspirou rapidamente em cada narina e depois passou o equipamento para Janette.

– Talvez isso nos desanuvie a cabeça.

Janette fez a mesma coisa. Sentiu a cabeça se desanuviar um instante depois.

– Ajuda bastante – disse ela, devolvendo as coisas a Jacques. – Quer saber de uma coisa?

Lauren estava no carro há menos de dois minutos quando me perguntou se não havia tomado alguma cocaína.

Jacques riu.

– Isso é a América. Eles estão muito à nossa frente.

– Mas ela tem apenas 17 anos!

Jacques tornou a rir.

– Está sendo muito francesa. Lembra-se de como era quando tinha 17 anos?

– Não me metia com tóxicos assim. – Janete acendeu um cigarro. – Mas conversar sobre isso não resolve nossos problemas.

Jacques tentou avaliar o ânimo dela, dizendo cautelosamente: – Sempre podemos recorrer a Carroll. Ele continua ansioso e entrará com todo o dinheiro que você quiser.

– Só que haverá muitas condições. Gosto da minha independência.

– Ele sente o maior tesão por você. Dê uma trepada com ele. Isso é tão importante assim?

– Essa é a parte fácil. O que não quero é voltar a me pôr nas mãos de Johann. Afinal, ele é agora o dono da companhia. E eu voltaria ao ponto em que comecei.

Jacques ficou calado por um momento.

– Talvez não seja tão ruim assim sermos comprados. Os conglomerados estão por cima atualmente. Maurice está ganhando mais dinheiro do que nunca agora que fez um acordo com Johann para distribuir a água mineral nos Estados

Unidos.

Janette não fez qualquer comentário.

– E Cardin está ganhando muito dinheiro com Bidermann. Tive algumas conversas com Bidermann, mas ele não está interessado em nós. Prefere St. Laurent ou Dior.

– Cardin não vai gostar.

– Cardin não vai absolutamente se importar. Já conseguiu se firmar nos Estados Unidos.

Soube que ele prefere operar por conta própria assim que terminar seu contrato com Bidermann.

– Ainda não resolvemos o nosso problema.

Janette abriu as pastas à sua frente e estudou os desenhos e amostras.

– Mas que merda!

Jacques acendeu um cigarro, observando-a. Depois de um momento, Janette levantou o rosto.

– Está certo, conversarei com Carrol . Convide-o para o jantar esta noite. Mas não lhe dê a menor idéia do que estamos pensando.

– Está bem.

Jacques não permitiu que a sensação de triunfo transparecesse em seu rosto. Janette tornou a olhar para a pasta.

– Tenho outra idéia. Chame Philippe.

Jacques levantou.

– Espere só um instante. Quero tomar outra dose antes de chamá-lo. Preciso estar bem preparada para o que tenho de fazer.

– Vermelho é cor de puta! – berrou Philippe. – Não vou aceitar!

– Quer goste ou não, é o que vai fazer – disse Janette, calmamente.

– Não! Não! – gritou Philippe. – Prefiro largar tudo!

– É um privilégio seu – disse Janette, friamente. – Mas faremos de qualquer maneira.

Ela virou-se para Jacques e acrescentou: – Mostre-lhe aquela pasta com os modelos que lhe dei.

Jacques pôs a pasta na mesa. Janette deixou-a ali, fechada.

– Há toda uma coleção nessa pasta que estou pronta para executar, se você for embora.

Philippe calou-se subitamente, controlado. Olhou para a pasta, sem tocá-la. E depois olhou para Janette, perguntando: – Quem fez?

– Que diferença isso faz? Mas se quer mesmo saber, quase todos os modelos são meus, para a linha de *prêt-à-porter* que você jamais quis aceitar, achando que estava abaixo de sua classe.

– Não se pode fazer *prêt-à-porter* numa coleção de *haute couture* disse Philippe.

– Quem vai saber a diferença? Duas semanas depois que as coleções são apresentadas, a indústria de roupa por atacado já está oferecendo as melhores coisas em todas as linhas. Dessa maneira poderíamos nos antecipar, vendendo tudo diretamente.

Philippe sacudiu a cabeça.

– Mesmo que eu concordasse com isso, não teríamos tempo. Precisaríamos encontrar os materiais e as cores teriam de ser aprovadas, além dos modelos. Nossa apresentação está marcada para daqui a três semanas.

– Mudaremos a data do começo das apresentações para o final. Isso nos dará algum tempo.

– Mesmo assim o prazo será muito apertado – disse Philippe. – E a esta altura os principais compradores já terão ido embora, assim como a maioria dos jornalistas.

– Eu os manterei aqui – disse Janette, confiante. – Ricci está oferecendo um coquetel para a *ouverture*, eu darei um *boi de clôture*. Nunca foi feito antes, e todos ficarão para saber o que está acontecendo...

– Vermelho! Isso é uma loucura!

Mas a voz de Philippe estava agora mais calma.

– Não é tanta loucura assim. Pense um pouco. Todos estão fazendo suas coleções na base das formas, linha-A, trapézio, linhas retas, bainhas altas, bainhas baixas, ombros largos, estreitos.

Seguiram por muitos caminhos diferentes, e tudo o que sempre fizemos foi tentar acompanhá-los. Estão nos obrigando a entrar no jogo deles e nos deixam para trás em todas as ocasiões.

Mas desta vez vamos fodê-los. Faremos a nossa afirmação. Com uma cor.

Philippe permaneceu calado.

– Todas as tonalidades de vermelho, maliciosas e eróticas, puras e *chiffons*, transparentes e opacas. Roupas de baixo pretas, sutiãs, biquínis, *chemises* e camisolas, tudo com fitas vermelhas, como sangue. As mulheres ficarão malucas, pois é algo que sempre quiseram secretamente usar, mas tinham medo. Faremos com que seja algo sexualmente legítimo. E os homens vão adorar.

– Acha mesmo que eles comprarão? – perguntou Philippe.

– Tenho certeza – declarou Janette, sempre confiante. – Será a idéia mais sensacional das coleções deste ano. Não vão parar de falar a respeito. Seu nome vai aparecer em todos os

jornais e revistas. E farei uma coisa que jurei nunca mais fazer depois que deixei Dior. Voltarei à passarela para usar o vestido de noiva, no encerramento

da apresentação.

– O vestido de noiva também em vermelho? – perguntou Philippe.

– Iremos até o fim. – Janette riu. – Puro simbolismo. O sangue derramado de uma virgindade rompida.

Philippe ficou calado, pensativo. E finalmente murmurou: – Haverá muito trabalho...

– Contrataremos todas as pessoas que você precisar. – Janette contornou a mesa e beijou-o no rosto. – Você pode conseguir, Philippe. Tenho certeza. E desta vez vai deixar a todos aturdidos.

Ele fitou-a atentamente.

– Está bem. Tentarei.

– Ótimo!

– E agora é melhor eu voltar à minha sala. Tenho de começar a telefonar para todas as fábricas de tecidos do mundo. Terão de nos mandar de avião tudo o que têm.

– Pois então comece. Se precisar de alguma ajuda, basta me avisar.

Janette ficou observando-o deixar a sala e depois virou-se para Jacques.

– O que você acha?

– Ele vai tentar. – Jacques acendeu um cigarro. – Você é uma filha da mãe e sabe disso.

Deixou-o apavorado quando disse que ele poderia ir embora.

– Não tinha alternativa – disse Janette, voltando a sentar-se atrás da mesa. – Ligou para Carroll?

– Ele estará presente esta noite. Espero que você saiba o que está fazendo. Vamos precisar de muito dinheiro.

– Não estou muito preocupada com ele. A minha preocupação maior é com Johann. Ele terá provavelmente de pedir aprovação a Johann... e você sabe como Johann se sente em relação à *haute couture*.

– Só pode ser com a aprovação de Johann que ele está atrás de você.

– É possível. Mas ele pode estar querendo apenas cuidar dos interesses de Lauren. Afinal, ela ainda possui 25 por cento desta companhia.

– Não resta a menor dúvida de que ele está concordando com a coisa. Se não estivesse interessado, talvez nem permitisse que Lauren viesse visitá-la.

Janette riu subitamente.

– Sempre posso mantê-la para pedir um resgate.

A voz de Jacques estava chocada: – Outra vez não! Já tentou isso!

Janette tornou a rir.

– Você é mais francês do que eu. Não tem o menor senso de humor.

***

Carrol abriu a porta para deixar Jacques entrar na suíte do hotel.

– Estava à sua espera.

– Vim o mais depressa que pude – explicou Jacques. – A merda caiu de verdade no ventilador. A coisa não foi fácil durante as últimas quatro horas.

Ele foi até o bar e serviu-se de um uísque com gelo.

– Preciso beber alguma coisa.

Carrol observou-o enquanto ele tomava um gole comprido.

– O que ficou decidido?

– Ela rejeitou a coleção inteira de Philippe, e estão começando tudo outra vez – respondeu Jacques, ainda com o copo na mão.

– Ela jamais conseguirá aprontar tudo a tempo para as apresentações – comentou Carroll.

– Diz isso porque não a conhece. Ela vai conseguir.

Carrol fitou-o em silêncio por um momento.

– Vai ser necessário muito dinheiro. De onde ela pretende tirá-lo?

Jacques sustentou o olhar dele.

– De você.

Carrol permaneceu impassível.

– E se eu não der o dinheiro?

– Bidermann está batendo na porta dela – mentiu Jacques. – Fará qualquer coisa se Janette lhe sorrir.

Carrol ficou calado. Voltou ao sofá e sentou-se pensativo. Levou algum tempo para comentar: – A *haute couture* nada significa para mim.

– Ela sabe disso. E vem trabalhando em sua própria coleção de *prêt-à-porter*.

Carrol ficou interessado.

– Viu a coleção?

Jacques assentiu.

– Ela mostrou-me os desenhos. E são bons. Mas muito bons mesmo. Para ser franco, tenho a impressão de que ela vai empurrar Philippe nessa direção. Chegou a dizer: por que esperar que a indústria na Sétima Avenida copie os modelos, quando pode fazê-lo mais depressa e melhor?

– Acha que ela vai querer conversar esta noite?

– Tenho a impressão de que foi justamente para isso que ela o convidou para o jantar. Seu maior problema é Johann. Janette não quer se envolver com ele novamente. Tem medo de que Johann tente assumir o controle.

– Johann me deixa dirigir o negócio como eu quiser – disse Carrol , incisivamente. – Ele só está interessado na última linha do balanço.

– É típico dele. Johann sempre foi assim.

– Não terei problema com ele – afirmou Carrol . – Johann sabe que estou atrás dela há muito tempo.

Jacques tornou a encher o copo, sem fazer qualquer comentário.

Carrol perguntou: – Qual é o motivo para o jantar desta noite?

Jacques tomou um gole do uísque.

– É uma festa de boas-vindas à irmã de Janette.

– Está se referindo a Lauren?

Um tom de espanto insinuou-se na voz de Carrol . Jacques assentiu.

– Já se passaram dez anos desde que...

Carrol interrompeu-o: – Eu a conheço. Encontrei-a várias vezes, ao ir à casa de Johann.

Sempre tive a impressão de que Johann queria mantê-las separadas. Ela não tem nada de Janette.

– Como ela é?

Jacques estava curioso.

– Muito americana, muito Califórnia. Loura, bronzeada, jeans, maconha, vinho, trepando com todos os garotos. Eles pensam que são a primeira geração a descobrir a juventude.

Jacques riu e Carroll perguntou: – Por que está rindo?

– Porque estou agora ansioso em conhecê-la. Na última vez em que a vi, ela era apenas uma garotinha de sete anos.

– Prepare-se para uma surpresa.

***

– Não gosto daquele Harvey – comentou Heidi, enquanto Johann se sentava à mesa para o café da manhã.

Ele fitou-a surpreso, enquanto levantava a xícara de café.

– Por que esse comentário tão súbito?

– Lauren tinha partido há menos de 24 horas quando ele ligou para saber o telefone dela em Paris.

Johann sorriu. Pegou uma torrada e começou a passar manteiga.

– Não vejo nada de errado nisso.

A voz de Heidi tinha um tom de censura: – Você sabe que ele é viciado em

tóxicos, Johann.

– E daí? Isso não significa nada. Pelo que tenho ouvido dizer, todos os garotos de hoje consomem tóxicos.

– Encontrei tóxicos no quarto de Lauren quando fomos arrumá-lo depois que ela viajou.

– Que tóxicos?

– Marijuana. Bolinha. Não sei o que são. Acho que ela consegue essas coisas com Harvey.

– Sua filha lhe parece uma viciada em tóxicos, mamãe? – perguntou Johann, zombeteiramente.

– Não. Mas...

– Então pare de se preocupar. Lauren é uma garota inteligente. Sabe como cuidar de si mesma.

– Tem toda razão. Também encontrei isto.

Heidi mostrou-lhe uma caixinha.

– E o que é isso?

– Pílulas anticoncepcionais.

Johann riu.

– Então eu estava certo. Ela sabe mesmo cuidar de si.

– Lauren tem apenas 17 anos.

Johann baixou a xícara de café.

– Pare de se preocupar, Heidi. Ela está bem.

– Não me agrada a idéia de Lauren estar com Janette.

– O que você não gosta é da idéia de Lauren levar a sua própria vida. O passarinho está mostrando que quer deixar o ninho. É normal na idade. Você não me contou que fez a mesma coisa?

– Não foi exatamente a mesma coisa. Simplesmente fui para a universidade.

– Trate de relaxar, Heidi – disse ele, gentilmente. – Nada de mal vai acontecer com Lauren.

– Ela disse que telefonaria assim que chegasse a Paris.

– Há uma diferença de nove horas entre Paris e a Califórnia. – Johann olhou para o relógio. – São oito horas da manhã aqui, o que dá cinco horas da tarde em Paris. Aposto que Lauren está neste momento dormindo as horas de diferença e lhe telefonará quando acordar.

– Se ela não ligar até 10 horas, então eu vou telefonar.

– Não vai, não – disse Johann, firmemente. – Lauren já está crescida. Não a faça sentir-se como uma criança.

O telefone na mesa ao lado começou a tocar e Johann atendeu.

– Alô? Esta certo, pode completar a ligação. – Ele pôs a mão sobre fone. – É

Carrol , ligando de Paris.

Johann retirou a mão e acrescentou, ao telefone: – Olá, Charles. Não, está tudo bem. Estou apenas tomando o café da manhã. Pode falar.

Heidi ficou observando-o enquanto ele escutava o que Carrol tinha a dizer. A criada trouxe o prato com o presunto e ovos e pôs diante dele. Heidi pegou uma tampa e colocou-a por cima do prato, a fim de manter a comida quente, enquanto ele falava ao telefone.

Johann finalmente desligou, olhou para Heidi e sorriu.

– Não há motivo para se preocupar – disse ele, tirando a tampa de cima do prato. – Lauren chegou sã e salva a Paris, e Janette vai oferecer um pequeno jantar em sua homenagem esta noite.

– Oh, Deus! – exclamou Heidi. – E ela nem sequer tem um vestido para isso! Eu bem que lhe disse que levasse, mas Lauren alegou que não precisava.

Johann riu.

– Eu também não me preocuparia com isso. Tenho certeza de que Janette não a deixaria comparecer nua ao jantar.

***

Lauren abriu os olhos. O quarto era escuro e estranho e ela levou um momento para compreender que não estava em seu próprio quarto em casa. Rolou na cama e avistou Janette sentada na poltrona, observando-a. Sentou-se, espreguiçando-se, sem fazer a menor tentativa de encobrir sua nudez.

– Deitei para descansar um pouco e acabei pegando no sono.

Janette sorriu.

– Isso é normal. É o cansaço da viagem. E parecia tão serena que fiquei imaginando se deveria acordá-la.

– Já é muito tarde?

– Não. Temos tempo suficiente. Ainda se passarão pelo menos mais duas horas antes que os convidados comecem a chegar.

Lauren saiu da cama e encaminhou-se para o banheiro.

– Voltarei dentro de um minuto.

Ao voltar, Lauren usava um roupão Porthault que encontrara no banheiro. Sentou-se na beira da cama, de frente para Janette, acendeu um cigarro.

– Teve um bom dia?

– *Comme ci, comme ça*. Sempre há problemas – respondeu Janette com indiferença.

Lauren riu.

– É o que papai... Johann... sempre diz.

– Ele trabalha muito?

Era uma pergunta, pelo jeito como Janette falou.

– Durante todo o tempo. Mesmo nos fins de semana e à noite, sempre que há uma pasta cheia de papéis que precisa examinar. Penso às vezes que ele leva esses papéis até para a cama.

– E Heidi? O que ela faz?

– Sempre tem coisas para mantê-la ocupada. As atividades sociais e de caridade, as casas...

E sempre acompanha Johann nas viagens de negócios.

– Nunca entendi por que eles não tiveram seus próprios filhos.

– Heidi teve dois abortos. Mas não sei muito sobre isso. Aconteceu quando eu era pequena.

– É uma pena – comentou Janette, pensativa. – Sempre achei que Johann daria um pai maravilhoso.

– E ele tem sido mesmo... para mim.

– Notei que o chama de papai. E chama Heidi de mãe?

– Chamo.

Janette assentiu.

– Isso é ótimo.

– É assim que penso neles.

Janette apressou-se em dizer: – Não vejo nada de errado nisso. Eles merecem. Sempre a amaram muito.

– Também os amo. – Lauren soltou uma risadinha. – Apesar de eles serem um pouco antiquados.

– Não estou entendendo.

– Eles se comportam como se eu fosse uma criança. Preocupam-se demais.

– E eles têm motivos para se preocuparem?

– Acho que não. Eu me viro. – Lauren tornou a bocejar e espreguiçou-se. – Não consigo acordar direito.

– Uma chuveirada fria vai despertá-la.

– Acho que um cheirinho fará isso mais depressa.

– Um cheirinho?

– Uma fungada de coca. Dois cheirinhos e uma vermelha e a gente pode conquistar o mundo inteiro.

Lauren saiu da cama e foi até a cômoda. Abriu uma gaveta e tirou um pequeno estojo de cosméticos. Virou-se para Janette enquanto abria o estojo, o roupão solto.

– Também vai querer?

– Bem que estou precisando.

Lauren tirou um vidro pequeno do estojo e ajoelhou-se diante de Janette. Enfiou um canudo de plástico no vidro, tirou-o e encostou na narina de Janette.

– Dê uma fungada.

Janette sentiu a cocaína explodir em sua cabeça.

– E agora a outra narina – disse Lauren, antes que Janette pudesse falar.

Janette deu outra fungada. Desta vez sentiu a cocaína atingir o cérebro em cheio.

– Santo Deus! – exclamou Janette. – Que diabo é isso?

Lauren riu.

– A coisa de verdade. Coca farmacêutica. Não é a porcaria que se compra na rua.

Janette observou-a dar as duas fungadas. Podia sentir o súbito despertar espalhar-se por seu corpo. As tensões do dia pareciam desaparecer. Os olhos de Lauren se iluminaram. Levantou-se e largou o roupão no chão. Ergueu os braços e saiu a dançar pelo quarto.

– Não posso acreditar! Não posso acreditar!

– Não pode acreditar em quê? – perguntou Janette.

– Estou em Paris! Estou realmente em Paris! – Lauren riu. – E estou com você. Não pode imaginar quantas vezes sonhei em estar aqui com você.

Janette também riu.

– Você é linda, Lauren. Só espero que nem Paris nem eu a desapontemos.

O telefone ao lado da cama tocou. Janette levantou-se e foi atender.

Escutou por um momento e depois estendeu o fone para Lauren.

– É alguém chamado Harvey, ligando da Califórnia.

Lauren pegou o fone.

– Como descobriu meu telefone, Harvey?

A voz de Harvey ecoou pela linha internacional: – Com sua mãe. Ela parecia pê da vida.

Como se não quisesse me dar o número. E também estava aporrinhada porque você ainda não ligou para ela.

– Esqueci e acabei dormindo. Por que está telefonando?

– Meu pai disse que se eu conseguisse juntar o dinheiro poderia ir à Europa em agosto. Ele me dará a metade, se eu conseguir arrumar a outra metade. Você ainda estará em Paris?

– Não sei. – Lauren olhou para Janette. – Harvey quer vir para cá. Ainda estaremos em Paris em agosto?

– Tenho uma *villa* em St. Tropez – respondeu Janette. – Poderemos ir para lá

por volta do dia 10, depois da apresentação das coleções.

– Janette diz que iremos para St. Tropez – informou Lauren pelo telefone.

– Puxa! – exclamou Harvey. – É onde vive Brigitte Bardot e todas as mulheres andam de topless!

– Acho que sim.

– Sua irmã não se importaria se eu aparecesse por lá? – Ele fez uma pausa. – Espere um pouco. Não fale com ela por enquanto. Deixe-me ver primeiro se consigo arrumar o dinheiro.

– Está certo.

– Ela continua tão bacana quanto naquela fotografia que eu vi?

Lauren riu.

– Melhor ainda.

– E como ela é? Gosta das coisas?

– Sensacional. E é claro que gosta.

– Isso é grande. Diga a ela que irei bem abastecido, se conseguir fazer a viagem.

– E quando você vai saber se virá ou não?

– Voltarei a lhe telefonar dentro de duas semanas. Já experimentou as coisas que lhe dei?

– Já, sim. São chocantes.

– Tenho duas novas variedades que você precisa experimentar.

– Estou ansiosa. Como vai o projeto?

– Estamos chegando lá. Ainda seremos ricos.

Lauren riu.

– Grande! Mas tome cuidado para não se estrepar.

– Isso não vai acontecer. E você trate de ficar numa boa.

– Você também. Até. – Lauren desligou, sorrindo, virou-se para Janette. – Ele é doido.

– Seu namorado?

– Mais ou menos. Ele é meio maluco, mas boa gente, se entende o que estou querendo dizer. É vegetariano. Só come legumes crus, trigo integral, vitaminas e muamba. Diz que vai ser milionário antes de completar 21 anos.

– Qual é a idade dele?

– Quase 19 anos.

– Ele não está dando muito tempo a si mesmo.

Lauren sorriu.

– Ele bem que pode conseguir. Diz que só precisa de mais quatro colheitas para encontrar a variedade certa.

Janette ficou aturdida.

– Variedade certa de quê?

– De maconha. Harvey e mais dois amigos estão trabalhando no Condado de Humboldt numa variedade que terá apenas botões, sem sementes. Se conseguirem, vão nadar em dinheiro.

– Mas isso não é ilegal? – perguntou Janette, cada vez mais aturdida.

Lauren deu de ombros.

– Claro que é. Mas ninguém parece dar muita importância. – Ela pegou o roupão no chão e vestiu-o. – Bobby me deu algumas coisas do seu armário. O que acha que devo usar esta noite?

– Deixe-me ver o que você pegou.

Lauren abriu a porta do armário. Os dois vestidos e o smoking estavam pendurados ali. Ela virou-se para a irmã.

– O que você gostaria de usar? – perguntou Janette, examinando as roupas.

Lauren sorriu.

– Eu gostaria de usar o smoking, se você achar que não tem nada demais. Nunca usei nada assim antes.

Janette ficou em silêncio por um momento. Não era exatamente o tipo de noite para um traje assim. Mas se ela queria usar...

– Está certo. Nós duas vamos aparecer de smoking.

– Fabuloso! Faremos um ato de irmãs! E agora vou tomar um banho de chuveiro e me aprontar. Você terá tempo para um baseado antes de descermos?

– Mas isso não deixa a gente chumbada?

– Não um Harvey número cinco. É muito suave. Deixa a gente numa boa tão grande que se pode ficar ouvindo todas as merdas das pessoas ao redor sem a cuca esquentar.

Janette riu.

– Se a coisa funciona mesmo, bem que vou precisar.

– Isso é grande. Volte e vamos puxar juntas. Será sensacional descermos para a festa numa boa. – Lauren hesitou por um momento. – Você se incomodaria se eu ligasse para mamãe?

Prometi que telefonaria assim que me instalasse.

– Claro que não me importo. – Janette encaminhou-se para a porta. – Mande minhas lembranças aos dois.

***

– Ela vai me foder – disse Philippe, desligando e olhando para Marlon, no outro lado da mesa. – Posso sentir.

A voz de Marlon não tinha qualquer entonação: – O que o leva a pensar assim?

– Tudo indica isso. Primeiro, ela praticamente me jogou uma coleção na cara, desafiando-me a olhar. Mas não olhei, é claro. Seja como for, alguém teve de fazer aqueles modelos. Ela disse que foi ela própria quem os fez.

– Talvez tenha sido isso mesmo – sugeriu Marlon. – Não seria a primeira vez que ela lhe apresenta algumas de suas idéias.

– Há também a questão dos fabricantes. Parecia que todos estavam aguardando meu telefonema. Ela estivera em contato com muitos deles há cerca de um mês. E já tinham as diferentes amostras de vermelho, que vão me remeter dentro de um ou dois dias.

– Eu não me preocuparia muito com isso – comentou Marlon – Ela pediu foi a você para fazer a coleção e não a qualquer outro.

– E tem mais outra coisa. Eles me disseram que todos os materiais poderiam ser disponíveis em grandes quantidades. E estamos em *haute couture* e não *prêt-à-porter*.

Marlon ficou calado por um momento.

– Talvez haja alguma coisa nas conversas que temos ouvido sobre ela e Bidermann.

– Não é Bidermann, mas sim o americano, Carrol . Você sabe muito bem que Schwebel possui aquela companhia e tem uma participação nesta. Seria perfeitamente natural que ele queira unir as duas.

– Ainda acho que não há motivo para se preocupar.

– Não sou Karl Lagerfeld – disse Philippe. – Não estou interessado em virar Chloé ou Céline.

– Janette está muito longe disso. Por que simplesmente não se acalma e faz o que tem de fazer? Basta criar as coisas de um jeito que não sejam fáceis para a reprodução em massa, a fim de que se tornem muito caras para a fabricação em série.

– É muito fácil para você dizer isso – comentou Philippe, sombriamente. – Não sabe como essa gente é boa em reproduzir as coisas. E por um bom preço.

– Se você está fodido, então está fodido – disse Marlon, filosoficamente. – Só tem duas opções. Ou faz a coleção ou larga tudo.

– Não posso largar agora. Se o fizesse estaria liquidado para sempre no negócio.

– Então não tem opção.

Philippe amarrou a cara, furioso.

– Isso mesmo.

Marlon acendeu um cigarro, ficou fumando em silêncio. Philippe levantou-

se.

– Estou pensando em telefonar e dizer àquela mulher que estou ocupado demais para ir ao seu maldito jantar esta noite.

Marlon sacudiu a cabeça.

– Seria um erro fazer isso. Tem de fazê-la pensar que está cooperando. Se ela ficar com a impressão de que você está a fim de se mandar, então é que vai fodê-lo de verdade.

– Ah, a filha da puta! – gritou Philippe. – A filha da puta lésbica!

***

O telefone tocou no instante mesmo em que Janette entrou em seu quarto. Ela atendeu.

Uma voz britânica familiar ressoou em seu ouvido: – O que vai fazer esta noite?

– Patrick! Pensei que ainda estivesse no safári na África. Quando voltou?

– Ontem – disse Lorde Patrick Reardon, em sua voz retumbante. – Pensei em jantarmos e depois eu lhe mostraria meu grande troféu.

– Pegou seu leão?

– Peguei nada! – Ele riu. – Meu troféu é o novo criado. Um preto africano cujo pau desce pelo menos um palmo abaixo da tanga. No momento em que o vi, compreendi que tinha de trazê-lo para você.

– Você é doido.

– Sou mesmo? – indagou ele, rindo outra vez. – Não pode dizer que não sei o que a deixa no maior fogo, meu amor. A única maneira de um homem poder competir com as suas garotas é ter um pau tamanho família. E jamais encontrará um pau como o desse garoto. Ele precisa de pelo menos quatro orgasmos para ficar mole outra vez.

– Patrick, Patrick... O que vou fazer com você? É tão doente!

– Não somos todos, amor? Pois então venha jantar comigo. Só quero ficar olhando.

– Não posso. Estou oferecendo um jantar esta noite. – Janette teve uma idéia. – Por que não vem também? Se quiser, posso mandar o carro buscá-lo.

– Estou em Londres.

– Então como esperava que eu fosse jantar com você?

– Ia mandar meu avião buscá-la.

– Neste caso, você poderá vir para cá da mesma forma. Mandarei René

esperá-lo em Le Bourget.

– A que horas é seu jantar?

– Vamos começar os coquetéis às oito e meia. Não vamos sentar para o jantar antes das nove e meia, dez horas. São sete horas agora. Você pode chegar a tempo.

– Não sei... – murmurou Patrick, hesitante. – Conheço as pessoas que geralmente aparecem em seus jantares. Um bando de chatos.

– Este jantar pode ser um pouco melhor. Minha irmã caçula acaba de chegar da Califórnia.

Não nos víamos há dez anos. É uma espécie de reencontro festivo.

– Ela é parecida com você?

– Não. É mais do seu tipo. Bronzeada, loura e linda, como aquelas escandinavas que você está sempre exibindo. E só tem 17 anos.

– Agora você me deixou curioso. E como você não quer casar comigo, talvez ela aceite.

– Então você virá?

***

Lorde Patrick Reardon, herdeiro do título e de uma das maiores fortunas da Grã-Bretanha, não tinha interesse por absolutamente qualquer outra coisa além da dedicação à sua forma quase religiosa de hedonismo. Janette ouvira-o dizer muitas vezes que não tinha qualquer motivação para trabalhar e aumentar a fortuna que lhe fora deixada, quando não poderia viver por tempo suficiente para gastar tudo o que já fora acumulado, não importando quantos meios pudesse encontrar para tentar dilapidá-la. Não encontrara qualquer oposição entre os administradores do espólio, quando comparecera à primeira reunião dos diretores depois da morte do pai e lhes dissera isso. Eles não podiam querer outra coisa que não a possibilidade de continuarem no comando. Assim, tomaram todas as providências necessárias para manter Patrick feliz e eles no controle de todos os empreendimentos.

Se Janette casasse com ele e Patrick lhe permitisse continuar à frente de seu negócio, ela não precisaria entrar em acordos como o que faria com Carroll. Patrick poderia sustentar a companhia dela por um ano com um cheque que representaria pouco mais que o rendimento de uma semana para ele. Mas não era isso o que Patrick queria. Ele desejava que Janette ficasse à sua disposição durante todo o tempo, sem qualquer distração, a fim de que pudessem se dedicar

inteiramente ao que ele chamava de seus caprichos e fantasias.

Janette abriu a água na banheira e acrescentou o óleo de fragrância de almíscar, feito especialmente para ela pela *perfumerie* em Grasse. Meteu-se rapidamente na banheira e recostou-se, deixando que a água fluísse em torno de seu corpo. Adorava a fragrância e a sensação da pequena camada de óleo aderindo a sua pele, tornando-a macia e suave como seda. *Soie*. O pensamento passou-lhe pela mente. Algum dia haveria de lançá-lo no mercado.

Todos os *couturiers* haviam lançado os seus próprios perfumes. Dior, St. Laurent, Givenchy e assim por diante. Era um tremendo mercado. Mas teria de fazê-lo em breve, pois poderia se tornar tarde demais se esperasse muito. *Soie*. Seda. Não havia outro material, artificial ou natural, que tivesse a mesma sensação sensual em contato com seu corpo. *Soie*. Algum dia, muito em breve, ela o faria. Talvez tivesse tempo de devotar-se ao projeto depois que a nova coleção fosse lançada.

O telefone tornou a tocar no instante mesmo em que ela saía do banho. Desta vez era Stéphane.

– Eu queria saber o que você vai usar esta noite – perguntou-lhe a namorada.

– Vou vestir um smoking.

– Ótimo. Então irei também no meu.

– Não. Seria demais. Minha irmã também quer usar um smoking. Use aquele bonito vestido amarelo que lhe dei na semana passada.

Stéphane ficou em silêncio por um momento.

– Está certo – disse ela finalmente.

Janette percebeu a hesitação dela.

– Qual é o problema?

– Estou com ciúme – confessou Stéphane. – Antes, éramos sempre você e eu que usávamos smokings.

Janette riu.

– Não seja tola. Não há motivo para ter ciúme. Afinal, ela é minha irmã.

– Isso não tem nada a ver. Meu primeiro caso foi com minha irmã mais velha. Estivemos apaixonadas por anos.

– Agora você está sendo estúpida.

– Posso passar a noite aí? – perguntou Stéphane. – Quero fazer amor com você.

Janette começou a ficar furiosa e disse bruscamente: – Não. Eu lhe disse isso antes de minha irmã chegar. Enquanto ela estiver aqui, não vai ser possível.

– Mas ela vai passar todo o verão! – lamuriou-se Stéphane. – O que vamos fazer?

– Encontraremos outra solução. Afinal, ela ainda nem passou uma noite

sequer aqui.

– Ela é bonita?

– É, sim. Mas ainda é uma garota.

– Eu também era quando comecei com minha irmã.

– Se vai continuar a se comportar como uma idiota, então não precisa vir ao jantar.

– Eu a amo, Janette. Não há nada de errado em querer estar com você.

– Então relaxe. Tudo vai acabar bem. – Janette teve uma idéia. – Vou sentá-la ao lado de Charles Carroll. Seja simpática com ele. Estou tentando arrancar-lhe uma coisa importante.

– Você quer que eu trepe com ele?

– Se ele quiser, pode trepar.

– Está certo. Mas só farei isso por você. Apenas para provar o quanto a amo.

– Assim é muito melhor. Você continua a ser minha garota.

– E sempre serei, Janette.

***

Lauren estava parada diante do espelho, tentando puxar a camisa na frente, por cima dos seios, a fim de que não ficasse saindo da calça, quando Janette entrou no quarto, ainda de chambre.

– Resolvi vir verificar se você precisa de alguma ajuda.

Lauren olhou para ela com uma expressão pesarosa.

– Acho que não vai dar certo. Meus seios são grandes demais.

– O que você precisa é de um sutiã para contê-los.

– Não tenho nenhum. Nunca usei sutiã.

– Talvez um dos meus lhe sirva. Vamos ao meu quarto.

Lauren seguiu-a. Janette foi ao armário e abriu uma das gavetas. Vasculhou rapidamente, até que finalmente encontrou o sutiã que procurava. Virou-se para a irmã.

– Tire a camisa e experimente este.

Lauren tirou rapidamente a camisa. Janette ajustou o sutiã nos seios dela.

– Acho que vai servir. Prenda-o.

Lauren meteu os braços pelas alças e prendeu o sutiã. Contemplou-se no espelho.

– Mal consigo respirar.

– Parece sensacional em você.

– Acha mesmo? – indagou Lauren, ainda em dúvida.

Janette riu.

– Use-o. Faremos uma dupla sensacional.

Lauren tornou a contemplar-se por um momento e acabou sorrindo.

– Está certo. Mas ainda temos tempo suficiente para uma puxada?

– Ainda temos meia hora antes que qualquer convidado chegue.

– Pois então vamos cuidar logo disso – falou Lauren, encaminhando-se para a porta, a fim de voltar a seu quarto.

– Por que não vai buscar o fumo para puxarmos aqui? – sugeriu Janette. – Assim, poderíamos desfrutá-lo enquanto eu me pinto.

Quando Lauren terminou de aprontar o baseado e voltou, Janette já estava sentada diante da mesa de maquilagem, o chambre caindo pela cadeira ao seu redor, cuidadosamente aplicando máscara nas pestanas. Lauren puxou uma cadeira pequena e sentou-se perto dela, acendendo o cigarro. Tragou gentilmente e depois passou para Janette.

– Puxe bem devagar. Esse não é o tipo de erva que se pode puxar fundo.

Janette obedeceu às instruções. Depois de um momento, devolveu o cigarro a Lauren.

– Ainda não estou sentindo nada.

– Espere um pouco. – Lauren sorriu, fumando novamente. – Leva alguns minutos para fazer efeito.

– Como se sabe quando está fazendo efeito?

Lauren soltou uma risadinha.

– Sempre posso dizer pelos mamilos. Ficam logo duros, como se alguém os estivesse tocando ou como acontece quando a gente entra debaixo do chuveiro frio. – Ela riu outra vez, olhando para Janette. – Já está começando a fazer efeito em você. Dá para ver.

Janette olhou para si mesma e depois para Lauren.

– Mas continuo a não sentir nada. Está fazendo efeito em você?

Lauren assentiu, abrindo o roupão.

– Veja por si mesma.

Os mamilos dela já estavam se projetando das auréolas rosadas em torno. Ela devolveu o cigarro a Janette.

– Daqui a pouco vai começar a sentir um zumbido. E quando acabar, estará numa boa.

Janette puxou o cigarro lentamente. Olhou para si mesma. Os mamilos escuros já estavam se projetando dos seios. Tornou a olhar para Lauren e riu.

– Acho que está fazendo efeito.

Lauren observou-a.

– Claro que está. Puxa, como você tem mamilos grandes! Os meus não existem em comparação com os seus.

– Os seus são lindos. – Janette riu, começando a sentir o zumbido na cabeça. – Prefiro o seu tipo ao meu. É mais estético.

– Mas os seus mamilos são mais sensuais – disse Lauren, tirando o cigarro de maconha de Janette. – Harvey acha que você tem um dos corpos mais espetaculares de todos os tempos.

– Seu namorado? – Janette riu. – Como ele sabe?

– Tem visto as suas fotografias. Acho que é por isso que ele está querendo vir para cá.

– Pois ele ficará desapontado se vier. As fotografias me fazem parecer muito mais bonita do que na realidade.

– Não acho. Ao contrário, cheguei à conclusão de que as fotografias não lhe fazem justiça. – Lauren devolveu o cigarro a Janette e levantou-se. – Estou numa boa.

Janette continuou a fumar.

– Eu também. Esse fumo é sensacional.

Lauren riu...

– Sensacional? É um estouro, um fumo chocante! Já estou nova em folha. Posso voar por cima de tudo.

Janette também riu.

– Mas não voe por cima da mesa de jantar. Terei muita dificuldade em explicar aos outros o que você está fazendo lá em cima.

– Voltarei ao meu quarto para me vestir. Chame-me quando estiver pronta e daremos um cheirinho antes de descer.

Maurice chegou cedo. Fez questão de explicar, ao entrar na biblioteca, onde as duas estavam esperando: – Achei que seria apropriado passar um momento com *mes enfants* antes dos outros chegarem.

Janette sorriu.

– Claro. E o que você acha da garotinha agora?

Maurice virou-se para Lauren, uma expressão curiosa e observadora no rosto.

– Não é mais uma garotinha, não é mesmo? Esta bastante crescida. E linda.

Lauren riu.

– *Merci Monsieur le Marquis.*

– Não pode imaginar como me sinto satisfeito em vê-la. E se houver alguma coisa que eu possa fazer por você, quero que me avise imediatamente.

– Se houver alguma coisa, pode deixar que avisarei – prometeu Lauren.

Maurice sacudiu a cabeça.

– Ainda penso em você como uma garotinha. Mas mudou muito.

Lauren tornou a rir.

– Mas você não mudou nada. Parece exatamente como eu lembrava. Nem um só dia mais velho.

– Isso não é ótimo?

Ela assentiu.

– Fantástico. Todo mundo envelhece, menos você.

– Eu também envelheço, só que na minha idade, as mudanças não são drásticas nem visíveis. E como estão seus pais adotivos?

– Muito bem, obrigada.

Maurice virou-se para Janette.

– Soube que você vai refazer a sua coleção inteiramente, que até adiou a data da apresentação.

Janette assentiu.

– Você deve ter espiões escondidos dentro das paredes.

– Só decidimos esta tarde. Tivemos uma idéia fantástica e achamos que este é o momento certo para lançá-la, ao invés de esperarmos até o próximo ano.

– Será um investimento vultoso. Tenho algum dinheiro ocioso, se você precisar.

– Acho que poderemos arcar com tudo... Mas não me esquecerei de sua oferta, se surgir a necessidade. Obrigada.

Maurice sorriu.

– Não me agradeça. Afinal, é tudo família. E é para isso que as famílias servem.

O som distante da campainha da porta chegou à biblioteca. Os outros convidados começaram a chegar. Quando Patrick Reardon finalmente veio do aeroporto, eles já estavam prontos para o jantar.

O jantar foi perfeito para uma noite quente de julho. A *vichyssoise* fria com um vestígio de pepino, a vitela assada como molho claro, com sabor de ervas de Provence, *haricots verts* cortados bem finos, com pequenas batatas assadas, seguindo-se uma salada de alface com um Brie perfeitamente amadurecido. Mesmo assim, Janette levantou-se com uma sensação de alívio por ter acabado e conduzido a todos de volta à biblioteca, onde tomariam café e licores. A mesa estivera por demais carregada por tensões e nuanças, com todos os convidados parecendo concentrados em seus jogos particulares. À exceção de Lauren. Ela se mostrara jovial e sorridente, parecendo não ter sido afetada por nenhuma das coisas que Janette sentira.

Stéphane ficou para trás, a fim de pegar Janette a sós por um momento.

– Sua irmã é muito bonita. Todos ficaram apaixonados por ela.

– Fico contente por saber disso.

– Acho que você também está.

Janette fitou-a nos olhos.

– Você é uma idiota.

Stéphane segurou-lhe o braço.

– Não podemos subir por um momento? Ninguém vai perceber a nossa ausência.

Janette fitou-a por mais um instante, sem responder, depois afastou-se bruscamente, indo se juntar a Maurice e Jacques, que conversavam com a moça que fazia companhia a Jacques, Martine, uma linda manequim que trabalhava para Givenchy.

Stéphane aproximou-se de Carrol , que escutava Patrick contar as aventuras de seu último safári africano, juntamente com Philippe e Marlon. Ela correu os olhos pela sala, pensando que encontraria Lauren ao lado de Janette. Mas Lauren não estava ali.

O mordomo serviu o café e os licores, sem que Lauren tivesse reaparecido. Só mais de dez minutos depois é que ela entrou na sala. A esta altura, Patrick atraía a atenção de todos, com a história de sua caçada de leão.

– Lá estava eu, na moita, sentado no Land Rover, quando senti alguém bater no meu ombro.

O guia pôs o imenso rifle de caçar elefante nas minhas mãos e apontou, dizendo: “Ponha o bicho na mira e puxe o gatilho.” O leão e eu ficamos nos olhando pelo que pareceram muitos séculos. O guia gritou: “Atire no filho da puta antes que ele venha para cima da gente!”

Patrick sorriu, antes de continuar.

– Tentei puxar o gatilho. Mas não consegui mexer o dedo. Estava paralisado. Foi então que meu braço começou a tremer e não pude sequer manter o bicho na mira. E foi justamente nesse instante que o maldito animal resolveu correr para cima da gente.

Patrick fez uma pausa, estendendo o copo para que fosse novamente enchido com champanhe.

– O que você fez? – perguntou Lauren, ansiosa.

Patrick lançou-lhe um olhar altivo e furioso.

– O que qualquer inglês sensato faria num momento de perigo. Abaixei-me entre o assento e o painel e gritei para que o negro tirasse a porra do carro dali. No instante em que ligou o motor, o bicho pulou em cima da gente. E foi então que meu dedo prendeu no gatilho e a arma disparou. Ouvi um rugido terrível e levantei a cabeça. Lá estava o leão, rolando pelo chão. Depois ele se levantou e saiu correndo, o sangue a escorrer do rabo, entre as pernas.

Ele fez outra pausa, tomando um gole de champanhe.

– O guia me disse: “Você acertou nos colhões do bicho.” Neste momento, em algum lugar da África, existe um maldito leão perguntando-se que diabo aconteceu com sua vida sexual e vagueando pela selva, tentando descobrir por que prefere ficar deitado ao sol, ao invés de caçar ou foder.

Todos desataram a rir, à exceção de Lauren. Os olhos dela tinham um brilho úmido.

– Acho muito triste.

Patrick fitou-a por um momento.

– Vou buscar um copo de champanhe para você.

Os outros se dispersaram, formando pequenos grupos.

– Não, obrigada – respondeu Lauren. – Não bebo. Meu negócio é outro.

– Você está alta, minha jovem – disse Patrick, com uma severidade zombeteira.

– Estou, sim.

– E eu estou de porre.

– Isso é ótimo – comentou Lauren, sorrindo.

– Vamos sair para a varanda do jardim. Talvez um pouco de ar fresco faça bem a nós dois.

– Está certo.

Lauren seguiu-o pelas portas abertas. Apoiou os braços na grade e respirou fundo.

– O cheiro aqui é muito gostoso. Suave e puro.

Patrick tomou um gole do copo de champanhe que ainda segurava.

– É a primeira vez que vem a Paris?

– Nasci aqui. Mas há dez anos que não venho a Paris. Moro na Califórnia.

– Adoro a Califórnia. Tudo por lá é muito fácil.

– É mesmo.

– O que pensa de nós aqui?

Lauren deu de ombros.

– É diferente. Tudo e todos estão absorvidos, parecendo mergulhados em si mesmos, se entende o que estou querendo dizer.

– Não tenho certeza se entendo.

– Também não tenho.

– Você está de calcinha?

– Não – respondeu Lauren, fitando-o. – Por que pergunta?

– Foi Janette quem a convenceu a vestir smoking?

– Não. Por quê?

– Não adianta. Ainda posso sentir o cheiro da sua xoxota. Me dá vontade de

cair de cara nela.

Lauren riu.

– Está me deixando com tesão.

– O problema não é esse. Deve compreender que tenho o olfato condicionado para esse tipo de coisa. Você também está no negócio de pau grande?

– De onde é que tirou essa idéia?

– Fiquei curioso. Acho que se eu tivesse um pau bem grande Janette casaria comigo.

– Você quer casar com ela?

– Quero, sim. Mas ela está sempre me rejeitando.

– Deve haver alguma outra coisa – comentou Lauren, pensativa. – Não creio que o tamanho do seu pau seja o motivo.

– Sua irmã é a mulher mais linda e excitante do mundo.

Lauren virou-se e olhou para Janette, dentro da sala. Ela estava conversando com Jacques e Charles Carroll. O rosto de Janette estava animado e expressivo, enquanto ela parecia apresentar um argumento. Lauren tornou a virar-se e fitou Patrick.

– Você é o segundo homem que conheço que diz isso. Acho que os dois podem estar certos.

Marlon saiu também para a varanda, seguido por Philippe e Stéphane.

– Philippe pediu-me para lhe perguntar se não gostaria de ser manequim – disse Marlon.

– Por que ele não pergunta pessoalmente? – indagou Lauren.

– Ele está um pouco constrangido porque seu inglês não é muito bom.

Ela sorriu, virando-se para Philippe e dizendo em francês: – Lamento muito. Não tive a intenção de ser grosseira. Mas nunca imaginei que todos estivessem falando inglês apenas por minha causa.

Um sorriso súbito estampou-se no rosto de Philippe.

– Senti vontade de falar com você durante toda a noite, mas fiquei com medo de que não me compreendesse. Queria lhe dizer que é linda e ficaria perfeita em algumas das minhas criações. Possui o tipo de aparência que venho procurando há muito tempo. Nova, viçosa, com uma inocência sofisticada. Eu adoraria ter você para apresentar algumas das minhas criações da nova coleção.

– Não sei nada sobre esse trabalho, mas sinto-me lisonjeada por achar que sirvo.

– Não há muito o que aprender – disse Philippe. – Saberia de tudo em apenas uma semana.

– Mas não sou muito grande?

– Isso não é problema. Você teria apenas de perder dois ou três quilos.

– O que dá entre quatro e seis libras – explicou Marlon, convertendo as medidas para as usadas nos Estados Unidos.

– Não sei... – murmurou Lauren. – Nunca tinha pensado nisso.

– Acha que sua irmã faria alguma objeção? – perguntou Philippe.

Lauren riu.

– Claro que não.

– Posso perguntar a ela?

– Se você quiser... Mas ainda não sei se é uma coisa que eu gostaria de fazer.

– O que você gostaria de fazer? – indagou Stéphane.

Lauren virou-se para ela.

– Ainda não pensei muito nisso. Tenho esperado crescer primeiro.

***

– Será um ano cheio antes de sequer estarmos prontos para entrar no mercado. Quero dez boutiques próprias e operadas nas principais áreas de dinheiro dos Estados Unidos e cinco nas maiores lojas de departamentos do país: Saks da Quinta Avenida, Nova York, Neiman-Marcus, Texas, Marshall Field, Chicago, I. Magnin , Los Angeles, Gearys, São Francisco. A esta altura, estarei fazendo um investimento de dois milhões de dólares. Estão me levando a assumir um risco infernal.

Janette fitou-o atentamente.

– Se fizer alguma pressão, tenho certeza de que as lojas de departamentos o apoiariam nesta temporada.

– Iriam nos arrancar a pele. – disse Carroll. – Haveriam de querer tudo em consignação, impingindo-nos todos os custos de propaganda e promoção, exigindo o desconto máximo nas roupas.

Ele tomou um gole de scotch, antes de acrescentar: – Não conseguiríamos ganhar dinheiro algum.

– Mas precisamos de um trampolim para entrar no mercado e descobrir exatamente qual é a nossa posição – comentou Janette.

– E que nome daríamos às nossas próprias *boutiques*, quando as abríssemos? – perguntou ele. – Seu nome ainda não é bastante conhecido.

– Já tenho um nome para as *boutiques*. Como St. Laurents Rive Gauche. Janette's Centre Ville. Ou se achar que um nome americano seria melhor, Janette's Uptown. Mas isso é secundário. A partir do momento em que

fecharmos o negócio, estou disposta a percorrer todo o país, a fazer a maior publicidade, em jornais e revistas, emissoras de rádio e televisão. E quando as lojas forem abertas, haverá mais americanos conhecendo o meu nome do que franceses.

– Tudo isso custa dinheiro – disse Carrol .

– Tem toda razão. É exatamente por isso que estou conversando com você. Se eu dispusesse do dinheiro necessário, cuidaria de tudo pessoalmente.

Carrol fitou-a com uma expressão astuta.

– Quanto vai custar aprontar a coleção?

– Talvez 200 mil dólares. Mais ou menos.

– Vamos supor que eu adiante esse dinheiro e fiquemos esperando para ver o que acontece. Poderemos então decidir o resto.

Janette riu.

– Neste caso, posso fazer a coleção sozinha. Não é com esse dinheiro que estou preocupada. É o plano além que me interessa. Se eu fizer sozinha e for um tremendo sucesso, não preciso de você. Bidermann e os outros teriam o maior prazer em pular na cama comigo.

Carrol respirou fundo e olhou para Jacques.

– Essa jovem para quem trabalha não é fácil.

Jacques manteve-se calado.

– E se eu não concordar? – perguntou Carrol , virando-se novamente para Janette.

Ela sorriu.

– Continuaremos amigos.

Ele olhou para a varanda, onde estavam Lauren e os outros.

– Sua irmã parece muito diferente aqui do que acontece na Califórnia. Acho que nunca a vi antes com outra roupa que não jeans.

Janette riu.

– Ela está em Paris agora. – Janette acompanhou o olhar dele. – Eu gostaria que tudo desse certo, não apenas por mim, mas também por Lauren. Ela ainda possui 25 por cento da companhia, e Johann ainda é o administrador dos interesses dela. Tenho de prestar contas a ele todos os anos.

Carrol não deixou de perceber as implicações. Ele sorriu e disse: – Não preciso levar uma porrada na cabeça. Por que não nos encontramos amanhã e conversamos mais um pouco?

– Claro. Combine com Jacques um horário conveniente para todos nós. Mas deixe para o final do dia. Estarei ocupada com as providências para a coleção durante a maior parte do tempo.

– Então pretende lançar a coleção de qualquer maneira?

– Certamente – disse Janette, com um desdém frio. – Acha que eu dependeria de outra pessoa em algo tão importante?

***

Maurice abordou Jacques num momento em que estavam apartados dos outros.

– Tudo correu bem?

Jacques assentiu.

– Acho que sim. Quanto mais vejo Janette atuar, mais chego à conclusão de que ela é uma mulher fantástica. Tem o colhão de um touro dos pampas.

Maurice riu.

– E se Carroll não topar?

– Janette encontrará um meio. Tenho certeza disso agora. Ela tem uma determinação inabalável.

– Tenho um milhão de francos para apostar nela – disse Maurice.

– Não se esqueça disso e lembre a ela, se surgir a oportunidade.

Jacques fitou-o.

– Ela já sabe disso?

– Fiz uma sugestão. Mas ela não estava interessada... na ocasião. Contudo, as circunstâncias podem mudar.

Martine aproximou-se deles e disse a Jacques: – Já passam de 11 horas e tenho de começar

a trabalhar cedo amanhã. Vamos experimentar as primeiras provas.

– Vou levá-la para casa agora.

– Não precisa ir embora por minha causa. Posso pegar um táxi.

– Não seja tola. – Jacques sorriu. – Também tenho de trabalhar cedo.

Os convidados começaram a se retirar. Jacques, Maurice e Martine foram os primeiros a partir, seguidos logo depois por Philippe e Marlon.

– Foi um jantar adorável – disse Philippe. – E sua irmã é realmente linda. Eu gostaria de fazer alguma coisa com ela. Talvez possamos conversar amanhã.

– Está certo – respondeu Janette. – Estarei cedo no escritório.

Não demorou muito para que só restassem Carroll, Stéphane e Patrick. Carroll teve uma idéia.

– Por que não vamos todos ao Regine's para uma esticada? Deve estar bastante divertido por lá.

Janette sacudiu a cabeça.

– Esta noite não dá para mim. Tenho muito o que fazer amanhã.

Ele virou-se para Lauren.

– Você e Patrick não querem nos acompanhar?

Lauren sorriu.

– Acho que não, Mr. Carrol . Estou começando a me sentir cansada. Deve ser a viagem. Foi um dia comprido.

– Voarei de volta a Londres esta noite – anunciou Patrick. – Prometi a minha querida mamãe que amanhã tomaria o desjejum em sua companhia. Vamos deixar para outra ocasião.

Carrol virou-se para Stéphane.

– Parece que você e eu somos os únicos com alguma animação nesta turma.

Stéphane olhou para Janette e sorriu-lhe em seguida, sem dizer nada.

– Ótimo! – exclamou Carroll, levantando-se. – Pois então vamos embora.

Virando-se para Lauren, ele acrescentou: – Vou falar com seu pai amanhã. Quer que eu lhe dê algum recado?

– Não. Basta lhe transmitir o meu amor e dizer que estou me divertindo imensamente.

– René poderá me levar ao aeroporto? – perguntou Patrick.

– Ele está no carro à sua espera – informou Janette.

Todos encaminharam-se para a porta.

– Sua irmã é uma garota sensacional – disse Patrick a Janette. – Espero ter a oportunidade de nos encontrarmos outras vezes.

– Tenho certeza de que isso vai acontecer – respondeu Janette. – Ela vai passar o verão inteiro comigo.

As irmãs subiram juntas, depois que todos se retiraram. Lauren parou diante do seu quarto.

– Foi maravilhoso, Janette. Obrigada. Você me fez sentir como alguém muito especial.

– Você é alguém muito especial... a minha irmã.

Lauren inclinou-se para frente rapidamente e beijou o rosto de Janette, depois entrou em seu quarto e fechou a porta. Pensativa, Janette ficou parada ali por mais um momento, depois avançou lentamente pelo corredor até seu quarto.

***

Jacques estava parado nos fundos da arcada do Lido, observando a multidão em traje a rigor encaminhar-se para a entrada do teatro, segurando os convites impressos em letras douradas. Além das pessoas, podia avistar os Rolls-Royces e

Cadil acs ainda encostados no meio-fio, despejando seus passageiros. Fora quase uma hora antes que houvera o telefonema pedindo policiamento extra para controlar o tráfego engarrafado no Champs-Elysées. Eram quase 10 horas agora e eles já estavam atrasados. Uma hora atrasados. O jantar deveria ser servido às 10 horas e a coleção deveria começar a ser apresentada pontualmente à meia-noite.

Janette acertara em cheio. Ela dissera que todos ficariam. E isso havia acontecido. Jacques já vira John Fairchild, de Women's Wear, entrar no teatro, acompanhado por seu séqüito.

Eugenia Sheppard, a matrona da moda da imprensa americana, também estava presente. Era mais do que a apresentação de uma coleção... era um evento social. *Madame* Pompidou, a mulher do Presidente, aparecera, sendo imediatamente escoltada com seu grupo para a *table d'honneur*. *Madame* Schlumberger, *Le comte* de Paris, os Rothschilds, Dassaults e outros baluartes da sociedade francesa também estavam presentes. Era provavelmente a primeira vez que qualquer deles comparecia ao Lido. Havia artistas de cinema em quantidade suficiente, espalhados pela audiência, para referendar a *premiere* de qualquer filme importante. Brigitte Bardot, Alain Delon, JeanPaul Belmondo, Sophia Loren, Faye Dunaway, os Gregorys Pecks, os Davids Nivens e muitos outros... mais do que até o próprio Jacques era capaz de recordar. E a imprensa francesa estava presente em massa. Robert Caille, de Vogue, quase toda a redação de L'Offidel, além de repórteres e fotógrafos de todos os jornais importantes e agências noticiosas sediadas em Paris.

Mas o verdadeiro triunfo para Jacques ocorrera um dia depois dos convites serem expedidos, quando começara a receber telefonemas dos outros *couturiers*, pedindo convites. E ao ver Marc Bohan, Givenchy, St. Laurent, Pierre Cardin e Courreges passando pela arcada, Jacques compreendera que haviam conseguido o que queriam.

Ele tornou a consultar o relógio e começou a encaminhar-se para o interior do teatro, quando foi detido por um *maltre*.

– *La Princesse* Grace está aqui, com um grupo de quatro pessoas, mas não dispomos de mesa.

– Dê-lhe a minha mesa – respondeu Jacques prontamente. – Perto de *Madame* Pompidou.

O homem assentiu e afastou-se apressadamente. Jacques continuou a avançar pelo teatro, mantendo-se nos fundos, por trás das mesas, enfeitadas por balões vermelhos com o nome Janette de la Beauvil e. Ele contornou o salão, a caminho da entrada dos bastidores.

Trechos de conversas chegaram a seus ouvidos: – Ela deve estar completamente doida.

Tudo isso custou uma fortuna.

– Ela encontrou um homem de dinheiro com uma conta bancária maior do que o pau.

– É Lorde Patrick Reardon. Ele está querendo casar com ela.

– Ou então é *Madame* Poniard.

Jacques pôde ouvir as risadas quando o nome daquela lésbica fantasticamente rica foi mencionado.

Ele foi detido por Bernardine Morris, de The New York Times.

– Tenho de passar meu noticiário mais cedo – disse ela. – Não há alguma possibilidade de me fornecer uma idéia antecipada do que está para acontecer?

– Lamento muito, Bernardine. – Jacques sorriu. – É inteiramente impossível. Eu próprio ainda não vi a coleção.

Ele seguiu em frente até a porta, onde parou e olhou para trás. Acenou com a cabeça em satisfação. Fora uma idéia brilhante de Janette alugar o teatro por uma noite. A princípio ele ficara apavorado com o custo, mas agora estava satisfeito porque Janette impusera sua idéia.

O pessoal do Lido era profissional. Estava acostumado a lidar com multidões, servindo o jantar e desaparecendo, para que o espetáculo pudesse continuar. O jantar já estava sendo servido, a pista de dança estava apinhada, a orquestra no palco tocava uma música intermediária, pois aquela multidão não aceitaria *rock and rol* ou o frenesi de discoteca.

– Quero que tudo seja perfeito – dissera Janette. – Quero que seja elegante e Hol ywood ao mesmo tempo.

E era exatamente o que estava sendo. Nunca houvera uma apresentação de coleção com uma audiência tão elegante, nunca houvera uma coleção com um cenário tão hollywoodiano.

Jacques já ia abrir a porta quando avistou John Fairchild gesticulando em sua direção. Ele hesitou por um momento, depois encaminhou-se para a mesa. O editor apontou para uma cadeira. Jacques sacudiu a cabeça.

– Estou trabalhando.

– Esta festa deve ter custado uma fortuna – comentou Fairchild. – Pelo menos 50 mil dólares.

– Algo por aí.

– Não é um tanto alto para Janette? Ela não costuma fazer esse tipo de negócio.

Jacques deu de ombros, sem responder.

– Recebi um telegrama de Nova York – acrescentou Fairchild. – Há um

rumor na Sétima

Avenida de que ela está se vendendo a Carrol .

– Não é verdade – disse Jacques, firmemente. – Não há a menor possibilidade de Janette vender sua casa.

– Ela poderia estar planejando entrar no mercado de *prêt-à-porter* com ele – adivinhou Fairchild, astutamente. – Carroll está sentado numa mesa importante com o pai dela.

– Carrol pertence à Twin Cities – disse Jacques. – E você sabe muito bem que Johann von Schwebel, presidente dessa companhia, tem muitos vínculos pessoais e comerciais com a família Beauville. E por muito tempo ele dirigiu a companhia de Janette... desde o momento em que a mãe morreu até que ela alcançou a maioridade.

– Isso não responde à minha pergunta, Jacques. Se ela não vai entrar no *prêt-à-porter*, então por que Carroll está numa mesa tão importante?

Jacques apontou para outra mesa próxima.

– Bidermann está ali, numa mesa ainda mais importante. Por que não pergunta se Janette tenciona entrar num negócio com ele?

– Bidermann já tem Cardin. E ouvi dizer que ele está interessado em St. Laurent.

– Terá de perguntar à própria Janette quais são as intenções dela. Ainda não tomei conhecimento delas.

– Onde foi que ela arrumou dinheiro para esta festa? Soube que ela ficou numa situação difícil quando abandonou toda a linha anterior para preparar uma nova coleção.

Jacques abriu os braços, num gesto tipicamente gaulês.

– Ela tem outros bens. Ou provavelmente arrumou o dinheiro com seus amigos banqueiros.

Pode ver que os Rotschilds estão presentes em massa.

Fairchild olhou ao redor.

– E também metade do *haute monde*. Juro que não sei se vamos assistir à apresentação de uma coleção ou uma *premiére* de Hollywood.

Jacques riu.

– Janette ficará satisfeita por ouvir isso. É exatamente o ambiente que ela queria criar. Mas não se engane. Vai assistir à apresentação de uma coleção. E é uma coleção como você nunca viu nem jamais verá... neste mundo ou no outro.

Fairchild soltou uma risada.

– Boa sorte.

– Obrigado.

Jacques afastou-se rapidamente e foi para os bastidores antes que outros

representantes da imprensa pudessem detê-lo. Passou cuidadosamente por cima dos cabos estendidos pelo chão, perto da porta, seguiu para os fundos do imenso palco, que fora adaptado como um camarim temporário para as modelos. Ficara decidido não usar os camarins regulares, por estarem localizados em vários andares acima do palco e longe demais para permitir que as manequins tivessem tempo de efetuar todas as mudanças de roupas. Além disso, Janette não queria correr o risco de que alguma modelo caísse ou prendesse o calcanhar na bainha, rasgando o vestido, enquanto descia correndo pela escada estreita.

Uma cortina preta envolvia inteiramente a área de camarim. Jacques entreabriu a cortina e deu uma olhada. No momento, estava tudo calmo. As moças estavam sentadas diante das mesas de maquilagem, pintando-se tranqüilamente, ainda usando os quimonos. Num pequeno quadro de cortiça, no canto superior de cada espelho, estavam presos pequenos papéis, cada um contendo todas as informações necessárias para completar o traje de cada modelo, da cor da calcinha às jóias acessórias. Ao lado de cada moça havia uma estante móvel, em que estavam penduradas as roupas, na ordem em que seriam usadas. O cabeleireiro e dois maquiladores, que fariam os retoques finais nas modelos a cada mudança de roupa, estavam sentados na extremidade do camarim improvisado, parecendo entediados e alheios. *Madame* St. Cloud e suas assistentes verificavam ansiosamente cada vestido, para se certificarem de que estava tudo em ordem. Mais tarde, pouco antes da apresentação começar, Philippe viria fazer uma verificação pessoal de cada moça e cada roupa. E depois que o desfile começasse, cada moça teria de passar por *Madame* St. Cloud e por ele, antes de sair para a passarela.

Naquele momento, porém, nem Philippe nem Janette estavam ali.

Jacques largou a cortina e continuou a deslocar-se por trás do palco, os sons distantes da orquestra chegando até o escritório do gerente, que Janette ocupara por aquela noite.

Jacques abriu a porta e entrou, sem bater.

Philippe estava sentado no sofá, fumando um cigarro nervosamente.

Marlon, como sempre, estava impassível e despreocupado. Janette estava sentada atrás da mesa, olhando para a lista datilografada da ordem de apresentação das roupas. Levantou os olhos quando Jacques entrou e perguntou, a voz calma: – Como estão as coisas lá fora?

– É tudo o que você queria. Não se poderia pedir mais.

– Ótimo – Janette tornou a olhar para a lista, depois virou-se para Philippe. – Acho que seria uma boa idéia se mostrássemos o 25 antes do 17. É um vestido de meio comprimento e seria melhor aparecer antes dos longos. Está agora no meio dos longos e iria sobressair terrivelmente.

Philippe levantou-se do sofá e foi postar-se atrás dela. Abriu sua pasta e folheou rapidamente as folhas com os modelos.

– Boa idéia – disse ele. – Mandarei St. Cloud mudar a ordem. De qualquer forma, já está mesmo na hora de eu ir até lá para verificar tudo.

Philippe saiu da sala, seguido por Marlon. Jacques arriou na cadeira diante de Janette.

– Acho que estamos precisando de alguma ajuda – disse ele, metendo a mão no bolso.

– Você tem uma capacidade fenomenal de ler os pensamentos da gente.

– Não precisa se preocupar – disse Jacques, entregando o frasco e a colherzinha de ouro a Janette. – Tudo vai dar certo.

– Não estou preocupada com isso – disse Janette, com um meio sorriso, dando duas fungadas na cocaína. – Estou tentando apenas imaginar como agüentar viva até o final da noite. Estou pregada.

– Repita a dose, Janette. Terá então energia suficiente para viver eternamente.

Janette seguiu o conselho, devolveu o frasco e a colher, respirou fundo. Jacques percebeu a cor voltando ao rosto dela, os olhos começando a brilhar.

– Foi ótimo, Jacques. Talvez você esteja certo.

Ele mal teve tempo suficiente para dar suas duas fungadas e guardar o frasco antes que Philippe voltasse à sala.

– Algum de vocês viu Lauren? – perguntou Philippe.

– Não – respondeu Janette. – Ela não está lá fora?

– *Madame* St. Cloud não a viu. Está ficando preocupada.

– Ela deve estar em algum lugar por aí – disse Janette. – Veio comigo.

Jacques levantou-se.

– Vou falar com o porteiro dos fundos. Ninguém pode entrar ou sair sem que ele veja.

Philippe afundou no sofá, enquanto Jacques se retirava, e resmungou: – Tudo o que eu precisava agora era que a idiota da sua irmã me fodesse.

– Foi você quem a quis.

Janette acendeu um cigarro e os dois ficaram sentados em silêncio, até que houve uma batida na porta e Jacques apareceu, acompanhado por Lauren.

– Onde você estava? – perguntou Philippe, levantando-se abruptamente. – Quase tive um enfarte.

– Eu estava muito nervosa – respondeu Lauren. – E resolvi dar um pulo até o beco por trás do teatro para puxar um pouco de fumo.

– Oh, Deus! – exclamou Philippe. – Da próxima vez pelo menos avise onde está! Vamos embora. Já está na hora de nos aprontarmos.

Lauren sorriu e olhou para Janette.

– Você não estava preocupada, não é mesmo?

Janette sacudiu a cabeça. Lauren riu.

– Estou me sentindo muito bem agora.

Ela virou-se e seguiu Philippe pela porta aberta. Janette olhou para Jacques, que ainda estava parado ali.

– Oh, merda! – disse ela.

Jacques sorriu.

– *Merde* para você também.

***

Apesar de começar um pouco atrasado, o jantar acabou quando faltavam 10 minutos para meia-noite. Os garçons limparam as mesas. A orquestra parou de tocar e os dançarinos voltaram às suas mesas, enquanto o teatro ia escurecendo gradativamente. Houve um barulho de cadeiras em movimento, enquanto o público procurava as posições mais confortáveis.

Podia-se sentir a intensa expectativa, enquanto o teatro escurecia totalmente.

Suavemente, em algum lugar por trás do palco, pôde-se ouvir a abertura de Fausto. E depois, subitamente, houve uma explosão, quase como uma trovoada. Um refletor invisível focalizou uma nuvem de fumaça no centro do palco, diante da cortina fechada. E do meio da fumaça surgiu o demônio.

Ele deu um salto, as pernas de material metálico, parecendo uma segunda pele, refletindo a luz em mil direções. Empunhando o tridente com jóias nas pontas, ele saiu dançando pelo centro do palco, enquanto a passarela era estendida pelo meio do público em rodas silenciosas. O demônio avançou aos pulos pela passarela, lançando olhares furiosos para o público e fazendo gestos ameaçadores com o tridente. Ao chegar à extremidade da passarela, ele virou-se subitamente, ajoelhou-se e apontou o tridente para a cortina no palco.

Um trovejar de tambores ressoou pelo ar e depois tudo ficou em silêncio, enquanto da cabina de projeção nos fundos do teatro vinha a imagem que se refletiu na cortina translúcida.

Janette de la Beauville présente La Collection de l'Enfer Quando as luzes tornaram a se acender, o demônio desaparecera e a cortina se abria, revelando um gigantesco diorama, que se estendia por todo o palco, pintado em vermelho e preto, com uma representação impressionista do Inferno, como Dante poderia tê-lo visto. Uma luz em movimento por trás dava uma estranha impressão de vida e realidade. No centro do diorama havia uma arcada por cima de duas portas

imensas. Enquanto as portas se abriam, a música se atenuou. O número 1 começou a refulgir, como se estivesse em chamas, no alto da arcada.

A manequim permaneceu imóvel por um momento, revelada pelas portas abertas. Depois foi avançando lentamente, atravessando o palco na direção da passarela, enquanto uma voz ressoava pelo sistema de som em torno do palco: – *Costume en laine, rouge de sang...*

Uma onda de aplausos polidos soou no auditório, enquanto a manequim percorria a passarela, parava, tirava o casaco para mostrar a blusa, virava e começava a voltar, enquanto o letreiro por cima da arcada exibia o número 2.

Parado nos fundos do teatro, Jacques acenou com a cabeça, satisfeito. A claque que ele contratara também era profissional. Dissera-lhes que começassem devagar e só aumentassem a intensidade até o frenesi em determinados números e no final.

Ele olhou para o palco. A segunda manequim já estava na passarela e a primeira moça se retirava. Jacques correu os olhos pelo público. Todos observavam atentamente. Mas eram também muito profissionais. Muito mais teria de ser visto antes que pudessem fazer um julgamento.

Ele acendeu um cigarro. Até ali, estava tudo bem. Fizera-se tudo o que era possível. O resto estava nas mãos dos deuses. Foi então que Jacques olhou novamente para o palco e sorriu para si mesmo. Ou do demônio.

Quando dois terços da coleção já haviam sido apresentados, um pandemônio estranho e controlado dominava os camarins. Os trajes descartados eram recolhidos do chão a que haviam sido jogados pelas manequins em sua necessidade frenética de mudar rapidamente, enquanto as costureiras e maquiladores esforçavam-se em ajudá-las a manter a mesma imagem que exibiam no início da apresentação.

Philippe estava pálido, nervoso e suado, enquanto examinava uma manequim e despachava-a para o palco, a fim de esperar por sua vez.

– Vou vomitar – disse ele, dramaticamente. – Vou desmaiar.

– Você está bem – disse Janette. – E tudo está correndo muito bem.

– Nunca deveria ter permitido que eles viessem – disse Philippe. – Todos querem me destruir.

– Não seja tolo, Philippe. É um grande tributo. Eles não costumam aparecer nos desfiles alheios.

– Todos vão sair antes de terminar. Posso sentir. Dessa forma mostrarão ao público que não me dão a menor importância.

– Ainda estão todos aqui – disse Janette. – St. Laurent e Berge não se mexeram desde que o desfile começou. E o mesmo acontece com Bohan e Boussac, Givenchy, Cardin.

– Eles estão planejando alguma coisa. Posso sentir. – Philippe levou a mão à testa. – Vou desmaiar.

Janette olhou para Marlon e depois novamente para Philippe.

– Vamos até o meu escritório por um momento.

– Não me atrevo a arredar pé daqui. Alguma coisa vai sair errada. Tenho certeza.

– Nada vai sair errado – disse ela, suavemente. – Já estamos bem adiantados. Você pode descansar por alguns minutos.

– Está certo. Mas quero que comecem antes a maquilagem no corpo de Lauren. Vai levar pelo menos 15 minutos.

Janette ficou observando-o aproximar-se de Lauren, que estava sentada diante de sua mesa de maquilagem, fumando um cigarro calmamente, aparentemente alheia ao pânico e tensão ao seu redor. Philippe sussurrou alguma coisa no ouvido dela e Lauren assentiu, levantando-se e deixando cair o quimono, ficando nua no meio do palco. Uma maquiladora aproximou-se prontamente e pôs-se a espalhar uma base pelo corpo de Lauren. Philippe disse alguma coisa à moça, que acenou com a cabeça e continuou a andar em torno de Lauren, com o spray na mão.

Philippe tornou a aproximar-se de Janette.

– Muito bem, já posso fazer uma pausa de cinco minutos. Mas devo estar de volta quando ela aplicar as pintas douradas. Não quero que seja demais, apenas o suficiente para insinuar vida por baixo do vestido transparente.

Foram para a sala que Janette estava usando como escritório e Philippe jogou-se no sofá.

– Nunca mais! – exclamou ele. – Nunca mais!

Janette gesticulou para que Marlon fechasse e porta. Ela abriu a gaveta da mesa e tirou um pequeno frasco com cocaína. Derramou um pouco no tampo de vidro da mesa, depois separou em linhas. Pegou um canudo e virou-se para os dois, dizendo: – *Allons, mes enfants*.

Todos estamos precisando de renovar as nossas forças.

Philippe foi o primeiro a servir-se. Eficientemente, ele consumiu quatro linhas, antes que Janette o detivesse.

– Deixe um pouco para a gente.

Ela consumiu duas linhas, enquanto Marlon ficava com o resto. Philippe voltou ao sofá, mas desta vez não se deitou. A cor voltava ao seu rosto. Ele olhou fixamente para Janette por um momento e depois sorriu.

– Mamãe.

Janette riu.

– Meu filhinho.

Philippe veio do sofá beijou-a no rosto.

– Eu deveria saber que não precisava me preocupar. Já estou me sentindo melhor. – Ele olhou para Marlon. – Quero que eles se fodam. Todos eles. Quem se importa com o que eles possam pensar?

– Isso mesmo – disse Marlon.

Philippe virou-se novamente para Janette.

– Mais um pouco pelo desfile.

– Certo.

Janette esvaziou o resto do frasco no tampo de vidro da mesa.

Jacques olhou para o relógio. Faltavam cinco minutos para uma hora da madrugada.

Estava quase acabando. Ele soltou um suspiro de alívio. Estava tudo garantido. Ninguém se retirara antes do término. Todos permaneciam até o final. Tanto a imprensa como os profissionais, igualmente fascinados por algo que nunca haviam visto antes. Lentamente, ele encaminhou-se para o fundo do teatro, na direção da mesa perto do final da passarela, em que estavam sentados Carrol , Maurice, Patrick, Stéphane e Martine. Jacques sentou-se numa cadeira desocupada.

Carrol inclinou-se em sua direção e sussurrou: – O que está achando?

– Conseguimos. Eugenia Sheppard e Fairchild disseram a seus jornais que esperassem pela notícia. Até mesmo Bernardine Morris enviou um telegrama avisando que passaria a notícia mais tarde. E nenhum dos *couturiers* foi embora. Ainda estão todos aqui.

– Gostaria de saber o que eles dirão.

– Isso não tem a menor importância. Esta será a coleção mais comentada da *saison*.

– Pode valer 20 milhões de dólares nos próximos três anos – comentou Carroll. – E isso tem importância.

Jacques levantou a mão.

– Observe. Conversaremos depois.

A manequim por cima deles estava deixando a passarela e o número por cima da arcada começou a se apagar. O número já sumira completamente quando ela deixou o palco, e por cima da arcada apareceram letras que pareciam em chamas: Robe de Marriage.

Houve um farfalhar momentâneo de papéis e depois silêncio, enquanto as portas na arcada abriam-se lentamente. Um único refletor iluminou a noiva que estava parada ali, alta, impressiva, completamente oculta por um véu que caía de uma coroa em sua cabeça, até as pontas dos sapatos vermelhos. A manequim adiantou-se, arrastando pelo chão uma cauda que parecia interminável.

Lentamente, ao som de Mendelssohn, ela foi até o centro da passarela e parou.

Por um momento, ficou inteiramente imóvel, uma das mãos segurando o pequeno spray de essência de rosa. No momento seguinte, a outra mão começou a remover o véu. Pareceu levar quase uma eternidade, até que finalmente ela jogou o véu para trás da cabeça, deixando-o cair no chão, revelando o vestido rosa transparente, através do qual se podia vislumbrar o corpo alvo, faiscando com pintas de ouro. Ela mexeu a cabeça e os cabelos louros e compridos caíram pelos ombros, por baixo da tiara de rubis. A moça pôs-se a andar novamente pela passarela. Agora, os refletores focalizavam-na tanto do palco como dos fundos do teatro.

Estava nua, mas não despida, uma noiva num vestido, encaminhando-se para o altar.

– É Lauren! – sussurrou Carrol . – Mas pensei que fosse Janette...

– Janette achou que Lauren ficaria melhor – respondeu Jacques.

Lauren estava agora virando-se lentamente, no estilo das manequins, ao final da passarela.

Lentamente, os aplausos começaram a soar. Jacques olhou ao redor. Não era a claque. Eles ainda aguardavam o seu sinal. Era mesmo a audiência.

Lauren virou e começou a voltar pela passarela, girando outra vez, o corpo brilhando como marfim sob a seda. Encaminhou-se para a arcada e parou de repente, como se estivesse com medo. E de repente o demônio apareceu.

Ele parou, depois gesticulou com o tridente para a moça. Como se estivesse hipnotizada, ela aproximou-se do demônio. Estavam agora juntos. O demônio pôs os braços nos ombros dela e começou a deslizar o vestido lentamente, descendo-o pelo corpo. Ela parecia paralisada.

Depois, quando os seios com pintas douradas libertaram-se do vestido, ela jogou-se nos braços do demônio. Com um sorriso de triunfo diabólico, ele começou a levá-la pela arcada. E foi então que houve uma súbita explosão, uma trovoada, uma nuvem de fumaça, o palco escurecendo. Eles haviam desaparecido.

E o público ficou frenético.

As luzes se acenderam, enquanto as manequins, cada uma no último vestido que usara, começaram a passar pela arcada, atravessando o palco e percorrendo a passarela. Lauren foi a última a aparecer, novamente no vestido de noiva, de braço com o demônio, que agora exibia na cabeça uma cartola vermelha.

Os aplausos continuaram e os fotógrafos estavam agora subindo na passarela, os flashes espocando. Subitamente, Lauren virou-se, correu de volta pela arcada e depois tornou a sair, desta vez trazendo um Philippe aparentemente relutante, pálido e nervoso, mas sorridente e satisfeito ao mesmo tempo. Os

aplausos aumentaram de intensidade.

Jacques olhou para o líder da claque, que estava esperando por seu sinal. Ele acenou quase imperceptivelmente. Um instante depois, o coro começou: – Janette... Janette... Janette...

Gritos de bravo ressoaram e o coro foi num crescendo: – Janette... Janette... Janette...

Desta vez foi Philippe quem se virou para a arcada. Ele estendeu a mão e Janette apareceu no palco. O letreiro por cima da arcada começou a faiscar, exibindo o nome dela. Janette ficou parada por um momento, sorrindo, enquanto uma bateria de flashes espocava diante de seus olhos. Esguia, alta e bonita, ela estava vestida na antimoda, uma jeans vermelha e blusa comum, botas vermelhas de cowboy até a metade das canelas, um quepe vermelho de maquinista de trem. Ela abraçou Philippe e os dois avançaram juntos pela passarela.

Mais e mais fotógrafos e repórteres subiam na passarela. Não demorou muito para que eles ficassem cercados pelo pessoal da imprensa, começando a recuar para os bastidores.

Jacques levantou-se e encaminhou-se para a saída do teatro. Queria avaliar a reação do público, se fosse possível. Mais uma vez ficou parado na arcada, desta vez observando as pessoas deixarem o teatro, ouvindo o zumbido excitado das vozes.

Mas foi Fairchild quem lhe ganhou a noite. Pegou Jacques pelo braço e puxou-o para um lado.

– Não sei quem vai comprar ou sequer usar as roupas, mas esta é a coleção mais excitante em muitos anos. Terá a primeira página de meu jornal amanhã. Eu gostaria de conversar com Janette, mesmo que fosse por apenas dez minutos, se você puder dar um jeito.

– Quando? – perguntou Jacques.

– Agora. Quero a primeira entrevista dela, exclusiva, para os Estados Unidos.

– Vamos embora – disse Jacques, começando a abrir caminho pela multidão. – Basta segurar-se em meu braço.

Eram três horas da madrugada e apenas algumas pessoas permaneciam, das muitas que haviam apinhado a pequena sala nos bastidores, depois do desfile. Philippe estava sentado no sofá, conversando com dois repórteres. Marlon estava parado protetoramente por trás dele.

Garrafas de champanhe e copos vazios estavam espalhados por cima da mesa, por trás da qual Janette, Jacques e Carroll estavam empenhados numa profunda discussão.

– Acho que conseguimos – disse Jacques. – Tanto Goodman como Neiman-Marcus querem aparecer amanhã para revisar a linha. Saks, Marshal Field e I. Magnin também manifestaram seu interesse.

– Olhar não custa nada – comentou Carroll. – Comprar é outra coisa.

– Eles comprarão – disse Jacques, confiante. – Estamos recendendo a um vencedor.

A conversa foi interrompida quando diversos fotógrafos e repórteres, depois de concluírem o trabalho com as manequins e as roupas, entraram na sala, querendo as últimas declarações de Janette e Philippe.

Jacques levantou-se.

– Onde está Lauren? Charles quer que eu combine com ela algumas sessões para fotografias. Todos os fotógrafos da cidade estão querendo retratá-la.

– Ela estava aqui um momento atrás – respondeu Janette. – Acho que saiu com Patrick.

Jacques encaminhou-se para a porta, mas Janette deteve-o: – É melhor você ficar aqui até acabarem todas as entrevistas. Poderemos pegá-los quando formos embora.

No beco logo depois da entrada dos bastidores, Lauren estava encostada no prédio, tragando rapidamente o cigarro de maconha fino que tinha entre os dentes.

– Isso ajuda – disse ela, passando o cigarro para Patrick.

Ele deu uma tragada e olhou para Lauren.

– Mas é muito bom! Não foi aqui que conseguiu, não é mesmo?

Lauren sacudiu a cabeça.

– É americano. Um Harvey número seis.

Ele deu outra tragada e devolveu o cigarro a Lauren.

– Você parecia cheia lá dentro. Foi por isso que a convidei para dar uma saída.

– E foi ótimo. Estava mesmo um saco.

– Um saco?

– Sabe como é... uma coisa chata, falsa, aquele negócio de beijinho no rosto, maravilhosos e queridas. Ninguém está realmente falando sério. Aposto que se eles dissessem o que realmente pensam, ninguém falaria com ninguém.

Patrick riu.

– Você não vai muito com esse tipo de vida.

– Não é a minha cena. Já tive bastante disso em casa. Meus pais também estão metidos nessas coisas de negócios. – Um pensamento súbito ocorreu a Lauren. – Nunca pensei que Janette fosse assim. Pensava que ela fosse diferente. As fotografias e as histórias que li a respeito dela... Parecia que Janette estava

sempre se divertindo, jamais se preocupando com coisa alguma.

– Eu gostaria que fosse verdade – comentou Patrick, tristemente.

– Mas ela realmente ama o seu trabalho.

– Não entendo o que ela está querendo provar. Afinal, não precisa do dinheiro.

– Foi o que já falei a ela uma porção de vezes. Mas Janette diz que eu não posso entender.

– Pois eu também não entendo – disse Lauren, devolvendo-lhe o cigarro de maconha. – Mas talvez as coisas melhorem. Ela disse que iríamos para sua *villa* em St. Tropez depois da apresentação das coleções.

– Isso seria sensacional. Posso levá-las de avião até lá. Meu iate está ancorado no porto.

Vamos nos divertir a valer.

Ele deu outra tragada.

– Puxa! – exclamou, largando o cigarro. Olhou para o chão e acrescentou. – Essa porra me queimou o dedo. Desculpe.

– Não foi nada. O que me diz de voltarmos ao zoológico para ver como estão os internados?

Todos os representantes da imprensa já haviam ido embora quando eles voltaram à sala de Janette nos bastidores. Janette estava atrás da mesa, Carroll e Jacques em cadeiras à sua frente, Philippe e Marlon no sofá. Carrol levantou-se e beijou Lauren no rosto.

– Você estava linda, meu bem – disse ela, no maior entusiasmo. – Temos grandes coisas planejadas para você.

Lauren ficou aturdida.

– Não estou entendendo.

Carrol riu.

– É agora uma estrela, meu bem. O grande sucesso do espetáculo. Todos os fotógrafos da cidade estão atrás de você. Falei a Jacques que só vamos trabalhar com os melhores.

Lauren virou-se e olhou para Janette, ainda sentada atrás da mesa.

– Não me falou coisa alguma sobre isso.

– Eu não sabia de nada antes do desfile – respondeu Janette.

– É isso mesmo – comentou Carrol . – Ninguém poderia imaginar. Mas foi o que aconteceu.

Quer você goste ou não, foi o grande sucesso do desfile.

– Pensei que íamos para St. Tropez depois do desfile – disse Lauren, olhando para Janette. – Avisei a Harvey que fosse nos encontrar lá, no fim de semana.

Carrol tornou a falar antes que Janette pudesse responder: – Pode ir depois

para St. Tropez.

O importante é malhar agora, enquanto o ferro ainda está quente.

Lauren ficou em silêncio por um momento.

– Só me apresentei no desfile pela emoção. Se soubesse que havia mais alguma coisa por trás, não teria aceitado.

– Mas aceitou e agora tem de assumir – disse Carroll.

Lauren virou-se novamente para Janette.

– Tenho mesmo? Patrick disse que nos levaria para St. Tropez amanhã, em seu avião. O iate dele já está no porto.

Janette fitou-a nos olhos.

– Não precisa fazer nada que não queira, *chérie*.

Carrol alteou a voz, furioso: – Que diabo está querendo insinuar, Janette? Ela tem de fazer.

Meu pessoal de relações públicas já está planejando transformá-la na base de nossas promoções nos Estados Unidos. Falei com eles e disse que podiam começar a trabalhar.

Janette sustentou o olhar furioso dele.

– Pois então lhes diga para procurarem outro ângulo. Lauren não veio a Paris para trabalhar, e sim para me visitar.

– Não quero saber o que ela veio fazer aqui! – berrou Carroll. – Não vou meter dois milhões de dólares neste negócio para deixar que uma garota estúpida decida o que quer ou não fazer! Você tem de obrigá-la!

A voz de Janette era enganadoramente suave: – E se eu não quiser fazê-lo?

– Então o negócio está cancelado! É melhor aprender logo de uma vez que não mais toma decisões sozinha e que eu sou o homem no comando!

Janette fitou-o fixamente por um momento e depois virou-se para Lauren.

– Pode planejar a viagem para St. Tropez com Patrick amanhã.

Carrol olhou-a com uma expressão rancorosa.

– É melhor pensar duas vezes. Está me devendo 170 mil dólares neste momento. Antes de tomar qualquer decisão, é melhor arrumar o dinheiro para me pagar.

Lauren olhou para a irmã e disse, hesitante: – Se é tão importante assim, Janette...

Janette interrompeu-a gentilmente, dizendo em francês.

– Não se preocupe com isso, *chérie*. Mais cedo ou mais tarde esse porco terá de aprender que há algumas coisas que o dinheiro não pode comprar.

Ela virou-se novamente para Carrol e acrescentou, em inglês: – Sugiro que pense a respeito.

Minha decisão já está tomada.

– Johann não vai gostar – disse Carrol , em tom de ameaça.

– Johann também não vai gostar de você usar Lauren para se promover.

– Temos um trato.

– O trato foi comigo e não com minha irmã – respondeu Janette. – Além do mais, ainda não assinamos coisa alguma. Portanto, não há nenhum trato que não possa ser revogado.

– Você ainda me deve 170 mil dólares.

– Apareça no escritório amanhã e receberá o seu dinheiro.

– Você não tem o dinheiro – comentou Carrol , sarcasticamente. – Conferi os balanços de sua companhia.

– De onde vou tirar o dinheiro não é de sua conta. Apareça no escritório amanhã e receberá tudo.

Ele fitou-a atentamente.

– Não pode fazer negócio com Bidermann ou qualquer outro enquanto não me pagar.

– Sei disso.

– Estarei em seu escritório às nove horas da manhã para receber o cheque.

– Estará pronto. Pode passar no caixa.

– É melhor que tenha fundos, pois vou levá-lo diretamente ao banco.

Janette levantou-se em silêncio e contornou a mesa. Parou diante de Carroll e fitou-o nos olhos.

– Seu porco! – gritou ela, a voz cheia de desprezo, a mão aberta deslocando-se quase depressa demais para se poder ver, estalando sonoramente na cara de Carrol .

Ele recuou, aturdido, as marcas brancas dos cinco dedos ressaltando na face avermelhada.

– É melhor sair daqui imediatamente antes que eu mande expulsá-lo!

Ela voltou para trás da mesa, antes que Carrol tivesse qualquer chance de reagir. Ele levou a mão ao rosto e fitou-a aturdido.

– Você está louca!

– Saia daqui! – berrou Janette. – Saia logo ou vou matá-lo!

Abruptamente, ele virou-se e encaminhou-se para a porta. Olhou para trás e disse: – Philippe, Marlon, vamos embora!

O designer e seu amigo levantaram-se constrangidos. Encaminharam-se para a porta em silêncio, sem olharem para Janette. Carrol fitou-a com um sorriso.

– Você se estrepou. Philippe já assinou um contrato comigo, a entrar em vigor no próximo ano. Imaginei que poderia tentar me trair e tomei as minhas precauções.

Sem dizer nada, Janette ficou observando a porta se fechar, depois que eles

saíram. Virou-se então para Lauren e perguntou, a voz calma: – Importa-se se Patrick levá-la para casa? Ainda tenho alguns negócios para acertar com Jacques esta noite.

– Posso esperar, Janette.

– Não. Seria melhor ir embora agora. Podemos passar o resto da noite trabalhando. E você precisa descansar um pouco antes de Patrick levá-la para St. Tropez.

Lauren contornou a mesa e beijou Janette no rosto.

– Lamento muito. Eu não queria causar-lhe qualquer problema.

– Não há motivo para se preocupar, *chérie*. Nada do que aconteceu foi culpa sua.

– Se ajudar, posso falar com papai.

Janette conseguiu exibir um sorriso.

– Obrigada, *chérie*, mas não será necessário. Posso cuidar daquele verme sozinha. E agora vá para casa e descanse um pouco. – Janette olhou para Patrick. – Leve-a direto para casa, está bem?

Patrick sorriu.

– Pois não, mamãe.

Janette soltou uma risada.

– Isso é que é ser um bom rapaz. Assim é que se fala. – Ela virou-se e beijou Lauren novamente. – Boa-noite, *chérie*. Voltaremos a nos falar pela manhã.

Outro beijo rápido no rosto e os dois foram embora. Janette virou-se para Jacques.

– Cá estamos novamente. Nada mudou. Somos apenas nós dois.

Jacques bateu na palma da mão esquerda com o punho direito.

– Mas que filhos da puta nojentos! Nunca nos disseram uma só palavra. Vou arruinar aquele desgraçado. Espere só até eu espalhar a notícia de que a coleção foi idéia sua e não dele.

Todos vão pular. Já sabem que você recusou a primeira coleção que ele apresentou.

– Philippe é a menor das minhas preocupações, Jacques. Poderemos cuidar dele a qualquer momento. Neste momento, tenho é de arrumar o dinheiro para Carroll.

– Talvez ele mude de idéia – disse Jacques, esperançoso.

– Mesmo que ele mude, não quero mais saber dele, porque esta coleção prova que podemos conseguir o que queremos. A partir do momento em que eu pagar a Carrol , tenho certeza de que poderemos arrumar um negócio melhor com outro.

– São três horas da madrugada. Como vai arrumar um milhão de francos em

seis horas?

– Um milhão de francos... – repetiu Janette, pensativa. – Não era essa a cifra que Maurice mencionou que tinha para investir?

Jacques assentiu. Janette levantou-se.

– Então o que estamos esperando? Vamos à Ile *Saint-Louis*, a fim de acordá-lo e descobrir se ele estava falando a sério.

– Você conhece Maurice, Janette. Não é um homem fácil de se lidar. Terá de pagar por esse dinheiro. De um jeito ou de outro.

– Tem alguma outra idéia?

– Que tal o seu amigo Patrick? A companhia da família dele acaba de comprar a Kensington Mil s, nos Estados Unidos. Ouvi rumores de que eles podem entrar no varejo. E saberão reconhecer que temos um bom negócio a oferecer.

– Patrick não tem nada a ver com as empresas da família. Ele segue seu próprio caminho, a família vai em outra direção. E nenhum dos dois lados quer se envolver com outro. Assim, Patrick está excluído. E só resta Maurice.

Janette encaminhou-se para a porta, parou de repente, olhou para Jacques.

– Onde foi que erramos?

– Como assim?

– Ainda não consegui chegar a uma conclusão. Ganhamos... ou perdemos?

***

Era uma viagem de apenas dez minutos de carro do Lido, no Champs Elysées, até a casa. Foi somente quando já estavam quase chegando que Patrick falou: – Tem mesmo de ir deitar?

Estou ligadão. Não vou conseguir dormir.

– Estou pregada. Além do mais, você ouviu minha irmã.

– Ouvi, sim. – havia um tom de admiração na voz de Patrick – Já viu alguma coisa assim?

Não foi sensacional o tapa que ela deu na cara de Carrol ? Pensei que fosse arrancar a cabeça dele.

Lauren riu.

– Eu bem que gostaria que isso tivesse acontecido. Minha irmã tem muita coragem.

Patrick assentiu.

– Ela não é de brincadeira. Eu não gostaria de ser inimigo dela. Janette é

capaz de matar um homem.

Lauren riu, enquanto Patrick parava o carro diante da casa.

– Acho que ela não chegaria a esse ponto.

O motorista saltou e abriu a porta do Rolls-Royce prateado de Patrick. Lauren inclinou-se e beijou o rosto de Patrick.

– Até amanhã.

Patrick fitou-a atentamente.

– Não quer me deixar tocar na sua xoxota só por um segundo? Depois poderei lamber os dedos enquanto volto para casa, e me sentirei feliz.

Lauren soltou uma risadinha.

– Não seja tolo.

Ela saltou do carro. Patrick acompanhou-a até a porta e ficou esperando, enquanto ela apertava a campainha.

– O que será de Jacques e Janette estão fazendo neste momento?

– Ela disse que ainda tinham muito trabalho a fazer.

– Será que ele tem um pau grande?

– Não tenho a menor idéia. E também não estou interessada em descobrir. – A porta se abriu. Lauren tornou a beijá-lo no rosto. – Boa-noite. E até amanhã.

– Espere um instante – disse Patrick, quando ela já estava passando pela porta. – A que horas?

Lauren virou-se para fitá-lo.

– Ao meio-dia está bem?

– Está ótimo. Mandarei o carro vir buscá-la.

Lauren fechou a porta e começou a subir a escada. Virou-se quando o mordomo falou: – Tudo correu bem, *Mademoiselle* Lauren?

– Correu, sim. Foi a noite mais linda que já existiu.

***

Harvey rolou da esteira para se abrigar do sol ardente de agosto na barraca.

– Filho da puta!

Lauren virou a cabeça para ele.

– O que houve?

– Trinta francos por uma esteira e uma barraca! Isso é um assalto!

Lauren riu.

– Isso é francês.

– E se a gente quisesse ficar deitado só na areia? Sem mais nada?

– Onde? – perguntou Lauren, gesticulando para a praia apinhada, completamente ocupada por pessoas em esteiras.

– Vi uma praia mais adiante. As pessoas levavam as suas próprias esteiras e barracas.

– Pode ir para lá, se quiser. É a praia pública.

– E por que não vamos? Pelo menos não me sentirei roubado.

– Podemos experimentar amanhã.

– É o mesmo sol, a mesma areia, a mesma água.

– Está certo. Iremos para lá amanhã.

Harvey observou-a atentamente.

– Seus peitos estão ficando fritos.

Lauren sentou-se estendendo a mão para pegar a loção de bronzear na sacola de praia.

– Vou passar mais um pouco de óleo. Harvey ficou olhando.

– Acho que ainda não me acostumei. Nunca vi tantos peitos em toda a minha vida. O que será que elas fazem com as partes de cima do biquíni que nunca usam?

– Não tenho a menor idéia.

– Talvez alguém esteja fazendo um bom negócio comprando-as. – Ele sorriu subitamente. – Pense só nisso. Posso pegar uma fatia do mercado de partes superiores de biquíni.

Lauren riu.

– O que faria com elas?

– Não sei. Tenho de pensar em alguma coisa. – Ele olhou para a lata de spray com loção que Lauren tirara da bolsa. – Espere um instante. Tenho uma coisa melhor para você usar.

Harvey pegou um pote de barro na sua bolsa. Tirou a tampa de cortiça e estendeu para Lauren.

– Experimente isto. Mas antes passe água no corpo.

– O que é isso?

– Argila de Humboldt, misturada com óleo de jojoba. Os índios usam para curar a pele. E também faz com que seu bronzeado seja mais rápido, sem arder.

Lauren farejou o pote aberto.

– Tem um cheiro esquisito.

– É natural. Todas essas porcarias que você usa têm perfume.

– Onde conseguiu?

– Está cheio lá na fazenda. A mãe de Johnny é que prepara. Usam para tudo: talhos, picadas de inseto, sei lá mais o quê.

– E realmente funciona? – perguntou Lauren, ainda cética.

– É o que eu uso. E estou aqui há apenas dois dias, mas já me tornei mais bronzeado que você.

– Está bem – disse Lauren, levantando-se. – Vou dar um mergulho e volto já para pôr.

Harvey ficou apoiado num cotovelo, observando-a seguir para a água. De certa forma, Lauren parecia diferente ali. Era estranho ouvi-la falar em francês. Na Califórnia, o fato de que ela era francesa nunca lhe passara pela cabeça. Lauren era igual a todas as outras garotas que existiam por lá. Mas muitas coisas haviam mudado no mês que transcorrera desde que começara a viagem.

Lauren estava até andando de maneira diferente. Parecia mais empertigada, meneando mais os quadris. Antes ela caminhava em passadas largas, agora dava a impressão de que os quadris estavam presos às pernas e não à cintura.

E ela estava mais magra, as costelas mais definidas, os ossos pélvicos saltados para frente, de tal forma que a curva sob a barriga parecia fluir entre as pernas, num monte que dava a impressão de se projetar das coxas. Harvey sabia o que acontecera. Ela estava mais sensual. Na Califórnia, fora uma garota. Ali, era uma garota-mulher.

Automaticamente ele pôs-se a vasculhar sua bolsa à procura de um cigarro de maconha. E foi então que se lembrou. Ali era a França. Não se podia fumar maconha na praia. Não apenas a polícia era rigorosa, mas também as pessoas protestavam. Ninguém se importava se alguém bebia ate ficar de porre. Como também ninguém se importava que você fosse bicha ou não.

Mas era só pegar um cigarrinho de maconha para que todo mundo ficasse furioso.

Lauren voltou da água e estendeu-se na esteira ao lado dele.

– O que devo fazer, Harvey? Salpicar no corpo?

Ele sacudiu a cabeça.

– Ponha um pouco nas mãos e esfregue até virar uma pasta bem fina, aplicando em seguida. Espalhe bem. Um pouco dá para muita coisa.

– Está certo.

Harvey ficou observando-a.

– Posso passar nos seus peitos, se você quiser.

Lauren riu.

– Pode deixar que eu mesma cuido disso. Mas você pode passar nas minhas costas, se quiser.

– Algumas pessoas estão sempre tirando a alegria da vida da gente – resmungou Harvey. – Puxa, estou com a maior fome! Quando vamos comer?

– Patrick deve estar chegando. Ele disse que almoçaria com a gente.

– Ele não vai conseguir chegar, a julgar pela maneira como estava quando o

deixamos ontem à noite. Estava tão apagado que terá sorte se acordar lá pelo fim da semana.

– Pode deixar que ele virá – disse Lauren, rindo. – Mas ainda acho que você não deveria ter dado aquele número oito para ele.

– Foi ele quem pediu. Ficou dizendo que todo o nosso fumo não era nada em comparação com o seu haxixe marroquino. – Harvey soltou uma risada. – Viu a cara dele depois que deu só duas puxadas? Entrou em parafuso.

Lauren riu também.

– Foi mesmo. Nunca o vi assim. Mas ele vai levantar e aprontar algumas linhas. E estará aqui como prometeu.

Ela virou-se e acrescentou: – Passe agora nas minhas costas.

***

Patrick fez um esforço para emergir do sono. Abriu os olhos lentamente para a escuridão do camarote principal. Nenhuma réstia de luz passava pelas cortinas duplas que cobriam as vigias.

Estendeu a mão para trás, apertando um botão na parede por trás da imensa cabeceira redonda da cama. A luz começou a entrar lentamente no camarote, enquanto as cortinas deslizavam para o lado, acionadas eletricamente.

Ele sentou-se e virou a cabeça, deparando com o traseiro nu, que era tudo o que estava à mostra entre as cobertas, da garota adormecida ao seu lado. Ele deu uma palmada gentil no traseiro.

– Acorde, Anne.

O traseiro sacudiu-se para ele e a voz saiu de baixo das cobertas: – Não é Anne, mas Meg.

Ele tornou a bater no traseiro.

– Acorde mesmo assim.

Patrick pegou o telefone na mesinha-de-cabeceira. O camareiro respondeu: – Bom-dia, milorde.

– Bom-dia. Que horas são?

– Uma hora da tarde, milorde.

– Vou querer um chá.

A voz de Meg tornou a soar, ainda abafada pelas cobertas: – Eu gostaria de suco de laranja e café.

– E um suco de laranja e café – acrescentou Patrick ao telefone.

– Pois não, milorde. Providenciarei imediatamente.

Patrick desligou e tornou a contemplar o traseiro da garota.

– Você tem uma bundinha linda.

A garota mexeu-se, virou na cama, depois sentou-se ao lado dele. Sacudiu a cabeça, os cabelos vermelhos encaracolados lhe emoldurando o rosto. Até mesmo o sorriso indicava a ascendência irlandesa, contraindo o rosto alvo e sardento e os cantos dos olhos azuis.

– Foi o que você disse ontem à noite, mas estava dormindo antes que eu pudesse fazer qualquer coisa.

Patrick riu.

– Aquele amigo americano de Lauren parece estar distribuindo bombas-relógio por aí.

– A culpa foi sua. Ficou insistindo que queria dar uma puxada.

– Não me lembro. O que aconteceu com Anne?

– Ela levantou cedo. Disse que queria ir à praia.

Houve uma batida na porta e o camareiro entrou com uma bandeja.

– Bom-dia, milorde. Bom-dia, *miss*.

Ele pôs a bandeja na cama, entre os dois, Patrick fitou-o.

– Algum recado?

– Há, sim, milorde. *Miss* Janette telefonou. Disse que chegaria ao aeroporto de Nice no vôo das seis horas da tarde, junto com uma amiga. Pediu que fizesse a gentileza de mandar o helicóptero buscá-la.

Patrick assentiu.

– Providencie isso. – Ele pegou o bule de chá. – E diga ao comandante para levar o barco a Maurea Beach. Prometi a algumas pessoas que iria encontrá-las lá às duas horas.

O camareiro retirou-se e Meg tornou a sentar-se na cama, o lençol com que estivera se cobrindo caindo para a cintura.

– Posso lhe servir o chá?

– Por favor.

Patrick ficou observando-a servir o chá, os seios firmes encostando nos braços, enquanto se inclinava para a frente.

– Quer leite?

– Quero, sim, obrigado.

– Está bom assim? – Ela fitou-o, ainda segurando o pequeno jarro com leite morno. – Está com uma expressão esquisita.

– Estou ligeiramente surpreso – disse Patrick, com um sorriso, empurrando as cobertas para o lado e revelando sua ereção: – Estou com tesão.

Meg largou o jarro e acariciou o pênis de leve.

– Que coisa linda...

Patrick tornou a sorrir.

– Não quer dar uma chupadinha?

– Claro. Mas pode esperar um pouco? Não posso comer nada enquanto não tomar um suco de laranja e um café.

***

Tudo pareceu mudar no instante em que Janette desembarcou do helicóptero, no gramado na frente da casa. O sol estava se pondo por trás das montanhas a oeste, além de Sainte-Maxime. Harvey teve a sensação de que ela emergira subitamente da terra, enquanto os raios de sol incidiam sobre o vestido branco, cuja saia ela segurava, enquanto corria sob as hélices a girarem lentamente.

Um momento depois, quase antes mesmo de ela terminar de cumprimentá-los, parecia que toda St. Tropez convergira para a casa. Carros começaram a aparecer no caminho, as pessoas vinham de todas as direções. Uma hora depois, a tranqüilidade da *villa* desaparecera por completo, o pandemônio era total, todos gritavam e riam, ninguém parecia escutar ninguém.

Ou talvez assim parecesse a Harvey porque na maior parte do tempo ele não entendia o que os outros diziam. Não falava uma única palavra de francês.

Ele avançou pela sala apinhada na direção da escada. Champanhe não era o seu forte. Ia puxar um fumo.

Lauren alcançou-o ao pé da escada.

– Para onde está indo?

– Preciso puxar um fumo.

Ela correu os olhos pela sala e depois sorriu.

– Eu também.

Estava mais quieto no quarto dele, depois que fechou a porta. Enrolou o cigarro rapidamente e puxou fundo. Passou-o a Lauren, perguntando: – É sempre assim?

Ela deu de ombros, aspirando a fumaça fundo para os pulmões.

– Não sei. Esta é a primeira vez para mim.

– Seria melhor se ficássemos a sós.

– A casa é dela.

– Sei disso. E não estou me queixando. Sua irmã é uma coisa especial. Há alguém na cidade que ela não conheça?

Lauren riu. Já estava sentindo os efeitos da maconha.

– Acho que não.

– E você gosta disso?

– Não é a minha. Mas, como você, sou apenas uma visita aqui. – Ela devolveu o cigarro. – Esse é bom. Que número é?

– É novo. Número 12. Sobe direto.

– Como está a maconha sem sementes?

– Estamos chegando lá. É apenas uma questão de tempo...

– Tem mais um pouco daquela argila de Humboldt? A coisa funciona de verdade, e eu gostaria que Janette experimentasse.

– Tenho sim. Ela vai ficar muito tempo aqui?

– Viaja para Nova York na segunda-feira. Alguma coisa aconteceu. Se não fosse assim, passaria a semana inteira em St. Tropez.

– Ela está realmente empenhada nos negócios, não é mesmo?

Lauren assentiu.

– Quem é aquela garota com ela, a tal de Stéphane?

– Uma amiga.

– Uma amiga amiga ou...

Lauren não respondeu.

– Ei, não estou querendo ser intrometido!

– Não foi nada. – Lauren aproximou-se da janela. Harvey seguiu-a e os dois ficaram olhando para o helicóptero no gramado. – O que acha do Patrick, Harvey ?

– Gosto dele, é um cara bacana.

– Ele quer casar com Janette.

– Ahn... – Ele deu outra tragada no cigarro de maconha e passou-o a Janette. – Pensei que ele estava tendo alguma coisa com aquelas duas garotas. Elas dormem no camarote dele.

– Sei disso. E não dá para entender.

– Somos dois a não entender. – Harvey soltou uma risada. – Este é realmente outro mundo.

Não tem nada a ver com Paradise Cove.

Lauren riu também.

– Não tem mesmo.

***

Parecia que ninguém jamais dormia. O jantar naquela noite foi tarde, no iate de Patrick, o Fantasist, ancorado no porto de St. Tropez. Foi serviço americano, e as pessoas pareciam entrar e sair à vontade. Depois de algum tempo, Harvey

perdeu a conta do número de convidados.

Em determinado momento, calculara que havia mais de 40 pessoas.

O barulho da música saindo dos alto-falantes espalhados por todo o iate era quase abafado pelas vozes que gritavam. Ninguém parecia falar num tom normal de conversa. Não havia sentido nisso, pois ninguém seria ouvido, se o fizesse.

A noite foi se arrastando, a mesa do bufê parecia nunca ficar vazia, uma travessa sendo substituída por outra assim que a comida acabava. Por volta de meia-noite, todos estavam altos. Não podia ser apenas o vinho e champanhe. Havia um cheiro de fumo no ar, não o odor familiar de marijuana, mas a fragrância mais forte de haxixe, conforme as narinas treinadas de Harvey prontamente perceberam.

Ele não levou muito tempo para descobrir que estavam sendo distribuídos grossos cigarros, ao estilo inglês, com uma mistura de haxixe e tabaco. Pegou um para experimentar. A coisa subia bem, mas não era tão boa quanto a sua maconha.

Por volta de uma hora da madrugada, foram todos para uma discoteca chamada Papagayo, na extremidade do porto. A pista estava apinhada de dançarinos pulando e suando. Um conjunto pequeno tocava num jirau por cima da pista. Ali também o barulho impedia as conversas e todos gritavam. Olhando para a pista de dança, Harvey não podia distinguir uma garota de outra. Todas estavam vestidas quase iguais. Eram blusas transparentes, os seios aparecendo claramente, calças bem justas ou microssaias, algumas com calcinhas de biquíni por baixo, outras sem nada, sapatos de saltos altos ou botas, cabelos muito compridos, caindo pelos ombros e cinturas ou cortados bem rentes, ao estilo juvenil. Em contraste os homens eram quase insípidos, calças pretas ou brancas, camisas estampadas coloridas. Ali também o cheiro de haxixe pairava no ar.

Harvey não dançou. Ficou sentado na mesa pequena e desconfortável, com um copo de champanhe que não provara, observando a ação na pista. Na França, homens dançavam com homens e mulheres dançavam com mulheres, às vezes dançavam sozinhos, sem que ninguém parecesse prestar a menor atenção. Ele ficou observando Lauren na pista. Ela parecia sobressair. Os franceses pulavam para cima e para baixo ao compasso da música, quase como marionetes acionados por cordões, enquanto Lauren parecia fluir naturalmente no ritmo. Ela sorriu para Patrick, com quem estava dançando.

Harvey correu os olhos pela pista, à procura de Janette. Nem ela nem sua amiga estavam na pista. Depois de um momento, ele avistou-as aproximando-se da mesa, vindo do banheiro.

Janette sussurrou alguma coisa para a amiga, que seguiu até a pista e pôs-se a

dançar sozinha.

Janette sentou-se ao lado dele.

– Está se divertindo? – perguntou ela, alteando a voz acima da zoeira.

Harvey assentiu, contemplando-a. Os olhos dela estavam brilhando.

Harvey levantou um dedo, umedeceu-o, depois tocou de leve no lado do nariz de Janette.

Provou o dedo e sorriu.

– Você desperdiça muito pó.

Janette riu.

– Como soube?

– É preciso ser um conhecedor para saber. Se você gosta, posso lhe oferecer uma coisa boa de verdade, quando voltarmos para casa.

– Posso imaginar. Lauren me contou tudo a seu respeito. O que conseguimos aqui na França não é bom. Mas já é melhor do que nada.

– Acho que está certa. Mas o negócio é misturado. E não me agrada. A gente cai com muita força.

Patrick e Lauren voltaram à mesa.

– Está ficando muito chato aqui – comentou Patrick. – Vamos à *Cave du Roi*?

Janette sacudiu a cabeça.

– Eu não vou. Jacques chegará de Londres pela manhã e teremos de acertar uma porção de problemas.

– Pensei que viesse passar um fim de semana aqui só para se divertir – comentou Patrick, em tom de censura.

Janette sorriu.

– E estou me divertindo. Vocês podem continuar. Eu voltarei à *villa*.

– Não vamos deixá-la ir sozinha – disse Patrick. – Todos iremos com você.

Ao chegarem à *villa*, já eram mais de três horas da madrugada e havia pelo menos 15 pessoas no grupo. Quase no instante mesmo em que entraram, a vitrola começou a funcionar a todo volume a apareceram os cigarros de haxixe. Havia fumo suficiente na sala para se ficar alto só de respirar. Poderiam perfeitamente ter continuado na discoteca, porque empurraram os móveis para os cantos e voltaram a dançar. Em pouco tempo, estavam todos suando, algumas das garotas começaram a tirar as partes superiores das roupas. As primeiras foram Meg e Anne, as duas garotas que estavam com Patrick, logo seguidas pelas outras, até que somente Janette e Lauren continuavam com suas blusas.

A festa passou para o terraço e depois estavam todos nus na piscina.

Lauren foi postar-se ao lado de Harvey, observando os outros na piscina.

– O que você acha, Harvey?

Ele fitou-a.

– Estou vendo, mas não acredito. – Lauren soltou uma risada e ele acrescentou: – Você parece muito certinha.

– Não posso entrar na deles.

– Como todo mundo, a gente faz aquilo a que está acostumado. – Harvey olhou ao redor. – Onde está sua irmã?

– Ela foi deitar. Por quê?

Ele gesticulou.

– A amiga dela está grudada com aquela outra garota, lá na piscina.

Lauren acompanhou o olhar dele. Ficou em silêncio por um momento. E finalmente disse: – Não é problema meu.

Patrick aproximou-se deles.

– Estou morrendo de fome. Vamos a La Goril e para comer presunto com ovos?

– Grande idéia – disse Lauren. – Também estou faminta.

– O que não é o meu caso – disse Harvey. – Acho que vou me deitar. Sou um simples matuto.

Não estou acostumado a ficar acordado até esta hora.

***

Jacques não perdera tempo. Janette estava na piscina, às 11 horas da manhã, quando ele chegou. Meticulosamente, ela seguira sua rotina, a mesma que mantinha ao longo de todos os anos em que passava temporadas no sul da França. Todas as manhãs, nadava invariavelmente de um lado a outro da piscina por 50 vezes. Pelo canto do olho, avistou Jacques se aproximar, mas não saiu para recebê-lo enquanto não terminou. Só então é que deixou a piscina, envolvendo a toalha grande em torno do corpo nu.

– O corpo continua fantástico – comentou Jacques.

– Exige algum trabalho para mantê-lo assim. Já não sou mais jovem.

Ele riu.

– Ainda tem muita coisa pela frente.

Janette foi até a mesa e pegou a campainha.

– Já comeu?

– Comi no avião – respondeu Jacques. – Mas tomarei um café com você.

O criado apareceu e Janette pediu café. Ela sentou-se diante de Jacques, enxugou os cabelos com uma toalha, depois sacudiu-os para terminar de secar ao

sol. Pegou o maço de cigarros em cima da mesa e acendeu um.

– Como foram as coisas em Londres?

– Melhor do que esperávamos. Já temos encomendas para aproximadamente 50 mil libras.

Janette assentiu.

– A média anterior para Londres era de 10 a 15 mil libras.

– Ganharemos muito dinheiro este ano, Jacques. Mas ainda estamos com o problema. Para onde iremos agora? Maurice quer que eu fale com Johann.

– Talvez não haja necessidade. Resolvi correr um risco e telefonei para John Fairchild. Ele ficou bastante excitado. Como já sabe, Fairchild adorou a coleção. E também adora o poder de ser um fazedor de rei. E ligou pessoalmente para o presidente da Kensington Mills. Recebi um telefonema uma hora depois.

O criado trouxe o café e retirou-se em seguida. Janette encheu a xícara de Jacques e depois a sua.

– Acha que eles estão realmente interessados? Ou estão apenas sendo polidos com Fairchild?

– Eles estão ansiosos – declarou Jacques, enfaticamente. – Pude sentir por suas vozes. Por que outro motivo marcariam uma reunião com o presidente, o vice-presidente executivo e o presidente do conselho de administração? A Kensington é uma grande companhia, a segunda maior fabricante de fibras artificiais do mundo, depois da Du Pont, a segunda maior fabricante de algodão, depois da Burlington Mil s. Possuem fábricas no mundo inteiro, produzindo tecidos dos mais requintados e caros aos mais ordinários. Não estão sendo polidos com ninguém. E o que é ainda mais importante: obviamente, não estão interessados em entrar em qualquer negócio que não tenha um grande potencial de mercado para seus produtos.

Janette ficou calada por um momento.

– Espero que esteja certo, Jacques. Ontem foi quase como se o mundo estivesse acabando.

– Mas acontece que não foi o que aconteceu. Voltarei a Paris esta noite. Arrumarei nossas coisas e nos encontraremos em Orly na manhã de segunda-feira.

Depois que Jacques foi embora, Janette deitou-se num colchão de ar, a fim de pegar sol.

Um momento depois, uma sombra projetou-se sobre seus olhos. Abriu-os, Harvey estava parado ali.

– Bom-dia – disse ela, sem fazer qualquer menção de cobrir-se.

– Bom-dia. – Harvey estendeu-lhe um pequeno pote. – Lauren achou que você poderia gostar disto.

Janette sentou-se e pegou o pote.

– O que é isso?

– Uma argila do norte da Califórnia. Os índios costumavam usá-la para proteger as peles e curar feridas. Descobri que é o melhor bronzeador que já usei.

Janette tirou a tampa.

– Parece terra para mim.

Harvey riu.

– E é mesmo. Não preste atenção ao cheiro. Desaparece num instante, depois que você molha o corpo e aplica.

– Funciona mesmo? – perguntou Janette, ainda em dúvida.

– Funcionou em Lauren e em mim. Torna as pessoas mais bronzeadas e sem arder. Passe um pouco agora. Está muito branca. Verá como faz efeito rapidamente.

– Está certo.

Janette mergulhou a mão na piscina, pôs um pouco de argila nas mãos e começou a esfregar nos ombros.

– Assim?

– A camada deve ficar mais fina. E pode usar no rosto também.

Ele empertigou-se.

– Lauren já desceu?

– Não a vi.

– Ela não estava no quarto.

Janette sorriu.

– Você parece preocupado.

– Mas não estou. É que geralmente nos encontramos cedo para ir à praia, antes da multidão.

– Ela foi ao porto com os outros para o café da manhã? – perguntou Janette.

– Foi, sim. Mas só que isso aconteceu às quatro horas da madrugada.

– Então provavelmente ela estava cansada demais e ficou no iate de Patrick. Tudo indica que eles estarão na praia quando lá chegarmos.

Harvey assentiu.

Janette terminou de cobrir a parte da frente do corpo com argila e virou de barriga para baixo.

– Quer passar nas minhas costas?

– Claro.

Harvey ajoelhou-se e pôs-se a passar a mistura. Parou antes de chegar às nádegas, passou por cima e continuou nas pernas. Janette virou a cabeça para fitá-lo.

– Não faça um trabalho pela metade. – Ela sorriu. – A bunda também pode ficar queimada.

***

Janette acertara. O Fantasist estava ancorado na praia quando lá chegaram. Lauren, Patrick e suas duas garotas já estavam estendidos em suas esteiras. Lauren era a única acordada. Os outros estavam profundamente adormecidos.

Lauren levantou-se quando eles se aproximaram. Havia um tom de excitamento em sua voz quando disse: – Patrick quer levar-nos à Sardenha em seu iate!

– Onde fica isso? – perguntou Harvey.

– Na Itália – respondeu Lauren. – Patrick diz que as praias não são tão apinhadas e que a água é muito mais limpa.

– Isso é maravilhoso – comentou Janette. – A Sardenha é linda e será divertido. Podemos todos nos encontrar lá no próximo fim de semana. Até lá, já estarei de volta.

Patrick abriu os olhos, protegendo-os do sol com a palma da mão.

Olhou para Janette e resmungou: – Sua irmã é maluca. Acordou esta manhã às oito horas.

– Você não precisava se levantar – disse Lauren.

– Ninguém poderá jamais acusar-me de ser indelicado com os meus convidados. – Ele virou-se novamente para Janette. – Que história é essa de você ir a Nova York?

– Tenho de ir. Mas estarei de volta para o fim de semana.

– Mas que merda! – Patrick sentou-se. – Posso muito bem desistir de esperar que você passe algum tempo conosco.

Janette sorriu.

– Nunca se pode saber.

Ele fitou Janette nos olhos.

– E eu tinha tantas coisas sensacionais guardadas para você...

Janette soltou uma risada.

– Não são vocês, os ingleses, que têm o ditado “Os negócios antes dos prazeres”?

– Nunca ouvi falar.

– Nunca precisou. E agora seja um bom rapaz e não fique mal-humorado. Vá para a Sardenha e divirta-se. Mamãe voltará no fim de semana e poderemos

então nos divertir juntos.

Patrick sacudiu a cabeça.

– Será diferente na próxima semana.

Janette riu novamente.

– Não seja pessimista ou vai convencer-me de que deu o nome errado ao seu iate.

***

As duas garotas de Patrick deixaram o iate dois dias depois de chegarem a Porto Cervo.

Harvey saiu para o convés às oito horas da manhã e avistou-as paradas na popa, enquanto sua bagagem era levada para um carro à espera.

– Ei, para onde vocês estão indo?

– De volta a St. Tropez – respondeu Meg.

– Por que a pressa? Vamos voltar de qualquer forma no final da semana.

Anne fitou-o com uma expressão desdenhosa.

– Patrick decidiu virar um monge. E expulsou-nos de seu camarote.

– Além do mais, não viemos para cá a fim de passar a noite inteira no iate, de saco cheio.

Tudo o que ele quer é puxar fumo e conversar de filosofia com sua garota – acrescentou Meg.

– Não percebi que eles conversavam tanto assim – comentou Harvey.

– E como poderia? – indagou Meg, desdenhosamente. – Está sempre mais alto do que os dois.

As últimas malas desceram pela prancha. Anne olhou para Harvey.

– Até, meu caro. E se quer um pequeno conselho, fique de olho na sua garota, antes que o Vigário Patrick a converta a sair de sua vida.

Harvey ficou observando-as descer pela prancha e entrar no carro, que se afastou pelo porto, pegou a estrada e desapareceu pouco depois. Ele voltou ao salão principal e passou para a sala de jantar. Sentou à mesa.

– Bacon e ovos mexidos, senhor? – perguntou o camareiro.

Harvey quase concordou antes de se lembrar que era um vegetariano.

– Sem bacon. Apenas os ovos mexidos.

Agora que pensava a respeito, podia perceber que as garotas não estavam erradas.

Parecia que em todas as ocasiões em que estivera com eles, Patrick e Lauren estavam empenhados numa discussão profunda. Distraidamente, ele comeu os

ovos. Que diabo eles conversavam tanto?

***

– Por toda minha vida, sempre ouvi falar de meu pai – disse Patrick. – Começaram a fazer comparações a partir do momento em que entrei em Eton. E não eram muito boas. Eu insistia que não era meu pai. Era apenas eu. Era alguém diferente. Mas isso não tinha a menor importância para eles. Eu tinha de ser meu pai. E por isso acabei mandando todo mundo tomar no cu.

Lauren estava deitada com a barriga para baixo, nua, na praia deserta. Virou a cabeça nos braços, a fim de poder fitá-lo.

– Jamais teve vontade de fazer coisa alguma?

– O que me restou para fazer? – indagou Patrick, contemplando a curva maravilhosa do traseiro dela. – Meu pai fez tudo.

Lauren tornou a esconder o rosto entre os braços.

– Tem de haver alguma coisa que você queira fazer.

– Claro que há.

– E o que é? – perguntou Lauren, a voz abafada pelos braços.

– Eu adoraria passar a língua pela racha da sua bunda até a cona e voltar.

Ela riu.

– Estou falando sério.

– Eu também.

– Já lhe disse que não estou a fim de foder na base da amizade. Acho que deve significar mais alguma coisa que um mero esporte.

– Não me diga que nunca fodeu com Harvey.

– Não falei isso. Mas não estamos numa base regular. É só de vez em quando, ao sentirmos o ânimo. Mas não é sempre que acontece. Nós nos amamos, mas não dessa maneira.

– Também não estou pedindo muita coisa. Só um gostinho, para mostrar que você gosta de mim.

Lauren virou-se, rindo.

– Claro que gosto. Mas ainda não estou pronta pra foder com você.

Assim, pare de ser um pé no saco e me passe esse pote de argila de Humboldt antes de eu começar a fritar.

– Por que não deita e deixa que eu passe em você?

Ela riu novamente.

– Oh, não! Só vai servir para você ficar com tesão... e depois teremos uma

discussão.

– Prometo que vou me controlar firmemente durante todo o tempo.

Lauren fitou-o atentamente.

– Jura?

– Juro!

– Então está bem.

Lauren deitou de costas e fechou os olhos. Depois de um momento, sentiu a umidade da mistura na mão de Patrick, sendo espalhada cuidadosamente por seu corpo. Era uma sensação agradável, especialmente nos seios esquentados pelo sol. Sentiu um calor especial invadi-la. Era mesmo uma sensação agradável. Contra a sua vontade, sentiu os mamilos endurecendo e o calor insinuando-se entre suas pernas.

Sentou-se abruptamente e tirou o pote da mão de Patrick, dizendo em voz firme: – Já chega.

– Por que? – perguntou ele, num tom ofendido. – Eu estava mantendo minha palavra.

– Tem razão. – disse Lauren, começando a aplicar a mistura em si mesma. – Mas eu estava começando a ficar com tesão. E ainda não chegou o momento para mim.

Subitamente, Patrick ficou furioso.

– Você está ficando mais parecida com sua irmã a cada dia que passa. Só gosta de provocar o pau da gente.

Lauren fitou-o fixamente por um momento, incapaz de falar. Sentiu as lágrimas aflorando aos olhos e virou a cabeça, indagando, em voz tensa, magoada: – É o que realmente pensa?

– O que espera que eu pense? – Ele ainda estava furioso – Desfilando nua na minha frente como seu eu não fosse humano. Como espera que eu me sinta?

– Não pensei que tivesse qualquer importância. As outras garotas estão nuas durante todo o tempo. E ninguém parecia lhes prestar a menor atenção.

– Não dou a menor importância às outras garotas. Foi por isso que as mandei embora.

– Isso é problema seu – disse Lauren, ainda com voz tensa. – Não lhe pedi para fazê-lo.

– Não, não pediu. E nunca pensei assim. Talvez você seja mais parecida com Janette do que eu imaginava. Talvez você goste apenas de mulher ou de pau grande.

Lauren levantou-se abruptamente, pondo o biquíni, depois saiu correndo pela praia, para longe dele. Ele correu atrás, pegou-a e virou-a.

– Para onde pensa que vai?

– Para qualquer lugar! – gritou Lauren. – Só quero ficar longe de você! É um homem doente!

Patrick percebeu a mágoa genuína e as lágrimas nos olhos dela, sentiu-se tão subitamente arrependido quanto ficara furioso.

– Desculpe. Sei que pareço um idiota. Mais do que já imaginei. Por favor, não fique zangada comigo. Não vai acontecer novamente.

Lauren levou as costas da mão ao nariz e fungou, fitando-o atentamente.

– Não estava falando sério sobre minha irmã, não é mesmo?

– Claro que não estava, apenas me sentia tão frustrado com você quanto com Janette.

Você já sabe como me sinto realmente em relação a ela.

– E como se sente?

– Eu a amo – disse Patrick lentamente, fitando-a nos olhos com uma expressão inquisitiva, para acrescentar suavemente: – Mas não estou apaixonado por ela. Estou apaixonado por você.

***

LIVRO IV MADAME

Quando ele saiu do banheiro, Janette estava sentada, nua, na beira da cama, segurando um espelho pequeno com uma das mãos, enquanto a outra se empenhava em restaurar cuidadosamente a maquilagem do rosto.

Ele parou, observando-a, a toalha enrolada na cintura, o corpo ainda molhado.

– O que está fazendo? – perguntou ele, o áspero sotaque grego predominando sobre o francês.

– Refazendo minha maquilagem – respondeu Janette, sem desviar os olhos do espelho.

– Para quê? Pensei que fosse passar a noite aqui.

– Mudei de idéia – respondeu ela, ainda sem fitá-lo.

– Tínhamos de conversar sobre negócios. Não pode esperar que eu decida uma transação de dez milhões de dólares com uma trepada rápida.

– Tem razão.

Janette levantou-se e fitou-o de cima. Era uma cabeça mais alta do que o grego.

– Já conseguiu o que queria. Agora, não precisa mais perder tempo com besteira. Nem eu.

Janette passou por ele, entrando no banheiro e agachando-se sobre o bidê. Abriu rapidamente as torneiras e a água começou a esguichar. Ele seguiu-a e ficou observando-a começar a ensaboar-se.

– É o único motivo pelo qual você foi para a cama comigo? O dinheiro?

Janette fitou-o, sustentando o olhar dele sem piscar.

– Pode pensar num motivo melhor? Não me importa que você seja dez vezes mais rico do que Onassis jamais conseguiu ser. É ainda mais feio, e nem a metade tão simpático.

– Você não passa de uma puta – disse ele, insultuosamente.

Janette não respondeu.

– Mesmo que sua cona fosse forrada de ouro e diamantes, o que a leva a pensar que poderia valer dez milhões de dólares?

– Não penso nada – disse Janette, calmamente, abrindo a água novamente para enxaguar-se. – Foi você quem me chupou e fodeu. Pode dar a resposta.

Ela baixou os olhos, fechou as torneiras, depois tornou a fitá-lo.

– Além do mais, vim aqui para tratar de negócios e não para trepar com você. A idéia foi sua.

– Sua puta! – rosnou ele, furioso, saindo do banheiro.

Quando Janette também saiu do banheiro, alguns minutos depois, ele usava um chambre e estava sentado numa poltrona, tomando um conhaque. Ficou observando em silêncio enquanto ela pegava uma camisola e vestia, cobrindo os seios espetaculares, ajeitando o cinto de liga na cintura fina, depois sentando-se na beirada cama para pôr as meias. Apesar de sua raiva, ele sentiu que o calor voltava a invadi-lo. A miserável conhecia todos os truques.

Nenhuma calcinha jamais a cobrira. Dissera que nunca usava. Janette levantou, abotoou a saia e depois a camisa branca de seda. Calçou os sapatos de saltos saltos.

– Janette...

Ela fitou-o, sem falar.

– Eu queria falar de negócios com você.

Janette disse, sem rancor: – Não temos nada a conversar. Já está com os documentos há mais de duas semanas. Tenho certeza de que o seu pessoal de finanças já examinou tudo e você já tomou uma decisão. E acho que respondi à única pergunta que ficara em aberto.

Agora, tudo o que você tem a fazer é dizer sim ou não.

– Não é tão simples assim.

– Talvez – respondeu Janette, dando de ombros, num gesto tipicamente gaulês. – Seu problema pode ser complicado, mas o meu é muito simples. Preciso de dez milhões para adquirir de volta a distribuição da minha linha, antes da Kensington vender-me aos japoneses.

Au revoir, Nico.

A voz dele deteve-a na porta: – O que fará se eu não lhe der o dinheiro?

Janette tornou a fitá-lo e sorriu lentamente.

– Darei um jeito. Não é a primeira vez que me vejo numa situação assim. E pode não ser a última. Mas sempre sobrevivi.

– Eu lhe telefonarei de manhã. Talvez possamos chegar a algum acordo.

– Não se incomode. Já sei qual é a resposta. E você também sabe.

Ele ficou observando-a sair e fechar a porta, tomou outro gole de conhaque, foi à janela e viu-a sair para a rua. O motorista abriu a porta do carro e ela entrou. Ele ficou parado ali até que o Rolls-Royce virou a esquina e desapareceu. Voltou para a poltrona. Uma estranha tristeza invadiu-o. Se aquilo tivesse acontecido quando fosse 20 anos mais moço... Não havia muitas mulheres assim para um homem encontrar ao longo de sua vida. Poderia ter sido uma coisa maravilhosa.

***

Janette afundou no couro macio no canto do assento e acendeu um cigarro. Pensativa, olhou pela janela para as ruas vazias de Neuil y, enquanto o carro seguia para a *autoroute*, de volta a Paris. Estranhamente, ela não se sentia deprimida nem desapontada com o resultado de sua visita ao grego. Desde o início das negociações que soubera que nunca teria uma resposta enquanto não fosse para a cama com ele. Era assim que tinha de ser. Um homem como Nico Caramanlis nunca ficaria satisfeito até que tudo estivesse conferido.

Mesmo assim, valera a pena tentar. Nunca se podia saber com certeza. E não havia muitos homens que dispusessem do dinheiro que ela estava precisando. Os gregos e os árabes.

Pareciam ser os únicos que conseguiam prosperar no mundo de economia abalada, com a crônica escassez de energia. Entre os dois, ela preferia os gregos. Pelo menos não eram tão estrangeiros. Eram europeus.

Janette olhou para o relógio, enquanto o carro avançava pela *autoroute*. O mostrador luminoso indicava 9:45. Ela apertou um botão e o painel que a separava do compartimento do motorista levantou e fechou. Pegou o telefone e ligou para casa.

– *Résidence de la Beauville* – disse o mordomo.

– *C'est Madame*. Algum recado?

– Apenas um, *Madame*. O marquês telefonou e pediu que ligasse o mais breve possível, assim que voltasse. Disse que era urgente e que passaria a noite inteira em casa.

– Obrigada, Jules.

Janette desligou. Hesitou por um momento, antes de ligar para Maurice. Não sentia a menor vontade de falar com quem quer que fosse naquele momento. Mas acabou pegando outra vez o telefone e fazendo a ligação. A voz rouca de Maurice soou ao telefone: – Sou eu, Janette. A voz dele tornou-se excitada: – Onde você está? Passei a tarde inteira tentando localizá-la.

– Estou na *autoroute*, voltando de Neuil y.

Ele riu.

– Estava trepando com o grego. Eu poderia ter-lhe dito que era pura perda de tempo.

– Como sabe que era?

– Faltam dez minutos para dez horas. Se houvesse alguma coisa, você ainda estaria lá.

Janette ficou irritada.

– Estou telefonando porque você disse que era urgente.

– E é mesmo. Preciso conversar com você. Pode vir até aqui esta noite?

– Não pode esperar até amanhã?

– Não. Lembra-se do que falamos há alguns anos, quando lhe dei o milhão de francos?

– Falamos de muitas coisas – respondeu Janette, cautelosamente.

– Não quero falar pelo telefone. Só posso dizer que o assunto está relacionado com sua mãe e os bancos suíços. Tenho um homem aqui com informações interessantes para nós, mas ele só quer transmiti-las a você.

Janette pensou por um momento e depois lembrou-se. Maurice tinha a idéia louca de que a mãe dela escondera uma fortuna em ouro num banco suíço. Ele também estava convencido de que Johann sabia disso e resolvera ficar com o dinheiro.

– Está certo, irei até aí. Deverei levar uma hora para chegar. Ela desligou e baixou o vidro entre os compartimentos.

– René...

– *Oui, Madame* – respondeu o motorista, sem olhar para trás.

– Vamos para o apartamento do marquês, na Ile *Saint-Louis*.

– *Merci bien, Madame*.

Ela tornou a apertar o botão e o vidro levantou. Não havia qualquer tráfego na *autoroute*.

Não deveria levar mais que uma hora. Janette abriu a bolsa e vasculhou-a, à procura do frasco pequeno. Se ia negociar com Maurice, não faria mal algum que estivesse o mais alerta possível.

Com as mãos em concha, para não ser vista através do espelho retrovisor, Janette deu duas fungadas rápidas, depois tornou a guardar o frasco na bolsa e recostou-se. Um momento depois, sentiu a cabeça explodir. Um fluxo de recordações passou por seu cérebro.

Seis anos antes. Estava pagando a Carrol , arrumando o dinheiro para continuar nos negócios. Agora estava pagando à Kensington Mil s a fim de poder manter o controle de sua empresa, antes que a vendesse numa fusão com outro conglomerado gigantesco. Nada

mudara, exceto sucesso.

E naquele momento o resultado do sucesso era o que elevava o custo da liberdade. Dez milhões de dólares. Seis anos antes, custara pouco mais de um milhão de dólares. Mas havia então Lauren e Patrick.

Agora, havia apenas ela.

***

Já se haviam passado seis anos desde a noite da apresentação da coleção

vermelha, quando Janette e Jacques foram procurar Maurice. Estranhamente, ele estava acordado e parecia esperá-la. Maurice foi direto ao problema: – Acabou o negócio com Carrol ?

– Acabei.

– Então já sabe que Philippe assinou contrato com ele?

Janette ficou surpresa. Olhou para Jacques, depois novamente para Maurice.

– Como soube?

Mas mesmo ao fazer a pergunta, ela já sabia a resposta. Não havia segredos no mundo dos pederastas.

Maurice sorriu sem responder. Seu homem trouxe uma bandeja com café e sanduíches, pôs na mesinha e saiu da sala. Maurice gesticulou.

– Pensei que você poderia querer comer alguma coisa.

Janette fitou-o nos olhos.

– O que mais você sabe, Maurice?

– Ele conquistou Philippe através de Marlon. Mas isso não importa agora. *C'est fait*. Está feito.

Ele foi até a mesinha, encheu as xícaras, estendeu uma para Janette, dizendo gentilmente: – Tome isto. Um café quente fará bem a todos nós.

– Obrigada.

Janette tomou um gole do café. Maurice estava certo. Ela começou a sentir-se melhor quase que imediatamente.

– Quanto será necessário para você se livrar de Carrol , Janette?

– Um milhão de francos.

Ele fitou-a em silêncio por um longo momento. Depois, ainda sem dizer nada, foi até a escrivaninha e abriu uma gaveta. Tirou um talão de cheques, preencheu um cheque e assinou, estendeu para Janette.

Ela olhou para o cheque. Um milhão de francos. Tornou a olhar para Maurice.

– Não sei o que dizer.

Ele sorriu.

– Não precisa dizer nada. Somos uma família.

Janette sacudiu a cabeça, incrédula. Aquilo não era típico de Maurice. Ela ficou calada.

– Mas isso só resolve o problema de Carrol – acrescentou Maurice. – Não dá para resolver o problema real. O que pretende fazer agora?

– Encontrarei outra associação. Depois da apresentação da coleção esta noite, isso não será um problema muito difícil.

– A companhia de Patrick, o Grupo Reardon, acaba de comprar a Kensington

Mil s, nos Estados Unidos – disse Jacques. – Soube que eles estão interessados em entrar no mercado de *prêt-à-porter*. Tenho certeza de que Patrick poderá ajudar neste caso. E há ainda vários outros.

– É preciso agir depressa – comentou Maurice. – Não se pode perder o impulso que esta coleção proporcionou.

– Sei disso – respondeu Janette. – Jacques vai a Londres amanhã de manhã, a fim de fazer um levantamento da situação por lá.

Jacques olhou para ela, sem dizer nada. Era a primeira vez que tomava conhecimento da viagem.

– Neste caso, talvez seja melhor Jacques ir para casa e descansar um pouco, a fim de poder partir bem cedo – disse Maurice, com um sorriso.

– Não haverá problema para mim – disse Jacques prontamente.

Maurice tornou a sorrir.

– Sei disso. Mas há algumas coisas que eu gostaria de conversar com Janette. Questões pessoais de família.

Jacques olhou para Janette. Ela assentiu, quase imperceptivelmente.

– Está certo. – Ele estendeu a mão para Maurice. – Eu gostaria de acrescentar meus agradecimentos aos de Janette.

– Não há necessidade.

Maurice esperou que ele saísse e fechasse a porta, depois gesticulou para uma cadeira diante da escrivaninha.

– Sente-se, Janette. Deve estar exausta.

Ela arriou na cadeira, fitando-o em silêncio.

– Quer tomar um conhaque?

Janette assentiu.

Maurice encheu dois copos, entregou um a Janette, depois foi sentar-se atrás da escrivaninha. Levantou seu copo.

– À nossa!

Janette tomou um gole do conhaque. Desceu bem, sentiu um calor espalhar-se por seu corpo. Continuou calada.

– Lauren vai ficar em Paris, Janette?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não. Vai partir amanhã para St. Tropez, com Patrick. Só vou para lá no fim de semana.

Maurice assentiu, pensativo.

– Esta coleção deve fazer bastante sucesso. Com alguma sorte, você poderá ter lucro este ano.

– Assim que isso acontecer, você terá seu dinheiro de volta.

Ele sacudiu a mão.

– Isso não é importante. Não é esse o problema que me preocupa.

Janette tomou outro gole do conhaque.

– Muito bem, Maurice, estamos a sós agora. Pode parar de fingir. O que está querendo exatamente?

Ele riu. E, no instante seguinte, o riso desvaneceu-se abruptamente.

– Dinheiro. Que outra razão poderia haver?

– Quanto?

– Vinte milhões de dólares.

Janette ficou aturdida.

– Você está doido. Não existe tanto dinheiro assim no meu negócio.

– Não estou interessado na sua empresa. Não quero participar dela. Nem mesmo estou preocupado se vai me pagar ou não.

– Então onde espera que eu arrume tanto dinheiro assim?

– Num banco suíço. Quando sua mãe deixou a França e foi para a Suíça, a fim de se encontrar com o general, viajou num automóvel que tinha compartimentos secretos nos lados, cheios de luíses de ouro. Esse dinheiro nunca apareceu.

– Como soube disso?

– Simplesmente sei. Mas acontece que nunca pude provar.

– Perguntou a minha mãe?

– Perguntei. Mas é claro que ela negou. Pelo que ela sentia em relação a mim, não se podia esperar que respondesse de outra forma. – Maurice ficou calado por um momento. – Mas Johann sabe onde está o ouro.

– O que o leva a pensar assim?

Ele sorriu.

– Johann não lhe deu o dinheiro para fazer o acordo com as companhias?

– Foi o sogro quem lhe deu o dinheiro.

– Isso foi o que Johann quis que todo mundo pensasse, Janette. Mas eu verifiquei. Ele não recebeu nada do sogro. Isso só aconteceu depois que assumiu a companhia e fundiu-a com a do velho.

– Se tudo o que está me dizendo é verdade, como poderei confirmar?

– Não sei. Mas cedo ou tarde o assunto terá de ser resolvido. Com o tempo, tudo se resolve. E quando isso acontecer, sou seu sócio.

Janette terminou de tomar o conhaque.

– Não posso acreditar.

Maurice sorriu mais uma vez.

– Acreditando ou não, temos um acordo?

Janette riu.

– Se isso é tudo o que você quer, então temos um acordo.

– Terei um contrato preparado pela manhã. E nós dois assinaremos.

– Acredita realmente nisso, não é mesmo, Maurice?

– Claro que acredito.

Janette levantou.

– Foi um dia comprido. Acho que está na hora de eu voltar para casa.

Maurice não se levantou.

– Lembra-se que costumava usar calcinhas pretas para mim quando era pequena? Ainda as usa?

– Não. – Janette sorriu. – Sou adulta agora. Não uso nada.

Ele riu, levantando-se finalmente e acompanhando-a até a porta. Abriu-a e ficou segurando.

Janette virou-se e beijou-o no rosto.

– Boa-noite, Maurice.

Ele fitou-a nos olhos.

– Na próxima vez em que se encontrar com Johann por que não lhe pergunta sobre o ouro?

– Não o vejo há quase dez anos. O que o leva a pensar que poderia encontrá-lo agora?

– Nunca se sabe o que pode acontecer. Se o encontrar, não se esqueça de perguntar.

E logo na semana seguinte, depois do fim de semana em St. Tropez, Janette encontrou-se com Johann. Mas não chegou a levantar o assunto. Era ridículo demais para alguém acreditar.

Ela abriu a porta e ele ficou imóvel, o choque do tempo voltando para trás deixando-o paralisado. Tanya... Ele quase disse o nome em voz alta. Ela era a mãe.

– Johann! – exclamou Janette, pegando-o pela mão e puxando-o para o interior da suíte.

Fechando a porta, beijou-o nas faces e exclamou novamente: – Johann!

Subitamente, ele sentiu-se constrangido e tenso, como se sentia com a mãe dela.

– Janette...

E quando ele pronunciou o nome, o constrangimento dissipou-se. Piscou os olhos rapidamente e acrescentou, com toda sinceridade: – Estou muito feliz em tornar a vê-la.

Janette sorriu. Era também o sorriso da mãe.

– Nunca pensei que o encontraria em Nova York.

– Vim para uma reunião de diretoria, Janette. E quando soube que você estava na cidade, não podia deixar de telefonar...

– Fico contente por isso. Quer um drinque?

– Apenas café. Tenho outras reuniões esta tarde.

– Você não mudou nada – comentou Janette, sorrindo. – O café está esperando.

Foram para a mesa e sentaram-se. Por um momento, Johann olhou pela janela. Era um dia quente de verão em Nova York. O Central Park estava apinhado, os prédios no West Side tremeluziam ao calor. Mas ali, na suíte fechada do 22 andar do Pierre, o ar-condicionado era silencioso e confortável.

Janette examinou-o enquanto servia o café. A verdade é que Johann mudara. Havia agora nele uma impressão serena e confiante que ela nunca vira antes. Talvez fosse porque os cabelos outrora louros estavam quase que totalmente brancos, talvez fosse porque ele estava ligeiramente mais corpulento, talvez fosse porque se vestia ao estilo americano, menos formal do que trajava na Europa. Mas ainda mais do que tudo porque se sentia contente.

– Sem açúcar – disse Johann, sorrindo. – Tenho de vigiar o peso.

Janette riu.

– Todos temos.

Ele pegou a xícara.

– Fale-me a respeito de Lauren. Ela está se divertindo muito?

– Acho que sim – respondeu Janette. – Neste momento, ela está no iate de um amigo meu, na Sardenha. Passei o fim de semana com eles em St. Tropez.

– O amigo dela também está no iate?

– Harvey?

– Isso mesmo.

Lauren assentiu. Johann acrescentou: – Lauren o conhece há anos. Heidi sempre se preocupa com ele. Acha que é uma influência prejudicial a Lauren.

Janette sorriu.

– Acho que Heidi não tem motivo nenhum para se preocupar. Harvey é um bom rapaz e Lauren o domina por completo, não o inverso.

Johann não pôde deixar de rir.

– É o que estou sempre dizendo a ela.

– Como está Heidi?

– Muito bem. Nós dois estamos bem. Somos muito afortunados. – Johann correu os olhos pela suíte. – Pensei que também encontraria Jacques.

– Ele teve de sair para uma reunião. Pediu-me que lhe apresentasse seus cumprimentos e desculpas por não poder esperá-lo.

– Compreendo perfeitamente. – Johann fitou-a atentamente. – O que aconteceu entre você e Carroll?

– Ele não lhe contou?

Johann assentiu.

– Claro que me falou. Mas era a versão dele. Eu gostaria de saber o seu lado da história.

– Não há qualquer lado. Carrol simplesmente queria que eu fizesse determinadas coisas que não podia admitir.

– Por exemplo?

Ela fitou-o nos olhos.

– Ele queria que eu fizesse uma promoção através de Lauren. Respondi que isso não constava de nosso acordo... que a participação dela no desfile era apenas uma experiência isolada e não um meio de vida. Carroll ficou furioso e começou a insistir. Devolvi-lhe o dinheiro. E isso foi tudo o que aconteceu.

Johann acenou com a cabeça. Tomou outro gole de café e depois disse: – Ele me contou que Philippe Fayard está deixando-a para trabalhar em sua companhia.

– É verdade.

– Isso vai prejudicá-la? Porque posso impedi-lo, se você quiser.

Janette sacudiu a cabeça.

– Não precisa fazer coisa alguma. O contrato de Philippe comigo terminava mesmo este ano e eu não pretendia renová-lo. Sob muitos aspectos, já superei Philippe e acho que a *couture* está enveredando por uma direção completamente diferente. Quero estar livre para segui-la, sem precisar lutar com meu designer a cada passo. Foi a lição que aprendi com a última coleção.

– E como você está financeiramente? Soube que está enfrentando dificuldades.

– Também é verdade. Mas darei um jeito de resolvê-las. Pelo menos vamos ganhar muito dinheiro este ano. Isso ajudará.

– Quero que saiba que sempre pode recorrer a mim, quando precisar.

Janette fitou-o em silêncio por um momento, depois piscou os olhos e assentiu.

– Nunca tive a menor dúvida quanto a isso, Johann. Mesmo nos momentos em que estava mais revoltada.

***

Jacques estava com uma expressão sombria, sentado ao lado de Janette, quando o vôo 070 da *Air France* elevou-se da pista do Aeroporto Internacional Kennedy para os céus de Nova York. Janette desviou os olhos da janela para fitá-lo.

– Estamos sobrevoando a Estátua da Liberdade.

– Se eu pudesse impor minha vontade, nós a tomaríamos de volta – murmurou Jacques, de cara amarrada.

Janette não pôde deixar de sorrir.

– Não perdemos nada, Jacques. E aprendemos muita coisa.

– Claro que aprendemos – disse ele, amargamente. – Aprendemos como somos realmente estúpidos e ingênuos.

– Vai se sentir melhor depois que tomar um drinque.

– Preciso de mais do que isso. Assim que derem o aviso de que podemos retirar o cinto de segurança, irei ao banheiro para dar duas fungadas. E das grandes.

Janette riu.

– Estarei logo atrás de você.

– Mas que diabo! Como pudemos ser tão estúpidos? Era Givenchy que eles queriam durante todo o tempo. Nem mesmo tiveram a decência de avisar-nos que o Grupo Reardon já estava negociando com ele.

– Não podemos culpá-los por isso. Se eu estivesse no lugar deles, também haveria de preferir Givenchy a Janette. Afinal, ele já tem uma posição consolidada. E é um dos melhores.

– Eles nos arrastaram até aqui só para saberem o que estamos pensando.

– Mas também, nós aproveitamos. Pelo menos sabemos agora o que eles estão procurando.

Além do mais, ainda não assinaram contrato com Givenchy. E talvez nunca assinem. Givenchy tem muito mais razões para querer preservar sua independência do que nós.

Uma campainha suave anunciou que o aviso de manter os cintos de segurança no lugar estava suspenso. Jacques levantou-se. Encaminhou-se para o banheiro, dizendo à aeromoça: – Vou querer um *scotch* duplo com gelo.

– E e eu vou querer champanhe – disse Janette, levantando-se também.

Ela esperou na porta do banheiro e pegou o pequeno frasco que Jacques lhe estendeu ao sair.

– Está se sentindo melhor agora?

– Ajudou bastante – resmungou ele. – Até agora, é a única coisa boa nesta viagem.

Janette entrou no banheiro e trancou a porta. Contemplou-se no espelho. As luzes dos banheiros de aviões nunca eram muito lisonjeiras. Ela parecia cansada, estava com olheiras.

Abriu o frasco e, usando a colherzinha de ouro de Jacques, deu uma fungada. Respirem fundo, deixando que a cocaína penetrasse bem. Sentiu que

imediatamente se reanimava. Pôs um pouco de cocaína no dedo e esfregou nas gengivas. Também gostava do sabor. Fechou o frasco cuidadosamente e guardou-o na bolsa.

Tornou a se contemplar no espelho. Não parecia tão cansada agora.

Ajeitou rapidamente a maquilagem, um pouco de pó-de-arroz sob os olhos, batom nos lábios. Estava pronta a voltar ao seu lugar.

Jacques levantou-se para deixá-la passar. Entregou-lhe o copo de champanhe e levantou o seu, cheio de uísque, num brinde: – À nossa! Você está com um aspecto melhor.

– O que comprova o que um pouco de maquilagem é capaz de fazer – comentou Janette, rindo.

Ambos tomaram um gole de seus drinques. Depois, Jacques perguntou: – O que vamos fazer agora? Janette deu de ombros.

– Veremos. Pelo menos estamos ganhando dinheiro este ano e assim não teremos qualquer problema imediato.

– Acha que Johann estava falando sério quando lhe disse que pode recorrer a ele quando precisar de dinheiro?

– Tenho certeza de que estava. Só que jamais recorrerei a ele. Significaria viver à sombra de minha mãe para sempre, sem jamais me tornar eu mesma.

Jacques ficou calado por um momento.

– É uma pena que o seu amigo Patrick nada tenha a ver com os negócios da família. Se não fosse assim, provavelmente poderíamos resolver tudo.

Janette fitou-o, pensativa. Patrick tinha as suas próprias singularidades. Mas talvez pudesse aproveitar-se delas, nas circunstâncias certas. Além do mais, àquela altura dos acontecimentos nada tinha a perder.

– Talvez ainda possamos dar um jeito, Jacques...

***

As luzes estavam acesas, mas a *villa* parecia deserta, quando Lauren e Harvey passaram pela porta da frente, por volta da meia-noite. Harvey largou as valises no chão e disse: – Talvez ela ainda não tenha voltado de Nova York.

– Janette disse que estaria de volta no fim de semana.

Foi nesse momento que a voz de Janette soou lá do alto da escada: – Lauren?

– Sou eu mesma – respondeu Lauren. – Espero que não a tenhamos acordado.

– Não acordaram. Recebi um telefonema de um amigo de L'Escale há cerca

de meia hora, informando que vocês haviam acabado de chegar ao porto. Estava me vestindo para ir encontrá-los. Patrick está com você?

– Não. Apenas Harvey. Patrick queria dormir cedo. Correu tudo bem em Nova York?

– Foi tudo ótimo. Estive com Johann. Ele lhe manda seu amor. Divertiram-se muito na Sardenha?

– Foi sensacional– respondeu Lauren. – As praias são espetaculares e sossegadas. Muito diferente daqui.

Janette desceu. Usava um traje típico de St. Tropez, uma blusa preta transparente, com uma microssaia de couro preto. Os olhos brilhavam e havia pintas douradas na maquilagem das faces.

– E o que me diz da vida noturna, Lauren? Soube que abriram por lá uma nova discoteca, que dizem ser sensacional.

– Não saíamos à noite. Ainda fomos umas poucas vezes a restaurantes, mas passávamos a maior parte do tempo no iate. A impressão era de que não estava acontecendo muita coisa.

– Esse não é o comportamento habitual de Patrick – comentou Janette. – Ele geralmente quer sair sempre.

– Vou deitar – anunciou Harvey. – Vou me sentir bem se dormir uma noite numa cama que não esteja se mexendo. Ainda tenho a sensação de que estou andando num convés.

– Estará inteiramente recuperado pela manhã – disse Janette, rindo, enquanto ele subia a escada.

Lauren esperou até ouvir a porta do quarto de Harvey ser fechada e depois virou-se para Janette.

– Tenho ainda um baseado. Não quer dividi-lo?

– Claro. – Janette olhou atentamente para a irmã, enquanto ela acendia o cigarro de maconha. – Está tudo bem? Você parece muito compenetrada.

– Claro que está tudo bem – disse Lauren prontamente, passando-lhe o cigarro.

Janette deu uma puxada.

– Está tendo problemas com Harvey?

– Não. – Lauren sacudiu a cabeça. – O que acha de Patrick, Janette? E fale sério, por favor.

– Patrick é uma ótima pessoa. É inteligente e animado, gosta de se divertir.

– Ele disse que já foi apaixonado por você e queria casar.

Janette riu.

– Ele estava com a cabeça cheia de coca, de porre ou simplesmente bancando o idiota. E acho que só me pediu em casamento porque tinha certeza que eu

nunca aceitaria. – Ela fez uma pausa, percebendo a expressão diferente no rosto de Lauren. – Patrick está lhe criando algum problema?

Lauren sacudiu a cabeça.

-Não.

– Então qual é o problema?

Lauren fitou-a nos olhos.

– Está apaixonada por ele?

Janette tornou a rir.

– Por Patrick? Nunca! Ele é um bom rapaz, mas não posso me imaginar a viver em sua companhia.

Uma espécie de alívio insinuou-se nos olhos de Lauren.

– Isso faz eu me sentir melhor.

– Por quê? – Antes mesmo que Lauren respondesse, Janette compreendeu. – Está apaixonada por ele?

– Estou, sim. – Lauren baixou os olhos por um instante, depois tornou a levantá-los. – E ele diz que também está apaixonado e quer casar comigo. Mas eu não quis dar uma resposta sem saber antes qual era a sua posição, Janette. Não queria me interpor entre vocês dois.

– Não há nada entre Patrick e eu que possa deixá-la transtornada. – Janette pegou a mão da irmã. – Mas você ainda é uma criança, tem apenas 17 anos. Tem certeza de que conhece a si mesma, que sabe como realmente se sente?

– Sei como me sinto em relação a Patrick. Eu o amo. Mas disse que não casaria imediatamente com ele, que teríamos de esperar até que eu fizesse 18 anos.

– E o que Patrick disse?

– Falou que estava certo. Mas quer anunciar o noivado imediatamente.

Janette ficou calada por um momento.

– Já fez amor com ele?

– Ainda não. Não quis fazê-lo enquanto não soubesse exatamente onde estava.

– O que aconteceu com as duas amigas de Patrick?

– Elas deixaram o iate um dia depois de chegarmos à Sardenha. Patrick me disse que não queria mais saber daquelas coisas. Estava pensando seriamente em entrar nos negócios, como o pai queria que fizesse.

Janette deu outra tragada no cigarro de maconha e depois devolveu-o a Lauren. Sorriu lentamente.

– Neste caso, Patrick deve estar sendo mesmo sério em relação a você. Porque ele sequer pensar em trabalhar é um dos maiores milagres de todos os tempos.

– Patrick não conhece muita coisa dos negócios, Janette. Só se afastou de tudo porque o pai era um homem muito importante. Mas o pai está morto agora.

Janette assentiu. Podia compreender a explicação. Inclinou-se e beijou Lauren no rosto.

– A decisão terá de ser sua, querida. Mas qualquer que seja, pode contar comigo para apoiá-la em tudo.

Impulsivamente, Lauren abraçou-a.

– Fico contente por isso. Mamãe e papai vão ficar furiosos quando eu lhes contar.

– Tenho certeza de que poderemos fazer com que eles entendam e aceitem. – Janette acenou com a cabeça na direção da escada. – Ele já sabe?

Lauren sacudiu a cabeça.

– Não. Não quis contar nada a ninguém antes de falar com você.

Mas agora já posso falar com Harvey.

– Pode esperar até amanhã. Ele ficará transtornado, porque está apaixonado por você.

– Harvey? – A voz de Lauren era divertida, incrédula. – Está se vendo que não nos conhece.

Somos companheiros há anos. Ele não ficará absolutamente transtornado.

Lauren assim declarou. Mas no momento mesmo em que as palavras saíram de sua boca, ela compreendeu que tal não aconteceria.

***

A luz estava acesa no quarto de Harvey. Derramava-se por baixo da porta fechada quando ela passou. Lauren hesitou por um momento, depois bateu na porta. Ouviu-o se mexer, mas não houve resposta. Ela tornou a bater, desta vez mais alto.

– Harvey.

A voz dele soou abafada: – O que é?

– Já vai dormir?

A voz de Lauren ressoou pelo corredor. Depois de um momento, Harvey abriu a porta.

– O que você quer?

A voz dele era áspera.

– Quero conversar com você.

Harvey continuou parado na porta por um instante, depois recuou

abruptamente.

– Está bem.

A mala estava aberta em cima da cama, as roupas ao lado. Lauren virou-se para fitá-lo, enquanto ele fechava a porta.

– O que está fazendo?

Harvey passou por ela, aproximando-se da cama. Pegou uma pilha de camisas de malha e jogou na mala.

– O que parece que estou fazendo? – Ele não esperou por uma resposta. – Vou embora amanhã.

Lauren ficou observando-o em silêncio, enquanto ele guardava mais algumas roupas na mala.

– Não há razão para você ir embora, Harvey.

Ele virou-se para fitá-la. O tom magoado de sua voz combinava com o ressentimento nos olhos: – Não? Não sou tão estúpido assim. Deve estar pensando que sou idiota.

– Não acho que você seja idiota, Harvey – disse ela, gentilmente.

Ele virou o rosto. Não queria que Lauren visse as lágrimas que lhe toldavam a visão. Sua voz estava agora tensa: – Não dava a menor importância a fazer uma viagem à Europa. Só vim para ficar com você.

– E pode continuar comigo.

Harvey fitou-a nos olhos.

– Sabe muito bem que não posso. E eu também sei que não posso. A quem então está tentando enganar? – Lauren não respondeu e ele acrescentou: – Pensa que não percebi o que estava acontecendo? O que havia entre você e Patrick?

– Nada aconteceu.

– Não mesmo? – perguntou Harvey, com um sarcasmo que ele próprio não conhecia. – Eu poderia ter deixado o iate com aquelas duas garotas e você nem perceberia.

– Harvey, Harvey... – disse Lauren, suavemente, aproximando-se e pondo as mãos nos braços dele. – Somos amigos. E quero que continuemos amigos para sempre.

Ele fitou-a atentamente e não pôde mais conter o fluxo de lágrimas.

Abraçou-a, puxou-lhe a cabeça contra seu peito, apertando com força. A voz estava rouca quando falou: – Eu sabia que ambos éramos garotos, Lauren. Mas sempre tive certeza de que a amava. Acontece que garotos não falam de amor. Isso é coisa para os adultos. E sempre pensei que haveria tempo para isso mais tarde. Talvez estivesse enganado, mas a verdade é que nunca imaginei que você ficaria caída por um velho.

Lauren também estava chorando.

– Ele não é um velho – balbuciou ela, chorando contra o peito de Harvey. – Só vai fazer 30 anos no ano que vem.

– Mesmo assim, é 12 anos mais velho do que você. É muita coisa.

– Não é tanto assim. Meu pai é 16 anos mais velho do que minha mãe.

– E ele também fala esquisito. Não consigo entender direito o que ele diz. Na metade do tempo, tenho de adivinhar o que está querendo dizer. Por que ele não pode falar inglês direito como todo mundo?

– Porque ele é inglês. E os ingleses falam diferente dos americanos.

– Aposto que há uma porção de outras coisas que eles também fazem diferente dos americanos.

Lauren encostou o dedo gentilmente nos lábios dele, para impedi-lo de continuar a falar. E fitou-o nos olhos.

– Vou casar com ele, Harvey.

Ela sentiu no dedo que a boca de Harvey se entreabria, numa reação de espanto.

– Essa não! Seus pais vão matá-la!

– Não vão, não.

Harvey continuava aturdido.

– A coisa é muito séria.

– Sei disso. E estou um pouco assustada.

Harvey pensou por um momento.

– Tem certeza de que não está exagerando?

– Tenho, sim. Estou apaixonada por Patrick.

– Não dá para acreditar! É uma porrada na cara! Casamento e tudo o mais!

– Tem razão. É mesmo difícil de acreditar.

Harvey virou-se para a mala em cima da cama e pegou um pequeno frasco.

– Isto é o que resta do número 13. Estava guardando para uma emergência como esta.

– E o que a número 13 faz? – perguntou Lauren, enquanto ele começava a preparar o cigarro.

– Dá confiança. Faz a gente sentir que não existe nada no mundo que não se possa enfrentar.

***

O valium apagara-o por completo e não teve consciência de coisa alguma até que a correia de couro estalou em suas costas, despertando-o com um sobressalto.

– Mas que diabo está acontecendo? – murmurou ele, rolando pela cama para acender as luzes do camarote.

A correia acertou-o novamente no instante em que as luzes se acenderam e ele gritou: – Jesus!

Olhou aturdido para Janette, parada ao lado da cama, os seios empinados, sob a blusa preta transparente, delineados pelas tiras cruzadas da microssaia de couro. Janette ergueu a mão que empunhava o cinto e ele vislumbrou as coxas brancas e fortes, por baixo da saia, metidas em botas de couro preto que subiam quase até os quadris. Ele tentou desviar-se do golpe e foi atingido nos braços.

– Você ficou doida?

– Seu filho da puta nojento! – disse Janette, a voz calma e fria. – Não disse que gostava de surras? Pois vai levar a maior surra da sua vida!

A correia tornou a descer e ele pulou de dor, gritando: – Pare com isso!

Saltou nu da cama e correu para o banheiro. Janette seguiu-o, implacavelmente, a correia vergastando-o. Ele se encolheu num canto do camarote, deixando apenas as costas expostas aos golpes vigorosos. Depois de um momento, ele começou a chorar. As pernas tremeram e acabou arriando no chão, cobrindo o rosto com as mãos.

– Por favor! – suplicou ele, numa voz de garotinho. – Não me bata mais. Prometo que vou ser bonzinho. Farei tudo o que mandar.

A voz de Janette ainda era fria: – Tem de lamber as minhas botas, seu filho da puta!

– Está bem, está bem – balbuciou ele, ainda chorando, avançando de quatro na direção de Janette.

Encostou o rosto na bota mais próxima e começou a lambê-la. A correia tornou a acertar-lhe as costas.

– Agora a outra!

– Está bem – murmurou ele, passando a lamber a outra bota. – Deixe-me ser seu escravo.

O cinto golpeou-lhe as costas mais uma vez.

– Isso é tudo o que você quer ser?

– É, sim – sussurrou ele. – Seu escravo... não quero ser mais nada.

Ela golpeou-o no rosto.

– Chupe a minha cona – ordenou ela, levantando a frente da saia de couro.

Ele ficou de joelhos e enterrou o rosto entre as pernas de Janette. Ela pôs a mão atrás da cabeça dele, comprimindo-a contra o seu corpo.

– Chupe mais depressa.

Freneticamente, ele começou a mexer a cabeça contra Janette, a mão descendo para o pênis ereto e pondo a masturbar-se. Subitamente, Janette

levantou o joelho, acertando-o por baixo do queixo e jogando-o para trás.

Janette desceu a correia outra vez, atingindo-o no braço.

– Não dei permissão ao meu escravo para brincar com seu peruzinho – disse ela friamente, atravessando o camarote e indo sentar-se numa poltrona pequena, observando-o.

Ele foi encostar-se numa parede, levantando os joelhos contra o peito. Ficou sentado ali, fitando-a, as lágrimas escorrendo-lhe silenciosamente pelas faces. Janette acendeu um cigarro e por um longo momento nenhum dos dois falou.

Foi ele quem finalmente rompeu o silêncio: – Está zangada comigo.

– Não fico zangada com meus escravos. Apenas desapontada.

Ele não disse nada.

– Você nem mesmo é homem o bastante para arrumar uma mulher de verdade. Tem de pegar uma criança. – Janette esmagou o cigarro com a bota no tapete do camarote. – Contou a ela como você realmente é? Que gosta de ser um escravo, que adora ser um

voyeur? E que isso é a única coisa que lhe dá tesão?

Ele continuou calado.

– Como acha que ela vai se sentir em relação a você quando descobrir? Acha que continuará a acreditar em suas histórias de que a ama, que vai trabalhar e ser um homem como seu pai?

– Mas juro que é verdade! Eu a amo! E já mandei um telegrama ao escritório avisando que vou trabalhar!

Janette riu.

– Quanto tempo isso vai durar? Um mês, talvez dois. E depois você vai querer ser novamente um escravo.

As lágrimas deixavam-lhe o rosto inteiramente molhado. Rastejou na direção de Janette, ajoelhou-se diante dela numa atitude de prece, as mãos cruzadas à sua frente.

– Não conte a ela! Por favor, não conte a ela!

Janette fitou-o sem responder.

– Prometo que serei bom! Ela é a única chance que me resta!

– Você disse que vai trabalhar?

– Juro que vou!

Janette respirou fundo.

– Então vou lhe dar uma chance. Mas primeiro terá de provar que é capaz.

– Farei qualquer coisa. Quero apenas que me dê uma chance.

– A chance envolve uma companhia sua.

– Não me importo, contanto que não conte a ela.

Janette levantou-se e começou a despir-se, lentamente. Ficou nua, a não ser

pelas botas.

Ergueu o cinto acima da cabeça e desceu-o zunindo sobre as costas dele. Os vergões foram se acentuando na pele de Patrick, enquanto ela o golpeava repetidamente. Finalmente ele estava todo encolhido diante dela, com uma ereção plena. Janette parou de repente, os seios se sacudindo com a respiração acelerada.

– Gostaria de me ver foder com o seu africano? – perguntou ela, friamente.

– Quero, quero – murmurou ele, pondo a masturbar-se violentamente.

Janette tornou a golpeá-lo com a correia.

– Então pare de brincar com seu peruzinho até que eu lhe dê permissão, escravo, e traga-o até aqui.

Patrick fitou-a.

– Não vai contar a Lauren?

– Não se fizer o que estou mandando, escravo – disse Janette, desdenhosamente. – E agora trate de chamar seu africano.

Ela observou-o pegar o telefone. E quando ele desligou, Janette começou a rir.

– Do que está rindo?

– De todos nós. O mundo inteiro está louco. Todos estamos conseguindo exatamente o que queremos.

***

Eram sete horas da manhã e o sol dourado prometia outro dia de calor implacável de agosto. Janette entrou no pátio da *villa* e saltou do carro. Foi para a casa, sentindo que as pernas pesavam como chumbo. O africano era tudo o que Patrick lhe dissera. Ele não era humano. Era apenas uma máquina de foder. Podia sentir a vagina e o ânus inchados e doloridos. A brutalidade animal do corpo dele a martelá-la literalmente compelira-a a uma sucessão de orgasmos frenéticos e incontroláveis. Agora, tudo o que ela queria era afundar numa banheira cheia de água quente, relaxar e depois dormir. E não se importava de dormir pelo resto do fim de semana. Não havia mais nada que pudesse fazer além do que fizera na noite anterior.

Ouviu os passos na escada ao entrar na sala de estar e levantou a cabeça. Harvey estava descendo, carregando sua mala. Os dois ficaram imóveis por um momento, cada um surpreso por deparar com o outro.

– Bom-dia – disse Janette.

Harvey terminou de descer a escada e pôs a mala no chão. Havia um certo constrangimento em sua voz quando falou: – Bom-dia. Não esperava encontrar ninguém acordado.

– Estou chegando agora.

– Ah, sim... – Harvey fitou-a atentamente. – Deve ter sido uma festa e tanto.

– E foi mesmo. – Janette sorriu. – Bem que estou precisando de seu pó de alta qualidade.

– Claro! – Harvey meteu a mão no bolso do casaco e tirou um frasco pequeno, estendendo para Janette juntamente com um canudo de plástico. – A coca já está peneirada. Basta encostar o canudo na narina e dar a fungada.

Janette assentiu e seguiu a instrução. A coca pareceu subir direto ao seu cérebro e explodir.

– *Mon Dieu*! – exclamou ela. – Tenho a sensação de que o tampo de minha cabeça acaba de explodir!

Harvey pegou o frasco de volta com um meio sorriso.

– A fungada pegou firme, mas vai se sentir bem dentro de um minuto.

Ele estava certo. De repente, o cansaço desapareceu. Janette olhou para a mala.

– Lauren sabe que você está indo embora?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não acha que deve avisá-la?

– Tentei dizer ontem à noite, mas ela limitou-se a insistir que eu ficasse.

– Então por que não fica?

Janette percebeu a mágoa profunda nos olhos dele.

– Que diferença isso faria? Lauren está na sua agora.

– Ela não vai gostar se você for embora assim.

– Acabará superando. Posso chamar um táxi?

– Claro que pode, só que ninguém vai atender. Ainda é muito cedo e além do mais os táxis vêm de Sainte-Maxime.

– E se eu fosse a pé até St. Tropez?

– Não há táxis por lá. Mas pode pegar a barca para o outro lado.

Certamente encontrará táxis por lá.

– Está certo. – Harvey pegou a mala. – Obrigado por tudo, Janette.

– Será sempre bem-vindo em minha casa. O que devo dizer a Lauren?

– Diga que voltaremos a nos encontrar quando ela for para casa – respondeu Harvey, parado na porta.

– Não gostaria que eu o levasse de carro até a cidade?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não, obrigado. Você está cansada. E a caminhada me fará bem.

– Harvey...

Ele fitou-a nos olhos.

– O que é?

– Como posso entrar em contato com você? Nem mesmo sei seu sobrenome ou endereço.

– Lauren pode lhe dar. – Ele pensou por um momento. – Por que haveria de querer entrar em contato comigo?

– Nunca se sabe o que pode acontecer.

Não havia sentido em contar-lhe que a argila que ele lhe fornecera parecia funcionar perfeitamente, e que naquele momento os químicos da companhia de fragrância estavam tentando analisá-la.

– Posso aparecer na Califórnia algum dia e precisar de alguém para me fazer companhia.

Um sorriso repentino estampou-se no rosto de Harvey.

– Pode me chamar para isso no momento em que quiser.

Ele largou a mala, pegou um lápis e um pedaço de papel de cigarro Zig Zag, escrevendo seu nome e endereço e entregando a Janette.

– Aqui está. Adeus, Janette.

– Assim não – disse ela, pegando o papel. – Tem que ser ao estilo francês.

– E como é?

Janette beijou-o nas faces.

– É assim. – Ela sorriu e arrematou: – *Au revoir*, Harvey.

Janette subiu para os seus aposentos e abriu a água da banheira. Enquanto estava enchendo, ela voltou ao quarto e começou a despir-se. Logo estava nua. Virou-se e contemplou-se no espelho. Os olhos estavam brilhando e o corpo não exibia qualquer sinal da noite. Sorriu para si mesma, enquanto ia até a janela para fechar as cortinas e impedir a entrada do sol. Não havia nada como uma boa trepada para fazer uma mulher parecer bonita. Somente uma coisa estava faltando, o calor e a ternura que só se podia obter de uma mulher. Stéphane devia estar ali.

Tudo seria então perfeito.

Pela janela, avistou Harvey descendo a estrada, carregando a mala.

Por um instante, sentiu pena dele e pensou em chamá-lo. Mas depois concluiu que era melhor não fazê-lo e fechou as cortinas. Era melhor que ele se fosse. A presença de Harvey só serviria para complicar as coisas. Assim, Lauren não teria ninguém mais para partilhar suas confidências.

Tudo seria mais fácil.

Ela voltou ao banheiro e despejou um pouco do seu óleo de banho na água, entrando depois na banheira. Por mais estranho que pudesse parecer, não se

sentia mais cansada. Sua mente não parava. Havia muito o que fazer. Patrick ainda não sabia, mas as férias em St. Tropez estavam terminadas.

Ela não teve a paciência de ensaboar-se na banheira. Levantou-se e abriu o chuveiro. A água fria fez seu corpo formigar. Um momento depois, saiu da banheira. Enrolou-se no roupão, foi para o quarto e telefonou para Jacques em Paris.

A voz dele estava rouca de sono: – Alô?

– Acorde, Jacques. Vamos para Londres.

– Como?

– Vamos para Londres. Já falei com Patrick.

– Ele fará o negócio?

A voz de Jacques estava excitada.

– Foi o que ele disse.

– Mas ele tem autoridade para isso?

– É justamente por isso que estamos indo para Londres... para descobrir. Você segue para Londres esta manhã e reserva uma suíte para mim no Savoy. Irei encontrá-lo lá esta noite.

Janette desligou e olhou para o relógio. Eram oito horas da manhã.

Ela armou o despertador para 11 horas, depois foi para a cama e cobriu-se. Três horas de sono deveriam ser mais do que suficientes.

Telefonaria para Patrick assim que acordasse e lhe diria que aprontasse seu avião para levá-los a Londres. Se ele ainda não sabia, então era melhor que aprendesse logo de uma vez.

Janette pretendia fazer exatamente o que dissera. Se não houvesse um negócio para ela, então não haveria Lauren para ele.

***

Janette acendeu outro cigarro, enquanto o carro se aproximava de Paris. Inclinou-se para frente no assento, olhando pela janela. A cada saída da *autoroute* havia quatro placas de outdoor. Não importava de que direção se viesse, os quatro cartazes estavam sempre ali. E Janette ocupava a todos. Cada cartaz, à sua maneira, tinha a sua própria história para contar.

O primeiro que aparecia à direita, iluminado pelos faróis na noite escura, tinha letras pretas na parte superior, dizendo simplesmente: JANETTE JEANS. Ela aparecia por baixo do título, de joelhos, o traseiro empinado para o ar, a cabeça virada para a câmara, as mãos encostadas nas faces, apoiada nos

cotovelos. Em letras menores, na vertical, descendo do alto de seu traseiro pelas pernas, estava a frase *Le vrai "Far West" français.*

A história por trás daquele cartaz era simples. Ocorrera uma manhã em Nova York, pouco depois de ser fechado o contrato com a Kensington. O presidente da companhia fora direto ao assunto: – Concordamos com tudo o que nos pediu, *Madame*. Terá suas boutiques, todas as dez, além de unidades em todas as principais lojas de departamentos da América. Mas temos outro problema para o qual precisamos de sua ajuda.

– E qual é esse problema?

– Um milhão de metros de saldo de brim azul. Infelizmente, perdemos dois dos nossos maiores clientes para a Burlington. Se não os substituirmos, ficaremos no vermelho este ano. E até agora ainda não arrumamos ninguém.

– Mas como eu poderia ajudar?

– Fizemos um levantamento do mercado. Estamos convencidos de que há lugar para jeans com uma etiqueta de designer a um preço popular. St. Laurent entrou no mercado, mas o produto tem um preço elevado e a quantidade é ínfima. Calculamos todos os custos e podemos fabricar um bom produto para vender por 25 a 30 dólares. O que precisamos é de seu nome e de seis modelos básicos. Cuidaremos de todo o resto, da fabricação às vendas. Já pensamos até no nome para a linha: "Janette Jeans".

– E como isso entra em nosso acordo?

– É um item em separado. Nós lhe pagamos um *royalty* de dez por cento sobre a nossa receita bruta em cada calça vendida. Não vai correr qualquer risco, não precisará fazer qualquer investimento. Só poderá ganhar dinheiro. E calculamos que pode ser bastante.

– Quanto mais ou menos?

– Ninguém sabe com certeza. Mas estamos prevendo que pode chegar a um quarto de milhão de dólares por ano.

– Vocês nada têm de acanhados. – Janette sorriu. – Terei o maior prazer em ajudar.

Mesmo que ela só ganhasse 25 por cento do que fora previsto, não teria do que se queixar.

Mas, na verdade, nenhum dos dois imaginara o que iria acontecer. A participação de Janette nas vendas alcançara, somente naquele primeiro ano, quase um milhão de dólares. E isso, mais do que qualquer outra coisa, fora o que consolidara a sua posição na América.

O cartaz seguinte apareceu. Desta vez Janette estava de pé diante de um balcão da Air France, entregando sua passagem a um recepcionista. Estava elegantemente vestida, num terninho claro para viajar. A iluminação do cartaz

ressaltava sutilmente as luvas que ela usava, a bolsa pendurada no ombro, os sapatos de saltos altos e a valise com iniciais a seus pés. O título também era em letras grandes e destacadas: *POUR LE MONDE ENTIERE*. Por baixo, estava escrito, em letras ligeiramente menores: *Janette Cuir*. E depois, em letras ainda menores, ao lado de cada artigo: *Le Gant, Le Sae, La Chaussure, Le Bagage*.

Acontecera alguns meses depois do sucesso de Janette Jeans na América. Vito Montessori, um italiano que possuía uma das maiores empresas de produtos de couro da Europa, procurou-a com um acordo de licenciamento. Como muitos nomes importantes da indústria de couro italiano se transferiram para o Extremo Oriente, a fim de aproveitar os custos inferiores de mão-de-obra, Montessori queria desenvolver sua própria linha. O que queria de Janette era que desse seu nome à linha e fornecesse os modelos ou aprovasse os modelos que lhe fossem apresentados. Ele se encarregaria da fabricação e distribuição. Mas se Janette pudesse conseguir a cooperação dos pontos de venda já estabelecidos pela Kensington na América, seria ainda melhor. E desnecessário dizer que Janette podia e o fez. Desta vez, o *royalty* dela foi de 15 por cento. O resultado foi um rendimento líquido de quase um quarto de milhão de dólares por ano.

O terceiro cartaz apresentava não apenas uma fotografia dela, mas três. Estavam agrupadas de forma a dar a impressão de que se tratava de apenas uma fotografia. Ela estava deitada de biquíni na areia, de lado, apoiada no cotovelo e quadril, olhando diretamente para a câmara, depois num maiô inteiro, de pé, o rosto sorridente levantado para o sol, e finalmente em outro maiô inteiro, bem cavado, revelando mais do que escondia. Outra vez o título era em letras grandes e destacadas: *JANETTE MAILLOTS DE BAIN*. Por baixo aparecia, em letras menores: *Pour le Soleil, Pour la Mer, Pour la Plage*. E depois, numa linha que se estendia por todo o cartaz: *Pour l'Été Eternel*.

Isso fora idéia dela própria. Comprando uma fábrica falida no sul da França, entrou imediatamente em outro acordo de distribuição com a Kensington. A preço populares e visando ao mesmo mercado das jeans, os maiôs tornaram-se outro sucesso imediato. O rendimento líquido que essa divisão lhe proporcionava era de quase meio milhão de dólares por ano.

O último cartaz, à sua maneira peculiar, tinha sido a maior de todas as jogadas. Também fora tudo iniciativa dela. Há muitos anos que aventava a idéia, mas fora o tremendo sucesso alcançado por Yves St. Laurent com o lançamento de seu novo perfume, Opium, durante os

três últimos anos, que finalmente a convencera a entrar no mercado.

Analisando cuidadosamente os resultados de uma pesquisa de mercado que encomendara, Janette descobriu alguns fatos surpreendentes. Entre todos os perfumes vendidos, havendo centenas de marcas sendo vendidas, apenas duas

eram bastante conhecidas para serem identificadas pelo nome como perfumes, para o público em geral. A primeira era Chanel N° 5, com um índice de reconhecimento de 88 por cento; a segunda era Arpége, com um índice de reconhecimento ligeiramente menor. Nenhum dos outros perfumes sequer chegava perto desses índices. O mais próximo era Opium, com um índice de reconhecimento de 29 por cento. A pesquisa indicava que isso se devia em grande parte ao fato de que o perfume ainda estava sendo amplamente anunciado e promovido. Dois outros fatos interessantes ficaram patentes. Tanto Chanel N° 5 como Arpége haviam sido criados nos anos 20, pertencendo ao grupo floral aldeídico de fragrâncias, enquanto Opium, um perfume moderno, lançado em 1977, tinha suas raízes no grupo oriental, provindo quase diretamente de Tabu, lançado por Dana em 1931, e Young Dew, lançado por Lauder no mercado em 1952.

Embora Tabu tivesse se tornado de certa forma um perfume clássico, nenhum dos dois alcançara o índice de reconhecimento de mercado de Opium. Mas era verdade também que, ao serem lançados, não contavam com os benefícios das técnicas modernas de marketing para criar o tipo de reconhecimento que a televisão podia proporcionar atualmente.

Outro fato essencial revelado pela pesquisa foi o da importância da embalagem, tanto o vidro que continha o perfume como a caixa em que era vendido. A embalagem como o perfume propriamente dito tinham de contar a sua história. E a história tinha de estar patente no nome do perfume. Devia ser um nome simples, mas que permitisse também um rápido fator de reconhecimento.

Janette estava convencida de que possuía o nome certo, *Soie*. A palavra para seda em francês. O tecido mais íntimo e mais sensual que uma mulher podia usar também podia se aplicar a seu perfume. O outro problema não era tão facilmente resolvido. O aromático original era excessivamente baseado no oriental, e Janette achava que podia ser considerado uma imitação de Opium. Trabalhando em cooperação com os “narizes”, como eram chamados os especialistas na indústria de perfumaria, ela conseguiu misturar as fragrâncias do grupo floral aldeídico de Chanel N° 5 e Arpége e a sensualidade do grupo oriental. O resultado foi uma fragrância extraordinariamente feminina e ao mesmo tempo recendendo a fêmea, sensual, e ao mesmo tempo viçoso e floral. A primeira decisão que Janette tomou foi a de não chamar de perfume. *Soie* seria uma fragrância, algo que era parte integral de uma mulher, não um perfume que ela usava.

Aquele último cartaz era provavelmente o que mais chamava a atenção de todos os quatro. Ao contemplar o vidro faiscante, com a estátua nua de uma

mulher em cristal Lalique como tampa, a pessoa não percebia a princípio que havia por trás, nas sombras, um retrato de Janette nua. Fora pintado há muitos anos por Dali. O artista conseguira captar e expor as muitas facetas eróticas do corpo e personalidade de Janette. Havia uma estranha profundidade nos olhos escuros, o lábio inferior era avermelhado, os mamilos nos seios firmes estavam empinados, a sombra do púbis quase se perdia nos quadris e coxas brancas. Era quase com um choque que se descobria que o retrato da mulher nua fora convertido na estátua nua de Lalique do vidro. O nome estava gravado no cristal do vidro em letra manuscrita: *Soie*. Por baixo, em letras quase pequenas demais para se poder ler, estava escrito: "de Janette". Como nos outros cartazes, a mensagem de propaganda estava num lado do cartaz: *Le plus intime. Le plus sensuel. Le vrai aromate de la femme. Soie. Le Aromate de Janette*.

De certa forma, havia sido esse perfume que a levara à situação em que se encontrava no momento. Determinada a superar St. Laurent no mercado, Janette investira mais de cinco milhões de dólares para lançar o perfume nos últimos seis meses, virtualmente despojando suas companhias de reservas. Somente a propaganda em televisão na América custara mais de três milhões de dólares, o restante sendo aplicado em anúncios de revistas e jornais. Essa verba não incluía os descontos e estímulos concedidos ao comércio varejista, a fim de conquistar-lhe o apoio. Os cálculos haviam levado em consideração que se passariam pelo menos dois anos antes que o investimento fosse recuperado e três anos antes que se pudesse conseguir algum lucro. Para satisfação de Janette, os resultados iniciais foram ainda mais animadores do que se havia previsto. Uma aceitação quase imediata do mercado levara a uma revisão da projeção de cifras, reduzindo à metade o prazo de recuperação do investimento.

Mas não era suficientemente rápido, conforme logo se descobriu. O inesperado acontecera.

O Grupo Reardon recebera uma oferta excepcional, proporcionando-lhe um tremendo lucro, pelo seu controle acionário da Kensington Mills, de uma empresa japonesa, ansiosa em entrar no mercado americano. E a proposta fora aceita.

Em qualquer outra ocasião, isso poderia ser a maior oportunidade que Janette jamais tivera em sua vida. Nos termos de uma cláusula inserida no contrato no último momento por seu sagaz advogado americano, Paul Gitlin, Janette tinha a opção de comprar de volta todas as concessões ao Grupo Reardon, pelo valor registrado em balanço, caso eles vendessem o seu controle acionário na Kensington. Dez vezes os lucros anuais seriam considerados uma cifra justa. Mas não importava quão barato fosse, de nada lhe adiantava no momento. Todas as reservas de suas companhias haviam sido investidas no perfume. Agora, ela

estava novamente em dificuldades. Era como se nada tivesse mudado. A independência continuava tão esquiva quanto antes.

Maurice recebeu-a na porta do apartamento, visivelmente excitado. E foi logo dizendo: – Eu estava certo! Sabia desde o início que estava certo!

– De que diabo está falando, Maurice? Não estou entendendo nada.

– O dinheiro no banco suíço! Talvez agora você não precise foder com o grego para conseguir o dinheiro!

– Ainda não estou entendendo.

– Já vai entender – disse ele, pegando-a pelo braço e conduzindo-a à biblioteca.

Maurice abriu a porta e o jovem que estava sentado lá dentro prontamente se levantou.

Maurice fez a apresentação: – *Monsieur* Thierry, minha filha, *Madame* Janette de la Beauvile.

– Ele olhou para Janette e explicou: – *Monsieur* Thierry trabalha no Banco de Crédito Suíço, de Genebra.

Janette estendeu-lhe a mão.

– Muito prazer, *Monsieur* Thierry.

O jovem banqueiro beijou-lhe a mão polidamente.

– É uma honra, *Madame*. Eu não podia imaginar, quando solicitei o encontro, que acabaria me encontrando com uma mulher tão famosa.

– Obrigada, *Monsieur*. E agora permite-me perguntar por que desejava falar-me?

O jovem banqueiro olhou para Maurice. Estava obviamente constrangido.

– Lamento muito, *Monsieur le Marquis*, mas as instruções que recebi do banco foram expressas. O que tenho a dizer só deve ser ouvido por *Madame*.

– Eu compreendo – disse Maurice prontamente. – Não há qualquer problema.

Ele encaminhou-se para a porta, saiu da sala, fechou-a. Janette olhou fixamente para o banqueiro e disse: – Pode falar agora, *Monsieur*.

– Com sua licença, *Madame*. – Thierry tirou um papel do bolso e consultou-o. Sua voz adquiriu um tom formal: – De acordo com as instruções que foram dadas ao banco por sua falecida mãe, temos a obrigação de informá-la, ao término de um período não inferior a 25 anos, após o falecimento dela, que no dia 10 de outubro de 1944 ela se tornou arrendatária de uma quantidade determinada de cofres em nosso banco. – Ele parou de ler e estendeu os papéis para Janette, acrescentando: Há duas cópias dessa informação. Se fizer a gentileza de assinar a cópia de cima, reconhecendo que recebeu a informação, nos termos da instrução, teremos concluído nosso trabalho.

Janette pegou o documento e examinou-o. Era exatamente o que o jovem banqueiro lera.

Ela tornou a fitá-lo.

– Isso é tudo?

– É, sim.

– Significa que tenho acesso aos cofres?

– Se dispõe da chave, claro que tem. Se não dispõe... não tem.

– Então qual é o objetivo de informar-me?

– Não sei, *Madame*. Estamos apenas seguindo as instruções recebidas.

– Mas quem tem a chave?

Ele deu de ombros.

– Pelas leis bancárias suíças que protegem o sigilo das relações com os nossos clientes, não tenho permissão para fornecer-lhe tal informação.

– Então como posso definir meus direitos aos cofres e o que eles contêm, conforme minha

mãe queria obviamente que acontecesse?

– Pode entrar com uma petição no Tribunal de Sucessões da Suíça, que tem plena jurisdição em questões de herança.

– Quanto tempo levaria para ficar tudo resolvido?

– Lamento muito, mas não posso informar com certeza. Os processos se prolongam às vezes por alguns anos.

– Mas que diabo! – Janette olhou novamente para o papel. – Tem alguma idéia do que está nos cofres?

– Não, *Madame*. O que os clientes colocam nos cofres que arrendam não é da nossa conta.

Lamento não ser capaz de ajudá-la. E não há mais nada que eu possa fazer.

– E se eu me recusar a assinar este documento?

– Neste caso, não teria o direito de reivindicar os cofres, porque legalmente não teria conhecimento deles. E pelas leis bancárias suíças, nem mesmo somos obrigados a acusar a existência deles.

Janette sacudiu a cabeça, desesperada.

– Então é melhor eu assinar.

– Exatamente, *Madame* – disse Thierry, estendendo-lhe uma caneta.

Janette assinou rapidamente a cópia e entregou-a.

– Obrigada, *Monsieur* Thierry.

– O prazer foi meu, *Madame*.

Ela sorriu subitamente.

– Já é muito tarde e ainda não jantei. Seria uma violação das leis bancárias suíças se eu lhe pedisse que me convidasse para jantar?

Um sorriso lento insinuou-se nos lábios de Thierry.

– Acho que é permissível, *Madame*. Mas, infelizmente, devo recusar. Tenho um compromisso acertado anteriormente.

– Pois então trate de cancelá-lo.

– Por mais que me agradasse, *Madame*, lamento não poder aceitar. Minha mulher está à minha espera no hotel.

Janette riu novamente estendeu a mão.

– *Monsieur* Thierry, é um cavalheiro de verdade. Espero que voltemos a nos encontrar.

Ele beijou-lhe a mão polidamente.

– Eu também, *Madame*.

Thierry encaminhou-se para a porta. Um momento depois de ele retirar-se, Maurice voltou à sala e fitou-a nos olhos.

– E então?

– Você estava certo – disse Janette, entregando-lhe o documento. – Mas o simples fato de saber não me dá o direito a pegar o que está nos cofres.

Maurice leu o documento rapidamente.

– Então quem tem o direito?

– A pessoa que está com a chave. E ele não quis me dizer quem era.

Maurice tornou a fitá-la nos olhos.

– Pois ele não precisa dizer a mim. Sei quem está com a chave. E você também sabe.

Janette ficou calada.

– Terá de tomar uma providência agora, Janette. Ou permanecer uma mendiga e uma puta pelo resto de sua vida.

Janette continuou em silêncio.

– Terá de envolver Lauren na história, Janette.

– É mesmo necessário?

– Sabe como Johann é. O que quer que haja naqueles cofres, a metade é de Lauren. Ele não fará nada enquanto não julgar que os interesses de Lauren estão plenamente resguardados. A única maneira de conseguir alguma coisa é as duas procurarem Johann.

– Não sei... – murmurou Janette, em dúvida. – Lauren não dá a menor importância a dinheiro.

Nunca deu.

– Lauren está com 23 anos agora. Já deve estar se cansando de viver naquela estúpida praia da Califórnia tendo somente uma criança de cinco anos a fazer-lhe companhia.

– É o tipo de vida que ela gosta.

– Pois então trate de convencê-la de que sua filha merece uma oportunidade melhor na vida do que crescer como uma vagabunda de praia. Mesmo que ela não queira para si mesma, não tem o direito de privar a filha.

– Ainda tenho dúvidas se devo fazer isso, Maurice. Penso às vezes que já bombardeei demais a cabeça de Lauren.

Maurice soltou uma risada.

– Não acredita nisso assim como eu também não acredito, Janette. A única coisa que sua mãe e eu tínhamos em comum era o egoísmo. Ambos queríamos tudo o que pudéssemos conseguir.

Ele foi ao aparador e pegou uma garrafa de conhaque, antes de acrescentar: – Você não está arrependida do que fez. Afinal, conseguiu o que queria, não é mesmo?

Janette não respondeu. Maurice despejou conhaque em dois copos e tornou a aproximar-se dela. Ainda em silêncio, Janette pegou seu copo e tomou um gole.

Maurice tomou metade do conhaque de um só gole e depois largou o corpo.

– Há só uma coisa que jamais compreendi, Janette. Por que empurrou Patrick para cima de Lauren? Não teria sido mais simples se você mesma casasse com ele?

Janette tomou outro gole de conhaque, antes de responder: – Era exatamente o que eu tencionava fazer quando eles voltaram da Sardenha.

– Então por que não o fez?

– Lauren disse que estava apaixonada por Patrick.

Maurice fitou-a nos olhos.

– Lauren não passava de uma criança. Você poderia contornar a situação sem a menor dificuldade.

– Poderia mesmo – murmurou Janette, sustentando o olhar dele e tomando outro gole de conhaque. – E talvez devesse ter feito justamente isso.

No fundo, Janette sempre tivera certeza de que o casamento estava condenado ao fracasso. Mesmo enquanto eles faziam as juras de casamento no jardim da casa da mãe de Patrick, em Devon, os olhos dele se encontrando com os seus, Janette sabia que estava condenado. E que ela seria a causa de sua destruição.

De sua janela no segundo andar de *Reardon Manor*, Janette podia ver os primeiros convidados para o casamento chegando. Ela olhou para o relógio. Dez horas. A cerimônia estava marcada para meio-dia.

Janette olhou para o céu. Estava azul, bem claro, sem qualquer nuvem. Feliz a noiva, pois o sol está brilhando. Ela sorriu ao pensar nisso. Especialmente num domingo inglês, acrescentou para si mesma. Voltou ao interior do quarto e pegou a lista de convidados que estava na mesinha-de-cabeceira.

Não seria um casamento grande, havendo apenas 60 convidados. Mas a lista parecia um *Who's Who* da sociedade e indústria britânicas. Estava encabeçada pela família real, representada pela Princesa Margaret e Lord Snowden. Tinha *lords* e *ladies* suficientes para lotar a câmara de audiências do Palácio de Buckingham. O Lorde Prefeito de Londres estaria presente. A França estava representada pelo Conde de Paris e pelo padrasto dela, o Marquês de la Beauvil e, além do embaixador francês na Corte de St. James. Johann e Heidi tinham vindo da América, e o embaixador americano também estaria presente.

Janette largou a lista de convidados e pegou outro papel. Era a sua própria programação.

Alexandre viera de avião de Paris para arrumar os cabelos da noiva, como um favor especial a ela. *Madame* St. Cloud também viera, para supervisionar e vestir a noiva. Segundo a sua programação, os dois deveriam estar no quarto de Lauren naquele momento.

Ela pôs uma calça comprida e saiu para o corredor. O quarto de Lauren era o palco de uma atividade frenética. Heidi já estava ali e abriu-lhe a porta. Janette beijou-a no rosto.

– Como está a noiva? – perguntou ela, não vendo Lauren no quarto.

– Muito nervosa. – Heidi sorriu. – Mas não tão nervosa quanto eu. Neste momento, ela está no banheiro, lavando os cabelos.

– O que significa que Alexandre já chegou.

– Isso mesmo. Ele trouxe duas assistentes. E disse que arrumaria os meus cabelos também.

– Isso é ótimo. – Janette olhou para o outro lado do quarto, onde *Madame* St. Cloud acabara de pendurar o vestido de noiva. – O que acha do robe de *marriage*?

– Adorei! – exclamou Heidi. – É o vestido mais lindo que já vi em toda a minha vida!

Janette fitou-a. A sinceridade no rosto de Heidi era mais do que evidente.

– Obrigada. Eu queria que fosse um vestido especial.

– E é mesmo – disse Heidi, seguindo-a pelo quarto. – Nunca vi nada parecido.

Janette parou diante do vestido e perguntou a *Madame* St. Cloud: – *Tout va bien?*

– *Oui, Madame. Très bien.*

Janette virou-se para o vestido. Em Paris, naquela manhã, fotografias do vestido estavam sendo distribuídas à imprensa. No dia seguinte, as fotografias apareceriam em metade dos jornais do mundo. O que Heidi dissera era verdade. Nunca houvera outro vestido de noiva igual.

Em sua descrição mais simples, era constituído por três véus de seda pura bordados. O primeiro véu caía da cabeça da noiva para os ombros nus. O segundo véu era uma espécie de blusa sem alças, quase como lingerie, dando uma insinuação de nudez por baixo e terminando logo abaixo da cintura. O terceiro véu era uma saia que começava na cintura, descendo justa no corpo até a metade das coxas, onde se abria em franzidos bordados, terminando numa cauda comprida. O efeito total era de nudez implícita... cada um pensando que via o que pensava ver, embora na realidade nada pudesse ver.

Janette acenou com a cabeça em aprovação, dizendo a *Madame* St. Cloud: – Chame-me quando ela estiver vestida. Quero ter certeza de que está tudo direito.

– *Oui, Madame*.

Alexandre saiu do banheiro e avistou Janette. Aproximou-se e beijou-a no rosto.

– Sua irmã é adorável!

– E você é igualmente adorável por ter vindo até aqui para fazer isso por nós, *chérie* – disse Janette. – Não pode imaginar como estou grata.

– Ora, não foi nada. – Alexandre sorriu. – O prazer é meu.

– Lauren ainda está no banheiro?

– Está, sim. Minhas assistentes estão lhe arrumando os pés e as mãos.

– Vou até lá falar com ela por um momento. E depois podemos tomar um café.

– Seria ótimo – disse Alexandre.

Lauren estava sentada no banheiro, uma toalha na cabeça, os pés numa bacia com água.

Olhou para Janette e sorriu.

– Ninguém me disse que seria assim.

Janette riu.

– Não se pode fazer tudo o que queremos. Como está se sentindo?

– Um pouco doida, com toda essa gente em cima de mim. Bem que gostaria de puxar um Harvey número seis neste momento.

– Tem algum?

Lauren assentiu, indicando uma cigarreira no balcão ao lado da pia.

– Está ali. Mas não dá, com mamãe lá no quarto e toda essa gente ao meu redor.

Janette sorriu.

– Podemos dar um jeito nisso. – Ela acrescentou para as duas moças: – Podem nos dar licença por um momento? Minha irmã e eu precisamos conversar em particular.

– *Oui, Madame* – responderam as moças. As duas se retiraram e Janette

trancou a porta.

– Está vendo como é fácil?

Ela abriu a cigarreira e tirou um baseado. Entregou-o a Lauren e depois virou-se para a janela: – Deixe-me abrir a janela antes de acendê-lo. Não seria apropriado que o cheiro de marijuana flutuasse pelos salões de *Reardon Manor*.

Lauren soltou uma risadinha.

– Tem toda razão. Metade daqueles velhos fósseis nem saberia o que os atingiu.

Ela acendeu o cigarro e aspirou a fumaça fundo para os pulmões. Soltou a fumaça lentamente, passando o cigarro para Janette.

Janette também o tragou e devolveu-o.

– Está ótimo.

Lauren assentiu.

– Harvey nunca falha. Você deixou-o bastante excitado com aquela história do cosmético na base da argila. Está mesmo pensando em fazer o negócio?

– Vou tentar.

– Fico contente por isso. – Lauren sorriu. – Harvey é maravilhoso.

Ela deu outra tragada no cigarro.

– Ainda não posso acreditar. Vou realmente casar. Parece mais um sonho.

Janette fitou-a atentamente, uma estranha tristeza invadindo-a. E ela disse, gentilmente: – Isso mesmo, é como um sonho...

***

Janette estava em seu quarto, menos de uma hora depois, quando soou uma batida na porta.

– Quem é?

– O valete de Lorde Patrick, *Madame*.

Janette entreabriu a porta e espiou pela fresta.

– O que deseja?

– Lorde Patrick gostaria de falar-lhe, *Madame*.

– Mas ainda nem estou vestida! – protestou Janette. – Diga a ele que poderemos falar lá embaixo.

O rosto do valete permaneceu impassível.

– Acho que seria melhor ir falar imediatamente com Lorde Patrick, *Madame*.

Janette fitou-o aturdida por um momento e depois assentiu.

– Está bem. Espere um instante.

Ela fechou a porta, tornou a vestir a calça comprida. Abriu a porta e começou a avançar pelo corredor. O valete apressou-se em dizer: – Acho que seria melhor se fôssemos pelos fundos, *Madame*.

Janette seguiu-o por uma porta na outra extremidade do corredor.

Atravessaram um corredor comprido, pintado de cinza, entrando em outra ala da mansão.

O valete parou diante de uma porta e abriu-a.

– O quarto de Lorde Patrick, *Madame*.

Janette entrou num pequeno gabinete, entre o quarto e o banheiro. O valete informou-a: – À esquerda, *Madame*.

Ela passou por uma arcada, entrando no quarto. Patrick estava sentado apenas de cueca, olhando para um copo cheio de uísque em sua mão. Levantou a cabeça quando Janette aproximou-se e disse: – O casamento está cancelado. Avise a todo mundo.

– Por acaso ficou doido? Por que está dizendo isso?

Patrick tomou outro gole de uísque.

– Mudei de idéia.

Janette fitou-o fixamente por um instante, depois virou-se para o valete.

– Pode nos dar licença, por favor?

– Pois não, *Madame*.

O valete retirou-se. Assim que ouviu a porta ser fechada, Janette foi postar-se diante de Patrick e disse, em voz fria: – E agora me explique por quê.

Patrick tornou a levantar a cabeça para fitá-la.

– Porque ela quer ter um filho imediatamente. Disse que jogaria as pílulas fora no dia em que casássemos.

– Isso não é absolutamente motivo.

– É motivo suficiente para mim. Não quero saber de pirralhos a berrarem sem parar.

– Está bem.

Janette virou-se e voltou ao gabinete. Patrick levantou-se e seguiu-a, falando: – Pode dizer a todo mundo que fiquei doente.

Janette virou-se bruscamente.

– Não vou dizer nada a ninguém – disse ela, friamente, pegando uma bengala na estante de guarda-chuva e aproximando-se dele.

Patrick largou o copo e recuou, levantando as mãos para proteger o rosto.

– Não vai adiantar. Não pode me obrigar.

– Não mesmo? – perguntou Janette, a voz fria como gelo.

A bengala zuniu pelo ar e caiu nos ombros dele. Patrick gritou de dor e tentou escapar, mas

Janette seguiu-o implacavelmente, golpeando-o nos ombros e nas costas, os vergões vermelhos logo começando a aparecer na pele branca.

Patrick jogou-se na cama, chorando.

– Pare, por favor!

Janette espetou a ponta da bengala no ombro dele, forçando-o a virar-se e fitá-la. Ele já estava se masturbando vigorosamente. Furiosa, ela afastou-lhe a mão, com um golpe da bengala.

– Não lhe dei permissão para fazer isso, escravo.

– Desculpe...

– O que vai fazer agora?

Patrick fitou-a fixamente.

– Tudo o que mamãe quiser. Não quero é que mamãe vá embora só porque estou casado.

– Mamãe não vai deixá-lo. Ela sempre estará por perto. E agora seja um bom menino, tome um banho de chuveiro e depois se vista.

– Mas ainda não acabei!

– Se for um bom menino, voltarei depois da cerimônia e lhe darei permissão para acabar.

– Mamãe promete?

– Mamãe promete. E agora trate de se arrumar.

Patrick deixou a cama e foi para o banheiro. Janette ficou parada ali por um momento, observando-o abrir a água do chuveiro. Depois voltou ao corredor dos fundos. O valete estava esperando do lado de fora da porta.

– Lorde Patrick está tomando um banho de chuveiro – disse-lhe Janette. – Pode entrar agora e ajudá-lo a se vestir.

– Pois não, *Madame*. Obrigado. – Ele hesitou por um instante. – O casamento ainda vai se realizar?

– Vai, sim.

Uma expressão de alívio estampou-se no rosto do valete.

– Obrigado, *Madame*. Teria sido um terrível escândalo, com a Princesa Margaret e todo mundo aqui.

– Tem razão.

– Pode encontrar o caminho de volta sozinha, *Madame*?

– Claro que posso. E agora entre e vá cuidar de Lorde Patrick.

Foi uma hora e meia depois, quando a cerimônia acabou, que Patrick olhou para ela. Havia um estranho sorriso nos lábios dele quando levantou o véu do rosto de Lauren e inclinou-se para beijá-la. Os convidados adiantaram-se aos gritos de parabéns e Janette recuou de sua posição como dama de honra para deixá-los passar.

– Conseguiu superar a si mesma, Janette. É um vestido deslumbrante.

A voz de mulher, falando em francês, soou atrás dela.

Janette virou-se. Era Hebe Dorsey, a famosa colunista do International Herald Tribune. Era uma mulher atraente, de olhos escuros, eternamente bronzeada, cabelos louro-avermelhados, uma das mais importantes jornalistas de modas do mundo, suas matérias publicadas em incontáveis jornais. Ela contribuía também com um artigo mensal para o Vogue francês. Os Reardons não queriam a presença de jornalistas, mas fora aberta uma exceção no caso dela, porque era amiga íntima de Janette.

– Obrigada, Hebe.

– De onde foi que tirou a idéia? Nunca vi nada igual. Os franzidos na saia pareciam ondular e fluir enquanto ela andava.

Janette sorriu.

– Era justamente esse o efeito que eu queria obter. Tive a idéia quando fui à Califórnia, há vários meses, e observei Lauren fazendo surfe. Pensei que seria maravilhoso se pudesse captar as cristas brancas das ondas em torno dela.

– Tem uma fotografia do vestido que eu possa usar?

– Provavelmente deve haver uma cópia em seu escritório neste momento.

– Ótimo. – Hebe contemplou a multidão que cercava os noivos e depois virou-se novamente para Janette. – Sou uma romântica incorrigível. É mesmo verdade que eles se conheceram por ocasião da apresentação de sua coleção no ano passado e que foi amor à primeira vista?

Janette riu.

– É, sim.

Hebe suspirou, depois sorriu também.

– Acho que já tenho o título para a minha história.

– E qual é?

Hebe fitou-a nos olhos.

– Um conto de fadas... torna-se realidade.

***

Lauren estava aturdida. A realidade da lua-de-mel era muito diferente da promessa.

Começou como um sonho maravilhoso. Depois do casamento, seguiram no avião de Patrick para Mykonos. O helicóptero estava esperando ali, a fim de levá-los ao Fantasist, ancorado ao largo da ilha. Toda a coisa parecia um filme

romântico. Uma lua-de-mel de um mês inteiro, num cruzeiro pelas ilhas gregas. Mas alguma coisa parecia estar errada no momento mesmo em que embarcaram no pequeno jato em Devon.

O camareiro trouxe uma garrafa de champanhe e dois copos assim que o avião decolou.

Encheu os copos e depois afastou-se, desaparecendo por trás da cortina da cozinha.

Lauren desviou-se da janela, entregou um copo a Patrick e pegou o outro.

– A nós! – Ela sorriu. – Não é maravilhoso?

Patrick não fez qualquer menção de tomar o champanhe, limitando-se a fitá-la em silêncio, enquanto ela bebia. Depois, ele pôs seu copo na mesa entre os dois e virou-se para a janela.

– Ei, você não tocou no champanhe! – disse Lauren.

Patrick parecia quase furioso quando se virou para fitá-la novamente.

– Já bebi demais dessa porcaria para durar uma vida inteira. – Ele apertou um botão. O camareiro apareceu imediatamente. – Traga-me um uísque puro.

– Pois não, milorde.

O camareiro voltou um momento depois, com um copo de uísque numa bandeja. Patrick olhou para o copo e disse rispidamente: – Quantas vezes tenho de lhe dizer para me trazer uma garrafa cheia quando peço uísque?

– Desculpe, milorde. Trarei imediatamente, milorde.

Ele foi à cozinha e voltou com a garrafa, pondo-a na mesa e tornando a desaparecer.

Patrick tomou o uísque no copo de um só gole e tornou a enchê-lo, sem dizer nada.

Ele virou o rosto para a janela, sem olhar para Lauren, enquanto levava o copo aos lábios outra vez.

– Qual é o problema? – perguntou ela, aturdida. – Falei ou fiz alguma coisa errada?

Patrick tomou todo o uísque e tornou a encher o copo, antes de responder, bruscamente: – Não.

– Você não parece feliz.

Patrick fitou-a com uma expressão irritada.

– O que acha que eu deveria estar fazendo? Sapateando no teto?

– Poderia pelo menos se comportar como se estivéssemos em nossa lua-de-mel.

– Isso é besteira de classe média.

– Foi você mesmo quem tomou todas as providências. Não pedi coisa alguma.

Patrick esvaziou o copo e encheu-o mais uma vez. Lauren estendeu a mão sobre a mesa pequena, tocou o braço dele, dizendo, gentilmente: – Não beba mais, Patrick.

Ele fitou-a, indagando truculentamente: – O que mais há para fazer?

– Podemos ir para o sofá nos fundos e trepar. Sempre quis saber como seria foder num avião.

– Pois eu já fodi. Não é grande coisa.

– Mas eu nunca fodi. Para começar, eu poderia chupá-lo um pouco. E depois você também me chuparia. – Lauren sorriu subitamente, pegando a mão dele. – Sinta a minha boceta. Já está toda molhada. Fiquei com o maior tesão só de pensar.

– Pare de falar como se fosse uma puta vulgar – disse Patrick friamente, retirando a mão. – Lembre-se de quem você é agora.

– Sei quem eu sou – disse Lauren, a mágoa transparecendo em sua voz. – Sou Lauren. Quem você espera que eu seja?

Patrick despejou mais uísque em seu copo e bebeu, antes de responder: – Lady Reardon. Ou será que isso é esperar demais?

Lauren ficou olhando para ele, incapaz de responder, sentindo um aperto na garganta, as lágrimas aflorando-lhe aos olhos. Levantou-se prontamente e foi para o sofá nos fundos do avião.

Fizeram o resto da viagem em silêncio. Ao chegarem a Mykonos, Patrick já tomara quase duas garrafas de uísque e teve de ser carregado do avião para o helicóptero. Quando desembarcaram no *Fantasist*, tudo o que se podia fazer era metê-lo na cama e deixá-lo dormir até que passassem os efeitos de tanto uísque.

Lauren despiu-se e deitou nua na cama, ao lado dele. Pôs a mão no ombro de Patrick. Mas ele estava completamente apagado. Nem se mexeu. Uma hora depois, ela ainda não conseguira dormir. Acabou desistindo da luta, tomou duas cápsulas de Valium cinco, fumou um número quatro de Harvey, a erva do sonho, como ele dizia. E já estava dormindo antes de sentir os olhos fecharem.

Pela manhã, quando acordou, Patrick estava de pé, de costas para ela, vestindo uma calça. Os olhos de Lauren se arregalaram e ela perguntou, a voz chocada: – Santo Deus, Patrick! O que aconteceu com as suas costas?

Ele fitou-a pelo espelho e respondeu sem se virar: – Escorreguei nos degraus de pedra nos fundos de Reardon Manor ontem de manhã.

Lauren sentou-se na cama.

– E não me falou nada. Nem durante o casamento. Não podia deixar de estar sentindo dores horríveis. Deveria ter me falado.

Patrick não respondeu, ainda observando o reflexo dela no espelho.

– Compreendo agora por que estava bebendo daquele jeito ontem. – Lauren

saiu da cama e foi postar-se ao lado dele, fitando-o no rosto. – Deveria ter-me contado, Patrick. Pode estar certo de que eu compreenderia.

Patrick fitou-a em silêncio por um longo momento, antes de finalmente dizer: – Não queria incomodá-la.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o.

– Sinto muito, querido. Vamos arrumar alguma coisa para pôr nas suas costas.

Patrick sorriu, o seu bravo sorriso britânico.

– Não é nada demais, querida. Não está doendo tanto assim agora.

***

Duas semanas depois, o iate estava ancorando ao largo de Corfu. Lauren estava deitada nua no convés, esperando que Patrick acabasse de dar os seus telefonemas matutinos. Ele falava com o seu escritório duas vezes por dia, pela manhã e ao final da tarde. Lauren pegou uma lata de *spray* de Evian. A névoa fria era uma sensação agradável em sua pele quente. Ela levantou os olhos cerrados para o sol. Era melhor Patrick apressar-se. Mais meia hora e seria impossível continuar ao sol.

Ela pôs mais um pouco de água na mão e enfiou os dedos no pote de Sun Earth que Harvey lhe dera. Fora Janette quem dera o nome. Ela já estava trabalhando numa embalagem, planejando lançar o produto no mercado no início do próximo ano.

Lauren contemplou-se enquanto espalhava a mistura pelo corpo.

Realmente funcionava. Seu corpo nunca estivera tão queimado de sol e não ficara ardendo em um momento sequer. Em contraste, os cabelos nunca haviam sido de um louro tão esbranquiçado, as sobrancelhas e pestanas estavam praticamente invisíveis, até mesmo os cabelos púbicos estavam mais claros, sobre a pele escura por baixo. Ela ouviu passos na escada e virou-se. A cabeça de Patrick apareceu primeiro. Ele parou por um instante, no meio da escada.

– Pedi um drinque, Lauren. Gostaria também de tomar um?

– Não, obrigada. – Ela sorriu. – Mas você chegou bem a tempo de passar nas minhas costas.

Lauren rolou, ficando com a barriga para baixo, enquanto Patrick ajoelhava-se ao seu lado.

Ela jogou um pouco de água na mão dele e depois em suas costas, estendendo a mão por cima do ombro. Patrick enfiou os dedos no pote e

começou a aplicar a mistura. Lauren virou a cabeça para observá-lo. Ele estava sorrindo.

– Parece bastante satisfeito consigo mesmo esta manhã, Patrick.

– E estou mesmo. Consegui finalmente fazer com que os filhos da puta dos meus diretores reconhecessem que eu sabia o que estava fazendo.

– Isso é sensacional!

Lauren sabia do ceticismo e ressentimento que Patrick enfrentara ao começar a trabalhar na companhia. Tudo o que ele queria fazer era submetido a um escrutínio microscópico e combatido a cada passo.

– O que os levou a finalmente enxergarem a luz?

– Houve vários fatores, mas principalmente o negócio com Janette.

– Isso me faz duplamente feliz – disse Lauren, rolando e sentando-se, beijando-o no rosto. – Estou orgulhosa de você.

Ele fitou-a atentamente.

– Sabe que a coisa que mais dá lucro em toda a linha é Janette Jeans? Ganhamos mais de dois milhões de dólares nos Estados Unidos no primeiro ano, com apenas oito meses no mercado. Segundo as estimativas, deveremos chegar a seis milhões de dólares no próximo ano.

E até mesmo os nossos técnicos tiveram de admitir que a idéia dela de incluir dez por cento de fios elásticos no brim foi extraordinária, fazendo com que a *jeans* se ajustasse ainda melhor ao corpo. Fez com que até mesmo os rabos parecessem melhores. E, para cumular tudo, a coleção dela apresentada no início desta semana mostrou a Paris e a todo mundo da moda que o sucesso do ano passado não foi mero acaso. Abafou por completo.

– Estou me sentindo muito estúpida. Só pensei no casamento. Esqueci inteiramente que estava na época da apresentação da coleção. Janette deve estar pensando que sou uma idiota.

– Tenho certeza de que ela compreende.

– A apresentação também foi no Lido?

– Não. Desta vez Janette apresentou um tema de circo. Alugou um pequeno circo e fez a apresentação num pequeno toldo armado em Montmartre, com picadeiro e tudo o mais, palhaços, acrobatas, leões e elefantes. E agora todos os modelos foram dela. Provou de uma vez por todas que não precisava de um Philippe Fayard ou de qualquer outro para ajudá-la, que pode assumir o seu lugar ao lado de St. Laurent, Givenchy, Bohane todos os outros, no primeiro time dos *couturiers.* Nos primeiros três dias depois do desfile, Janette recebeu mais de um milhão de dólares em encomendas.

Lauren riu de felicidade.

– Aposto que aquele filho da puta do Carroll deve estar se roendo de raiva.

Patrick riu também.

– Também aposto.

– *Bwana.*

A voz do negro veio da escada. Lauren pegou a toalha para cobrir-se, enquanto o negro subia a escada, o copo gelado com suco de laranja e vodca numa bandeja.

Patrick pegou o copo. Olhou para Lauren.

– Tem certeza de que não quer mudar de idéia, querida?

Lauren aconchegou-se na toalha.

– Não, obrigada.

– Isso é tudo, Noah.

– Está bem, *Bwana.*

O africano virou-se e desceu a escada. Patrick tomou o gole do drinque.

– Está delicioso – comentou ele, estendendo o copo para Lauren. – Experimente.

Ela sacudiu a cabeça.

– Puxa, Lauren, você está quase tão preta quanto ele.

Ela sentou-se, ajeitando a toalha nos ombros.

– Gostaria que se livrasse dele, Patrick. Ele me deixa constrangida.

Patrick riu.

– Fala assim apenas por causa dos seus preconceitos americanos. Não gosta de negros.

– Não é isso. Ele está sempre me olhando fixamente. Posso quase sentir os olhos dele rastejando por todo o meu corpo.

Patrick tornou a rir.

– O que você esperava, desfilando nua durante todo o tempo? O que pensa que o resto da tripulação faz? Exatamente a mesma coisa. A única diferença é que eles conseguem disfarçar melhor do que Noah.

– Ele é como um animal, Patrick. Devia mandá-lo usar cueca ou qualquer outra coisa.

Sempre se pode ver os contornos do pau dele na calça justa que usa.

O sorriso desapareceu do rosto de Patrick.

– Você não precisa olhar.

– E não fico olhando. Nem é preciso, de tão óbvio.

Patrick largou o copo e inesperadamente enfiou a mão entre as pernas dela, depois levou os dedos aos lábios e provou-os.

– Você está toda molhada – disse ele, o excitamento transparecendo em sua voz. – Reconheça que o pau grande dele deixou-a com o maior tesão.

– Não seja estúpido – retrucou Lauren bruscamente, irritada. – Fiquei com

tesão no instante em que você começou a esfregar-me as costas.

– Quero chupá-la.

– Pois então pare de falar e comece a agir – disse Lauren, rindo e puxando a cabeça de Patrick para baixo.

***

Ela estava deitada na cama, observando-o despir-se, quando sentiu a vibração dos motores e o iate começou a se mover. Sentou-se e estendeu a mão para a sacola de viagem em que guardava o seu estoque de Harveys. E sem olhar para ele, perguntou: – Para onde estamos indo agora?

– Hidra.

– Outra ilha?

– Isso mesmo. Fica a cerca de 150 milhas daqui. Chegaremos lá pela manhã.

– Uma ilha grega? – indagou Lauren, pegando cada embrulho de celofane e examinando-o.

– Claro – respondeu Patrick, aproximando-se da cama e contemplando-a. – É tudo o que eles podem oferecer entre as ilhas gregas.

– O que há de especial nesta?

– Não sei. Dizem que é muito bonita.

– Todas as ilhas gregas são parecidas – comentou Lauren, ainda pegando e descartando os sacos de celofane. – Já estou com calos nos pés de dançar o *sirtos.* E juro que ficarei surda se ouvir outro coro de *Nunca aos Domingos.*

– Parece que já não agüenta mais. – Como não houvesse qualquer reação da parte dela, Patrick acrescentou: – O que está procurando?

– Harvey disse que pôs um novo tipo de maconha na encomenda. Acabei de encontrá-lo – Lauren levantou o pacote, com uma expressão triunfante. – É o número 16.

– E o que esse faz?

– É a erva da fantasia – respondeu Lauren, preparando um cigarro. – Harvey disse que proporciona a mesma viagem da mescalina ou peyote.

– Fantasia... – repetiu Patrick, atraído pelo pensamento. Ele sentou-se na beira da cama, observando-a acender o cigarro. – É isso o que toda lua-de-mel deve ser. Um tempo de fantasia.

– Não estou me queixando. – Lauren deu duas puxadas profundas e depois passou-lhe o cigarro. – Experimente só. Já estou começando a sentir um zumbido.

Patrick deu várias puxadas. E perguntou, ainda segurando o cigarro: – Você tem fantasias?

– Sobre o quê? – indagou Lauren, recostando-se nos travesseiros.

Ele deu outra puxada no cigarro e devolveu-o. Deixou os dedos se encostarem nos cabelos púbicos de Lauren.

– Como raspar sua cona e deixá-la macia e rosada como a de uma menina.

Lauren deu outra puxada. Harvey estava certo, como sempre. Aquela erva já estava fazendo coisas com a sua cabeça. Sentia-se ligadona. Soltou uma risadinha...

– Gostaria de fazer isso?

Patrick assentiu.

Lauren entregou-lhe o cigarro, levantou-se e foi ao banheiro. Voltou um momento depois, o púbis inteiramente coberto de creme de barbear, segurando a navalha de Patrick. E disse: – Muito bem, pode começar.

Alguns minutos depois ela estava de pé diante do espelho, examinando-se. Soltou uma risadinha.

– O clitóris parece uma língua rosada pulando entre os lábios. – Lauren virou-se para ele. – Gosta?

– Acho que está linda. – Patrick deu outra puxada no cigarro e estendeu-o para Lauren. – E qual é a sua fantasia?

Ela deu uma puxada no cigarro, soltou uma risadinha.

– Você não gostaria.

– Experimente.

– Gostaria de saber como você parece sem barba. – Lauren soltou outra risadinha. – Engraçado... Estou casada com você e nem mesmo sei como parece.

Patrick ficou imóvel por um momento, tentando ordenar os pensamentos. Estava tendo dificuldade em lembrar-se deles pelo tempo suficiente para enunciá-los.

– Pareço o mesmo – disse ele, finalmente.

– O que significa o mesmo?

Lauren soltou outra risadinha.

– O mesmo que sempre pareci. – Patrick começou a rir. – Não é engraçado? O mesmo que sempre pareci.

– É mesmo muito engraçado.

– Vou lhe mostrar o que estou querendo dizer.

Patrick foi para o banheiro e Lauren seguiu-o. Ficou observando-o passar creme de barbear no rosto. Depois de raspar metade do rosto, Patrick virou esse lado para ela.

– Está vendo? – disse ele, baixando a navalha. – Pareço o mesmo.

– Patrick, você é lindo de verdade!

– Eu não disse? – falou ele, pegando a toalha para limpar o rosto.

– Não pode parar agora.

– Por que não?

– Não pode sair por aí com uma barba só na metade do rosto – comentou Lauren, rindo. – É uma tolice.

Patrick virou-se e contemplou-se no espelho. Soltou uma risada.

– Você está absolutamente certa. Seria uma tolice.

Rapidamente, ele acrescentou mais creme de barbear ao rosto e raspou o resto da barba.

Passou os dedos pelas faces, pensativo.

– É uma sensação estranha... Eu usava barba há oito anos. Quase tinha esquecido o que era não ter barba. – Ele virou as costas ao espelho, tornando a esfregar o rosto. – Ainda é uma estranha sensação.

– O mesmo acontece com a minha boceta. – Lauren soltou uma risadinha. – O que me diz de apresentarmos os dois estranhos?

Alguns minutos depois, Lauren afastou o rosto dele.

– Não posso esperar mais – balbuciou ela, tentando puxá-lo para cima de seu corpo. – Quero você dentro de mim.

Patrick rolou na cama, deixando Lauren por cima.

– Pode meter.

– Está bem – disse Lauren, erguendo-se nos joelhos.

Guiando-o com a mão, ela baixou lentamente por cima dele. Deixou escapar o ar dos pulmões num suspiro.

– Ah, como é bom... – Lauren começou a se mexer lentamente. – Ah, posso sentir ele inteiro...

Parece uma rocha em fogo dentro da minha boceta...

– Com mais força! – disse Patrick. – Quero você caindo com toda força em cima de mim!

Lauren passou a se mexer mais depressa, o corpo batendo contra o dele. Inclinou-se por cima dele, sacudindo os seios diante do rosto de Patrick.

– Vou bater em você com meus peitos!

– Eles são pretos como os de uma negra!

– Gosta assim? – Lauren imobilizou os braços dele contra a cama. – Agora não pode se mexer. E vou estuprá-lo.

– Não, por favor!

Patrick quase gritou, sentindo o orgasmo se aproximar.

– Não pode me impedir! – gritou Lauren, veemente, para logo ser dominada por seu próprio frenesi. – Posso sentir seu pau explodindo dentro de mim.

O corpo dela foi sacudido por sucessivos orgasmos.

– Estou gozando e gozando e gozando!

Ela desabou em cima de Patrick, enquanto ambos recuperavam o fôlego. Depois de um momento, ele fez menção de sair de baixo. Lauren deteve-o.

– Deixe como está. Não tire ainda.

– Quero um cigarro.

– Daqui a pouco. – Ela fitou-o nos olhos. – Fantasiou mesmo que eu era uma negra?

Patrick assentiu, sem falar.

– O que mais você gosta de fantasiar?

– Uma porção de coisas.

– Por exemplo?

– Quero um cigarro.

Ela rolou para o lado e Patrick saiu da cama e foi até a cômoda para pegar o cigarro.

Vislumbrou o próprio rosto no espelho e ficou parado ali por um momento, examinando-o.

Levou os dedos ao rosto.

– Mas que merda! – Ele virou-se para Lauren. – Que diabo Harvey pôs naquela erva? Raspei a barba de verdade!

– E eu também deixei que você me raspasse a boceta!

Lauren riu, saindo da cama e aproximando-se dele. Tirou um cigarro do maço, acendeu-o e entregou a Patrick.

– Foi a melhor trepada que já demos. Devemos fumar aquela erva da fantasia mais vezes.

Patrick deu uma tragada no cigarro e acabou sorrindo.

– Posso ficar ridículo. Ficaria terrivelmente engraçado com a cabeça raspada.

– Não pode imaginar nenhuma fantasia melhor? – indagou Lauren, sorrindo.

Patrick sorriu também e voltou para a cama.

– Claro que posso. – Ele olhou para Lauren. – Tenho a impressão de que você já está cheia das ilhas gregas.

Ela assentiu. Patrick pegou o telefone e ligou para a cabine de comando, dizendo ao comandante: – Esqueça Hidra. Vamos seguir direto para St. Tropez. Ele desligou e acrescentou para Lauren: – O que acha disso como fantasia?

Ela riu.

– Agora você está entrando numa boa.

– Imaginei que você gostaria. – Patrick sorriu. – Estaremos em St. Tropez dentro de três dias.

Janette estará promovendo a sua grande bacanal anual da noite de domingo.

Vamos fazer-lhe uma tremenda surpresa ao aparecermos.

***

Eram quase três horas da madrugada e a festa estava atingindo o auge.

Lauren tinha a sensação de que a cabeça estava prestes a explodir com o barulho. Podia controlar a maconha e a cocaína, mas não agüentara o champanhe com que Patrick a enchera desde o momento em que haviam chegado. Insistia em dizer-lhe que não podia agüentar, mas Patrick simplesmente ria e tornava a encher-lhe o copo. Agora, ela sentia a cabeça a girar e estava ficando nauseada. Pôs-se a procurar por Patrick na multidão. Queria voltar ao iate e dormir.

Agosto era o mês das festas em St. Tropez e Janette se esmerara na que estava oferecendo.

Fornecido por Felix, de l'Escale, o bufê na mesa imensa sob a cobertura do terraço oferecia todos os tipos de comida. Havia assados magníficos de carne de boi e de cordeiro, travessas cheias de lagosta e camarão, cestas com *crudités* decoravam todas as mesas. Antes do jantar ser servido, meia dúzia de garçons circularam pela multidão, com bandejas de caviar. Havia velas nas mesas. Na cobertura do terraço e nas árvores estavam penduradas lanternas chinesas. Antes e durante o jantar, Los Paraguaianos tocaram flamenco. Depois, dois grupos de *rock* começaram a tocar para as danças.

O centro da vasta sala de estar fora esvaziado para que as pessoas pudessem dançar ali e era impossível atravessá-lo, por causa da multidão. Lauren contornou a sala lentamente, na direção do canto em que Janette permanecera durante a maior parte da noite. Era uma posição privilegiada, de onde ela podia observar quase tudo o que acontecia.

Janette estava corada e sorrindo, enquanto falava às pessoas que a cercavam. Não precisava que ninguém lhe dissesse que a festa era um sucesso. Tivera certeza disso no momento em que os conservadores de Monte Carlo começaram a chegar, as mulheres de longo, os homens de *smoking*. Era uma gente que não faria as duas horas de viagem de carro se não achasse que a festa era importante. Jack Nysberg, o fotógrafo oficial do *Vogue* francês, estava presente a bater suas fotos, o que representava uma espécie de aprovação oficial.

Lauren tocou no braço da irmã para atrair-lhe a atenção. Janette virou-se para ela.

– *Oui, Chérie?*

– Viu Patrick em algum lugar?

Janette correu os olhos pela sala.

– Não vi, não. Talvez ele tenha saído para o terraço. Quer que eu mande alguém procurá-lo?

– Não precisa. Você já tem muito o que fazer. Eu mesma vou procurá-lo...

– Está certo.

Janette sorriu e voltou a se concentrar nos convidados, enquanto Lauren encaminhava-se para o terraço.

Havia pessoas sentadas às mesas, comendo, quando ela saiu da casa.

Um rápido olhar informou-a que Patrick não estava ali. Gritos e risos da piscina atraíram sua atenção e Lauren foi até lá.

Parecia haver cerca de 20 homens e mulheres nuas dentro da água.

Outras vinte e tantas pessoas estavam em torno da piscina, observando os, a gritar e rir.

Havia outro grupo na extremidade da piscina e Lauren aproximou-se, já que Patrick não estava entre os demais.

E foi lá que o encontrou, num grupo de cerca de dez pessoas. Patrick tinha uma garrafa de champanhe numa das mãos e um copo na outra. Lauren aproximou-se por trás e tocou-lhe o braço. Ele virou-se e sorriu.

– Estava à sua espera. – Patrick falou com a voz engrolada, estendendo o copo para ela. – Beba um pouco e assista ao espetáculo.

Lauren sacudiu a cabeça.

– Já bebi demais. E acho que você também.

– Não comece a reclamar – disse Patrick, empurrando-a para sua frente. – Se não quer beber, então assista apenas...

A princípio, Lauren pensou que eram apenas três garotas nuas, rolando pelo chão. Mas depois percebeu que havia mais alguém. Talvez não o tivesse visto imediatamente porque ele era tão preto que se fundia com a escuridão. Ou porque as garotas nuas envolviam-no, quase que escondendo-o por completo.

– Como ele chegou aqui?

Lauren virou-se para Patrick, furiosa.

– Mandei buscá-lo. Até mesmo os negros têm direito a se divertirem um pouco.

Ela começou a afastar-se, mas Patrick agarrou-a prontamente.

– Olhe só para isso! – disse ele, rindo. Uma das garotas estava se abaixando sobre Noah. – Aposto cem libras como ela não vai conseguir acomodá-lo todo. É grande demais para ela.

– Está apostado! – gritou um dos homens.

Patrick tornou a olhar para Lauren.

– O que você acha disso como fantasia? Não gostaria de se juntar a elas?

– Quero voltar ao iate! – disse ela, desvencilhando-se, furiosa. – Não estou me sentindo bem.

Patrick fitou-a nos olhos.

– O carro e o motorista estão lá fora. Pode ir embora, se quiser. Mas eu vou ficar. É a primeira vez que me divirto de verdade em um mês.

Lauren correu de volta à casa, piscando os olhos repetidamente, para conter as lágrimas.

Teria de passar pela casa para alcançar o estacionamento na frente. Mas, assim que entrou na casa, foi envolvida pelo calor dos corpos e pelo barulho, sentindo a náusea subir-lhe pela garganta. Sabia que jamais conseguiria chegar ao carro se tivesse de atravessar aquela multidão. Subiu correndo a escada para o quarto que ocupara no ano anterior e entrou no banheiro.

Ajoelhada no chão, as mãos na beira do vaso, o corpo sacudido por espasmos sucessivos, ela vomitou por um tempo que lhe pareceu interminável. Tinha a sensação de que estava vomitando tudo o que comera ao longo da última semana. Finalmente acabou e ela ficou acocorada, exausta.

Descansou por um momento, até sentir-se forte o bastante para se levantar. Foi até a pia e contemplou-se no espelho. Estava com uma aparência horrível, a maquilagem toda borrada, o rosto pálido e suado. Abriu a água fria, pegou uma toalha e começou a limpar o rosto. Depois, ajeitou a toalha molhada na nuca e lavou a boca, a fim de livrar-se do gosto horrível.

Abriu a boca e começou a ajeitar a maquilagem. Mas estava indo devagar demais. Ainda sentia-se fraca e extenuada. Só podia ser todo o champanhe que tomara. Nunca antes passara tão mal assim. Até passar batom nos lábios parecia exigir-lhe um imenso esforço.

Mesmo depois de acabar a maquilagem e encaminhar-se para a porta do banheiro, ainda tinha a sensação de que não lhe restava qualquer força, o corpo ainda tremia. Entrou no quarto e ficou parada ali por um momento, olhando para a cama. Alguns minutos de descanso e certamente se sentiria melhor.

Sentou-se na beira da cama e tirou os sapatos, deitou-se em seguida.

Estava certa... já começava a sentir-se melhor. Satisfeita, fechou os olhos. Gradativamente, a tremedeira foi cessando. Muito melhor assim, pensou ela. E um instante depois estava adormecida.

Despertou com o som de voz no quarto ao lado. Levou um momento para lembrar-se de onde estava. Ainda estava escuro no quarto, mas havia uma insinuação da luz do dia nas janelas. Lentamente, Lauren saiu da cama e foi ao banheiro. Lavou o rosto novamente com água fria e contemplou-se no espelho. A cor voltara ao seu rosto. Fora ótimo que acabasse dormindo. Estava mesmo precisando do descanso.

Ela abriu a bolsa. O que precisava agora era de alguma coisa para animá-la. Lembrou-se que deixara a caixa de pílulas no iate e que dera a cocaína para Patrick guardar. Tornou a ouvir vozes no quarto ao lado. Janette estava acordada. Talvez pudesse arrumar alguma coisa com ela.

Voltou ao quarto e calçou os sapatos. Abriu a porta e saiu para o corredor. A casa parecia estranhamente silenciosa. Foi até o alto da escada e olhou para baixo. Através da arcada, podia avistar a sala de estar.

Estava a maior confusão, mas não havia ninguém ali.

O som de vozes tornou a soar no quarto de Janette. Lauren foi até lá e bateu baixinho na porta. As vozes continuaram a soar, como se não a tivessem ouvido. Hesitante, Lauren entreabriu a porta e olhou. Toda uma parede do quarto de Janette era completamente espelhada e da porta ela podia ver tudo o que acontecia lá dentro. Uma onda de frio entorpecente invadiu-a, congelando-a numa paralisia momentânea.

Três corpos nus estavam refletidos no espelho, como se fosse uma tela gigantesca. Patrick, de joelhos diante do africano, masturbava-se violentamente, enquanto com a outra mão segurava o falo de Noah em sua boca. Ele se contorcia de dor, enquanto Stéphane, açoitando-lhe as costas com um chicote de montaria, o rosto contraído numa estranha expressão de ódio, rosnava: – *Plus dur!* Seu nojento! Porco! *Suce plus fort*!

Por um momento, Lauren teve a sensação de que ia desmaiar. Mas logo a raiva fez aflorar de algum lugar do fundo dela uma força insuspeita. Fechou a porta lentamente e encostou-se nela, fazendo um esforço para recuperar o controle. Compreendia subitamente muitas coisas.

Os vergões nas costas de Patrick no dia seguinte ao casamento. Por que ele sempre a queria na posição dominante quando faziam amor. Por que se recusava a mandar embora o africano.

Tudo estava claro agora. Fora uma tola por não ter percebido antes.

A mágoa e o ressentimento dominaram-na e seus olhos encheram-se de lágrimas.

Encaminhou-se para a escada e desceu lentamente, na direção da porta da frente.

A porta se abriu no instante em que a alcançou e Janette entrou na casa. Parou no mesmo instante e olhou aturdida para Lauren.

– Estou voltando do café da manhã em La Goril e. Disseram-me que você tinha voltado ao iate bem cedo.

Subitamente, Lauren sentiu-se envergonhada. Baixou os olhos e murmurou: – Não voltei...

– Então onde estava?

– Acabei dormindo no meu antigo quarto – balbuciou Lauren, ainda olhando para o chão. – Ahn...

Lauren levantou o rosto.

– Sabia que Patrick está lá em cima no seu quarto, com o negro e a sua garota?

Os olhos de Janette não hesitaram por um instante, sequer, enquanto ela mentia: – Não, não sabia.

Mas ela sabia de tudo, pois fora quem articulara tudo. Janette encaminhou-se para a escada.

– Vou expulsá-los.

Lauren deteve-a, dizendo apaticamente: – Não precisa se incomodar. Isso não mudaria coisa alguma.

– Então o que quer que eu faça?

– Leve-me ao iate. Vou pegar minhas coisas e depois voltar para casa.

Em silêncio, deixaram a casa e entraram no carro. Estava quase clareando quando entraram na estrada estreita que levava à aldeia. Lauren olhou para a irmã. Janette estava com os olhos semicerrados, a proteger-se do sol.

– Por que não me disse que ele era assim, Janette?

– Ele prometeu que ia mudar – respondeu Janette, sem desviar os olhos da estrada. – Afinal, ele voltou a trabalhar.

Lauren começou a chorar, a angústia dominando-a mais forte do que nunca.

– Mesmo assim, deveria ter-me contado. Sinto-me como uma idiota. Todo mundo tinha de saber, menos eu. Aposto que todos pensam que sou a maior imbecil de todos os tempos.

– Todas as mulheres sentem inveja de você. Não existe nenhuma que não quisesse trocar de lugar com você, apesar de tudo.

– Não estou entendendo – murmurou Lauren, chorando baixinho.

– Vai compreender quando estiver mais velha. – Janette olhou rapidamente para Lauren. – Coisas assim estão sempre acontecendo. Os homens são animais estranhos, comportam-se das maneiras mais esquisitas. Mas tudo acaba se endireitando.

– Ele nunca vai endireitar – declarou Lauren, com absoluta convicção. – Não apenas é doido, mas também um bicha enrustido.

– Metade das mulheres da Europa não casariam se fizessem alguma objeção a essas coisas.

– Janette tornou a olhar para Lauren. – O pai e o avô de Patrick foram pederastas famosos em seus tempos. As mulheres deles sabiam e aceitavam. Isso não os impediu de terem um casamento bem-sucedido e criarem uma família.

Lauren parara de chorar e estava agora olhando fixamente para a estrada, em

silêncio.

– Talvez Patrick não odiasse o pai tanto quanto odiava o que havia do pai em si mesmo. Pelo menos ele tentou romper o padrão.

Janette diminuiu a velocidade do carro para permitir que um caminhão, carregado de milho recentemente colhido, entrasse na estrada, à sua frente. Depois, foi seguindo lentamente atrás do caminhão.

– Esperou um ano para casar, Lauren. Acha que está sendo justa consigo mesma ao tomar a decisão de destruir o casamento tão depressa?

– Acha então que devo continuar casada com ele? – perguntou a irmã.

– Acho.

– Por quê?

– Porque pode ser um bom casamento. A família de Patrick é uma das melhores da Inglaterra, o título já tem quatro gerações. E quando a mãe morrer, Patrick será um dos homens mais ricos do mundo.

– Se é de fato tão bom assim, por que você mesma não casou com ele? Patrick pediu-a em casamento primeiro.

Janette tornou a lançar-lhe um olhar rápido e depois concentrou-se na estrada. Respondeu em voz baixa: – Porque eu não podia dar a Patrick o que o casamento acabaria exigindo para ser bem-sucedido. Herdeiros. Sofri um acidente quando era menina e não posso ter filhos.

Impulsivamente, Lauren tocou a mão da irmã.

– Eu não sabia, Janette. Sinto muito.

– *Cest la vie.* – Janette deu de ombros, depois tornou a fitá-la. – Mas não há problema com você. Tem opções. Pode fazer com que tudo dê certo.

Lauren sustentou o olhar dela.

– Talvez você pense que sou ingênua. Ou estúpida. Ou as duas coisas. Mas o dinheiro e o título nunca significaram coisa alguma para mim. E continuam a não significar.

Ela ficou calada por um momento, enquanto o carro enveredava pelas ruas estreitas da aldeia, a caminho do porto.

– Acho que sou mais americana do que imaginava. Não posso me comportar como vocês, os europeus. Para mim, um casamento sem amor não é absolutamente casamento.

Lauren pegou o vôo das sete e meia da manhã de Nice para Paris e o vôo polar das 10 horas de Paris à Califórnia. E foi só seis semanas mais tarde, dois dias depois de receber o despacho interlocutório de divórcio no tribunal de Santa Mônica, que ela descobriu que estava grávida há dois meses.

***

O porteiro do Maxims abriu a porta do Rolls-Royce. Tocou no quepe e disse: – *Bonjour, Madame*.

Ele foi apressadamente abrir a porta do restaurante para Janette. Ela entrou e parou por um momento, enquanto o *maître* aproximava-se rapidamente.

– *Madame* de la Beauvil e. – Ele fez uma mesura. – *Monsieur* Caramanlis está à sua espera.

Acompanhe-me, por gentileza.

Janette atravessou o corredor para o restaurante, os olhos ajustando-se à semi-escuridão, depois da claridade intensa lá fora. O Maxims na hora do almoço era muito diferente do Maxims ao jantar. Na hora do almoço, todos os clientes importantes e regulares ocupavam a sala da frente, muitos nas mesmas mesas todos os dias, enquanto os turistas e os fregueses eventuais ficavam na sala dos fundos, cuja pista de dança também estava ocupada por mesas. À noite, acontecia o inverso, os clientes importantes ocupando a sala dos fundos, perto da orquestra, enquanto os demais ficavam na frente.

Caramanlis era um dos clientes regulares. Estava sentado sozinho numa mesa grande redonda, perto da janela, no canto oposto, não muito longe de Robert Cail e, o editor do Vogue, que sempre ficava na mesa do centro e estava tão absorvido em conversar com vários homens que não viu Janette passar. Caramanlis levantou-se quando ela se aproximou da mesa.

Beijou-lhe a mão e gesticulou para a cadeira, virando-se em seguida para o *maître*.

– Pode abrir o champanhe agora.

Janette sorriu e sentou-se, o *maître* puxando a cadeira para ela. Olhou para Caramanlis, sem dizer nada. Depois do que acontecera entre os dois na noite anterior, ela não esperava receber mais qualquer notícia dele.

Mas tudo começara naquela manhã, quando se sentava para o café da manhã em sua casa. Pontualmente às oito horas, ouviu a campainha da porta da frente. O mordomo entrou na sala alguns minutos depois, com uma caixa de rosas. Ficou segurando-a, enquanto Janette pegava o cartão e lia. Não havia qualquer mensagem, apenas o nome escrito a mão.

Caramanlis.

Depois, exatamente às 10 horas, quando ela se sentava à sua mesa no escritório, seu secretário, Robert, entrou na sala. Também trazia uma caixa de rosas vermelhas. Desta vez, havia uma caixa de jóia dentro, além de um cartão. Janette abriu a caixa de jóia primeiro.

Sobre seda preta, havia uma gargantilha de esmeraldas, engastadas em ouro e ligadas por pequenos diamantes brancos. Ela ficou olhando para a jóia em silêncio. Depois de um momento, fechou a caixa e pegou cartão.

– *Madame* não gostaria de usar?

A voz de Robert estava quase chocada. Janette respondeu bruscamente: – Não. É grega demais.

Desta vez, havia uma mensagem no cartão: "Almoço. Maxims. Uma hora." Mas não havia nome. Apenas a inicial, "C".

Janette sacudiu a cabeça. Por um momento, sentiu-se tentada a devolver tudo, sem enviar sequer um bilhete. Mas Caramanlis não perceberia a sutileza. Um ego como o dele não tinha limites. Iria encontrá-lo ao almoço e lhe devolveria a jóia pessoalmente, a fim de ver a cara que faria. Ela olhou para o seu secretário, ainda parado ali, com a caixa de rosas nas mãos.

– Não fique parado aí com essa cara de idiota – disse-lhe Janette, irritada. – Vá pôr essas rosas na água.

– Pois não, *Madame*.

Ele começou a sair da sala, apressadamente. Janette deteve-o, quando ele já estava na porta: – E depois as coloque na recepção, Bobby. Não as quero na minha sala.

***

O *maître* pôs os copos gelados de champanhe diante deles e despejou um pouco no copo de Caramanlis, a fim de que ele provasse. Caramanlis assentiu, sem provar. Fazendo uma mesura, o *maître* encheu os dois copos e depois afastou-se.

Caramanlis levantou seu copo para Janette.

– Eu lhe devo um pedido de desculpas e uma explicação.

Janette não tocou em seu copo.

– Você não me deve nada. – Ela tirou da bolsa a caixa de jóia e empurrou-a por cima da mesa. – Especialmente quinquilharias como esta.

– Mas... mas você não está entendendo – disse o grego, quase gaguejando de espanto. – Eu queria que soubesse... que depois da última noite... não havia ressentimentos...

– Não precisa me dizer isso – falou Janette, sarcasticamente. – Não chegou a ficar duro o bastante na noite passada para que eu sentisse qualquer coisa.

Um véu pareceu baixar sobre os olhos de Caramanlis, que ficou subitamente

sério.

– Sua cadela!

Janette sabia que acertara em cheio. Estava sorrindo suavemente quando se levantou.

– Adeus, *Monsieur* Caramanlis – disse ela, afastando-se.

Caramanlis não se virou para observá-la. Podia sentir o rubor subir pelo colarinho e espalhar-se pelo rosto. Manteve os olhos abaixados, fixando a caixa de jóia em cima da mesa. Tinha certeza de que o silêncio súbito no restaurante significava que todos haviam ouvido a conversa.

Pegou o copo de champanhe, a mão quase tremendo com a raiva súbita que o invadiu.

Tão depressa quanto cessara, as conversas no restaurante retomaram o ritmo normal.

Lentamente, Caramanlis tomou o champanhe. Pela janela, podia ver o porteiro segurando a porta do Rol s-Royce, enquanto Janette embarcava. Ele fechou a porta e o carro afastou-se.

Um garçom apareceu e rapidamente retirou o copo de Janette e o lugar que fora posto para ela. Um momento depois, o *maître* estava parado ao lado dele.

– *Monsieur* Caramanlis já quer pedir o almoço agora? – disse ele, como se não tivesse acontecido nada de anormal.

– Vou querer uma *sole de Dover* grelhada, com limão, sem manteiga, sem batatas, uma salada verde, apenas com limão.

O *maître* afastou-se. Caramanlis pegou a caixa de jóia e guardou no bolso. Sentiu os lábios se contraírem novamente. Aquela quinquilharia, como Janette a chamara, custara-lhe um quarto de milhão de dólares. Pela primeira vez desde que ela se retirara, o grego levantou o rosto e correu os olhos pela sala.

Ninguém parecia estar observando-o. Todos conversavam entre si, com a animação habitual. Mas ele não se enganava. Ao cair da tarde, toda Paris estaria comentando e rindo à sua custa.

O champanhe adquiriu subitamente um gosto amargo em sua boca.

Largou o copo na mesa. Ela era como todas as outras prostitutas francesas que conhecera, fazendo suas encenações diante de uma audiência, pensando que suas conas as tornavam invioláveis.

Mas aquela iria descobrir que estava enganada. Na pequena aldeia grega em que ele nascera, os homens sabiam como tratar as putas que exorbitavam de seus privilégios. Era uma lição que elas geralmente não esqueciam, pelo resto de suas vidas.

***

– Está ficando velho, Jacques – disse Janette, fitando-o através da mesa. – Houve um tempo em que estava sempre insistindo para que eu fosse em frente de qualquer maneira. Agora, tudo o que ouço de você é: “Vamos com calma.” O que há de errado em querer ficar com todos os lucros do nosso trabalho?

Jacques sustentou o olhar dela, sem deixar que seu rosto expressasse a mágoa provocada pelas palavras dela.

– Lamento que se sinta assim, Janette. Só que não estou dizendo que há algo de errado em querer ficar com todos os lucros. Tudo o que estou lhe pedindo é para verificar se isso vale ou não dez milhões de dólares.

Ele fez uma pausa, antes de acrescentar: – Neste momento, sem qualquer investimento da nossa parte, estamos ganhando entre quatro e cinco milhões de dólares por ano, a maior parte apenas em licenças de fabricação e *royalties*. A Kensington teve de fazer investimentos em lojas, estoques, instalações industriais, organização de vendas e propaganda. Nós só contribuímos com nosso nome e modelos.

– Meu nome e modelos – disse Janette, bruscamente.

– Isso mesmo. – Jacques assentiu. – Esse é o nosso verdadeiro investimento. Acho que devemos nos ater a ele e protegê-lo. Pense o que está nos custando só para lançar o Soie no mercado. São 25 milhões dos nossos próprios francos, que ganhamos tão arduamente. E três anos se passarão antes que possamos sequer acalentar a esperança de um lucro razoável. E olhe que foi uma promoção bem-sucedida. Pense também na *couture*, em que possuímos tudo, Janette. Estamos fazendo mais negócios do que jamais sonhamos. Somos tão bem-sucedidos quanto qualquer dos outros... Dior, St. Laurent, Givenchy. Mesmo assim, as despesas operacionais consomem quase tudo o que ganhamos. E ficamos felizes se conseguimos empatar ao final de cada ano. Não estou objetando apenas aos dez milhões de dólares de que não dispomos no momento, Janette. Minha objeção é ao que está além. Será necessário mais dinheiro para criar e operar os diversos serviços que a Kensington nos presta no momento.

Isso poderia representar outros dez milhões de dólares. E mesmo que contássemos com os 20 milhões de dólares indispensáveis, será que estaríamos preparados? O que sabemos a respeito da produção na América do Sul e Ásia? Absolutamente nada. Seríamos piores do que amadores. Até mesmo os profissionais deparam com problemas quando menos esperam. Veja o caso da Agache-Willot, uma das maiores cadeias de varejo da França. Não faz muito tempo, eles compraram a Korvettes, nos Estados Unidos, também uma operação

vitoriosa. Mas alguma coisa saiu errada. Em pouco tempo, eles perderam 40 milhões de dólares. Por causa disso, enfrentam agora a possibilidade de perder o controle de sua própria companhia aqui na França para os bancos.

Jacques parou por um instante, a fim de recuperar o fôlego. Janette perguntou, friamente: – Já acabou?

– Ainda não. Quero que me escute até o fim. Depois, poderá decidir se estou ou não ficando velho. Mesmo que tenhamos sucesso, o que vamos ganhar?

Jacques fez outra pausa e depois continuou, sem esperar que Janette dissesse alguma coisa:

– Já nos disseram que eles têm um lucro duas vezes superior ao nosso. Mas não sabemos como esse lucro é obtido e de onde vem. Não se esqueça de que eles fizeram o negócio conosco porque dispõem de todas as instalações necessárias para a fabricação dos tecidos e dos produtos acabados. Cuidam de todas as etapas da operação, e estou disposto a apostar que a maior parte do lucro provém da produção e não da venda a varejo. Se quiserem, eles podem até operar a divisão de varejo com prejuízo, que será compensado pelos lucros ela fabricação. Se estou certo, o máximo que podemos ganhar, se comprarmos tudo e se formos bem-sucedidos em tudo o que devemos fazer, estará em torno de dois milhões de dólares por ano. Isso significa que levaríamos dez anos para recuperar os 20 milhões de dólares investidos. E isso sem sequer levar em consideração o que teríamos de pagar pelos 20 milhões de dólares, caso consigamos obtê-las. É bem possível que os quatro ou cinco milhões de dólares que ganhamos por ano desapareçam inteiramente, consumidos pela operação de um negócio sobre o qual nada conhecemos. Aconteceu com Agache-Wil ot. Pode acontecer conosco.

Jacques respirou fundo outra vez. Janette ainda o observava em silêncio.

– Sou seu amigo, Janette. Lutamos muitas batalhas juntos, lado a lado. Assim, acho que não preciso provar minha amizade ou devoção a você. Tenho acompanhado com admiração a determinação implacável que a levou de uma menina inexperiente à mulher forte e importante que é atualmente, uma mulher que não está atrás de ninguém em nosso negócio. Como amigo, creio que tenho toda liberdade para adverti-la. Ninguém neste mundo pode ter tudo.

Sempre deixe alguma coisa para os outros fazerem e lucrarem, o que é o caminho mais certo para você lucrar também. Não deixe que seu próprio ego e a ambição cega conduzam à sua destruição.

Os dois ficaram em silêncio por um longo tempo, apenas se olhando.

Janette finalmente falou: – Foi um discurso e tanto. – Jacques assentiu, lentamente.

– Foi, sim. Não sei de onde veio. Eu não o esperava.

– Nem eu. – Ficaram novamente em silêncio por um momento e depois Janette fitou-o nos olhos. – Estava falando sério quando se referiu ao meu ego e ambição cega?

Ele ficou embaraçado.

– Não sei direito... Acho que sim. Não sei o que mais poderia estar compelindo-a. Estamos ganhando todo o dinheiro de que realmente precisamos. Até agora, tudo o que fizemos tem sido um desafio, divertido de se enfrentar. Mas de repente não é mais um desafio.

– E se eu lhe desse mais dez por cento da companhia, Jacques? – Ele já tinha cinco por cento. – Acharia então divertido?

– Pensei que me conhecesse melhor, Janette. – Jacques sacudiu a cabeça lentamente. – Não quero mais. Já tenho tudo o que preciso. O que falei foi para o seu próprio bem, não para ganhar pessoalmente mais alguma coisa.

– O que diria se eu respondesse que pretendo fazer o negócio de qualquer maneira, apesar do seu conselho?

Jacques fitou-a atentamente. – Diria: “Boa sorte, Janette.”

Ela sustentou o olhar dele.

– E isso é tudo?

Jacques levantou-se.

– Não, Janette. Diria também que você precisaria de alguém mais capaz e mais conhecedor dessas questões do que eu.

Subitamente, ela ficou furiosa, dizendo asperamente: – Eu sabia! Não apenas está ficando velho, Jacques, mas também tornou-se um covarde, com medo de lutar!

A mágoa desta vez transpareceu no rosto dele e ficou evidente em sua voz: – Lamento que se sinta assim, Janette.

A voz era trêmula, e Jacques encaminhou-se rapidamente para a porta, a fim de que Janette não percebesse que seus olhos estavam marejados de lágrimas. Na porta, ele virou-se e fitou-a. Janette mantinha-se num silêncio impassível. Jacques sacudiu a cabeça, tristemente. Se ao menos ela dissesse alguma coisa... Ele não queria acabar assim. Mas Janette manteve-se em silêncio. Estava acabado.

Ele abriu a porta, ainda fitando-a. Ela sustentava o olhar, como se estivesse diante de um estranho. – Adeus, Janette.

Jacques saiu e fechou a porta silenciosamente.

Janette continuou a olhar para a porta fechada. Ele que fosse para o diabo! Que direito tinha de julgá-la? A raiva começou a dissipar-se, substituída por um impulso de correr atrás de Jacques e trazê-lo de volta. Mas era isso o que os homens sempre queriam. Uma mulher que corresse atrás deles, suplicando para

que voltassem.

Pois ela não faria isso. Ficaria esperando. E Jacques voltaria. Pensaria direito e pela manhã estaria de volta ao escritório, como se nada tivesse acontecido.

Mas o tom decidido na despedida dele ecoou na mente de Janette e ela compreendeu que isso não aconteceria. Uma estranha sensação de perda invadiu-a. Jacques nunca mais voltaria. De certa forma, ele era o único amigo de verdade que ela tivera. E sempre estivera ao seu lado. Agora, ela estava realmente sozinha.

***

Lauren estava na cozinha quando ouviu a buzina do carro soar na frente da casa branca à beira da praia, na Pacific Coast Highway. Largou a xícara de café e levantou-se. Antes de ir à porta da frente, olhou pela janela do terraço para a praia. Anitra estava nua, sentada na areia, brincando com os dois cachorrinhos. Sentada à sombra de uma barraca, Josefina, a babá mexicana, na casa dos 40 anos, estava tricotando e vigiando a menina.

Lauren atravessou rapidamente a casa, saiu pela porta da frente para o pátio e abriu o portão. O carro estava parado bem na frente, e Harvey já estava tirando as tiras de couro que prendiam a prancha de surfe ao teto. Ela riu e foi ajudá-lo. Nada mudara em Harvey, a não ser o carro. Era um Porsche 918 agora, ao invés de um Volkswagen. Ele não realizara a sua ambição de tornar-se milionário aos 21 anos, mas agora, aos 25, estava chegando perto. E também não se tornara um traficante, como originalmente planejara. Em vez disso, tinha um negócio perfeitamente honesto. Sun Earth estava fazendo o maior sucesso.

Harvey virou-se para fitá-la quando ela se aproximou e começou a desprender a correia seguinte. Lauren estava bronzeada e esbelta, de jeans cortada e a parte superior do biquíni, os cabelos compridos e branqueados pelo sol, os olhos azuis faiscando no rosto moreno.

– Você está ótima! – disse ele, beijando-a no rosto.

– Oi, cara-pálida! – disse Lauren, zombeteiramente, levantando a mão, com a palma virada para frente, ao estilo dos índios.

Harvey riu, puxando a correia.

– Algumas pessoas precisam trabalhar para viver. Não podem passar o dia inteiro na praia.

– Não era o que você costumava dizer – comentou Lauren, puxando a sua própria correia. – As coisas certamente mudaram muito.

Harvey tirou a prancha de surfe do teto, com extremo cuidado.

– Como estão as ondas?

– Não estão das piores. Chegando a dois metros de altura, segundo o rádio. Acho que vai poder se divertir.

– Grande! – exclamou Harvey, com a prancha debaixo de um braço, enquanto a outra pegava um saco dentro do carro. – Estou ansioso em experimentar. Afinal, já se passou muito tempo.

– Um mês e meio.

Ele seguiu-a para o pátio.

– Como está Anitra?

– Nem vai reconhecê-la! – Lauren soltou uma risada. – Ela está ficando cada vez maior.

Neste momento, está brincando com os dois filhotes dálmatas que você deu. Ainda não percebeu que eles estão ficando maiores do que ela.

Lauren seguiu na frente para a praia, pelo caminho ao lado da casa.

Saíram no terraço. Harvey deixou a prancha de surfe na sombra e subiu os degraus do terraço atrás de Lauren. Olhou para a água e depois para o sol. Começou a tirar a camisa, virando-se para Lauren com um sorriso.

– Este deve ser o lugar para a boa vida. O que sempre sonhei quando era garoto. Mais nada além de surfar e puxar fumo.

Lauren riu.

– Isso não mudou. É o que ainda se encontra por aqui. Os garotos continuam nessa.

Harvey olhou para a grade do terraço e avistou Anitra brincando na areia. Levantou a mão, acenando.

– Ei, Anitra!

A menina não olhou, continuando a brincar com os cachorros. Harvey gritou novamente: – Ei, Anitra! É Tio Harvey!

Nada. A menina não deu o menor sinal de que o ouvira, ainda brincando com os cachorros.

Ele virou-se para Lauren, com uma expressão magoada no rosto.

– Ela está me ignorando. Nem olhou.

– Ela já é uma mulher. – Lauren sorriu. – E está se esforçando para se mostrar à altura. Afinal, há muito tempo que você não aparece para vê-la.

– Ahn...

Mas Harvey logo sorriu. Abriu a bolsa e tirou uma caixa. Erguendo-a acima da cabeça, gritou novamente para a menina: – Ei, Anitra! É Tio Harvey! Olhe só o que eu trouxe para você!

A menina olhou. Um momento depois, estava correndo pela areia, nas

perninhas grossas e morenas.

Harvey virou-se para Lauren, com um sorriso triunfante.

– Ela é mesmo uma mulher. Um presente sempre acaba conquistando-as.

***

Naquela noite, depois do jantar, eles foram para a sala de estar e deitaram diante do fogo, no tapete mexicano. A menina já estava dormindo e Josefina terminava de arrumar a cozinha.

Harvey virou de barriga para baixo e olhou pelas portas de vidro para o mar. Podia ouvir o barulho das ondas, mas não podia avistá-lo. O nevoeiro avançara pela praia, chegando quase até as janelas.

– O nevoeiro está brabo – comentou Harvey. – Dá para meter medo.

– Antigamente você não se importava – disse Lauren, rindo.

Ela jogou outra acha na lareira. Ficou observando por um momento e depois jogou outra, uma nuvem de fagulhas subindo pela chaminé. E acrescentou: – Fez muito calor hoje. Mas em novembro as noites podem ficar frias de verdade.

– Tem razão.

Harvey tirou uma sacola do bolso e começou a preparar um baseado.

Lauren perguntou: – Alguma novidade?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não tem mais qualquer novidade. Johnny anda tão ocupado a recolher a terra que não tem mais tempo para plantar. Tem mais de 20 pessoas trabalhando para ele agora e a mãe não o deixa nem mesmo plantar alface. Ela diz que estão indo tão bem que não devem fazer coisa alguma que possa atrair a polícia para cima deles. Tenho sorte de Johnny ainda conseguir arrumar uma boa erva com os vizinhos para mim.

Harvey terminou de enrolar o cigarro, lambeu-o, alisou com os dedos, acendeu. Deu duas tragadas fundas e depois passou para Lauren.

– Está muito bom – comentou ele. – Experimente.

Lauren puxou também, prendendo a fumaça por muito tempo, antes de soltá-la.

– Não está ruim – comentou ela, devolvendo o cigarro. – Mas não é um Harvey especial.

Ele sorriu, puxando novamente o cigarro. – Aqueles dias terminaram para sempre.

– O que é uma pena. Eram divertidos.

– Tem razão. – Ele fitou-a. – acho que podemos esquecer qualquer perspectiva de recuperar o investimento. Nunca conseguimos obter a erva que queríamos.

Lauren riu.

– Acha que pode descontar do imposto de renda?

Harvey riu também.

– Sempre podemos tentar. Mas talvez o pessoal do imposto de renda tenha outras idéias. – Ele passou o cigarro para Lauren e fez uma careta ao sentar-se. – Acho que me queimei demais hoje.

Ela fitou-o atentamente.

– Claro que se queimou. E isso é terrível. Já imaginou o que todos vão pensar quando o presidente da Sun Earth aparecer no escritório na manhã de segunda-feira todo vermelho que nem uma lagosta? Ninguém vai acreditar que a coisa realmente funciona.

– Tem toda razão. Mas eu estava me divertindo tanto lá nas ondas que esqueci por completo.

– Pois trate de se lembrar da próxima vez – disse Lauren, com uma voz firme e zombeteira. – É a regra número um. Médico, cura-te a ti mesmo.

– Vou passar um pouco agora. Vai tirar a ardência e pela manhã estará tudo bem.

Harvey levantou-se e foi para o seu quarto. Estava de volta alguns minutos depois, sem camisa e com o pote familiar de Sun Earth na mão.

– Terá de passar nas minhas costas, Lauren. Fiquei bastante queimado.

Ela pegou o pote e observou, enquanto Harvey se sentava no chão, à sua frente, de costas.

Era de cerâmica, no formato de um globo mercator, os continentes em verde e a tampa dourada representando o sol de tal maneira que se podia saber exatamente do que se tratava, mesmo que não se pudesse ler as letras pretas sobre o dourado: “SUN EARTH. *Pour le Soleil*, de JANETTE." Começou a espalhar a mistura pelas costas de Harvey, comentando: – Janette sabia o que estava fazendo. Disse que a coisa mais importante era a embalagem.

– Ninguém vai discutir com ela. – Harvey virou a cabeça para fitá-la.

– Por falar nisso, já sabe que Jacques não está mais trabalhando com Janette?

– Não, não sabia. – Lauren estava surpresa. – Não falo com ela há meses. O que aconteceu?

– Não sei. Recebemos a notícia no mês passado, quando telefonei para marcar uma reunião lá, a fim de conversarmos sobre uma nova linha de cosméticos. Jacques não estava no escritório e tive de falar com o cara novo que entrou em seu lugar.

– Quem é ele?

– Não sei. Mas me disseram que era um figurão que trabalhava para a Revlon na França. Um verdadeiro pé no saco. Nem mesmo esperou que eu terminasse de explicar que temos três tonalidades e cores básicas, da maneira como Janette queria, de forma a poderem ser misturadas de maneira a se obter a cor de maquilagem desejada. Interrompeu-me bruscamente e disse que a pesquisa de mercado indicava que era um mercado restrito demais para proporcionar uma receita que valesse a pena, e que as mulheres não aceitavam a idéia de ter de misturar as suas próprias tonalidades de maquilagem. Além do mais, eles já estavam planejando introduzir a sua própria linha de maquilagem no próximo ano.

– Não chegou a falar com Janette?

– Não. Ele disse que Janette estava ausente, em alguma viagem de promoção, mas que viria aos Estados Unidos em novembro e provavelmente me procuraria para falar sobre um novo contrato de distribuição.

– Qual é o problema com o atual contrato?

– Nenhum. Mas foi feito por apenas três anos e termina no próximo mês, ao final de dezembro. O cara disse também que provavelmente exigiriam o dobro dos honorários, que os custos subiram muito, que os estudos indicam que estão perdendo dinheiro em cada pote que vendem.

– O que acontece se você não concordar em dar mais?

– Ele já me disse que estão pensando em entrar com a sua própria linha. Falei que o cara não era de brincadeira.

– Eles podem fazer isso?

– Claro que podem. Tudo o que precisam fazer é mudar um pouco a fórmula.

– E o nome? Eles também têm direito ao nome? Foi Janette quem o imaginou.

Harvey sorriu.

– Eles vão se estrepar nessa. É uma marca registrada da nossa companhia e não podem se apropriar.

– Isso é ótimo. Você não parece muito preocupado.

– E não estou mesmo. Para dizer a verdade, estou até torcendo para que não renovem o contrato. Assim que acabei de falar com o francês, liguei para a Squibb e fiz um acordo para os cosméticos. E se puder lhes transferir também o Sun Earth, eles poderão me oferecer um negócio ainda melhor.

Lauren fechou o pote e largou-o no chão, dizendo para Harvey: – Apronte outro baseado.

– Está bem.

Ela observou as mãos dele preparando habilmente o cigarro. Harvey acendeu

e entregou a Lauren. Ela deu uma tragada funda, comentando: – Estou triste porque Jacques se afastou.

Tenho a sensação de que ele sempre esteve presente. Lembro-me dele quando ainda era pequena. O que teria acontecido?

Harvey pegou o cigarro.

– Pode perguntar a Janette quando ela aparecer. Se o cara está certo, ela vai aparecer por aqui este mês. – Ele deu uma puxada no cigarro. O que está planejando para o Dia de Ação de Graças? Só faltam duas semanas.

– Prometi a meus pais que passaria com eles. Estão morrendo de vontade de pôr as mãos em Anitra e estragá-la. Sentem-se terrivelmente privados porque não moro ao lado deles. E você, o que vai fazer?

– Nada. Meus pais ainda estão naquele cruzeiro ao redor do mundo que o velho prometeu que faria assim que se aposentasse. Só voltarão ao final de janeiro.

– Foi o que mamãe pensou. Ela me disse que o convidasse para almoçar com a gente.

– Ei, isso é sensacional! Será que significa que ela finalmente chegou à conclusão de que sou respeitável?

Lauren riu.

– Se ela pensa assim, é apenas porque não o conhece tão bem quanto eu.

***

Estavam na sobremesa, torta de abóbora e café, quando Johann olhou para Lauren, no outro lado da mesa, e disse: – Esqueci de lhe contar. Janette está na cidade, no Beverly Hil s Hotel. Já sabia?

Lauren sacudiu a cabeça.

– Ela não me avisou.

– Isso é estranho... Ela parecia saber que você estaria aqui. Convidei-a para almoçar, mas ela disse que tinha outro compromisso, mas viria tomar um drinque por volta das seis horas. Quer conversar com nós dois. Ainda não sei como ela descobriu que você estaria aqui.

– Provavelmente fui eu que contei – disse Harvey. – Tive uma reunião com Janette no hotel ontem.

– O que aconteceu? – perguntou Lauren.

– Não muita coisa. A partir de 1º de janeiro, Sun Earth será distribuído pela Squibb.

– Quer dizer que não renovou o contrato com Janette?

– Isso mesmo. – Harvey sorriu. – Janette tem agora um novo sistema. Não fala mais de negócios, deixando essas coisas para o seu novo diretor-executivo. Depois que nos .

cumprimentamos, descemos para o quarto dele. O cara me disse o que queriam. Respondi que não pagaria. Ele disse que, neste caso, não teriam alternativa que não colocar seu próprio produto no mercado. Respondi que por mim estava bem. Ele voltou à suíte de Janette lhe contou. Acho que ela ficou surpresa. Não esperava que eu rejeitasse a proposta. Devem ter pensado que me tinham na mão para fazer o que bem quisessem.

Johann soltou uma risada.

– Isso não me surpreende. Conheço o novo diretor-executivo de Janette. Ele está dizendo a todos como vão conquistar o mundo.

– O mundo pode ser – comentou Harvey, sorrindo -, mas não Sun Earth.

– Como ela está? – perguntou Lauren, curiosa -, pois há vários anos que não via a irmã...

– Está com uma aparência fantástica – respondeu Harvey. – Mas conhece Janette. Alguma vez ela pareceu de outra forma?

– Nem saberia como. Ela estava sozinha?

– Estava com uma amiga. Uma garota morena, o tipo de modelo francesa. Nunca a vi antes e não fomos apresentados. Assim, não sei o nome dela. Não estava presente quando me encontrei com Janette pela primeira vez, mas estava lá quando voltei com o diretor-executivo.

– O que será que Janette está querendo com nós dois? – disse Lauren, olhando para Johann.

Johann lançou um olhar rápido para Heidi e depois tornou a concentrar-se em Lauren.

– Acho que tenho uma idéia do que seja. Mas vamos esperar para descobrir o que ela tem a dizer.

A campainha da porta tocou pontualmente às seis horas. Era Janette.

E estava sozinha. Bastou um olhar para Lauren compreender que ela estava ligada. Outro olhar para Harvey confirmou. Ele também percebera. Mas Johann e Heidi jamais notariam.

Sentaram-se na sala de estar e ficaram conversando sobre amenidades por algum tempo.

Janette não pôde esconder seu espanto pelo tamanho de Anitra. Era muito alta para uma menina de cinco anos. Cinco anos e meio, ressaltou Lauren... e além do mais as crianças americanas eram maiores do que as francesas. Devia ser algum fator de alimentação ou algo assim. Janette concordou, mas recordou

que Patrick também era bastante alto.

Lauren comentou que soubera que Jacques não estava mais com ela e indagou o que acontecera. Janette parecia um pouco embaraçada ao responder que Jacques se cansara dos negócios e quisera voltar ao seu primeiro amor, que era escrever. Pelo que sabia, Jacques iria escrever um artigo por mês para o Vogue francês e um livro sobre a história da *couture* francesa.

Heidi perguntou polidamente se ela já comera. Se não, podia mandar aprontar um prato.

Sobrara bastante peru e acompanhamentos. Não, obrigada, Janette almoçara. Ela olhou para o relógio. Estava ficando tarde e teria outro encontro dali a pouco. Gostaria de conversar com eles sobre um assunto muito pessoal.

– Claro – disse Johann, levantando-se. – Podemos conversar na biblioteca.

Ele olhou para Harvey e acrescentou: – Pode nos dar licença?

– Não há problema – respondeu Harvey. – Vou verificar na televisão o que aconteceu nos jogos de hoje.

Johann sentou-se atrás da escrivaninha. Heidi sentou-se ao lado da mesa. Lauren e Janette acomodaram-se em cadeiras diante da mesa. Johann acenou com a cabeça para Janette.

– Pode começar, por favor.

Janette abriu a bolsa e tirou uma carta.

– Há alguns meses, recebi este aviso do Banco de Crédito Suíço, de Genebra. – Ela estendeu o documento para Johann. – Gostaria que o lesse.

Johann pôs os óculos e leu rapidamente, entregando depois o papel a Heidi.

– Quando acabar, dê para Lauren ler.

Todos ficaram em silêncio até que Lauren acabou de ler. Ela levantou o rosto ao terminar e perguntou: – O que isso significa?

Janette fitou-a.

– Obviamente, mamãe guardou alguma coisa muito valiosa naquele banco, e ficou lá por todos esses anos.

– Você sabe o que é? – indagou Lauren.

– Não exatamente. Mas tenho uma boa idéia.

– Então por que não vai até lá e tira?

– Só quem pode fazer isso é a pessoa que está com a chave – explicou Janette. – E não sou eu.

– Então com quem está?

A voz de Johann soou inesperadamente: – Está comigo...

– Mas nunca falou coisa alguma! – disse Lauren.

– Não devia falar, enquanto não julgasse que fosse necessário.

Ele tirou uma pasta de arquivo da gaveta da mesa e abriu-a à sua frente.

Pegou uma fotocópia da carta que Tanya lhe deixara no cofre e entregou-a a Janette.

– Creio que isso explica tudo.

Janette leu rapidamente e passou para Lauren, que também leu e depois comentou: – Mas ainda não sei o que há no cofre.

– Ouro – respondeu Janette. – Uma fortuna em moedas de ouro.

– Como sabe disso?

– Maurice me contou. Metade do ouro lhe pertencia. Mas antes da guerra terminar, o General von Brenner fez mamãe contrabandear tudo para fora da França e guardar num banco suíço.

Johann olhou fixamente para Janette.

– Desde quando acredita em tudo o que Maurice lhe diz?

– Por que motivo ele haveria de mentir? Contou-me a história toda. Inclusive como o general

lhe roubou as companhias e pôs tudo no nome de mamãe.

Johann sacudiu a cabeça, tristemente.

– É tudo mentira. Todas as coisas que Maurice tem hoje, inclusive o título, foram compradas para ele pelo general ou dadas por sua mãe.

– Então por que nunca nos falou antes do ouro? – indagou Janette.

– Você leu a carta. Não julguei que fosse necessário.

– Algum dia iria achar que era necessário? – disse Janette, friamente. – Ou estava planejando ficar com todo o ouro?

– Sua desgraçada! – A voz de Heidi estava furiosa. – Se não fosse por Johann você não teria nada, não passaria hoje de uma prostituta nas ruas de Paris! Foi Johann quem impediu que Maurice roubasse tudo de sua mãe, foi Johann quem a protegeu durante todos os anos em que estava crescendo!

Johann levantou a mão.

– Não fique transtornada, querida – disse ele, suavemente, virando-se em seguida para Janette. – O que você gostaria que eu fizesse agora?

– Dê-me a chave.

– Não posso fazer isso. Metade do que está no cofre pertence à sua irmã.

– Maurice estava certo – disse Janette rispidamente. – Não resta mais nada. Você já tirou todo o ouro.

Johann fitou-a nos olhos.

– Tirei apenas a parte a que tinha direito.

– Foi o dinheiro que usou para comprar-me a companhia!

– Não! – gritou Heidi, ignorando o gesto de Johann para que se calasse. – Está na hora de você saber algumas verdades. O dinheiro estava no banco em nome de sua mãe, mas não pertencia a ela. Pertencia ao general. E quando a

viúva e os filhos do general chegaram a Paris, tencionando entrar com uma ação judicial contra você e o espólio de sua mãe, a fim de recuperarem tudo, inclusive os vinhedos, a fábrica de perfume e a companhia de água mineral... tudo enfim que estava em seu nome e no de Lauren... Johann pegou a parte do ouro que lhe cabia e pagou a eles.

Ela fez uma pausa, olhando para Johann, antes de acrescentar: – Mostre o documento que fez os Von Brenners assinarem.

Johann tirou outro papel da pasta e estendeu para Janette. Ela leu e depois fitou-o.

– Como posso saber que este documento é genuíno?

Lauren interveio, a voz chocada: – Está mesmo pensando que papai seria capaz de mentir?

– Qualquer pessoa pode escrever qualquer coisa num papel – disse Janette, desdenhosamente. – Isto não significa coisa alguma. Não seja ingênua. Afinal, estamos falando de milhões de dólares.

– Não me importo com o dinheiro – declarou Lauren. – E parece que não consigo fazê-la compreender isso.

– Não pode mais ser assim – disse-lhe Janette, asperamente. – Tem uma filha a proteger.

– Protegerei minha filha à minha maneira – respondeu Lauren, furiosa. – Não me agrada o que está dizendo e não gosto do que está fazendo.

– Preciso do dinheiro – insistiu Janette, obstinadamente. – E preciso agora. E pretendo consegui-lo, nem que para isso seja necessário ir aos tribunais e revelar ao mundo inteiro que Johann von Schwebel pertencia ao exército nazista de ocupação na França e despojou franceses desamparados de seus bens, juntamente com seu oficial superior.

Lauren sacudiu a cabeça.

– Não acredito nisso. Não pode estar realmente dizendo essas coisas horríveis. Não pode estar querendo arruinar tantas vidas só por causa de dinheiro.

Janette não disse nada, limitando-se a fitá-la em silêncio. Lauren virou-se para Johann.

– Dê-lhe a chave, papai. Se é isso o que ela está querendo, então pode ficar com tudo.

– Metade lhe pertence, menina – disse Johann.

– Não me importo. – Lauren estava agora chorando. – É dinheiro sujo, coberto de sangue e ódio, não quero saber dele.

Johann olhou para Heidi, que assentiu.

– Lauren está certa. É dinheiro de sangue. Entregue-lhe a chave, Johann.

Ele hesitou por um momento, mas logo se decidiu: – Não vou fazer isso. Não me importa o que Janette possa estar querendo. Metade pertence a Lauren e vai continuar no banco, até ela decidir o que quer fazer com a sua parte.

Johann virou-se para Janette.

– Podemos nos encontrar no banco em Genebra na próxima semana e lhe entregarei a sua parte. Está bem assim?

Janette assentiu.

– Claro que está. Não tenho alternativa, não é mesmo?

– Não, não tem.

Heidi levantou-se. Sua voz estava furiosa: – E agora saia da minha casa. Nunca mais quero tornar a vê-la.

Janette também levantou-se, olhando para Lauren.

– Fiz por você tudo o que fiz por mim mesma.

Lauren levantou a cabeça, afastando as lágrimas dos olhos com as costas da mão.

– Não tenho a menor dúvida quanto a isso – disse ela, sarcasticamente. – Você nunca fez nada por ninguém em toda a sua vida a menos que pudesse lucrar alguma coisa. Concordo com mamãe. Nunca mais quero tornar a vê-la.

– Mas...

Janette hesitou. Não fora assim que ela planejara. Lauren deveria ficar do seu lado.

A voz de Lauren tornou-se subitamente firme. Janette já ouvira aquele tom uma vez antes.

Quando a irmã deixara Patrick.

– Nada de “mas”. Adeus, Janette.

Janette contemplou-a por um instante, depois encaminhou-se para a porta. Lauren estava falando sério quando dissera que abandonaria Patrick. E também estava falando sério agora.

***

Johann já estava esperando quando ela chegou ao banco. Janette estremeceu ao saltar do táxi e entrou apressadamente, o capuz de seu casaco curto protegendo-lhe o rosto contra a chuva de dezembro que parecia estar sempre caindo nas ruas de Genebra.

O jovem que lhe entregara o aviso em Paris cumprimentou-a na porta.

– É um prazer tornar a vê-la, *Madame* de la Beauville.

Janette vasculhou a memória freneticamente em busca do nome dele e acabou encontrando.

– O prazer é meu, *Monsieur* Thierry – respondeu ela, sorrindo.

– Herr Schwebel está esperando em minha sala. Acompanhe-me, por gentileza.

Ele conduziu-a a uma sala nos fundos do banco, passando por uma porta em que estava escrito “Particular”. Johann estava parado ao lado da janela, olhando para a chuva. Virou-se quando os ouviu entrar.

– Bom-dia, Johann – disse Janette.

Ele não retribuiu ao cumprimento, limitando-se a dizer, bruscamente: – Sugiro que alugue um cofre, antes de descermos.

Janette fitou-o por um momento e depois virou-se para o jovem suíço.

– Creio que é uma boa idéia, *Monsieur* Thierry. Poderia tomar as providências necessárias, por favor?

– Claro, *Madame*. – Ele pegou alguns papéis na mesa. – Se fizer a gentileza de preencher estes formulários, providenciarei tudo rapidamente.

Janette sentou-se na cadeira que ele indicou e preencheu os formulários, empurrando-os na direção dele, por cima da mesa. *Monsieur* Thierry examinou-os.

– Está tudo certo. – Ele virou os papéis. – Há um formulário neste lado em que pode designar o beneficiário a quem o cofre será entregue, no caso de seu falecimento. Se desejar usá-lo, no entanto, precisaremos de duas testemunhas para confirmar tanto a sua assinatura como o nome do beneficiário. Claro que tudo será mantido rigorosamente confidencial, nos termos das leis bancárias suíças.

Janette pensou por um momento.

– Eu gostaria de indicar um beneficiário.

– Está certo. Chamarei dois empregados do banco para confirmar o documento.

– Ficarei esperando lá fora – disse Johann.

– Isso é necessário? – perguntou Janette ao jovem banqueiro. – O senhor e *Monsieur* Schwebel não podem ser as testemunhas?

– Claro – respondeu Thierry. – Só que deve compreender que neste caso o banco não tem condições de garantir o sigilo.

Ele virou-se para Johann e acrescentou: – Com todo o respeito devido a Herr Schwebel.

– Não estou preocupada com isso.

– Está certo. Indique os nomes dos beneficiários e o grau de parentesco, se existe, nos espaços indicados. E depois assine seu nome no lugar indicado.

Ele tornou a entregar a caneta a Janette, depois levantou a cabeça.

– Herr Schwebel, quer fazer a gentileza de observar *Madame* de la Beauville escrever?

Johann aproximou-se da mesa e ficou olhando, enquanto Janette preenchia o formulário.

Ela escreveu rapidamente, nas linhas indicadas para os beneficiários, Lauren Reardon, irmã, e/ou Anitra Reardon, sobrinha. E assinou seu nome na linha por baixo. O banqueiro empurrou uma almofada de carimbo na direção dela.

– Vamos precisar da impressão de seu polegar – disse em tom de desculpa.

Janette estendeu a mão e ele pegou-lhe o polegar, passando pela almofada e depois aproximando do papel.

– Role o polegar de um lado para outro. Assim está ótimo. E agora, Herr Schwebel, vamos precisar da sua assinatura.

Johann assinou rapidamente. Em seguida, o próprio banqueiro assinou o documento.

Levantou-se e disse: – Se me derem licença por um momento, providenciarei o cofre e logo voltarei com a chave.

Ele saiu, fechando a porta. Os dois ficaram sentados em silêncio por um momento. Janette pegou um cigarro e acendeu-o. Johann foi novamente até a janela e ficou olhando para fora.

E falou sem se virar para fitá-la: – Cada vez que penso que já sei de tudo a seu respeito, você faz alguma coisa para me surpreender.

– Não tenho a menor intenção de morrer.

Thierry voltou à sala, entregando a chave do cofre a Janette.

– E agora queiram me acompanhar, por favor.

Desceram para o cofre-forte. Ele verificou o número na chave de Johann. Pôs a sua chave na fechadura e girou-a, ficou esperando que Johann também inserisse a sua chave na outra fechadura e girasse. A porta se abriu. Ele fez a mesma coisa com Janette. Os dois cofres eram próximos. *Monsieur* Thierry virou-se para os dois.

– Vou deixá-los agora. Quando estiverem prontos para se retirar, apertem este botão e voltarei para abrir-lhes a porta.

– Obrigado – disse Johann.

Ele esperou que o banqueiro saísse e fechasse a porta do cofre-forte, virando-se em seguida para Janette. Acenou com a cabeça e rapidamente pôs-se a tirar sacolas de lonas cheias de dinheiro, colocando na mesa de madeira às suas costas. Havia 33 sacolas. Johann enfiou a mão no cofre profundo, vasculhando até encontrar o que procurava... uma sacola ligeiramente menor do que as outras. Verificou as marcas na sacola e depois colocou-a na mesa, junto com as outras.

Olhou para Janette e disse: – Está tudo aqui.

Aturdida, Janette pegou a última sacola e abriu o cordão que a fechava. Virou-a sobre a mesa e as moedas de ouro caíram ruidosamente. Prendendo a respiração, ela pegou uma das moedas e examinou-a. Era uma moeda que nunca vira antes. Apesar de pequena, era bastante pesada.

– O que é isso? – perguntou ela, sentindo que o coração batia mais forte.

– Napoleões de ouro... ou luíses, como eram chamados, em homenagem a Luís Napoleão, que mandou cunhá-los.

– Santo Deus! – balbuciou Janette. – Quanto valem?

– Sua parte é de 33 mil e 333 moedas. Aos preços do ouro hoje, dá aproximadamente cinco milhões de dólares.

– Cinco milhões de dólares...

Maurice a enganara. Compelira-a ao que fizera fazendo-a julgar que haveria dinheiro suficiente para comprar sua liberdade da Kensington. Mas não dava.

– É um bocado de dinheiro. – Johann gesticulou para o cofre aberto. – Gostaria de verificar o outro cofre? Tem exatamente a mesma quantidade que pus na mesa.

Janette sacudiu a cabeça.

– Não precisa. Confio em você.

– Finalmente – disse Johann, secamente. Ele fechou a porta do cofre e acrescentou. – Sugiro que guarde as suas moedas no seu próprio cofre.

Janette ainda olhava fixamente para as moedas.

– Está bem.

– Quer que eu a ajude?

Ela fitou-o.

– Por favor...

Começaram a guardar as sacolas no cofre de Janette. Ao final, restavam apenas as moedas que ela largara na mesa. Janette começou a guardá-las na sacola. Johann ficou parado, observando-a.

– Não precisa responder se não quiser, Janette. Mas o que aconteceu para deixá-la convencida de que precisava desse dinheiro tão desesperadamente?

– Eu queria comprar a minha liberdade da Kensington – respondeu Janette, em voz baixa.

Não havia sentido em dizer-lhe agora que aquele dinheiro não seria suficiente.

– Mas para quê? – O tom de Johann era de total incredulidade. – Eles estão fazendo um trabalho fantástico para você. Deve estar ganhando pelo menos quatro milhões de dólares por ano.

Janette não respondeu.

– Não preciso lhe dar qualquer conselho, mas vou dar assim mesmo. Fui responsável por você durante tantos anos que é um hábito do qual não posso escapar tão facilmente.

Ele fez uma pausa, antes de acrescentar: – O ouro está aumentando de valor a cada dia que passa. Há dois anos, o que você tem aqui valia apenas um milhão de dólares. O valor subiu cinco vezes desde então. E já soube que o governo americano está planejando intervir no mercado para depois pôr à venda um pouco das suas reservas. A valorização do ouro então será ainda maior. Dentro de um ano, o valor do que você tem aqui pode ser cinco vezes maior do que hoje.

Janette continuou a fitá-lo, ainda em silêncio, pondo na sacola as últimas moedas sobre a mesa e fechando-a com o cordão.

– O conselho que estou lhe dando, Janette, é o de guardar esse ouro. Esqueça o negócio com a Kensington. Seu ouro valerá de 25 a 30 milhões de dólares daqui a um ano. Não vai viver pelo tempo suficiente para ganhar todo esse dinheiro se comprar a sua operação da Kensington.

Sem dizer nada, Janette pôs a sacola no cofre e fechou-o, retirando sua chave. Olhou novamente para Johann e perguntou: – Como saberei quando vender?

– No momento em que a cotação do ouro chegar a 800 dólares por onça. Pode até chegar a mil dólares por onça, mas isso não importa. O pique será em 800 dólares, e é a ocasião em que estou planejando vender a parte de Lauren.

Janette assentiu, lentamente. Johann estava lhe dizendo a mesma coisa que Jacques falara.

Muitos anos se passariam antes que ela pudesse obter um lucro real da aquisição da operação da Kensigton. E ela não tinha tanto tempo assim para gastar na luta. Jacques estava novamente certo. De que adiantava trabalhar se não se tinha qualquer prazer?

Johann estendeu a mão para o botão e tocou-o.

– Meu hotel fica logo depois da esquina, Janette. Você aceita um café?

– Não, obrigada. Cheguei de avião de Paris esta manhã e já tenho passagem de volta reservada no vôo das duas horas. Mal terei tempo de chegar ao aeroporto.

Thierry apareceu e abriu a porta de grade com a sua chave. Os dois subiram atrás dele.

Agradeceram-lhe e ele fez uma mesura. Estava satisfeito por poder servi-los, disse ele, abrindo a porta da rua.

Os dois saíram para a rua. A chuva de granizo caía forte. Janette ajeitou o capuz na cabeça. Um táxi aproximou-se. Johann fez sinal. Abriu a porta do táxi e

Janette entrou.

Ela fitou-o e disse: – Lamento muito, Johann. Mas, de qualquer forma... obrigada – falou Janette, olhando-o fixo.

– Também lamento. Adeus, Janette – disse ele, acenando com a mão.

Johann fechou a porta do táxi e empertigou-se. Ficou parado por um momento, observando o táxi afastar-se. Depois virou-se e seguiu resolutamente para o seu hotel. Não sabia se a umidade em seus olhos provinha das lágrimas ou da chuva. Mas tudo o que via à sua frente era a criança assustada, escondida nos braços da mãe, ao entrar pela primeira vez na casa do general, em Varsóvia.

***

Estava chovendo quando Janette chegou a Paris. Mas pelo menos não havia granizo, como acontecera em Genebra. E não estava fazendo tanto frio. Relié estava à sua espera quando deixou o terminal do aeroporto, abrindo a porta do Rol s-Royce. Fechou-a, depois que ela entrou, e foi sentar-se ao volante. O carro afastou-se do meio-fio.

– Para onde, *Madame*?

Janette olhou para o relógio. Passavam alguns minutos das quatro horas.

– Vamos para o escritório, René.

– *Madame*. – Os olhos dele encontraram-se com os de Janette pelo espelho retrovisor.

– Fez boa viagem, *Madame*?

– Fiz, sim, obrigada.

Janette assentiu. Depois, apertou o botão e a janela divisória levantou-se. Não estava com vontade de conversar. Recostou-se no assento, fechando os olhos. Oh, Deus, como estava cansada! Começava a ter a impressão de que sempre estivera cansada, sempre sofrendo da exaustão decorrente das viagens de jato, sempre desembarcando de um avião para entrar em outro.

Antes, ela ainda tinha algum tempo vago para si mesma. Mas isso não mais acontecia. Pela primeira vez, Janette começava a perceber o quanto Jacques costumava poupá-la da rotina do dia-a-dia. O novo executivo era brilhante, o escritório e as fábricas pareciam funcionar mais eficientemente sob o seu comando, mas havia um único problema. As pessoas com quem ele lidava, os compradores importantes e executivos que antes estavam sempre dispostos a conversar com Jacques, só queriam agora falar com ela. E os dias nunca eram compridos o suficiente para que pudesse receber a todos.

– Já chegamos, *Madame*.

A voz do motorista, entrando pela porta aberta, deixou-a aturdida.

Ela havia dormecido. Janette sorriu, saltando do carro. – Obrigada, René. Pode vir me buscar às sete horas.

Sob o guarda-chuva que o porteiro segurava, ela atravessou a calçada e subiu os poucos degraus para a porta do escritório. Ele abriu-a para deixar Janette passar, depois seguiu-a, apertando o botão do elevador.

Robert seguiu-a até a sala, ajudando-a a tirar o casaco.

– Fez boa viagem, *Madame*?

– Muito boa, obrigada. – Janette contornou sua mesa. – Os desenhos finais dos modelos já chegaram?

– Devem estar subindo agora, *Madame*. Vou verificar imediatamente.

– Obrigada – disse ela, e afundou na cadeira.

– Os recados telefônicos estão em sua mesa, *Madame*.

Janette olhou para a mesa. Os recados ali estavam, empilhados impecavelmente, como sempre, em grupos de cinco, sobrepondo-se parcialmente. Dessa maneira ela não precisava pegá-los para verificar quem telefonara. Um rápido olhar revelaria os nomes. Janette fez uma careta. Devia haver pelo menos 20 recados. Não fez qualquer menção de examiná-los. Em vez disso, olhou para seu secretário.

– Alguma coisa importante, Bobby?

– Não, *Madame*. Tudo pode provavelmente esperar até amanhã.

– Ótimo. Preciso de tempo para estudar os modelos.

Assim que Robert se retirou e fechou a porta, Janette abriu uma gaveta da mesa e tirou um frasco de cocaína. Deu duas fungadas em cada narina e recostou-se na cadeira, esperando pelo efeito. Sentiu que a cabeça começava a se desanuviar. Ajudava, mas ainda não era

suficiente. Tirou um Dexamyl da caixa de pílulas na gaveta, engolindo-a com um pouco de água da garrafa em cima da mesa. A combinação proporcionou o resultado desejado.

Quando os artistas chegaram, com os desenhos finais, ela estava com os olhos brilhantes e ativa. Trabalhou com eles até seis horas, sem parar.

Depois que o último artista se retirou, Janette recostou a cabeça na cadeira. Jacques estava certo. Não era mais divertido. Agora, ela começava a sentir-se melhor por não ter conseguido dinheiro suficiente para comprar a operação da Kensington. Por mais má que a situação fosse agora, podia imaginar como estaria pior se tivesse feito o negócio.

Robert entrou na sala.

– *Monsieur le Marquis* está lá fora.

Janette olhou para os recados telefônicos e depois para sua agenda. O nome de Maurice não estava ali.

– Ele telefonou?

– Não, *Madame*. Mas disse que tinha de falar-lhe imediatamente. Que é muito importante.

Janette pensou por um momento e depois assentiu.

– Mande-o entrar.

Maurice estava sorrindo ao entrar na sala. Janette não se levantou e ele contornou a sala para beijá-la no rosto.

– Bonjour, Janette.

Ela gesticulou para a cadeira diante da mesa.

– Bonjour – disse com voz cansada.

Maurice sentou-se e fitou-a, ainda sorrindo. Acenou com a cabeça por um momento, antes de falar: – E então?

Janette fitou-o fixamente.

– E então o quê?

O sorriso de Maurice tornou-se ainda mais amplo.

– Não comece com brincadeiras com o seu querido papai. O suspense está me matando.

Sei que se encontrou com Johann no banco, em Genebra, às 11 horas desta manhã. Os dois saíram por volta de uma hora da tarde. Ele meteu-a num táxi, que a levou ao aeroporto.

A voz de Janette estava impregnada de incredulidade: – Você mandou me seguir!

– Claro! – Maurice sorriu. – Não faria a mesma coisa se estivesse na minha posição? Afinal, você voltou da Califórnia no princípio da semana e não me telefonou. E sei que esteve com Johann e Lauren quinta-feira passada. E agora fale logo de uma vez, pois o suspense está me matando. Diga a seu sócio quantos milhões vamos dividir.

Janette fitou-o em silêncio por um longo momento. A visão das moedas de ouro brilhando no cofre-forte do banco surgiu em sua mente. Era ali que estava a liberdade e não com a Kensington. Não havia razão para que dividisse com Maurice, só por causa de um mísero milhão de francos, depois de tudo o que lhe fizera, desde a infância. Se não fosse por Maurice, talvez ela pudesse ser como Lauren, feliz e com sua própria filha. Uma súbita onda de ódio firmou-a em sua determinação.

– Não temos nada a dividir.

Maurice ficou incrédulo.

– Nada?

– Isso mesmo. Não havia nada no cofre. Não sei de onde você tirou essa informação. Mas estava errada. E não vou poder mais comprar a operação da Kensington. Foi um lindo sonho enquanto durou, mas agora está acabado.

– Não acredito! – A voz de Maurice começou a se altear. – Tinha de haver alguma coisa lá!

Está mentindo!

– Havia de fato uma coisa... documentos que o general deu a minha mãe para guardar.

Eram documentos relacionando as coisas que ele comprara e dera a ela. Estava registrado inclusive que ele comprara seu título, a fim de que você pudesse casar com minha mãe.

– Não é verdade! – A voz de Maurice era cada vez mais estridente. – Foi tudo pago em dinheiro!

Janette riu, sabendo que a informação que Johann lhe dera estava confirmada.

– Mas não se esqueça de que o general era alemão. E sabe como são os alemães.

Costumam manter registros detalhados de tudo. Até mesmo das coisas que podem lhes ser prejudiciais. Foi o que se descobriu no julgamento dos criminosos de guerra.

– Está mentindo! – gritou Maurice novamente. – Está tentando me enganar! Havia dinheiro no cofre e agora você que ficar com tudo!

Subitamente, todo o ódio que Janette sentia contra ele aflorou. Qualquer que fosse a angústia que pudesse causar-lhe agora, não seria nada em comparação com o que Maurice a fizera sofrer. E sua voz soou extremamente fria ao dizer, deleitando-se ao vê-lo contorcer-se de raiva: – Talvez eu esteja mesmo mentindo. Mas você nunca saberá, não é mesmo? E não há nada que possa fazer. – Ela levantou-se. – E agora saia.

– Não posso fazer nada? – gritou Maurice, levantando-se abruptamente e tentando agarrá-la.

Janette foi mais rápida. Recuou, pegando a espátula, afiada como uma navalha e fina como um estilete. Maurice estacou bruscamente diante dela, a ponta da espátula encostada em sua garganta, entre o pomo-de-adão e o queixo. Os olhos se encontraram, ardendo intensamente num ódio mútuo. Os lábios de Janette estavam repuxados, deixando os dentes à mostra, numa expressão quase animal de rosnado. E a voz dela tinha um estranho grunhido: – Não pare agora, Maurice! Dê-me uma chance de acabar o que minha mãe começou!

Ele respirou fundo e recuou, no instante em que a porta às suas costas se abria e várias pessoas começavam a entrar na sala, aturdidas.

– Não vai me escapar impune! – gritou Maurice, estridentemente, tentando controlar a voz. – O general tentou me foder e está morto! Sua mãe também tentou e está morta! Você não vai escapar impune!

Janette viu as pessoas à entrada da sala, observando-os. De repente, ela sentia-se exausta. E disse, a voz cansada: – Saia daqui, Maurice, antes que eu mande expulsá-lo.

Foi então que ele percebeu as pessoas às suas costas. Olhou-as rapidamente a tornou a se fixar em Janette.

– A coisa não vai acabar aqui – disse ele, a voz novamente calma. – Algum dia, quando menos esperar, você vai pagar. Quero apenas que se lembre disso.

Maurice virou-se e saiu, com tanta dignidade quanto era possível exibir nas circunstâncias. As pessoas se afastaram silenciosamente para deixá-lo passar, depois tornaram a se concentrar na entrada da sala. Robert adiantou-se, quanto Janette arriava na cadeira.

– Está tudo bem, *Madame*?

– Está sim. – Janette olhou para os rostos pálidos e assustados fixados nela. – Voltem para suas mesas! Ainda não são sete horas!

Os rostos desapareceram prontamente. Ela olhou para Robert e acrescentou: – Feche a porta. E depois me sirva um conhaque.

– Pois não, *Madame*.

Robert voltou um momento depois, trazendo o copo de conhaque na mão. Observou Janette tomar a metade do conhaque de um só gole.

– Há mais alguma coisa que eu possa fazer, *Madame*?

Janette podia sentir o conhaque descer-lhe pela garganta a queimar.

– Não, obrigada, Bobby. Basta me deixar sozinha por algum tempo. Já estou me sentindo melhor.

Ela ficou observando-o sair e fechar a porta, depois pôs a cabeça sobre as mãos, na mesa.

Ainda sentia a tremedeira interior e sabia que se não tivesse se sentado no momento em que o fizera, as pernas não conseguiriam mais agüentá-la.

Nada mudara desde o tempo em que era criança. No momento em que Maurice avançara violentamente para cima dela, aproximara-se do ponto do orgasmo, sentira as pernas fracas. O

terror que sentia era o prazer que experimentava. O ódio que sentia por Maurice podia ser avaliado pelo desejo de que a castigasse. Suas coxas estavam molhadas.

Abriu uma gaveta e tirou um punhado de lenços de papel da caixa que estava lá dentro.

Levantou a saia e começou a enxugar-se. O vestido estava manchado e teria

de mudá-lo.

Lentamente, Janette levantou-se e foi ao banheiro. Tomaria um banho de chuveiro rápido.

Estava recendendo a seu próprio sexo.

Pela segunda vez naquele ano, Janette foi o tema das conversas em todos os coquetéis que se realizaram ao final da tarde em Paris. Primeiro fora o grego. E agora era o seu padrasto.

***

O calor do verão, durante a apresentação das coleções em Paris, ao final de julho e início de agosto, foi tão insuportável quanto o frio daquele inverno. E o calor era ainda mais sufocante na imensa sala de recepção da Prefeitura. O ar-condicionado ainda não fora inventado para os prédios do governo francês.

Mais de 200 pessoas estavam apinhadas numa sala que tinha capacidade para menos da metade. O champanhe nem mesmo estava gelado e os *hors-d'oeuvres* estavam informes do calor. Os fotógrafos e repórteres agrupavam-se em torno da pequena plataforma na extremidade da sala. Um suspiro coletivo elevou-se da multidão, quando um homem todo suado, metido num terno preto, subiu na plataforma. A cerimônia estava prestes a começar. E dali a pouco todos poderiam ir embora.

Ele falou ao microfone: – *Messieurs e Mesdames*...

Nenhum som saiu pelo sistema de alto-falantes. Ele bateu no microfone. Não houve qualquer som. Bateu de novo. Ainda nada. O homem deu de ombros e desistiu. Desta vez, quase gritou: – *Messieurs e Mesdames*, o prefeito de Paris!

Soaram aplausos, enquanto o prefeito entrava na sala por uma porta lateral, vindo de seu gabinete. Parecia refrescado e confortável, como não poderia deixar de ser, já que o seu gabinete tinha ar-condicionado. Levantou a mão para silenciar a multidão e sorriu.

– Senhoras e senhores – disse ele, a voz se projetando por toda a sala, mesmo sem o microfone. Sabia como projetá-la. Era um profissional. – Sei que todos estão ansiosos em se retirarem e cuidarem de seus problemas particulares. Muitos têm jantares e outros compromissos importantes a comparecerem. Assim, seremos o mais breve possível. Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a todos por terem vindo aqui, numa homenagem a esta mulher que tanto tem feito para manter o nome de Paris como a cidade mais importante no mundo da moda. Trata-se de uma jovem mulher nascida e criada nesta cidade, que chegou ao topo de sua profissão, como uma das maiores *couturieres* do

mundo. Uma mulher na grande tradição de Coco Chanel e Eisa Schiaparel i, que deixará sua marca no mundo da moda por muitos e muitos anos.

“Assim, gostaria que todos me acompanhassem nos aplausos à contemplada deste ano com a *Médaille d'Honneur* da Cidade de Paris, uma mulher que tanto contribuiu para a cultura e elegância do mundo, uma das maiores expoentes da capacidade empreendedora e charme parisienses. Senhora e senhores, permitam-me apresentar-lhes *Madame* Janette Maria de la Beauvile!”

A porta para o gabinete particular tornou a abrir-se e Janette saiu para a plataforma.

Também estava refrescada e sorridente, pois igualmente ficara até aquele momento no gabinete dotado de ar-condicionado do prefeito. Atravessou a plataforma e foi postar-se ao lado do prefeito.

Um homem adiantou-se, com a medalha presa à fita tradicional vermelha, branca e azul, numa almofada de veludo. O prefeito pegou-a e levantou-a acima da cabeça, fazendo uma pausa para dar tempo suficiente aos fotógrafos. Depois, cuidadosamente, pôs a medalha com a fita nos ombros de Janette, sem tirar do lugar um só fio do penteado. Era de fato um profissional. Virando o rosto para a audiência, oferecendo um bom ângulo aos fotógrafos, ele acrescentou: – *Madame* Janette... Chamo-a de *Madame* Janette porque sei que é assim que todos os seus amigos e colegas a tratam. É com a maior satisfação que lhe entrego esta medalha, em reconhecimento por tudo o que tem feito por Paris e pela França. Seu nome adornará a nossa história com a beleza que tem criado para todos nós. – Ele inclinou-se e beijou-a nas faces, sussurrando em seu ouvido: – Seja breve. Eles estão suando que nem porcos, e o cheiro na sala é horrível.

Janette sorriu-lhe.

– *Monsieur le Maire*... – Ela virou-se para a audiência e tornou a sorrir. – *Mesdames et Messieurs*... – Janette fez uma pausa prolongada e depois soltou uma risada. – Também serei breve. – Outra pausa. Ela levou as mãos aos lábios e jogou-lhes um beijo, abrindo os braços. – Obrigada. Amo todos vocês. Muito obrigada.

Os fotógrafos continuaram a bater fotos de Janette, de Janette com o prefeito. Mas as pessoas já estavam se retirando. Estava acabado. E quando os fotógrafos pararam de trabalhar, o prefeito beijou a mão de Janette e retirou-se. Tinha terminado também para ele.

Janette acomodou-se no banco traseiro do Rol s-Royce. René fitou-a pelo espelho retrovisor.

– Parabéns, *Madame*. É uma linda medalha.

Janette lembrou-se subitamente que ainda estava usando a medalha

pendurada da fita que o prefeito lhe pusera nos ombros. Tirou-a rapidamente. Era folheada a ouro, por cima de cobre.

– É mesmo – murmurou ela, pensativa. – Obrigada.

– Para onde vamos agora, *Madame*?

Ela levantou os olhos, surpresa. Mas que estupidez! Seu departamento de divulgação deveria ter promovido um jantar em seguida à homenagem. Haviam sido um fracasso. Outros cem mil dólares gratuitos de publicidade estavam perdidos. Se ela própria não pensasse nas coisas, nada acontecia. Algo assim jamais ocorreria se Jacques ainda estivesse ao seu lado.

– Vamos para casa, é claro – disse ela, irritada.

Chegando em casa, despiu-se e jantou de chambre, diante da televisão. Pegou os últimos noticiosos dos três canais. Não havia qualquer referência à cerimônia. Assim não dava mais. No dia seguinte, ela teria um novo diretor de publicidade. Aquele não sabia nem qual o lado que ficava para cima.

Janette desligou a televisão poucos minutos depois das 11 horas, quando o último canal saiu do ar. Estava tão furiosa que não conseguiu dormir. Ficou andando de um lado para outro do quarto, irrequieta. Não havia a menor possibilidade de conseguir dormir.

Finalmente pegou o telefone e ligou para René. – Traga o minicarro, René. Vou sair.

– Gostaria que eu guiasse, *Madame*?

– Não. Sairei sozinha.

Janette vestiu uma blusa de algodão e uma jeans, depois ajeitou uma suéter de cashmere nos ombros. Calçou botas, metendo a calça para dentro dos canos. Pegou alguns milhares de francos na gaveta e meteu no bolso da calça. No último momento, pegou também um pequeno frasco de cocaína, com a colher presa na tampa, guardando no bolso da blusa.

Contemplou-se no espelho antes de sair. E sorriu. Ninguém poderia acreditar que ela fizera tanto pela *haute couture* se a vissem naquele momento. Desceu rapidamente. René levara o carro para a porta da frente. Ela entrou no carro e saiu para a rua.

Duas horas depois, estava sentada sozinha a mesa de um bar de lésbicas na Rive Gauche, tomando um conhaque. Duas lésbicas estavam sentadas no balcão, bebendo, outra dançava com a garçonete, que estava tão cansada que mal conseguia levantar os pés.

Janette gesticulou para a *bartender*, que se aproximou lentamente, obviamente cansada, os pés metidos em chinelas.

– O que é, Janette? – perguntou ela.

– O que está acontecendo nesta cidade? Este é o terceiro lugar que visito em

duas horas e está tudo assim. Vazio.

– É agosto e faz muito calor. Todas as pessoas que valem alguma coisa foram para o sul.

– Mas que merda! Acho melhor eu voltar para casa.

– Também acho. – A mulher sorriu, exibindo dois dentes de ouro.

– Já estou mesmo fechando. Não compensa manter o bar aberto só para as bebedoras de cerveja.

Janette pegou uma nota de cem francos e largou em cima da mesa.

– Boa noite.

– Boa noite – respondeu a mulher pegando a nota e guardando-a por baixo do avental enquanto observava Janette sair.

– Terminem seus drinques, minhas caras – disse ela ao voltar ao balcão. – Estamos fechando por esta noite.

Janette parou o minicarro em cima da calçada diante de sua casa, saltou e trancou-o.

Enquanto contornava o carro para subir os degraus, dois homens emergiram das sombras perto da porta.

– *Madame* Janette de la Beauvil e? – perguntou um deles.

– Sou eu mesmo.

Janette parou por um momento. No instante seguinte, um calafrio de medo percorreu-lhe o corpo e ela virou-se para subir correndo os degraus.

Mas o momento de hesitação fora fatal. Um dos homens alcançou-a, agarrando-a pelo braço e puxando-a para trás, brutalmente. Janette fitou-o atentamente, tentando divisar-lhe o rosto no escuro.

– Se é dinheiro o que estão querendo – disse ela, o medo quase lhe sufocando a voz na garganta – darei tudo. Está no bolso de trás de minha calça.

– Não queremos o seu dinheiro – disse o homem, numa voz quase divertida, de sotaque estranho. – Temos um recado para você de um velho amigo.

Foram as últimas palavras que Janette ouviu durante um longo tempo, porque naquele instante recebeu o impacto de um soco. Sentiu que ossos se quebravam em seu rosto. “Oh, não”, lembrava-se de haver pensado, enquanto o sangue jorrava-lhe da boca e ela começava a cair.

Daí em diante tudo se anuviou em sua mente. Ouvia gemidos ocasionais, sem compreender que eram seus; repetidos e contundentes golpes em seu rosto e no corpo pareciam nunca terminar. Tentou gritar por socorro, mas sua voz estava sufocada na garganta. Sem jamais ficar totalmente inconsciente, mas também não plenamente consciente, tudo o que podia fazer era grunhir de dor, a cada golpe. Depois, caiu na calçada de concreto, sentindo pés a lhe chutarem brutalmente, os lados do corpo. E de repente, tão súbito quanto começara, a surra

acabou.

Janette sentiu mais do que viu os homens inclinando-se sobre ela.

– Acho que isso resolve – disse um dos homens, rindo.

Janette pensou que a voz tinha um estranho sotaque, enquanto sentia a mão do homem a mexer no bolso de sua blusa. Quis dizer-lhe que o dinheiro não estava ali, mas no bolso traseiro da calça. Mas o homem logo, se empertigou. Tornou a rir. “Adeus Janette.”

Depois de um momento, ela tentou se mexer. A dor espalhou-se por seu corpo e ela gritou, mas não houve qualquer som. Lentamente, começou a subir os degraus, rastejando. Teve a sensação de que levou anos de agonia para chegar à porta. Finalmente conseguiu. Pareceu levar outros mil anos para se erguer e apertar a campainha. E depois se passou mais um milhão de anos para que a porta fosse aberta.

Pôde ouvir apenas o horror e o choque evidentes na voz do mordomo: – *Madame*!

E no instante seguinte ela mergulhou na noite escura.

***

Seis semanas se haviam passado e ela estava sentada no seu quarto, no escuro, assistindo a um filme vespertino idiota na televisão. Houve uma batida na porta e o mordomo entrou.

– O que é?

– *Monsieur* Jacques está aqui, desejando falar-lhe, *Madame*.

– Mande-o embora – disse Janette, bruscamente. – Não quero receber ninguém.

– Não pode mandá-lo embora – disse Jacques. – Ele já está aqui.

Janette apertou prontamente o botão do controle remoto em sua mão e a televisão se apagou. O mordomo saiu do quarto, fechando a porta. Jacques aproximou-se dela. Janette imediatamente afastou-se na cadeira de rodas.

– Não se afaste de mim, Janette.

– Não quero que me veja – disse Janette, a voz rouca, estranha. – Não estou muito agradável de se olhar.

– Não estou preocupado com isso. – Jacques foi postar-se diante dela. – Sabe que dia é hoje?

Janette desviou-se, a fim de que ele não pudesse ver-lhe o rosto.

– É um dia como outro qualquer. Que diferença isso faz?

– Uma grande diferença. É o seu aniversário. E eu lhe trouxe flores.

– Ou seja, estou agora com 40 anos, além de horrível – murmurou Janette, amargurada.

– Você nunca será horrível para mim. Além do mais, é apenas uma questão de tempo. Os médicos fazem milagres atualmente.

– Vão precisar de muito milagre para poderem me ajudar.

– Basta você ter fé, Janette, e eles farão todos os milagres necessários. Mas é preciso que você queira ser curada, antes que ele possam curá-la. – Ela ficou calada. – Você não é covarde, Janette. Nunca teve medo de uma luta antes.

Ela começou a chorar, quase silenciosamente.

– Mas isso só acontecia porque eu não sabia realmente o que era o medo. Mas quando aqueles dois homens começaram a me bater, nunca senti tanto medo em toda a minha vida. E não foi apenas da dor que senti medo. Fiquei também com medo de que a dor parasse, pois então eu nada sentiria. E estaria morta.

Gentilmente, Jacques pegou-lhe a mão.

– Quem fez isso com você, Janette? Sei que a polícia não conseguiu descobrir nada. Foi Maurice? Se foi, deve me dizer, e vou matá-lo.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não foi Maurice – ela afirmou, sacudindo a cabeça.

– Como sabe?

– Porque sei quem foi.

Ela recordou o cartão que fora metido em sua blusa naquela noite, quando pensara que os homens estavam procurando seu dinheiro. O cartão estava em cima da cômoda quando voltara para casa e a criada lhe dissera que caíra da blusa quando a pegara para ser lavada.

Era um cartão branco simples, apenas com um nome impresso. Nico Caramanlis.

– Não tem importância agora, Jacques. Está acabado e quero apenas esquecer.

Ele ficou calado por um momento, depois foi até a janela. Abriu rapidamente as cortinas, deixando a luz do sol entrar no quarto. Janette imediatamente levou as mãos ao rosto, escondendo-o.

Jacques voltou e ajoelhou-se diante dela, segurando-lhe os pulsos e afastando as mãos do rosto dela, lentamente.

– Deixe a luz do dia entrar, Janette – disse ele, gentilmente, fitando-a nos olhos. – Não pode passar o resto de sua vida escondendo-se no escuro.

Os olhos de Janette fixaram-se nele, inquisitivos.

– Ainda tem muito a dar, Janette. – Jacques fez uma pausa. – Não é tão ruim assim, não é mesmo?

Ela recomeçou a chorar, as lágrimas escorrendo lentamente pelas faces. Lentamente, Jacques puxou-a contra si, comprimindo-lhe a cabeça contra seu peito.

– Eu teria vindo antes, se soubesse, Janette. Mas estava na China e só vi um jornal francês há três dias. Foi então que compreendi que tinha de voltar. Eu também estava me escondendo, Janette.

– Jacques, Jacques... – sussurrou Janette.

Ele beijou-lhe o alto da cabeça, gentilmente.

– Estou de volta, Janette. E seremos nós dois outra vez. Você e eu. Vamos nos divertir outra vez, rir e amar.

– Oh, Jacques, fale-me sobre isso...

Ele fitou-a, as lágrimas aflorando também a seus olhos.

– Jamais deixarei de lhe falar assim, Janette.

FIM